

C. FERREIRA

FEITURAS



E FEIÇÕES



1905

Typ. a vapor LIVRO AZUL - A. B. de Castro Mendes  
CAMPINAS



CARLOS FERREIRA

---

Feituras \* \*

---

\* e Feições

---



1905

Typ. a vapor LIVRO AZUL - A. B. de Castro Mendes  
CAMPINAS



*No. 100*  
*offerece*  
*Bençãos*  
*de São Paulo*  
*1910*

# FEITURAS E FEIÇÕES

*Rio Claro*

## INTRODUÇÃO

*Advirto ao meu caro leitor que não espere encontrar fundo nesta minha descorada prosa, lançada ao papel por desfastio.*

*Estas linhas, desataviadas e ingenuas como a própria alma da individualidade que as dita, se forem em algo dessemelhantes dos classicos artigos de fundo de todos os tempos e de todos os jornaes, será sómente nisto — em não terem fundo.*

*No jornal como no livro, o artigo politico, doutrinario, reflectido, solemne, de gravata branca e luvas, tendente a dominar, na esphera do dogmatismo, as classes populares, desfraldando a bandeira das ideias e dos classicos principios, será cousa de que se não possa prescindir?*

*Será genero de primeira necessidade na mesa onde se servem as refeições spirituaes?*

*E', certamente. Dou que seja.*

*Deve-se convir, porém, que no jornalismo o chamado artigo de fundo, velha individualidade concreta vivendo unicamente de chimeras no mundo das abstracções, o artigo de fundo sujeito severo e empertigado, figura obri-*

*gada de todas as primeiras columnas, esse phantasma sombrio e assustador tal como nol-o legaram os nossos circumspectos avós das lides jornalisticas, já não serve para estes tempos em que a vida corre vertiginosamente, e a electricidade parece querer dominar todas as cousas e toda a humanidade.*

*Assim tambem o livro em relação á maior parte dos espiritos e das mentalidades dos leitores modernos. Quanto mais leve e menos triste tanto melhor.*

*A pagina longa, pesada, de letra miudinha, pos-pontada de phylosophia transcendente, cheia de circumloquios e de sentenças antidiluvianas, recheada de erudição nebulosa e de citações visivelmente pretenciosas, poderá ser tudo quanto quizerem de admiravel e imponente, mas não dá, de resto, a nota da maneira mais conveniente para o escriptor judicioso e atilado conversar com o seu publico, empolgando-lhe desde logo as sympathias.*

*Bem sei que ha ahi uma questão de gosto a attender. O que para uns é mau, para outros é bom; não ignoro que ha gente de coragem que em não vendo na pagina que lê grande peso, grande extensão e grande e profunda obscuridade de conceitos, mostra-se desde logo descontente. Acredita que o tamanho e a valia do talento do escriptor está na razão directa do tamanho e do peso da substancia escripta.*

*Mas, felizmente os que assim pensam estão em minoria.*

*O que é incontestavel é que neste momento critico do seculo (para me valer de uma phrase campanuda da moderna escola politica), todos os povos, e principalmente o brasileiro, quer tudo instantaneamente, rapido, quasi em carreira furiosa, preferindo mesmo saber de cada cousa um pouco, a saber tudo de uma cousa só.*

*A mobilidade, a instabilidade, a ancia extrema de viver em um minuto um seculo, são os seus caracteristicos primordiaes.*

*Agitar-se muito, falar ainda mais, produzir pouco, pelo menos intellectualmente, constituem pontos essenciaes do seu invariavel programma, da sua bella maneira de se deixar ir arrastando pelo turbilhão da existencia.*

*Imagine, o meu presado leitor, que eu me propunha, nesta obra, a esmerilhar os motivos altamente ponderosos que têm arrastado esta nossa Republica a um verdadeiro cahos de anomalias politicas e episodios comicos...*

*Calcule que eu teria de procurar, armado com a lente de uma phylosophia implacavel, a causa efficiente de tudo isso, e esbarraria desde logo com o espectro burlesco da olygarchia governamental, uma especie cavilosa de hereditariedade monarchica que só serve para desabonar os bellos principios da democracia pura resumidos nesta esplendida divisa—o governo do povo pelo povo...*

*E dahi seria obrigado a demonstrar os corollarios deprimentes da referida causa, em virtude dos quaes o povo vae supportando o peso intoleravel de uma grande cruz, ao passo que o regimen republicano cada vez mais vê enfraquecer o seu valor real perante o tribunal severo da opinião publica.*

*Não. Confesso que não commetterei sequer um capitulo desta natureza; muito menos um livro.*

*O que aqui vae espalhado por estas paginas é tudo inoffensivo e brando, liso e suave, que para o contrario faltam-me de todo folego e pulso.*

*As Feituras e Feições são paginas leves, antigas algumas, modernas outras, escriptas sem preoccupações sombrias, com animo calmo e espirito tranquillo.*

*Algumas dessas producções já foram dadas á luz da publicidade em varios jornaes do Rio, de S. Paulo e Campinas, em epochas afastadas; outras escriptas e não publicadas permaneceram por longo tempo em modesta pasta a espera do livro. Compõe-se tudo de artigos de literatura facil, folhetins mais ou menos desprovidos dos atavios graciosos que devem caracterisar escriptos desse genero, critica mansa e perfis de vultos literarios dos meus saudosos tempos academicos em S. Paulo, alem de alguns outros puramente politicos e modernos.*

*Tudo isto colleccionado, emendado, modificado, limado, e, tanto quanto possivel, aperfeiçoado faz o livro que ahi vae, o primeiro, releva dizer, de uma serie de outros que esperam a sua vez e naturalmente se succederão.*

*Dest' arte ficas, amigo leitor, prevenido de minha par-*

*te, com toda a lealdade, quanto á essencia e aos intuitos do livro que vaes manusear.*

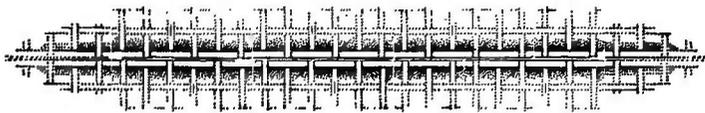
*Servirá elle, ao menos, para uma simples distracção em alguma das tuas horas vagas.*

*Disse um grande escriptor que não ha nenhum livro, por peor que seja, que não contenha uma pagina prestavel. Talvez este esteja nestes casos.*

*Mune-te, pois, severo leitor, de bondade e de paciencia para procurares desde o principio até o fim desta obra, a pagina alludida, e se por ventura não a encontrares pega do volume e arremessa-o a um canto como objecto inutil. Ficará provado que no livro que compraste, para recreio do teu espirito, falhou o apophthegma do escriptor, cujo nome não me occorre no momento.*

*Amparo, Fevereiro de 1905.*





Carlos Ferreira faleceu em Fevereiro  
de 1913, no Rio de Janeiro.  
(Conf. Pelágia Lobo - Correio Paulista)

### *Este officio...*

❧ Não se vive de letras no Brasil, morre-se de letras, como se morre de febres ou de um insulto apoplectico, ou de inanição, ou de qualquer outra desgraça que ataque irremediavelmente as preciosas fontes da vida.

Morre-se; e todavia os incautos que desejam viver d'ellas, das perfidas letras, posto saibam que a triste verdade é aquella, deixam-se arrastar pelo poder fatal de uma fascinação invencivel que os leva pelo caminho da gloria e dos applausos, ao inferno de padecimentos horriveis, ao cabo dos quaes está a miseria e está a morte.

Este officio é differente de todos os outros officios neste encantador paiz dos sonhos e das flores, — é um officio que só traz o infortunio dos prejuizos, sobre ser considerado pelos bemaventurados do dinheiro — occupação de vadios, manifestação de vaidade, pieguices de quem não tem mais nada que fazer, cousa inutil em summa.

De maneira que, quem dispõe de um pouco de senso commum, quem segue á risca os dictames da prudencia e da economia, quem tem em linha de

conta a sua seriedade e os seus fóros de homem razoavel, não se abalança nunca a cavar a vida pela faina do chamado officio literario, nem espera adquirir a especie indispensavel para o pagamento do aluguel da casa e do pão quotidiano por intermedio da publicação de suas lucubrações, sejam ellas em verso ou em prosa, mediocres ou sublimes, salvo se, por uma aberração moral do escriptor, forem essas lucubrações de character desbragadamente immoral.

Perdoe-se-me a franquesa, mas a verdade é esta.

Dir-me-ão talvez que ha auctores audazes, os quaes têm escapado muito facilmente a essa lei fatal que determina a calamidade que venho de assignalar.

Não contestarei isso, mas é forçoso convir que essas rarissimas excepções pertencem ao numero dos que formam a classe singular dos auctores burlescos, dispostos a tudo.

São os taes chamados almocreves das letras, industriaes feitos á *outrance*, que só se preocupam com a feição mercantil do talento ou da habilidade, e que não põem a menor duvida em deixar a um lado o acanhamento, e mesmo, a propria dignidade, para chegarem a um resultado satisfactorio na actividade literaria que desenvolvem.

Assim é que, uma vez feito o livro, tirada a edição de um ou dois milheiros, lá se vae por esse mundo fóra com os exemplares no bahú, o arrojado operario da palavra escripta, a offerecer de porta em porta a sua mercadoria, acompanhado tudo isto de cartas particulares de recommendação, e de pedidos instantes d'elle proprio, quasi genuflexo, quasi em prantos.

Mas para fazer-se isto, para um homem tomar uma tal resolução, é preciso, em primeiro lugar, dispor de um temperamento excepcional, e em segundo, achar-se positivamente á beira do abysmo dos desvarios. De mais, é certo que nenhum escriptor a

quem sobejem verdadeiro talento e legitima inspiração se expõe jamais a tão deprimente situação.

E o que assim pensa e se dá ao trabalho improbo de publicar o livro á sua propria custa para o expor simplesmente á venda nas livrarias dos mais afamados editores, esse é o martyr imbelle do ideal literario, e se não conta com outro recurso senão o que espera colher do seu trabalho, hade irremediavelmente se ver na mesma situação em que se viu o heroe do celebre drania de Vigny — roer um pastel que por ventura o acaso lhe depare para matar a fome, e suicidar-se depois!

Taes são os ossos d'este malsinado officio.

Cuido que não vem fóra de propósito lembrar aqui um caso um tanto comico que se deu, ha muitos annos, com preconizado marechal das letras paulistanas.

Tendo elle escripto um livro de certo valor literario, tanto no fundo como na forma, pensou em publical-o, empregando nisso umas parcas economias que conseguira guardar, em virtude dos seus trabalhos de lente que era de um estabelecimento de ensino superior.

Contando com a gloria e com os lucros materiaes pela certa, pensava o bom homem que dentro de pouco tempo duplicaria o capital que empregasse na impressão de sua obra.

Uma vez concluida esta, muito nitidamente impressa, revista com todo o cuidado, magnificamente brochada e encadernada, tratou o glorioso escriptor de distribuir pelos amigos porções de exemplares, para que os passassem ao publico, confiando a uma importante casa commercial de livros duzentos exemplares, afim de serem expostos á ávida curiosidade popular, conforme elle pensava.

O dono da casa acceitou a incumbencia da venda da obra mediante uma porcentagem com-

binada, e o feliz escriptor, depois d'isto tudo feito, deixou-se ficar em casa a pensar unicamente na gloria e nos lucros materiaes do officio.

No dia seguinte, indo elle para o desempenho de seus deveres de lente, passou pela casa de livros, e entrando perguntou muito risonho ao chefe da mesma se tinha vendido tudo...

— Nem um, respondeu laconicamente o homem.

O escriptor, mal podendo occultar a surpresa desagradavel que lhe causára a resposta, balbuciou apenas :

— Ah! sim, hoje é que saiu o annuncio ; amanhã o sr. verá.... serão poucos os livros que cá estão.

E no seguinte dia passou, perguntou e desandou, do mesmo modo que na vespera, confuso, tremulo, com um principio de nuvem de decepção a toldar-lhe o animo...

E assim andou uns pares de dias a repetir a mesma pergunta e a obter a mesma resposta, mas sempre, sempre a mesmissima phrase sinistra—nem um! Até que uma vez, cançado o livreiro de tal apoquentação, dirigiu esta terminante pergunta ao pallido auctor :

— Terá V. S. a bondade de me dizer quantos exemplares deixou aqui?

— Duzentos, apressou-se a responder o velho lobo da literatura, certo de que estavam os exemplares todos vendidos...

— Duzentos!? Pois meu caro sr., acabei de contar-os inda ha pouco e... encontrei duzentos e um!

Aquillo foi como se rebentasse um torpedo a dois dedos do nariz do escriptor. Pallido, suando frio, desanimado, envergonhado, dilacerado pela magua que tal desillusão lhe causava, sem dizer sequer uma palavra, apenas cumprimentou com um gesto o dono da casa, e saiu, esbarrando em toda a gente que ia encontrando pela rua.

Imagine-se agora a cara com que ia o misero, e a cara com que ficou o livreiro...

Adeus, gloria! Adeus, lucros materiaes! Adeus, letras!

—Um a mais! Pensava o misero. Donde diabo sairia aquelle maldito *um*? Que profundo mysterio e que *fiasco*!

Mas, objectará o leitor, esquece que existe a classe dos editores, que dão aos auctores um tanto pelos seus manuscriptos...

Ah! sim, os editores! Perfeitamente. A proposito delles lembro-me de um factio que se deu ha pouco tempo com o meu joven amigo Gaudencio Borges, (que pelo nome não perca), factio esse que narrarei aqui em poucas linhas.

Tendo quatro manuscriptos de sua lavra em via de entrarem para o prélo, elle, o joven Gaudencio, com a mesma candura que deve caracterisar os anjos de procissão, escreveu, de uma cidade do interior em que habitava, a um amigo residente na capital, rogando-lhe o obsequio de ir ao encontro de um editor e propor-lhe a compra dos seus manuscriptos, d'elle Gaudencio, mediante qualquer quantia.

A carta terminava assim :

« Vae, caro amigo, fala ao homem, propõe-lhe o negocio, dize-lhe quem eu sou, lembra-lhe as minhas obras, o meu nome, tudo enfim, e se por ventura elle não acceder á proposta, então é porque um de nós não passa de um bruto, ou elle ou eu.»

Pois bem, dias depois recebia pelo correio o joven poeta uma carta. Abriu-a tremulo, pallido, soffregio, com o olhar cheio de lampejos de esperanza e de gloriosos vaticinios, e entre outras cousas leu com anciedade febril o seguinte :

« Resumirei, joven amigo, o dialogo de que fui um dos interlocutores na espinhosa missao de que

me incumbiste, e assim ficará melhor relatado o que se passou entre mim e o editor que desejas, á testa de cuja casa se acha um gerente.

Depois dos cumprimentos do estylo, disse eu:

— Venho de parte de um applaudido e assaz conhecido literato, o sr. Gaudencio Borges...

— Conheço-o de nome.

— ...ver se é possível combinarmos sobre a publicação de um trabalho...

— Sobre que é?

— Elle tem mais de um livro prompto, poder-se-á, pois, escolher o de poesias...

— Poesias, não. Hoje ninguem lê *isso*. Sendo em prosa é mais apreciado.

— Perfeitamente. Temos então este outro, interessantissimo livro, criticas e...

— Criticas, não, criticas não.

— ...criticas e perfis literarios, sob o titulo suggestivo de — *Obras e Obreiros*.

— Não, não. A casa não gosta de criticas.

— Ha outro ainda: «Theatro Completo», constando de seis dramas que já foram representados nos principaes theatros das principaes cidades do Brasil.

— Acho melhor, obtemperou o austero gerente depois de pequena pausa, o sr. escrever ao sr. Gaudencio Borges para que mande ao chefe desta casa em Londres uma proposta acompanhada do manuscripto. O chefe é só quem trata disso. Elle lerá a obra e acceitará as condições ou fará contra-proposta. Se não entrarem em accordo o manuscripto será devolvido. E' assim que fazem nas relações comnosco todos os escriptores que nos abordam.

— E o chefe demorará muito a vir?

— Ah! o chefe conta presentemente cerca de noventa annos e certamente não deixará Londres para cá vir.

— Não deixou então pessoa *competente* á frente

da casa? estive quasi a perguntar, mas não perguntei.

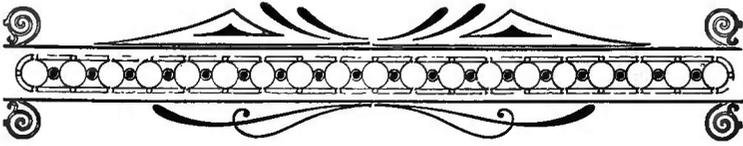
Obedecendo ás tuas ordens, peguei no meu chapéo, cortejei o illustre editor e sahi. »

O moço poeta lêu, engoliu um soluço, esteve quasi a enxugar uma lagrima, e elevando os olhos ao céu maldisse a sua perfida mania de escriptor e pensou, como uma compensação, em um outro officio muito melhor e muito mais rendoso — cultivar cogumelos...

Eis ahi o que são no Brasil os editores e o que é o officio das letras, este inferno!...







## *Em Campinas*



- Como está magro !  
— Então que é isso ? Que gordura é essa ! ?  
— Envelheceu muito !  
— Parece que não quer envelhecer !  
— Porque foge de nós ? Porque não vem cá muitas vezes ?  
— Ora venha de lá este abraço.  
— Quantos filhos ?

Taes foram as exclamações com que me receberam, a ultima vez que fui a Campinas, e taes são ellas, sempre que por lá appareço, após algum tempo de ausencia.

D'essa ultima fôra eu á opulenta cidade em companhia do meu caro amigo Dr. Amalio da Silva, por corresponder ao delicado convite de um outro amigo illustre o Dr. Cesar Bierrenback, um dos *novos* de maior talento e de mais brilhante futuro que me é dado vêr na arena dos heróes do pensamento.

Tratava-se de uma conferencia literaria no conceituado «Gremio Commercial», e essa, (por um

rasgo de generosidade do dr. Cesar) devia ser presidida por mim. Por motivos imprevistos, porem, não se poudo ella realizar, mas, felizmente, não perdi o meu tempo, porque vi e abracei amigos velhos, fiz aquisição de outros novos e fui, como das outras vezes, abarrotado de obsequios e de interrogações amaveis.

— Como está bem disposto !

— Porque se está a fazer anachoreta ?

— Porque não vem muitas vezes a Campinas ?

E emquanto me surgiam de todos os lados as interpellações amigas, ai de mim ! quantas dôres, e, quão intensas atacavam-me de subito o coração, despertadas pela voz sinistra da mais cruel saudade !

As minhas recordações, aves gemedoras, me faziam ouvir umas canções plangentes, no meio d'esse concerto aprazivel das interrogações jucundas.

Quem viveu em Campinas ha quinze annos, e após a ausencia de algum tempo volta a visitá-la, que profunda differença, que commovedora transformação nota em tudo e em todos !

Não é que a formosa cidade tenha deixado de obedecer ás leis indefectiveis do progresso, ou tenha sido inacessivel ao influxo da civilização em suas variadas manifestações, não ; antes está muito maior do que era, mais brilhante, mais *puxada á sustancia*, como se costuma dizer em palestra despretençiosa. Está mesmo uma cidade de primeira ordem... um verdadeiro *bijou*.

Praças esplendidas, magnificos jardins, ruas de irreprehensivel asseio, muita confeitaria, lojas deslumbrantes, clubs luxuosos, tudo isto, sim vi eu lá. Tudo isto e muitas cousas mais.

Mas, a maior parte da gente de ha quinze annos, a forte gente da velha guarda, os intransigentes batalhadores de outros tempos, os meus velhos amigos de outr'ora onde páram ?

Apenas, como reliquias rarissimas do passado, encontrei-me com um ou outro, entre elles o bon-

doso Bento Quirino, que foi e, ainda é como geralmente se sabe, um dos mais communicativos e alegres *vieux garçons* da *élite* campinense. Vel-o e abraçal-o foi tudo obra de um momento!

E olhando em derredor, não vi senão physionomias desconhecidas; homens indifferentes que me olhavam com indiferença, barbas e bigodes de que eu não tinha a menor noticia, moços do *tom*, assim com umas maneiras de gente da rua do Ouvidor, moços que eu tinha visto ao collo das amas ha quinze annos...

Oh! que soffrimento atroz e que saudade!

Cada vez que furtivamente por alli passo, um ou dois dias, e contemplo a nova geração que enche as ruas e as casas de divertimentos, sinto arrepios de uma infinita tristeza, e entro a evocar as sombras mysteriosas dos homens daquellas «priscaas éras».

E fingindo que estou a olhar para o presente, volto-me inteiramente para o saudoso painel do passado.

Vejo então a casa onde eu trabalhava, onde o Quirino dos Santos, na sua magestosa attitude de «Jupiter Tonante» do jornalismo encetou a sua grande campanha, em prol dos ideaes democraticos, e onde o Campos Salles, o Glycerio, o Jorge de Miranda e eu assestavamos os nossos canhões contra o phantasma da monarchia, cuja fealdade a nossa imaginação de poetas *offmanicos* exagerava consideravelmente.

Lembro-me... lembro-me, num desespero nervoso que me tortura!

Com os olhos arregalados como um somnambulo, olhando e não vendo, cuido voltar ao passado e só o percebo na sua ruidosa alegria, quando eu e os meus companheiros caminhavamos, cantando, presas do sonho que nos fazia vêr a surgir no horizonte,

uma Republica muito mais perfeita do que a imaginada pelo divino discipulo de Socrates.

Oh! aquelle modesto escriptorio de jornalista!

E os quinze annos de luta, onde se foram elles? Em que voragem se submergiram todas aquellas esperanças e todos aquelles projectos que por amor da Patria escandeciam a alma dos combatentes da *Gazeta de Campinas*?

Tenho sempre presente na minha imaginação flagellada pela nostalgia jornalística, a maneira por que era feita aquella nossa folha de combate.

O Quirino bordava com sorrisos de uma bondade indescriptivel, as suas bellas coarctadas relativas ao direito das gentes, e fazia um esforço supremo para parecer mau, porem quanto mais o fazia, mais deixava transparecer os thesouros inexhauriveis do seu coração de ouro.

O Campos Salles (sua Ex.<sup>a</sup> o Dr. Campos Salles, como se deve dizer agora) entrava-me pelo escriptorio a dentro, quasi sempre á tarde, trazendo na mão umas tiras de papel, e na physionomia o ar triumphante de um gladiador romano.

— Oiça! bradava elle, atirando-se sobre uma modesta *chaise-longue*. E lia-me com vibrante declamação um dos seus artigos de vigorosa logica.

Eu, applaudia-o muito ao terminar, e após entregava as tiras ao administrador das officinas, ao inolvidavel Pedro Franzen, uma alma de anjo, muito bem envolvida em um frio temperamento allemão.

Depois, eu e o auctor do artigo suavisavamos toda a gravidade da nossa situação de propagandistas *enragés* com uns leves gracejos fornecidos pela nossa petulante phantasia de homens de vistas largas.

Faziamos uma ideia exacta das cousas da vida, em summa.

Tinhamos prazer em nos imaginarmos uns grandes personagens politicos, ao serviço de um sobe-

rano qualquer, em alguma das principaes côrtes do mundo.

Elle fazia de marquez, e eu fazia de conde. E de braços dados, pela sala da *Gazeta*, entravamos a declamar, muito theatralmente, umas bojudas theorias, amarradas á mais transcendente metaphysica politica.

Então, era engraçada a cousa. Aquillo era só : — Sr. conde para aqui, sr. marquez para acolá, tudo debaixo de umas ruidosas risadas que nos davam assim uns ares de um contentamento perfeitamente juvenil !

Parecia até uma previsão do futuro, com relação ao que fazia de marquez, salvo seja.

Depois entrava o Glycerio muito apressado, quasi sempre para perguntar por que razão não se tinha publicado a noticia tal, ou tal artigo que era de grande conveniencia para o partido, e ao cabo accrescentava que semelhante falta podia trazer a ausencia de alguns votos nas proximas eleições, etc., e tal e coisas...

Bons tempos. Iamos assim levando a vida nesse singelo e fatidico escriptorio, que tanto influiu nos destinos politicos d'este querido Brasil.

E quando sahiamos dali, convencidos de termos dado mais um empuxão nas instituições monarchicas, com aquelle mesmo ardor revolucionario que tanto distinguiu na velha França os convivas de M.<sup>me</sup> Roland, iamos jogar a bola no famoso armazem do Eloy, especie de succursal do escriptorio, e onde se davam *rendez-vous* todos os que compunham a flor da sociedade campinense.

Ahi, então, alem dos já mencionados, encontravam-se em beatifica intimidade todos os que formavam a terrivel phalange do «Club Republicano», de gloriosa memoria !

Nos intervallos do innocente jogo fazia-se politica, planejava-se uma Republica, (sem impostos !)

feita com luvas de pellica, e imaginavam-se todos no paiz crystallino das bemaventuranças.

Era uma delicia, para não dizer uma comedia, como é tudo neste baixo mundo, mas em todo o caso alta comedia de salão, em que todos representavam um papel mais ou menos importante, muito a serio, porem... a golpes de gargalhadas!

Succede agora que, quando vou a Campinas entro a procurar tudo isto e não acho, e só vou to-pando com recordações historicas num ou noutro vulto legendario, como o meu caro Bento Quirino e alguns outros, porem poucos, o Leopoldo Amaral, o Antonio Lapa, o Gabriel, etc. para só falar dos velhos e dos que vão envelhecendo...

Quirino alou-se ás regiões serenas; o Campos Salles, pelo contrario, alou-se ás regiões tormen-torias, e em vez de simples Marquez, como eu o imaginava ás vezes em mero gracejo, saiu-se-me um presidente de Republica, impertigado como o Quin-tino Bocayuva e assim com ares de general de ver-dade em vespera de batalha.

O Glycerio continúa no seu eterno fadario de eterna movimentação, ora no Rio ora em S. Paulo, ora em Campinas, ora em mundos imaginarios. O José Paulino mudou-se, mudaram-se tambem Vieira de Almeida, (o nosso bom folhetinista), o Augusto Cesar, o Frederico Branco e mais alguns dos quaes já nem tenho noticias.

O Maximiano, o bom e alegre Maximiano que possuia tanta força no pulso como bondade no co-ração, tambem fez, como o Quirino, a viagem eterna, e a esta hora está, talvez, contemplando através de alguma estrella, as cousas ridiculas desse nosso vi-ver terreno.

Ah! como isto faz mal!

— Porque não se demora aqui?

— Porque não vem mais vezes a Campinas? repetem-me amigos curiosos.

A resposta é simples.

Porque dispero a recordar tudo isto quando lá estou, e tenho saudades do passado, e essa recordação me faz vibrar por tal forma os nervos, que chego a passar por supplicio intoleravel.

Ora, eis ahi a verdade inteira que eu, com toda a lealdade confesso nesse singelo folhetim que gostosamente tracei para me desempenhar de uma promessa feita a um dos dignos redactores do «Correio de Campinas».

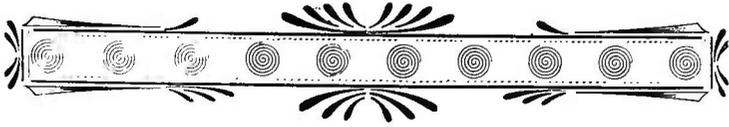
De resto, cumpre-me accrescentar que, para eu ir algumas vezes á bella cidade, tenho de me submeter a um outro desgosto pungente — o de voltar, o de deixal-a de novo...

Em taes condições, antes não ir.

*Amparo, 1900.*







I

*Velhos e Novos*

(CARTAS-CONFIDENCIAS)

*A Hippolyto da Silva*

**N**UNCA me hei de esquecer, meu caro Hippolyto, do tempo em que me entravas pela casa a dentro, da redacção da *Gazeta de Campinas*, em certos dias, com o teu ar de gloriosa insolencia, a me perguntar como iam os negocios do *almaneich*.

Nesse tempo ambos nós tratavamos de imprimir um almanach municipal e literario, a respeito do qual formavamos uns planos de lucros que até hoje ainda esperamos vêr realisados.

Tinhas então o mau vesos de pronunciar as palavras com os beiços contrahidos, como que querendo dar a ellas todas um certo cunho de affectação que punha toda a gente apoquentadissima.

Eu mesmo, obedecendo á minha natureza que repugna a tudo que não é natural, simples e legitimo; eu mesmo não gostava da tua repinicada arte, e por vezes estive quasi a pedir-te encarecidamente que tivesses a bondade de puxar os beiços para a frente!

Levavas esse mau costume ao ponto de te encontrares na referida sala, com um respeitavel barão do nosso conhecimento e de o cumprimentares com a tua habitual maneira :

—Como vae, Sr. *beirão* ?

E lhe fazias uma imperial inclinação de cabeça, muito cheia de superioridade, deixando-me a mim profundamente nervoso e ao barão maravilhosamente admirado !

Depois desandaste a fazer versos, nas horas vagas ; versos esses mui fraquinhos a principio (valha a verdade) um pouco mais fibrosos depois, e damnados de bellesa por ultimo.

Tiveste a habilidade de te fazeres um poeta de raça !

Quanto a mim, continuei a fazer o mesmo que até então fazia, isto é—versos, artigos de fundo (fogos de Bengala), dramas, comedias, critica (!) folhetins, o diabo, pelo que ficou sendo esta minha pobre cabeça uma especie de loja de *ferros velhos* mais ou menos conhecida em o nosso deserto mercado literario.

Bem te has de lembrar ainda da espectacular e especial maneira com que eu escrevia os meus artigos de *fundo*, a respeito das necessidades palpitantes da actualidade, imitando perfeitamente o rufo dos tambores do hymno sangrento da *marselhesa* !

E tudo isso a sorrir, triumphantemente e a pensar na cara com que havia de ficar o Emilio de Girardin, na gloria da eternidade, quando me visse, um dia, penetrar pelo immenso azul dos ceus, com a fronte enastrada de louros e de folhas de carvalho, sobraçando uma enorme penna !

Pertenciamos nesse bello tempo, eu e tu, á brava phalange dos *novos* que, para ambos nós, acabou exactamente alli pelas alturas em que começaram as baixas decepções que nos trouxeram os nos-

— 27 —  
sos dois ultimos sonhos de *jovens*—a minha *Valombra* e os teus *Latifundios*.

Depois, entrámos a nos fazer velhos, positivistas, utilitarios, homens de peso, senso e cautela; e num rasgo épico de idealidade suprema, escrevemos a ultima gigantesca estrophe do nosso poema da vida, casando, e dando desde logo ao mundo ingrato e traiçoeiro, o salutar e pratico exemplo de dotal-o com um numero respeitabilissimo de creanças de ambos os sexos, para a gloria do lar domestico e da patria.

Ai, que galante historia que é esta vida !

Hoje estás administrador de typographia e intendente municipal, dupla posição administrativa que acabou por fazer de ti um homem grave, com um secretario estipendiado para escrever as cartas que ditares, á moda dos ministros de Estado.

Intendente, tu? Poeta e prosador primorosamente frivolo, encadernado agora em austero sr. intendente, nesta mesma originalissima epocha em que eu tambem, (valha-me Deus!) acho-me metamorphoseado em respeitavel senhor *Notario* !

Que mal fariamos nós ao velho destino, meu caro Hippolyto, para vermol-o assim transformar as nossas risonhas e «primaveris» figuras de moços de outro tempo, em sombrias e tetricas figuras de quinto acto de dramalhão antigo ? !

Tu, Intendente e eu—Notario !

Decididamente foram-se-nos os sonhos dourados da vida ; é provavel que se não formos mais velhos que o diluvio, pouco ha de faltar, porque estas coisas só acontecem depois de uns bons cem annos de peregrinação por este escuro valle de lagrimas.

\* \* \*

E' por esta razão que agora, quando publico qualquer coisa, tenho geitos de phantasma que se levanta de um tumulo secular infundindo pavor aos

modernos pimpólhos da nossa mimosa literatura moderna, os quaes começam logo a bradar :

—Lugar, lugar aos *novos* que chegam ! E' tempo de só falarem os *novos* ! Abaixo os *alcaldes* da literatura romantica, velha e estafada !

E a golpes de penna, os galantes novatos vão atirando pelos ares com o Victor Hugo, o Lamartine, o Byron, o Schiller, o Alencar e seus velhos discipulos. E lá te vaes tu tambem por terra, com a tua pequena, porem brilhante bagagem literaria ; e eu, (modestia a parte) com os meus sete volumes de prosa e verso, sete inoffensivos peccados mortaes.

E todos nós, em summa, que já não somos novos, vemo-nos obrigados a nos recolher aos bastidores, porque o luxo actualmente para ser bom escriptor é ter, primeiro que tudo, o defeito principal que antigamente podia ter quem se mettia a rabiscar papel, este adoravel defeito — a inexperien-  
cia, irmã predilecta da juventude ; e tambem isto : não produzir cousa nenhuma.

—Lugar aos novos !

Dae lugar aos novos, bradam-nos !

Que diabo havemos de fazer nós, meu bom Hippolyto, diante desta marcial intimativa ?

E' attender ao toque de retirada, ceder o lugar exigido e armarmo-nos muito tranquillamente dos nossos nasoculos, depois de bem limpos os vidros, a fim de ver se descobrimos a obra dos *novos*, a obra verdolenga da nossa verde literatura, que venha justificar a impiedosa condemnação da obra dos maduros como eu, tu e outros.

A historia de todas as literaturas nos tem ensinado esta grande verdade : que o homem só consegue produzir obras primas de arte, depois que chega á sua completa maturidade ; depois que dobra o cabo da segunda mocidade e entra francamente no periodo da primeira velhice. Assim o

têm provado todos os grandes mestres, inclusive o Zola, que só muito depois dos quarenta annos é que deu ao mundo a sua obra prima, o seu incomparavel *Germinal*.

Os outros, os *novos* lá da França que procuram imital-o, fazem um fiasco medonho e submergem-se nas aguas negras do Lethes, com toda a sua mocidade e todos os seus sonhos de gloria!

Percebo já daqui que estás a sorrir, assim a modo de quem julga que eu me quero collocar na plana dos grandes homens, e procuro defender a minha causa....

Não, meu caro Hippolyto. Arreda de ti qualquer pensamento menos justo a meu respeito. Eu sempre fui aquillo que tu conheceste em todos os tempos: um homem sincero e simples, candidato a juiz de paz derrotado outr'ora, actual empregado publico e escriptor nas horas vagas, sem *pose*, sem tolas vaidades, certissimo sempre, como aquelle grande philosopho, de que quanto mais aprendo menos sei. Alem do mais, estou convencido de que neste paiz faz um perfeito papel de anjo-martyr quem quer ser literato, conseguindo apenas recommendar-se, positivamente, a duas instituições altamente pias—a cadeia e o hospital de doudos!

Ora agora imagina tu um anjo na cadeia...

Lembras-te de um romance que publiquei ha cerca de quatro mezes? Pois bem; foi depois que o dei á estampa que comecei a ter medo de mim mesmo.

—Estarei eu doudo? Perguntava aos meus botões. Porque eu tinha de mim para mim que a obra era fraca, porem acceitavel. Entretanto vem a critica representada em tres conspicuos coripheus do Olympo literario e decretou tanta cousa desenhonrada, que eu cheguei a me persuadir de dois asser-tos diversos, ao mesmo tempo: que eu tinha es-

cripto uma coisa atôa, e que tinha traçado um esplendido romance !

Por quanto, um dos criticos sustentava que o romance era obra completamente nulla ; outro dizia que havia alli um capitulo, *um só*, verdadeiramente inspirado—uma pagina de ouro : ao passo que outro affirmava que o livro continha quatro capitulos admiravelmente traçados, realmente primorosos !... Não me refiro ao meu bom amigo Vieira de Almeida, o unico dos criticos que me disse, com a sua incontestavel competencia, umas tantas coisas benevolas que me penhoraram em extremo.

Ora, já vês que isso de critica literaria, em o nosso meio literario, parece uma brincadeira de *novos*, uma coisa muito ao geito de innocentes infantilidades.

\* \* \*

E ahi tens tu poque estou disposto a ceder o lugar aos *novos*, rapazes, aliás, de talento, que de certo vão abastecer o nosso exiguo mercado literario com a sua luxuosa producção, e esplendida prosa e filigranas de estyló poetico, muito cheio de *madonas nuas* e sonhos anachreonticos, tudo isto illuminado pela chamma azul dos *punch* por estas compridas noites frias.

Que hei de fazer senão recolher-me aos bastidores, já agora ?

Estou na Thebaida ou em Capua, como queiras, a sorrir de gosto e de ventura vendo o sorriso divino dos meus filhos, innocentes creanças que muitas vezes me perguntam porque, quando sorrio, tenho sempre os olhos cheios d'agua... E eu lhes respondo que não é nada, que ardem-me os olhos e que estou endefluxado. E procuro esconder muito depressa, com um singelo lenço de linho, os melhores diamantes do meu coração de pae pobre, mas feliz no seu lar domestico.

Já vês que dou lugar aos *novos*, não lhes disputo o campo, e fico-me na minha paz de espirito vendo passar a turba-multa vencedora das mediocridades audazes, dos orgulhosos sem talento, dos ambiciosos sem criterio e dos felizes sem cõração.

Desculpa-me, meu caro Hippolyto, esta descahida elegiaca e consente que eu não continue por hoje, mesmo porque torna-se necessario fazer economia de papel. O meu unico ideal poetico actualmente resume-se nisto: economisar. Queres saber, só por curiosidade, qual é o meu ultimo plano financeiro?

E' este :

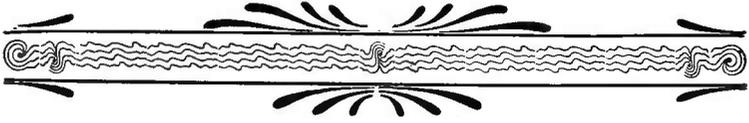
Com as proximas sobras provaveis de minha parte no cartorio, onde sirvo interinamente, comprarei tres objectos caracteristicos que me irão ao pin-tar presentemente: uma caixa de tabaco, um lenço de Alcobaça, e... uns oculos verdes!...

Applaudes? Pois tanto melhor.

*Campinas,—Junho de 1890.*







## II

### *A Filinto de Almeida*

DESTA vez, meu caro Filinto, é a sua pessoa a victima destinataria desta carta. Estou presentemente atacado da mania epistolar, e só Deus sabe até onde me levará ella, por isso que — uma das minhas poucas virtudes é a communicabilidade, a expansão, o irresistivel desejo de ouvir e de ser ouvido, num intimo commercio de sincera amisade e estima, principalmente quando se trata de letras.

Eu me confesso muito lisonjeado com o effeito produzido pelas despretenciosas linhas que ha dias dirigi a esse caro Hippolyto, ex-nababo de phantasias impossiveis, parnasiano indomavel e actual director da ordem e do asseio do florescente municipio em que vive. Tal effeito ultrapassou os limites da minha modesta expectativa ; ou por outra, foi o que eu absolutamente não esperava.

Eu estava muito longe de querer alvoroçar a nova phalange dos escriptores novissimos, e muito menos melindral-os. Para mim, organização nimiamente sensivel, uma das mais lyricas manifestações da sublime Natureza é a juventude, a qual ás vezes é tão ingrata que repudia o lyrismo, sem ao menos lembrar-se de que se repudia a si mesma !

A minha primeira epistola fez successo, diz uma carta que dahi me veio, e prova-o a série de artigos que contra mim apparecem, traçados por uma brilhante porção de *novos*, que vacillam em assignar os seus proprios nomes. Por aqui o *Estado* andou de mão em mão, quasi que por empenhos, e tanto pessoalmente como graphicamente recebi parabens pela minha *promissora* resurreição.

Ora esta! Todo o mundo me suppunha litteral e literariamente morto, o que é mais uma injustiça de que tomei nota, alem das muitissimas de que tenho sido alvo neste baixo proscenio em que se representa a escandalosa comedia da vida. Peço perdão ao meu amigo e á minha modestia por escrever estas cousas, que só se dizem assim á puridade sem atavios de estylo, mais por graça do que a serio, para não morrermos todos de infinita tristeza. E garanto que não esperava ter contra mim os esperançosos *novos* da nossa evolutiva literatura, e nem me assaltou nunca o cerebro semelhante nefando pensamento. Mas, eis senão quando, surgenos arredondados *Periodos* do «Correio Paulistano», o meu gentil e impetuoso collega A. C. S., que eu não tenho a honra de conhecer por essas tres iniciaes, e fulmina-me com um dos mais fulgidos raios do seu elegante desdém de novissimo nas letras!

Bravo! Gostei da olympica novidade, e se não fosse temer que esse sympathico *novo* tomasse á conta de gracejo o que agora é serio, dir-lhe-ia que, uma das scenas para mim mais commoventes e ternas neste mundo, é aquella em que a juventude apparece, toda em sorrisos e festas, a deliciar-nos os ouvidos com as suas vacillantes tagarelices litterarias.

Chamou elle á minha carta ao Hippolyto — valle de lagrimas, e considerou-me raivoso. Foi injusto esse joven. Eu nunca me zango; brinco. Procuro nunca apparentar tristezas; rio-me. Actualmente sou

um misto acabado de tres eternos risos vingadores, — o de Democrito, o de Rabelais e o de Voltaire.

Oh! meu caro Filinto, eu lhe juro pelos copos de minha espada de cavalleiro *sem esporas*, como graciosamente me designou o joven A. C. S. que eu não choro jamais senão ao fim do dia, depois que me deito, sem que ninguem me veja, e na cama que é lugar quente: choro, sim, como Christo chorou, fazendo na minha imaginação o colossal inventario do dia, onde abundam os despropositos de toda a especie e as lastimaveis fraquezas desse sombrio enigma chamado genero humano. Fóra disto, porem, toda a gente me vê a rir, e principalmente rio-me da ingenuidade com que tanto talento esperançoso ainda acredita que para fazer literatura realista ou naturalista é imprescindivel escrever obscenidades, cousas bordalengas, incriveis, nojentas...

O joven que me deu o indizivel prazer de envolver-me em seus *Periodos*, atirou á face do mundo essa confissão magistral: — que outr'ora leu muito os meus versos, mas que actualmente não os lê mais.

Muitissimo agradecido devo-me confessar a esse implacavel contendor; não me lê mais porque elle tem, de certo, cousa mais util a fazer; provavelmente todo o seu espirito juvenil se acha abeberado de delicias suggeridas pela surprehendente novidade artistica que o talentoso sr. Aluizio Azevedo gravou alli pelas alturas das paginas 38 e 121 a 125 do seu *Cortiço*.

Mas, meu Deus! eu só vejo a balburdia em tudo isso que se chama neste paiz — fazer literatura realista, meu caro Filinto. E não só balburdia; diga-se a phrase legitima, a verdade inteira — eu só vejo especulação. Os nossos modernos espiritos entendem que, para serem lidos pelo publico *blasé*, precisam de traçar nas paginas de um livro a immoralidade levada ao seu maior requinte, glorificando a sensualidade, a torpesa, a bestialidade; o alcouce.

Eis o que estou vendo. Eu não condemno o realismo na arte; antes applaudo-o de todo o coração com palmas e bravos, mas o realismo de Balzac, de Flaubert, o lyrico realismo de Dickens e de Daudet, o dos Goncourt e outros.

— E o de Zola? Pergunta-me desde já o meu bom amigo, um pouco escandalizado.

Ah! Eu adoro Zola, posto reconheça ser verdade que tem excessos horripilantes o naturalismo literario do grande mestre, mas é preciso ter em vista, primeiro que tudo, as poderosas razões que o desculpam, entre as quaes estão: — o inabalavel proposito de photographar uma época de excepcional corrupção, e a formidavel architectura artistica de sua obra, a sua colossal maneira de fazer o romance, a concepção gigantesca, o seu maravilhoso talento, que lhe dá como que illimitado direito a todas as audacias. Ainda assim o bom senso lamenta o excesso pornographico das cruas e repellentes descripções de alguns dos seus magnificos livros, aliás muito atacados pela critica pariziense.

Entre nós, porem, ha a perfeita macaqueação de tudo isso. Especulam com a deshonestidade literaria. Entendem os novos que umas tantas sublimes cousas não são reaes. O escriptor que tiver o carrancismo de marchetar o seu estylo com perolas de certa ordem, colhidas no insondavel oceano do coração, é posto á margem como traste inutil.

Tudo quanto pode haver de nobre no drama extraordinario da vida; tudo quanto ha de grandioso no vasto seio da natureza, desde o sorriso luminoso das creanças até á lagrima dos martyres encanecidos nas batalhas tremendas do destino; tudo o que encerra a serena e a abençoada correcção do espirito tendendo á suprema bondade e á perfeição suprema é nullo, é lyrico, impossivel, futil. O que é verdadeiro, real, attrahente é somente o repugnante, o monstruoso, o immundo, o execravel! Chamam

depois a este acervo de concupiscencia e lama, — escola realista, naturalismo na arte, elegancia literaria ! E pretendem depois, os sectarios de tal escola, fóros de grande originalidade !

Ah ! muito originaes os nossos adoraveis realistas ! Mas esquecem essas bellas auroras que apenas fazem uma copia, mais ou menos grosseira de certos livros *preconisados* que a moral condemna e que fazem as delicias de collegiaes viciados. E nem ao menos sabem aproveitar a ideia originalissima dos auctores de taes livros, adornando com estampas *instructivas* os seus, para maior claresa do texto !...

Oh ! meu caro Filinto, attenda : eu aposto a minha cabeça em como nenhum dos jovens que acabam de se dirigir a mim pela imprensa, contestando com remoques a minha humilde opinião literaria, nenhum, digo, será capaz de lêr em voz alta, diante de seus respeitaveis progenitores, alguns dos capitulos do *Cortico*; cujo auctor é entre os nossos novos, o primeiro em talento. Nenhum será capaz de deixar o livro junto de sua irmã, de sua noiva, ou de outra qualquer senhora digna de respeito. Mas, vejo agora que eu ia descambando para o serio, quando o meu intuito unico é gracejar inoffensivamente nestas cartas.

Já vai longa a minha prosa, Filinto, e vou terminar dizendo-lhe que eu começo por não entender bem o que me estão a dizer pela imprensa os *novos*.

Um delles, por exemplo, principia o periodo do seu primeiro artigo, assim :

«Hoje, *já agora*, o seu nome tinha o vago e longinquo écco etc.»

Confesso que não percebo esse amontoado de adverbios, provavelmente por causa de algum descuido typographico que alli ha, affectando consideravelmente as regras grammaticaes. Depois, diz o mesmo joven escriptor nesse artigo, que o meu pobre nome goza de antiga e ampla reputação literaria ; mas, entretanto, no seu segundo arrazoado affirma

que o moderno rapazio, (em cujo numero elle está) nunca soube de minha existencia. Por onde me obriga o juvenil contendor a estabelecer este implacavel dilemma: ou o meu joven contendor é inconsequente e contradictorio, ou o supra citado rapazio é ignorante.

Com franquesa, custa-me a optar por uma das duas pontas do dilemma.

E por hoje, por aqui fico.

*Campinas, Junho de 1890.*





### III

## *A Henrique de Barcellos*

**Q**UIDO eu, meu caro collega, que devem ter cahido sob suas vistas as minhas duas “*Cartas-Confidencias*» publicadas ultimamente no respeitavel diario — *O Estado de S. Paulo*.

Sem donaire de espirito, sem lantejoulas de estylo, salientes pela mais completa ausencia de intensão vaidosa, foram ellas naturalmente inspiradas por uma razão quasi futil, o pretencioso brado literario — *lugar aos novos!* partido dos labios de uma phalange de jovens que, por menos que faça na arena brilhante dos torneios literarios, merecer-me-á, todavia, muita e sincera consideração.

Eu presumo de saber um pouco descriminar as cousas em questão de ordem literaria, e não ignoro até que ponto vae o enthusiasmo da juventude adoravelmente devaneadora, quando se resolve a entoar o hymno sonoro de suas vagas aspirações, toda voltada para os sonhos do futuro — fallazes como sereias, fugitivos como irisadas bolhas de sabão.

Dei a entender, gracejando, nas minhas duas alludidas missivas, que esse grito triumphante da

gloriosa juventude brasileira era apenas o resultado de um sonho pueril, e agora é de necessidade falar sério e exprimir o porque da franca proposição que descuidosamente dei á publicidade, incorrendo no desagrado de alguns esperançosos neophitos da nossa pretensa literatura. Devo confessar que nutro sérias apprehensões, meu caro collega, não só relativamente aos destinos d'elles e d'ella, como tambem quanto á exacta modalidade d'essa cousa que afinal de contas serve para attestar o valor intellectual de um povo, á face do mundo.

Chamo a sua attenção para este extraordinario factó : essa pobre literatura brasileira está sendo considerada nascente desde o celebre grito do Ypiranga até os nossos dias, o que me fortalece na crença de que ella não passa de um feto monstruosamente rachitico, a quem a propria natureza nega a força necessaria para acabar de nascer ! Este caso estu-  
pendo de ordem biologica desperta forçosamente em todos os espiritos rectos as mais graves cogitações.

Permitta-me esta interrogação :

No momento actual poderemos em consciencia esperar que a revolução politica que nos deu em resultado a Republica, possa operar, em consequencia, uma evolução literaria condigna da nossa attitudede de povo pensante e susceptivel de progresso ?

Eis ahi o problema.

Brilham em sua maior parte pela ausencia os elementos necessarios, capazes de concorrer para uma boa reorganisação literaria, indispensavel indicio da força moral e intellectual, e do grau de adiantamento a que por ventura tenhamos attingido. Vacillante e quasi nada original durante toda a vida do Imperio, ella parece tender agora a uma paralyzação completa ou a um formidavel abastardamento, tal é a prova documental que se offerece aos olhos de quem se dá ao trabalho de uma rigorosa analyse.

Manda a verdade que se diga que o ex-imperador D. Pedro de Alcantara, quer fosse por simples vaidade, quer fosse por sincero amor ao desenvolvimento das letras brazileiras, alguma cousa tentou durante o seu reinado em favor de escriptores e artistas, e teve mesmo, talvez, a velleidade de tomar para seus modelos o reinado de Augusto no famoso imperio romano, e o de Luiz XIV na França, não conseguindo, entretanto, senão fazer-se rodear de uns satellites de luz pallida, diante dos quaes, com a maior semceremonia S. Magestade desandava a dormir o doce somno dos justos. E' que a quasi todos aquelles Virgílios, Catullos, Horacios e Propercios faltavam as condições principaes para afugentar o irresistivel somno imperial: a educação artistica, a orientação definida, o gosto fino, a forma seductora, a ideia e... até mesmo algumas vezes a grammatica! Comtudo, fazia-se constar lá fóra a existencia de uma literatura nacional e um protector de literatos e artistas desvalidos.

Um novo seculo de Augusto, um tanto de molde para despertar certo desdêm senão compaixão, estava iniciado no Brazil. A imperial attenção concedida a poetas e prosadores; a acquiescencia do monarcha pelo seu comparecimento a todas as festas ou reuniões literarias; a criação de bibliothecas e a manifesta predilecção de Jupiter pelos productos do pensamento literario nacional em suas diversas manifestações — poesia romance, drama; a familiaridade de trato estabelecida entre o imperador e os homens de sciencia ou os simples parnasianos, e por ultimo as celebres palestras em S. Christovam com varios homens de talento mediocre, nada mais conseguiram do que uma literatura frouxa, incolor, sem inspiração e sem originalidade, exceptuando uns quatro ou seis romances e uns dois ou tres livros de boa e sincera poesia.

Triste, não é verdade? Mas para isso concor-

riam poderosas razões, entre as quaes a deploravel deficiencia do meio, o atraso popular em tudo o que dizia respeito ás elevadas subtilesas da concepção e da esthetica, a exigua instrucção, o spectaculo repugnante dessa cousa brutal que se chamava escravidão, e as artimanhas e os escandalos politicos que tudo profanavam e tudo destruiam. De sorte que o peculio literario que nos legou o Imperio, abstracção feita de uma ou outra producção illuminada pelos lampejos divinos do genio, é de um valor tristemente modesto, mesmo em relação ao que produzem no genero paizes de pretenções muito inferiores ás do Brazil. Mudada, porem, a face politica das cousas, não é verdade, illustre collega, que a gente sente-se assaltada do nobre desejo de ver a divina Providencia nos surprehender com o inverso do que se deu na antiga Roma? Lá, foi somente depois da estrondosa queda da Republica que se operou o grande movimento literario que deu fama eterna a um seculo.

Pois bem, entre nós não será depois da queda do Imperio que se verificará o esplendido phenomeno do amanhecer de uma nova era literaria? O celebre grito — «lugar aos novos»! parece indicar isso, mas por emquanto eu somente vejo que entre a palavra e a obra vae um medonho abysmo, o que importa dizer que neste abençoado paiz a regra tem sido esta: — tanto em questões literarias como em assumptos politicos grita-se muito, promette-se muitissimo e... não se faz cousa nenhuma.

A fraqueza, a anemia literarias oriundas do Imperio continuam do mesmo modo neste bello periodo do alvorecer da Republica, sem que appareça, por mais que eu olhe em torno de mim, uma vontade de ferro e um braço de gigante que venham encaminhar os destinos da fragil literatura brasileira.

Do alto, (peço perdão ao ideal democratico por me exprimir assim) não é de esperar que desça por

emquanto qualquer ideia salvadora neste sentido. Os actuaes timoneiros do Estado têm certamente o cerebro repleto de preocupações muito mais graves do que estas que ora me despertam tão singelas linhas, numa época em que essa especie de pobre manifestação de actividade mental — a imprensa, precisa soffrer um pouco nessa outra especie de gloriosa força [que tanto a distingue — a liberdade, para que a reorganisação politica da patria nada soffra!

E contudo, entre os alludidos timoneiros um homem existe (4) que já foi um poeta e um dramaturgo, e o qual podia perfeitamente, agora, neste mesmo supremo momento em que se atira com a Academia de Bellas Artes pelos ares, alguma cousa iniciar ou lembrar em favor desse grande caracteristico do adiantamento dos povos — a literatura. Pelo menos, a elle competia escrever, produzir, dar o exemplo do amor ao trabalho literario, dotar a sua patria com excellentes livros, e equiparar-se aos grandes homens politicos de outros paizes, que sabem se tornar por igual, com extraordinario lustre, famosos estadistas e literatos profundos. Sim, porque os seus companheiros de governo são inteiramente alheios a assumptos dessa natureza, já por indole propria, já mesmo por um completo afastamento de ambições que tenham alli a sua base.

Estamos, por consequencia, á mercê da mocidade inconoclasta que grita na praça publica pela exclusão dos alcaides da republica das letras, em plena Republica nacional. Mas que faz essa mocidade? Livros? não os vejo eu. Dir-me-ão que grita, e que isto já não é pouco, porque, ao menos, prova o factio material de uma boa garganta.

Obras, paginas trabalhadas, producções originaes, sãs, correctas, animadas pelo sopro vital da inspiração, indicativas de talento, é o que ninguem

---

4) NOTA — Quintino Bocayuva.

vê. Predomina o espirito de imitação e o desejo insoffrido de ser todo o mundo escriptor, custe o que custar.

Do mesmo modo que foi descoberto o microbio da febre amarella, e de outras, está tambem descoberto o microbio da literatura. As reputações fazem-se da noite para o dia por unanime acclamação da critica de campanario — esse ridiculo poder dos impotentes, de sorte que tudo o que não vem de certa roda de amigos, principalmente na Capital Federal, outr'ora Roma do divino Augusto, não presta, é inutil, inteiramente impossivel!

Surgem aos centos os poetas, os prosadores, os novellistas, os criticos, mas todos elles submettidos a uma analyse, mesmo superficial, ficam sendo apenas uns pacatos burguezes, boas pessoas, uns magnificos córtes de cidadãos votantes, e talvez, quem sabe? de optimos guardas nacionaes, para me valer de uma imagem pittoresca a sabor do militarismo do tempo.

Essa confusão de escolas que andam por ahi a fazer, em publicações onde abunda muito mais a jactancia injustificavel do que o estylo, do que os caprichos da forma, é prova exuberante do que afirmo. E esse pouco que os chamados escriptores novos estão manufacturando, é afinal materia velha; tão velha como a polvora ou como a Sé de Braga. A nova escola realista! Exclamam elles, e esquecem que ja o grande lyrico da *Notre Dame de Paris*, puzera em relevo nas suas monumentaes creações o famoso principio dos contrastes, o bello-horriyel, essa tremenda realidade da vida humana.

Não querem o lyrismo, condemnam o *pieguismo*, repellem as frivolidades romanticas, as nevroses poeticas, mas um dos apostolos desse positivismo inexoravel, um dos primorosos jovens que ha dias clamaram contra tudo aquillo, teve a fraqueza de

escrever em um dos jornaes da capital esta levianidade lyrica :

«Cesse por hoje o tiroteio contra a *Primeira Culpa*; abra-se em meio da fumarada um rasgão azul, atravez do qual se veja o sol cantando a missa da luz no altar da natureza; deixe de soar o clarim para se ouvir a lyra».

Eis apenas duas ou tres imagens estafadas indicando absoluta incongruencia, totalmente oppostas á theoria dos novos processos, todos puxados á sustancia pelos dedos nervosos da philosophia positiva.

Em summa: é sombria e desanimadora a perspectiva que nos offerece a literatura nacional no primeiro periodo da Republica. A intuição artistica deste tempo não corresponde ao ideal politico que procuramos todos aperfeiçoar dia a dia. O grotesco e a immoralidade no theatro; a frivolidade e o sensualismo na poesia; a torpesa e a depravação no romance; a raiva, o odio, a inveja e a vingança na critica sem sinceridade no fundo, sem belleza na forma, eis o que se vê.

Haverá esperanza de uma proxima e salutar reforma?

Não creio, meu caro collega. O jogo funesto das ambições politicas por um lado, e a fatal indifferença publica por outro, tudo absorvem neste paiz, tudo anniquillam, profanando o luminoso ideal da juventude.

Em relação á nossa actual literatura e a alguns dos seus mais notaveis cultores, pode-se affirmar o seguinte: muito espirito de imitação, ausencia de amor á verdade, pouco patriotismo, alta dóse de voluptuosidade grega, em falta absoluta de ideias americanas.

Tenho aqui, sobre a minha mesa de trabalho, dois romances ultimamente publicados neste paiz.

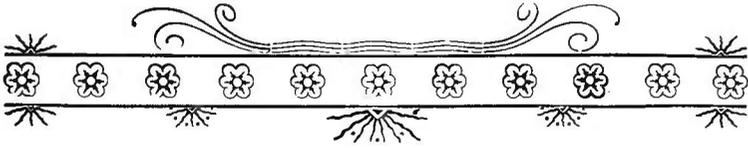
Um delles appareceu nos ultimos tempos do Imperio, e o outro apparece agora, nos primeiros tempos da Republica.

Qualquer d'elles, lido ás furtadellas, em lugares escusos por um collegial ou por uma collegial pube-res, dará em resultado estes dois *casos novos*: — o idiotismo do rapaz, e a revolta moral da rapariga!

E chamam a isto arte! E chamam a isto processos novos, *os novos!*...

*Campinas - Julho - 1890.*





## *A Republica e as Letras*

¶ Parece não ser desacertada a afirmação de que o paiz continúa na mais completa calmaria litteraria.

Theatro morto, poesia abastardada, nem um romance de réal valia nestes ultimos tempos.

Apenas um escriptor de talento, o sr. Coelho Netto, numa especie de ataque febril de producção, procura reparar todos estes males, talvez para salvar neste particular os creditos da Republica; mas, visivelmente, a obra sae-lhe um pouco menos notavel no que diz respeito á qualidade, do que á quantidade.

Todavia, é louvavel o seu afan, por assim dizer nevrotico, de encher as bibliothecas modernas, varias já agora pelas repulsas que vão tendo, dos pessimistas actuaes, os obreiros que out'roza fizeram as delicias de uma geração inteira — os Gonçalves Dias, Magalhães, Porto-Alegre, Macedo, Alencar, Octaviano, Guimarães Junior e até alguns mais modernos.

Esse mesmo sr. Coelho Netto, porem, resolveu abrir treguas ha pouco á sua quasi pasmosa actividade, indo lá para as bandas do Norte estudar não sei que peregrino assumpto para desenvolvê-lo em tempo, naturalmente com os attractivos que a sua fértil imaginação custuma lhe fornecer quando trabalha; e, um outro escriptor operoso, que é, sem duvida, dos mais notaveis da nova geração, o sr. Aluisio Azevedo tambem parece querer descansar por algum tempo, se é que não está resolvido a deixar, de uma vez para sempre, nas garras da politica as suas brilhantes aptidões de romancista, que lhe dão foros de primeiro realista brasileiro e de artista consummado.

De sorte que, o nosso modesto mercado literario continúa cada vez mais calmo, mais insignificante e quasi totalmente paralyzado.

As preoccupações dos homens do pensamento e da phantasia figuram corvos sinistros, em dias plumbeos: espreitam, em triste recolhimento, lá dos beirões do grande edificio social, o momento em que o estrangeiro ousado terá de invadir as nossas queridas plagas, para se apossar de tudo o que nos pertence.

Que horror!

Este sonho negro, que a tanta gente está causando abalos e danos incalculaveis, acompanhado tudo de uma cohorte de apprehensões sombrias, faz sorrir incredulamente aos que dispõem de temperamento menos susceptivel e estudam as questões pelos seus verdadeiros aspectos.

O que é fora de duvida é que a situação em que se acham os animos, bem como as condições politicas e financeiras em que se encontra o paiz, empobrece consideravelmente o organismo literario da Republica, tornando-o muito inferior ao que era o organismo literario do Imperio.

Verdade é que temos uma Academia de Letras, em vez de termos somente um Instituto Historico e Geographico, fundado em aureos tempos; mas, isto pouco adianta, porque aquella, aliás bem intencionada instituição, parece antes viver vida modestissima de burguez pacato, do que de entidade revestida das presumpções e vaidades que tanto distinguem creações desta especie.

Ao fim de contas é como todas as Academias de Letras, do mundo — abre o seio unicamente a uns tantos *immortaes*, e é como que o ninho perenne dessas aves gárrulas e impertinentes chamadas mui pittorescamente — elogios mutuos. Pelo menos é o que asseveram certos espiritos que bem podem ser tidos por inconsiderados e malevolos. .

Essa nossa Academia, (nossa é um simples modo de dizer) sem embargo da sua respeitabilidade, tem sido por várias vezes mimoseada pela propria imprensa da Capital Federal com gracejos que quasi assumem proporções ridiculas, e ainda não ha muito tempo foi de tal modo victima de sua boa fé, que eu mesmo que não tenho o menor geito para *immortal*, cheguei a tomar as dores por ella e por seus dignos membros.

E' possivel que para muitos passasse despercebido o caso, que a outros, entretanto, causou a maior surpresa.

Imaginem que o presidente da associação, o illustre escriptor Machado de Assis, cuja indole conservadora faz delle, em absoluto, um reservado em politica republicana, e cuja modestia natural mais lhe engrandece o nome e os feitos, tira-se um bello dia de seus cuidados, enverga uma casaca e, como chefe da Academia de Letras que é, dá comsigo em pleno salão nobre do Cattete, a fim de participar ao chefe da nação, ao presidente da Republica, que existia um lugar vago na corporação academica, e que esse ia ser preenchido em certo e determinado dia por

certo e determinado immortal... E d'ahi um delicado convite para S. Ex<sup>a</sup>. assistir á magna cerimonia.

Nada mais fino, mais elegante, não é verdade? Horacio procurando approximar-se de Augusto — em plena Republica! — para lhe communicar um facto de notavel importancia literaria. Mas, S. Ex<sup>a</sup>. o presidente que a respeito de letras provavelmente só se dá ao trabalho de estudar as juridicas e, por ventura tambem as transcendentales de character politico-financeiro, sentiu-se naturalmente embaraçado porque decerto estava longe de se lembrar que existia no seu paiz e na sua capital a prestante Academia de Letras.

Dada a differença que vae do Imperio romano para a Republica brasileira, Augusto encarou Horacio, sorriu, cofiou a barba, chamou em seu auxilio mentalmente o deus dos afflictos, agradeceu a communicação e prometteu ir á annunciada sessão de posse.

Bravo! exclamará o leitor, esplendido rasgo!

Felizmente os deuses do Olympo politico não desdenham acceder a convites de ordem puramente literaria.

O primeiro literato brasileiro, que acabava de dar, por essa forma, uma prova de consideração e respeito ao primeiro magistrado da nação, sentiu-se talvez feliz em sua consciencia, que lhe perdoava nesse momento essa imprevista solução de continuidade em suas crenças e em seus habitos de monarchista e de espirito concentrado, de todo alheio ás grandesas ephemerias da perfida politica.

Tinha cumprido o seu dever, convidára... Estava feito, e agora era só esperar o dia.

Pois bem; o dia chegou, o annunciado dia da sessão da posse academica. A nata (para me valer de um velho chavão) a nata da sociedade carioca lá estava, adornando o bello salão da notavel festa; literatos de grande renome cruzavam-se em todos os

sentidos pelo salão, os *immortaes* tranquillamente assentados em suas respectivas poltronas, esperavam a hora aprazada. A hora soou, veio nas azas do tempo, mas... S. Ex<sup>a</sup> o presidente da Republica ficára em palacio, e em seu lugar dignára-se mandar o illustre sr. ministro dos negocios interiores.

Mecenas apparecia em vez de Augusto; nada mais natural e fino!...

A alguns parecerá extranho que os Augustos modernos assim correspondam aos convites dos Horacios da estatura do sr. Machado de Assis, cuja gloria de escriptor e poeta é, por certo, muito mais duradoura que a de um presidente de Republica, que apenas dura quatro annos. Mas, pergunto eu agora — que ficam sendo as altas questões literarias, diante dos magnos problemas dos negocios do Estado?

Concluindo, peço ao leitor o obsequio de me dizer, a sério, com a mão na consciencia, se este unico e simples episodio, contado assim tão despretenciosamente, não caracteriza de um modo cabal o perfeito estado da nossa actual literatura.

1899.







## *A Divina Paixão*

*(Notas de um philosopho)*

Oberta de luto, envôlta na mais profunda tristeza, a egreja romana commemora, durante esta semana, o sombrio drama do immenso martyrio do Divino Mestre, o pallido Jesus.

Para salvar esta misera humanidade, diz a eterna lenda, padeceu Elle morte affrontosa no alto d'essa cruz em que o vejo agora, como o tenho visto outras vezes, — livido, nú, ensanguentado, exalando o derradeiro suspiro...

O templo está repleto, o silencio é profundo. Nada mais eloquente e magestoso do que o mysterio diante do qual milhares de creaturas prostram-se constrictas, levadas pela força miraculosa da fé.

A fé! A divina, a salvadora fé! Felizes os que a podem sentir no fundo do coração, gozando-a nas irradiações de uma alegria infinita cheia de paz e de doce recompensa.

Acaso sem ella poderá ser supportavel o peso da vida terrena?

Certo que não.

Sejam quaes forem as transformações extraordinarias de ordem sociologica porque tenham passado os povos catholicos romanos; embora as grandes conquistas da philosophia moderna hajam aberto á intelligencia humana vastos horizontes para o raciocinio, escoimando-a de superstições e de fanatismo, o que é fóra de duvida é que a poetica e melancolica tradição das agonias do Christo por amor de um principio de elevadissimo alcance moral, tem perdurado, mantendo sempre a fé, a crença, a piedade no espirito popular, para o qual uma religião é sempre um sustentaculo indispensavel, uma compensação imprescindivel.

O que elle vê antes de tudo, na espantosa tragedia que a igreja solemnemente relembra durante estes oito dias, é somente um grande exemplo, o exemplo da resignação na dôr, da humildade perante a injustiça, da esperança perante a morte, e faz disto uma consolação para as suas proprias dôres, para as suas desillusões, para as suas profundas tristezas e os seus desesperos nesse mundo, onde de certo a felicidade completa nunca foi encontrada pela creatura humana. Sociologicamente falando, é isto; deve ser isto...

Dir-me-ão os que riem e zombam de tudo, que o martyrio do vilipendiado do Calvario, é uma méra invenção que se perde na noite dos tempos; mas, dado que assim fosse, que tinha isto de mau?

Felizes, mil vezes felizes as invenções quando ellas tendem, por um salutar principio de amor e de sentimento, abrir ao coração humano o thesouro inesgotavel das coisas beneficas e animadoras.

Nos momentos funestos de minha duvida costume perguntar :

Se não é verdade o que a igreja hoje nos ensina, onde estará então a verdade?

Estará por ventura no que a impiedade escreve?  
Estará na minha escura philosophia da duvida?

Deverei encontral-a nos tenebrosos recantos onde impera a blasphemia?

Se esta poesia, ou essa meiga illusão, (como queiram) não existisse, notai bem ; seria preciso invental-a, para consolação e alento desta afflictiva humanidade, tão flagelada pelas ambições e pela febre da vaidade.

Negando o fundo de absoluta exactidão que a orthodoxia manda que alli se encontre, e que o coração humano acceita como um balsamo, a gélida philosophia dos que, como eu em nada creem, não será apenas levada pelo mais deploravel sentimento de cego orgulho?

A razão humana, parece nem sempre ter razão.

Que palavra já houve ahi sahida de labios mundanos e ditada pela intelligencia do homem circumscrita sempre aos enganos e ás illusões, que provasse exuberantemente, claramente, que nesse profundo mysterio das agonias do Christo está uma mentira?

Que dizes a isto, oh! minha philosophia?

Eu por mim fragil entre os mais frageis, simples luctador, victima do racionalismo do seculo, perdido neste encapellado oceano da vida, procurando agarrar-me, com todas as poucas forças de que disponho á primeira táboa de salvação que encontro, confesso que poucas vezes vou á missa, e que, se é verdade que contemplo com desdem muitos fanaticos religiosos que por ahi andam fazendo exactamente aquillo que a religião reprova, tambem é certo que respeito o sentimento e a crença de outros, e sobre tudo a ideia fundamental que a egreja representa.

O' meus amigos, a metaphysica significa uma força de que nunca a famosa humanidade se ha de libertar, por mais que progrida.

Reparae bem que, no fundo de todos os systemas philosophicos está pousado, como uma grande

borboleta impalpavel, o phantasma subtilissimo e intangivel da metaphysica.

No materialismo, como no positivismo, como no indifferentismo, como no atheismo, como no catholicismo, existe sempre alguma cousa que a intelligencia do homem acceita mas não explica, e essa cousa quasi sempre deixa entrever que mesmo os que mais negam, como eu, teem ás vezes momentos em que deixam escapar a demonstração da sêde immensa de crença, como uma necessidade para o espirito.

Acodem-me agora á memoria os nomes de Voltaire e Littrè, e outros, em abono do que digo, mas quero deixar em paz os mortos, e fugir de ostentar erudição hoje.

Tenho visto espiritos obstinados, como o meu, negarem a existencia de um Deus, ou de um principio superior que rege sabiamente esta complicadissima e maravilhosa machina universal, e até dirigirem as apostrophes mais infamantes a quem não pensa como elles; mas, em certos e determinados momentos, tenho-os visto tambem diante do berço de um filho querido que se debate nas ancias de cruel enfermidade, a gritar pelo nome de Deus e a pedir aos ceus que lhe salvem a adorada creança!

Oh! triste fragilidade humana! Quantas incongruencias nas tuas philosophias!

Tudo neste mundo vae-se em poeticos devaneios, em phantasias lucidas que o mesmo é dizer — em metaphysica, e em que pese aos mais intransigentes atheus, a melhor de todas as methaphysicas e de todas as illusões é a que nos leva a crêr que ha o que quer que seja além deste bello céo azul, que cobre, todo banhado de sorrisos e de luz, este baixo mundo de lodo, sangue e lagrimas.

Confessem que é consolador este pensamento.

Não ha nada mais nobre, creio eu, do que suppor que pode existir alguma cousa melhor do que isto

que neste mundo nos arrasta á pratica de todas as más paixões, e a que se chama — o instincto bestial.

Christo na cruz é o symbolo do padecimento humano, e constitue, quando menos, o melhor dos exemplos de coragem e de conformidade nos horrores do infortunio.

A Mater Dolorosa chorando ante as agonias do seu idotrado filho, no proprio lugar em que elle exala o ultimo suspiro, é um poema immenso de amor e de ternura, para o qual a crença popular se volta, porque está vendo todos os dias, neste insignificante planeta, essa maravilhosa e arrebatadora poesia das dedicações e do amor maternal, que levanta os olhos para o céu quando vê periclitár a vida dos estremecidos filhos.

Portanto, se tudo isto que a religião ensina é uma simples illusão, deixemol-a ficar, porque além do mais é tradicional, e foi tambem a doce illusão dos nossos paes.

Ha um suave encanto nestas festividades tristes, e nessa commemoração angustiosa.

Vêde, por exemplo, a edificante cerimonia do Lavapés: nada menos que o Divino Mestre curvando-se humildemente para lavar os pés dos seus doze discipulos amados.

Que prova de ternura, de simplicidade e de amor está encerrada neste singelo acto!

Reparae agora: depois de longos e pungentissimos padecimentos, pregado a uma cruz, nú, crivado de ferimentos, tendo na fronte ensanguentada uma corôa de espinhos, o Divino Mestre agonisa pensando em sua triste mãe que levanta para elle os olhos lacrimosos e macerados.

E quando, queimado pela febre dos tormentos, pede agua e lhe trazem amarguissimo fél, expirará deixando evolar-se um derradeiro suspiro, e per-

doando com assombrosa serenidade aos verdugos pelos quaes elle se sacrifica.

— «Pae! Perdoai-lhes, porque elles não sabem o que fazem...» diz ainda, e expira, fazendo-se então em derredor do sinistro theatrô dessa dolorosa tragedia um silencio apocalyptico, gélido, pavoroso como se a alma universal tivesse tido um violento ataque de paralytia nesse indescriptivel momento...

Poesia, isto, não é verdade?

Pois, embora. Deixal-a viver, deixal-a intacta no coração do povo, que emquanto elle aprende como Martyr sublime a grande sciencia de ser resignado e de supportar infortunios que são a partilha da humanidade, deixa de ser menos máu, o que importa dizer que a religião é uma util poesia para o povo, desde que o fanatismo é uma má orientação. Não lhe maculem o ideal...

Lembro-me ainda, e com que saudade! que quando eu era creança e me levavam a vêr o Christo no Golgotha havia no fundo do meu coração um grande respeito pelos soffrimentos alheios consubstanciados nos daquelle Homem que lá estava, no alto do fatidico monte, pregado a uma cruz.

E parecia-me que elle deixava cair sobre a minha debil pessoa um olhar doloroso e supplice, como que a me pedir que eu nunca fizesse aos outros aquillo que haviam feito a elle.

Eu ficava, com medo, confesso, e ajoelhava cá em baixo, longe do madeiro, pedindo perdão por mim e pelos outros...

Foi isto, o que esse exemplo e os conselhos de minha mãe me ensinaram a fazer, e foi isto exactamente o que me fez menos máu do que eu poderia ser.

Não alardeio vocação e crenças religiosas que verdadeiramente não tenho. Não sei bem o que sou nem o que quero.

Eu pertenço ao meu tempo. Deixo-me levar pela vertigem scientifica deste triste fim do seculo.

Sou, talvez, um hereje, mas comprehendo esta verdade:

Ser religioso por calculo, por simples especulação é naturalmente cousa muito condemnavel; mas... presar, respeitar, adoptar mesmo a piedosa poesia da religião de nossos paes, pondo nella toda a sinceridade e toda a alma, deve ser, pelo menos uma ventura, de uma suavidade vivificante...

O momento é de assombrosa imponencia.

Um silencio augusto reina em todo o magestoso templo, repleto de fieis...

E' noite, a noite sinistra da paixão. No espaço quente e como que saturado de angustias flutua a onda de um perfume acre de cêra queimada, de incenso, de folhagens e de flores em homenagem ao Grande Martyr.

Vão descel-o da cruz agora, para collocar-o no ataúde....

Profundo espanto reina em todos os corações; rostos pallidos, physionomias decompostas, olhos lacrimosos voltam-se para o Sublime Morto.

A mãe chorosa ao sopé da cruz debate-se nas ancias de uma agonia indescrptivel. Todos pranteiam, todos contemplam com infinita magua o rosto sereno do Mestre — a Magdalena, o discipulo amado, o Genio invisivel d'aquella noite do mais espantoso dos supplicios.

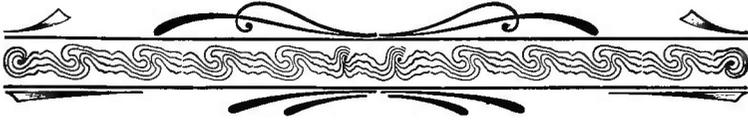
O calvario ostenta toda a grandesa épica do scenario de tão commovedora tragedia.

Oh! Christo! Se é verdade que o teu vulto grandioso e os teus padecimentos crudelissimos são pura invenção dos homens, bemdita seja essa invenção, bemdita, trez vezes bemdita!...

1896.







## *A' Margem...*

*(Carta a uma senhora)*

Dá-me V Ex<sup>a</sup>. a agradavel noticia de ter sido lembrado o meu obscuro nome pelo sr. Dr. Alfredo Pujol, na conferencia literaria que este illustre homem de letras realisou em Campinas, no *Gremio Commercial*, em a noite de 3 do corrente mez de Abril.

Acceito humildemente os seus generosos parabens, minha senhora, e recolho ao fundo do meu coração agradecido as suas preciosas palavras, como quem recolhe a um cofre insignificante, perolas de inestimavel valor.

Ignoro o que a meu respeito disse o notavel conferente, a proposito, d'essa sublime tollice que se chama lyrismo. Vejo tambem pelo "Diario de Campinas", por V. Ex<sup>a</sup>. bondosamente a mim remettido, que, com effeito, nesse sympathico certame literario appareceu o nome deste seu attencioso creado.

Se o sr. Dr. Pujol disse muito ou pouco com referencia a esse nome, se disse bem, ou mal, não sei. Aventurou alguma cousa perante o seu selecto,

auditorio, e isto, com relação a mim que me considero inteiramente esquecido, é consolador, e põe-me n'alma o dever imperioso de me confessar muitíssimo grato a tamanha fineza.

O trecho da preciosa missiva de V. Ex<sup>a</sup>. em que me diz, com infinita graça, que eu ainda vivo, pelo menos na memoria de alguns amigos piedosos, é digno do que eu fiz num acesso de deliciosa fraqueza: humedeci-o com uma lagrima, depois de tel-o lido, é beije-o depois de tel-o humedecido.

Que é certo que eu ainda não morri de todo, considerado como simples entidade literaria, é; e isto graças ás almas generosas e bem intencionadas como a de V. Ex<sup>a</sup>. e como a do meu presado amigo auctor da conferencia.

Que fiz eu outr'ora? Jornaes e propagandas, procurando educar o povo rebelde. Que faço presentemente? Trabalho por educar creanças que serão um dia arrimos d'esta misera mãe-patria, por demais lacerada por phariseus e abutres tão impiedosos quanto implacaveis.

Pelo que, diz respeito a versos, fil-os e ainda os faço, senão com a mesma abundancia, pelo menos com mais sinceridade e mais pungente philosophia: talvez um pouco menos lyricos, talvez um pouco mais satanicos, como productos do tempo em que vivo e do meio em que me movo.

Não se assuste V. Ex<sup>a</sup>., e nem se enfade. Eu bem sei que estas tiradas de character intimo pessoal, simples lamurias subjectivas enfastiam, por via de regra, a quem as lê, e comtudo na occasião não posso fugir ao defeito.

Antes isto, porem, do que falar mal da vida alheia, não é verdade?

Eu estou á margem do caminho commodamente sentado, vendo passar o curioso bando dos vencedores e dos vencidos da vida. Que maravilhosa variedade de physionomias e de caracteres!

Vejo cousas pittorescas, e vejo cousas monstruosas: a comedia mais desbragada alliada á tragedia mais cruenta: carnaval de mistura com funeraes, volantins politicos dansando na corda bamba de suas opiniões insensatas, o deslocamento do espirito de justiça á força de audacias inconfessaveis; a estupenda inversão das posições sociaes.

Aqui, a grita estridente das orgias de toda a especie; o *evohé* retumbante das bacchanaes que passam; além, o brado soluçante — *delenda est Carthago* dos que choram sobre as ruinas, mais ou menos imaginarias, da patria, e mais ou menos veridicas das consciencias.

O oceano agita-se.

Trava-se a lucta tremenda por amor da vida: os martyres do coração e da ideia espatifam-se de encontro a abrolhos, emquanto os perversos e os inconscientes são levados em triumpho no dorso da onda mansa que os ventos do destino insufflam!

Burlesco, e ao mesmo tempo sinistro!

Todavia, dizem optimistas, grandes industriaes da politica, que se fez ha pouco uma grande nesga azul no escuro firmamento de nossa patria.

V. Ex<sup>a</sup> enxerga? Pois nem eu. O que eu vejo de mais claro na mesma escuridão são estes dois problemas negros — a baixa do cambio e a baixa do café, não obstante a famosa convenção de Londres...

Mas isso que importa? Temos o *funding* pela frente, e isto salva-nos de todas as miserias possíveis.

O *funding*, minha senhora, é a ultima palavra de moderna medicina politico — financeira.

S. Ex<sup>a</sup>. o sr. presidente sóbe para Petropolis, desce de Petropolis, torna a subir e torna a descer, e por fim procura um refugio no bello e poetico retiro do Sylvestre. Lyrismo? Não creio. S. Ex<sup>a</sup>. fuge do calor e da febre amarella, como de dois inimigos traiçoeiros... Então, que mal faz?

Convenhamos nisto: é de mistér que S. Ex<sup>a</sup>. procure acautelar a vida, por amor d'esse mesmo *funding*, com inteira approvação dos srs. Rottschilds, nossos bons patronos.

Nada mais justo.

Se a vida do sr. presidente periclitasse, que seria de nós, Deus de Misericordia?

E' precisamente por isso que eu não contesto a tal nesga azul. D'aqui a pouco veremos surgir por completo, o clarão da aurora das felicidades perennes; deusa coroada de rosas, conduzida galantemente pela mão aristocratica do deus — milhão!...

Ha um forte cheiro de alegria no ar; um tom de felicidades futuras nas cousas. Parodiando o celebre auctor do *Le Roi s'amuse*, pode-se affirmar, por amor da tranquillidade geral, que o sr. presidente se diverte. O momento actual é de vertigens e de expansões. Todos folgam e todos sentem o poderoso deslumbramento das espectativas sympathicas.

As manifestações succedem-se, o *champagne* estoura, e a vida actual, entre nós, resume-se, decididamente, nesta eloquente phrase — o banquete!

Parece que os illustres palinuros incumbidos de nos conduzir ao desejado porto de salvação, adoptaram como divisa principal de governo estes bellos versos do grande Delavigne:

*Tout se fait en dinant, dans le siècle où nous sommes,  
E c'est par les diners qu'on gouverne les hommes.*

A ordem é comer e beber; folgar, passear, crear um novo ideal de democracia mais engravatado e menos rustico, de mãos finas, enluvadas, claque e casaca, sem o pifio barrete phrygio que nada tem de elegante n'uns tempos em que mui geitosamente se procura substituir o *saude e fraternidade* da nossa joven Republica pelo imponente — *ave, Cezar*, em determinados casos, para que na democracia haja uma certa distincção entre *plebe* e *poder*.

E o povo, minha senhora, vae gostando muito d'isto, e vae pagando o imposto com a melhor cara d'este mundo, num grande delirio de falsas alegrias, como quem quer apagar assim maguas que se não confessam.

Os povos como os individuos estão sujeitos a estas violentas crises d'alma, determinada's pela força insuperavel da propria natureza, que é uma cousa, ao fim de contas, que nem toda a sabedoria humana pode explicar.

As grandes explosões de alegria, como as grandes revoluções cruentas são, em meu modo de ver, uma especie de loucura, e a loucura se V. Ex.<sup>a</sup> me permite a ousadia, é o excesso da propria razão, definição esta que eu adopto para meu uso particular.

\*  
\* \*

Queira V. Ex.<sup>a</sup> reparar: a multidão dos triumphadores do dia vae passando.... Ouvem-se charangas e rufos de tambores. Passam os corybantes e os heroes da Republica, muitos d'elles occultando ainda, a toda a pressa, nos bolsos, arrancando-as dos peitos, as insignias com que se adornavam nos tempos da monarchia.

Entre esses falsos combatentes da democracia notam-se os verdadeiros luctadores, os que se esforçam seriamente pela victoria de uma causa justa e nobre.

Entre os mais populares e festivos, entre os que mais rosas desfolharam sobre a fronte gloriosa da Patria, falta um.

Onde estará ?

No côro entoado pelos felizes e satisfeitos, não mais se ouve a voz d'elle, aquella voz forte, *sten-torica* que se fazia ouvir mais que a de uma legião inteira !

Que é feito desse amigo de todos nós, o bravo general cujo nome vive na memoria de todos?

Eis o que, minha senhora, ás auras que passam pergunto eu, lyrico aposentado, emergindo do fundo lago das minhas meditações.

Que é d'elle, o velho batalhador, aquelle cujo aceno movia incondicionalmente vinte brigadas? (1)

Eu e V Ex<sup>a</sup>. vimol-o no fastigio do poder, astro de primeira grandeza, pujante como Danton, a projectar luz sobre as difficuldades mais escuras dos publicos negocios.

Na rua era um idolo; no parlamento pensava e falava por todos; nas reuniões um superior, nas decisões um arbitro supremo, nos gabinetes ministeriaes um dictador, e até diziam (de tão poderoso que foi), que, neste paiz de surpresas *feéricas*, elle chegou a ser o presidente.... do proprio presidente!

Era, em summa, um popular, em toda a extensão do termo. Um feliz.

E entretanto, subitamente, vejo desaparecer o o astro e pergunto assombrado “onde está o homem?”

A perfida vaga dos acontecimentos da vida o arremessou ao ambito acanhado de um simples escriptorio de advogado do interior.

Tal é o destino das pobres creaturas neste falso planeta, onde dominam as illusões e os engodos.

Vê V. Ex<sup>a</sup>.? Os idolos de hontem são os apedrejados de hoje; Icaros de todas as épocas que rolarão das alturas dos seus triumphos, ao chão poeirento das mais negras vicissitudes da sorte. Elles que digam, se ainda lhes resta vida, que valor tem a gloria.

Quando eu os vejo desfilar diante de mim, phantasmas do poder, quer se chamem Cesar ou Rei-Sol, Carlos v ou Luiz xvi, Carlos i ou Cromwell

---

(1) (Allude a Francisco Glycerio, retirado da scena politica por algum tempo).

Pombal ou Robespierre, Napoleão o Grande, e até mesmo esses dois farcistas que se chamaram — Napoléon — *le petit* e General Boulanger, sinto-me tomado de magua pelas caras desconsoladas que todos elles naturalmente apresentaram... após a queda.

Sim, porque eu bem sei que o coração d'essa boa gente, victima de si mesma, ludibrio do destino torceu-se em convulsões medonhas, sangrou, depois das falsas apothesoses, ao sentir o veneno fatal da ingratição dos homens.

Peço mil perdões a V. Ex<sup>a</sup>.

A proposito de que veio tudo isto? De uma simples conferencia ácerca de lyrismo, de poetas, de vida literaria neste paiz.

Que tristeza quando se toca em semelhante assumpto!

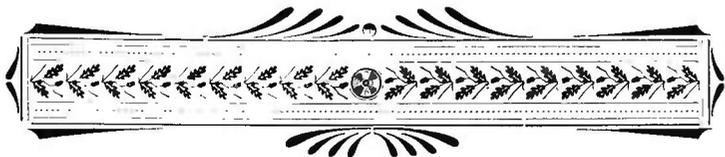
Começa a gente a se lembrar, com pesar, de quem se interessava vivamente por estas cousas, e fazia questão de ver unido ao nome do Brazil politico o nome do Brazil literario.

Hoje... O melhor é pararmos aqui. Basta que V. Ex<sup>a</sup>. saiba que, em regra os nossos literatos procuram occultar, com todo o cuidado, os seus titulos de competencia, para não morrerem de vergonha e de fome.

1899.







## *A minha estréa*

*(Fragmento das memorias de Lauro)*

Por ver agora este pequenino jornal, este delicioso «Beija-Flôr», tive um susto, uma commoção, um quasi remorso...

Um remorso misturado com saudades, com umas ligeiras gottas de pranto, e umas leves scintillações de sorrisos... amarellos.

O passaro das recordações, passaro azul e gár-rulo, acordou repentinamente dentro de meu peito.

Lembrei-me dos meus saudosos tempos de redactor-chefe do *Colibri*, a minha querida folha, numero 1 e unico!

Chamava-se *Colibri* o melodioso «organ» pelo qual fiz ouvir, ha uns bons pares de annos, os meus primeiros gorgeios de ave implume das florestas do Parnaso, de poeta em disponibilidade.

Imagemem que eu era o director, o redactor, o revisor, o cobrador e o entregador, d'esse inolvidavel jornal, em cujo primeiro numero (e unico) lancei uns versos candentes, e problematicamente ca-

dentes, — os primeiros, — em que eu maldizia a vida, lisonjeava a morte, apostrophava o céu e amaldiçoava a terra!

Como eu esperava o successo! Como contava com a notoriedade e com a gloria!

No dia em que esse fatidico *Colibri* foi deixado, á meia noite, por mim mesmo, embaixo de umas cincoenta portas, como quem entregava um documento transcendente a um povo ávido de conhecê-lo, eu me considerei na immortalidade; sentia-me glorioso, tal era a certeza que nutria de que tinha feito uma obra asseada.

Contava apenas quinze annos (das faxas infantis sahido apenas!) mas, em compensação contava tambem seculos de soffrimentos, de amarguras e decepções, não acreditando mais nos homens, nem nas mulheres, nem em cousa nenhuma, tudo isto acompanhado de umas affirmativas tragicas, muito virulentas, muito rubras contra o poder nefando do ouro, contra os thronos e contra os poderosos da época!

Nesse dia memoravel em que eu via pela primeira vez o meu pobre nome em letra redonda ou de fôrma, fechei-me no meu quarto e imaginei que a cidade, o municipio, o paiz, o mundo inteiro estavam a se occupar da minha singular pessôa!

Muito retrahido e muito modesto como ainda o sou até hoje, não me atrevi a sair á rua, não sei se por temer uma vaia, não sei se para me furtaar a uma apothese, mas certo de que os homens do meu tempo diriam, pelo menos, que eu estava concorrendo com uma pequena pedra para a construção do vasto edificio da literatura nacional.

Nunca me heide esquecer, nunca.

Um amigo meu, collega de escola, grande estroina, mas de resto um bom coração, um sujeito muito mais velho do que eu, deu de me procurar nesse dia, entrando-me pelo quarto a dentro de

braços abertos, e, muito commovido ao abraçar-me disse-me o seguinte, cheio de um enthusiasmo arrebatador que chegava ás raias do delirio :

— Não imaginas, querido Lauro, o que a tua poesia tem feito. Que successo ! Que barulho !

Todo o mundo quer conhecer o auctor... E's uma especie *d'enfant sublime* ! Olha : são quatro horas da tarde, e os teus versos estão sendo cantados ao piano por todo o bello sexo da cidade. Estás popular como Chénier na França, e Casimiro de Abreu no Brazil. O teu éstro é uma mistura desses dois famosos estros !

Bravo ! Bravo !

Abracei o meu amigo, limpei duas lagrimas, beijei-o e resolvi-me a sair com elle a passeio para ver com os meus proprios olhos, o ar de satisfação geral e para ouvir de perto o brado immenso das aclamações publicas.

\* \* \*

Sahi. Saimos. Eramos trez — eu, o meu amigo, e um outro que eu levava dentro de mim, occulto no estreito ambito de meu cerebro infantil, — o anjo travesso das minhas inoffensivas illusões.

A tarde estava encantadora... uma crystalina tarde de Dezembro. O sol esplendido punha uns grandes sorrisos de ouro em todas as cousas, e vibrava nos ares uma grande symphonia de perfumes de flores e canticos de aves, vindos dos campos e dos jardins.

Todo eu respirava a profunda alegria do viver.

Eu e o meu amigo caminhámos, caminhámos... caminhámos, e de toda a gente que iamos encontrando só recebiamos olhares de indiferença ; ne-

nhuma pessoa se dava ao trabalho de me apresentar parabens; ninguém parava para me fallar dos versos... Era claro, ninguém tinha lido o jornal, ninguém sabia, portanto, das minhas glórias!

Oh! decepção! Oh! desillusão! Oh! tristeza!...

Estava perdido, por inteiro, todo o feitiço do meu ar de triumphador da vida.

O *Colibri* passára despercebido aos olhos da turba ignára! A minha primeira composição morrera á mingoa de leitores.... O meu impiedoso amigo illudira-me, ou por outra, intentára lisonjear-me mentindo-me, como fazem quasi todos os amigos em occasiões idênticas, sem calcularem que a vaidade insuflada é tudo o que pode haver de mais perigoso para as vocações infantis.

Não ousei interpellar o traidor, o qual percebendo a difficuldade da situação, abandonou-me na primeira esquina.... esquivou-se, fugio!...

\* \* \*

Voltei então para a casa triste e arrependido. Era a primeira nuvem de desgosto que passava pelo céo de minha vida. Entrei, mas, oh! fatalidade! por contrapeso de peccados quiz a sorte que logo ao entrar eu me encontrasse com o carão vermelho e severo do meu velho tio, uma especie de tutor, em falta de melhor, e em casa do qual eu morava, por uma irrisão da sorte...

Correspondendo levemente á minha saudação, intimou-me a que o seguisse até a sala. Ahi chegados, pondo-se muito teso diante de mim, perguntou-me com ar imponente, sacando da algibeira o malfadado *Colibri*:

— Ora diga-me cá, foi você que escreveu isto?

— Fui, sim, senhor, respondi-lhe, balbuciando meio engasgado, e fazendo-me pudicamente corado.

— Pois olhe, menino, replicou-me elle, não caia noutra. Quer saber? Ha duas classes de homens que estão sempre destinados a acabar nos hospitaes de mendigos, quando não é no de doidos — são os comicos e os literatos. E vá dormir...

Fui. Juro, porem, se preciso for, que eu nem sabia por onde pisava. Entrei em meu quarto, cambaleando, deitei-me vestido como estava e chorei a bom chorar a noite inteira!

Ai! a minha primeira composição poetica! A minha estréa! A gloria!

Tudo fumo!...

Dormi. No dia seguinte, quando acordei, entrava-me um bello raio de sol de verão pelo quarto a dentro. O velho relogio da casa batia cinco horas; saltei da cama, cheguei á janella e contemplei consolado o maravilhoso espectaculo da grande natureza.

O céu era de um azul immaculado, e como havia chovido na vespera, os ares estavam lavados e puros. Perfumes de rosas e junquillos traziam nas suas ondulações não sei que doce paz á minha alma, renovando por completo os meus ideaes e as minhas aspirações.

Eu tinha ancia de vida, de gloria, de futuro.

A essa hora matinal a cidade acordava, movia-se, trabalhava.

Andorinhas festivas cruzavam-se no ar em todos os sentidos, os operarios invadiam a rua em demanda do trabalho...

Pois então? Era preciso que eu trabalhasse tambem, começando por estudar a “Arte Poetica” e a Grammatica.

Assentei de começar por esta, e accommodando-me á minha banca de estudo, abri o pequeno livro.

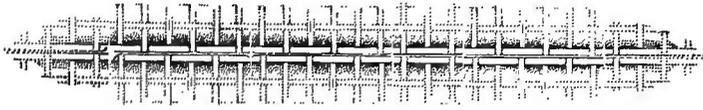
Era o celebre compendio do Coruja, o piedoso o nunca esquecido compendio do velho mestre.

E puz-me a estudar como quem trabalha com amor, com vontade, com methodo.

Eu tinha apenas quinze annos...

O' "Beija-Flor"! Que saudades que me despertadas do meu adorado *Colibri!*...





## *Supplicio*

*(Fragmento das memorias de Lauro)*

Nem uma ideia! Nem uma só ideia!  
E o tempo corre... corre, corre! Está quasi a  
findar o praso fatal: meia hora apenas!

Bonito! Cá está ella de volta a causticar-me...  
Que teima!

Positivamente zomba de minha agonia, põe-me  
os nervos em vibração medonha.

Cá está ella, não a ideia, mas este monstro que  
ha quinze minutos volteja barbaramente em derre-  
dor de meu busto, n'uma ameaça continua, insolente,  
irritante, á inviolabilidade do meu rosto e da minha  
paciencia.

Pousa sobre a mesa... Penso em esmagal-a,  
espalmo a mão, levanto o braço e deixo cair a mão,  
rapidamente em violenta palmada!

Mas qual! mais rapido do que o meu movi-  
mento foi o d'ella.

Fugiu!... E a minha agonia continúa, e o praso  
está a findar. Morro!

E' que á hora em que intento escrever esta pagina de encommenda, faz um calor suffocante. Caem-me o suor pela fronte abaixo, falta-me o folego, fogem-me as ideias, abandona-me a deusa inspiradora do estylo.

E como se não bastasse esse supplicio do calor infernal, esta mosca pequena, vulgar, mas horrorosamente importuna, que anda estonteada pelo espaço, a revoltear em torno de minha mesa de trabalho, resolveu flagelar-me agora, augmentando a afflicção ao afflicto, com uma insistencia desesperadora.

Terrivel animal!

Consigo, afinal, traçar a primeira palavra neste papel, mas, eil-a que, com a maior semceremonia do mundo pousa exactamente sobre a palavra escripta, difficultando-me de uma maneira insolita a continuação de minha tarefa.

Contrariado pela obstinada intrusa, e para não largar a penna, chego os labios ao papel e assopro com violencia.

A mosca sae, mas não se dá por vencida: descreve duas voltas em torno de minha cabeça e pouza-me na testa, causando-me uma sensação desagradabilissima.

Largo a penna, afugento a impertinente e coço, o lugar onde ella deixou uma especie de osculo incommodativo.

Felizmente foge... abandona esse lugar, retira-se por alguns instantes, mas volta de novo e assenta-se, o diabo negro, no pavilhão da minha pobre orelha direita.

Deponho de novo a penna, enxoto-a com um tapa que me põe a orelha a arder, e recomeço a trabalhar.

O suor caem-me em bagas pelo rosto abaixo, falta-me o folego, o supplicio vae-se tornando incomportavel... E entretanto é preciso concluir a obra...

Mas, a maldita mosca não se apiedando de mim, longe de se mostrar convencida de sua impertinencia atroz, recomeça a sua pharisaica missão. Saracoteando em torno de minha fronte exausta e alagada, diz-me um zumbido desaforado ao ouvido, e no repente de uma insolencia diabolica repimpassa-me bem perto da entrada de uma das minhas sensiveis narinas, fazendo-me umas cócegas de mil demonios.

Com a ponta da caneta advirto-a de que deve sair dahi. Ella sae, mas ao mesmo tempo não sae, porque fugindo de uma colloca-se perto da outra narina.

Faço o mesmo jogo, e o diabo do bicho recocheteia em duas voltas e aboleta-se-me de novo na testa.

Que supplicio oh! grande Deus!

Esfrego o nariz, enxugo o suor do rosto, abano-me com o lenço nervosamente a ver se assim a implacavel me deixa em paz, mas tudo em vão!

Eil-a que volta outra vez á carga, e d'esta feita cavalgando uma outra, numa violenta expansão de devaneios bruscos, inconfessaveis, entra-me pelo ouvido a dentro, produzindo nelle estrondoso rumor.

Irra! E' demais! Levanto-me convulso, atiro a caneta para cima da mesa, introduzo o dedo minimo no orificio do ouvido, agitando-o vertiginosamente para atenuar a coceira que alli produziram as azas do terrivel diptero, e em seguida atiro-me a passear pelo gabinete, a passos largos, desesperado, porem... inutil tudo! O pequenino demonio empolga-me, fisga-me, morde-me, martyrisa-me.

No emtanto o tempo vôa, preciso acabar a obra, prometti dal-a prompta num certo e determinado tempo.

Renóvo o proposito de sentar-me... Sento-me. Enceto outra vez a escripta, e eil-a a saltitar num

estonteamento louco, o sibyllino verdugo, ora na mão com que escrevo, ora quasi que em cima dos olhos, ora no beijo, ora no pescoço...

Um inferno!

Falta-me a paciencia. Agito o lenço com raiva, e quando penso que estou livre da bicha, zás! prega-se-me desavergonhadamente sobre o alto do nariz!

Arremesso pela terceira ou quarta vez a caneta para longe, e, rapido como um corisco, arrumo um valente piparote nesse delicado apendice do rosto, que por sua vez fica rubro como um ferro em braza.

Victoria! Victoria!

Levada talvez pelo medo de que eu a assassinasse, deu duas voltas vertiginosas a temivel e impertuna, e numa convulsão de raivosa insistencia, vem cair em cheio dentro do meu rico tinteiro de chrystal.

Vejo-a nadando no mar negro da tinta com que escrevo. Debate-se, forceja por sair...

Vae talvez perecer... vae afogar-se... profanar com o seu cadaver de algoz este oceano microscopico de cujo fundo costume arrancar as minhas pobres idéas.

Um vivente de menos no mundo... Não! Não a deixarei morrer.

Magnanimo como um heroe vencedor estendo a caneta até o lugar em que ella se acha, como quem lhe offerece uma táboa de salvação. Ella agarra-se á taboa, digo á caneta, monta sobre ella e vem se arrastando como naufraga prestes a succumbir.

Então retiro a caneta com a desgraçada em cima, chego á janella, fecho os olhos, adianto o braço para a rua e sacudo-o.

Abro os olhos... ella desapareceu!

Até que emfim!

Mais um átomo para a eterna massa dos entes infinitamente insignificantes e inúteis.

Perdeu-se, no turbilhão das cousas naturalmente perdidas !

Agora....

Mas, oh ! Deus de Misericordia ! O praso esgotou-se.

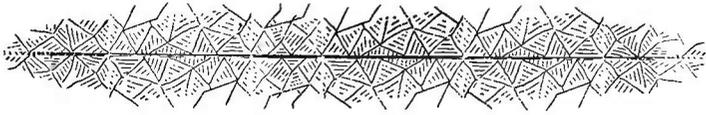
E' tarde, é muito tarde !

Batem á porta... sinto-me desfallecer...

Soccorro ! Soccorro !







## *Um anniversario*

**F**oi neste dia fatal, 6 de maio de 1886, que elle expirou.

Ha, portanto, 18 annos que F. Quirino dos Santos, individualidade imponente — desapareceu pela voragem tenebrosa do tumulo.

Lembro-me ainda, com profunda magoa, do asombro que se apoderou de todos os espiritos quando circulou a noticia da sua morte, quasi repentina.

Parecia impossivel. Era por uma manhã de outomno, fria e clara. Do azul deslumbrante, sem mácula, do firmamento, caiam torrentes de luz sobre a terra orvalhada e tranquilla.

Dir-se-ia que a Natureza cantava no infinito o hymno da felicidade universal. Que! pois seria possivel dar-se uma catastrophe tal, quando a alma da criação parecia toda voltada para o sonho feliz da vida? E no atordoamento da primeira emoção, houve quem duvidasse daquillo que desgraçadamente era um factó incontestavel.

Tombára para sempre aquelle athleta invencivel nas luctas do talento e da intelligencia, intelligencia

e talento que elle sempre puzera ao serviço das causas nobres, do amor á humanidade e a todos os principios sublimes do bem e do justo.

Na vida privada, como na vida publica, fôra esse homem extraordinario um modelo completo das mais acrisoladas virtudes. Sua vida passou entre um combate verdadeiramente heroico em pról da Patria, da familia e de todas as ideias que pudessem ser de real e reconhecida utilidade.

Só era igual ao seu enthusiasmo de poeta a bondade immensa do seu coração, sinceramente voltado para as cousas divinas.

No momento em que Quirino dos Santos deixava a vida terrena, e o seu incomparavel espirito voava ás paragens gloriosas da immortalidade, de harmonia com a sua candida e inabalavel crença, foi geral e unanime a consternação publica, pelo golpe cruciante que a causa democratica soffria, perdendo um dos seus maiores defensores, um dos seus mais intemeratos propagandistas.

Agora, 18 annos depois, a calamidade dessa perda maiores proporções assume, diante da falta irreparavel que esse valoroso combatente faz nas gloriosas fileiras dos que pugnam pela honra, pelos credits e pelo aperfeiçoamento da Republica.

Com que vigôr de sentimento e de affecto elle, com o encanto de suas esplendidas idéas de patriota sincero e com o poder da sua imaginação de poeta, servida por aquella sua eloquencia de luminosa lembrança ; com que vigôr, repito, e com que coragem espartana saberia apontar, ao povo, o caminho de seus direitos e de seus deveres, incutindo-lhe no espirito as sagradas verdades do evangelho social!....

A's vezes, para melhor vêl-o na minha imaginação, fecho os olhos e invoco a sua figura magestosa, que se me apresenta tal qual eu a via sempre nos seus dias claros e felizes. Supponho-o, então, deante da Patria, actualmente, contemplando, com

essa profunda tristeza que os factos anomaes produzem nos espiritos superiores, a obra da propaganda politica de que elle fôra um dos maiores vultos...

Vejo-o, então, sorrir, com aquelle seu lendario e implacavel sorriso que fazia o desespero das mediocridades do seu tempo, e que agora, na attitude em que a minha imaginação o colloca, vale por uma critica inteira, acerba, causticante, temivel, a essa comedia politica, que todos nós vamos mais ou menos applaudindo, como quem applaude cousas comicas, tão differentes desse candido e puro ideal republicano que elle tanto amou.

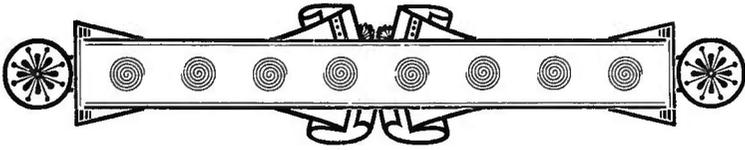
Se vivesse hoje, seria talvez um preterido, um desilludido, mas, com certeza, nunca seria um timido e nem se afastaria jamais do seu posto de honra nos caminhos da vida, para dar logar aos que, graças ás cousas inexplicaveis deste mundo, conseguem galgar o pincaro das glorias, com inteiro pasmo das multidões e delles proprios. Saberria reagir, vibrando os raios da sua palavra incendida, com os quaes fulminaria, como o grande Mirabeau nas vespervas da revolução, os crimes e a inepecia dos governos!

Mas.... o destino nol-o arrebatou para sempre, ficando-nos delle o nome, esse nome que é uma das nossas mais legitimas glorias, como o de um grande patriota que foi, um prosador inexcedivel, um poeta adoravel pela magnitude dos sentimentos que o inspiravam.

*Amparo — Maio — 1904.*







## *Entre arvores*

*Carta ao Dr. Hippolyto de Camargo.*

¶ Já quasi dois mezes, meu caro amigo, que estou a viver esta deliciosa vida do campo, tonificando os meus nervos e retemperando o meu animo profundamente abatido pelas contrariedades que de ordinario nos flagellam nos grandes centros.

Aqui não me importunam os ouvidos os echos da politica, e nem me apoquentam os despropositos dos pretenciosos vulgares, cujo bom senso anda, em perpetuo carnaval, correndo parelhas com a sua grammatica delles, verdadeiras calamidades sociaes uma e outra cousa.

Estou em pleno campo, ou antes, em pleno bosque, neste pittoresco e accidentado sólo do municipio do Amparo, longe da cidade e das *gares* de estradas de ferro, continuando, á sombra das arvores, o meu sonho querido de uma patria livre, inteiramente destituida de ambiciosos famelicos e de injustiças revoltantes.

Gesner e Florian estariam perfeitamente bem aqui; Virgilio, se resussitasse, acrescentaria certamente novos e por ventura mais ternos e inspirados versos ás suas immortaes *Bucolicas*.

Um encantador e piedoso *clauastro* para almas que soffrem e para cabeças que sonham.

Desde a collina que me fica em frente, até o lugar onde me acho, estendido sobre a relva escrevendo a lapis, não ha senão arvores seculares de luxuosa roupagem esmeraldina, uma vegetação exuberante e esplendida, flores silvestres de variadas cores e variadissimas fórmãs, regatos que murmuram o eterno e inimitavel psalmo das solidões, e sabiás que soluçam na quietação sombria dos recantos frondosos.

Não leio, scismo, o que importa dizer que aprendo mais do que nunca, porque ouço as grandes e sublimes lições da natureza, a mãe terna e adoravel que não sabe a linguagem das mentiras e das paixões.

Corre manso e tepido o tempo, todo luz e todo aromas, convidando ás aspirações pacificas e aos sentimentos bons.

E' surprehendente e bizarro tudo isto que se está vendo agora !

Houve, eu acredito, no grande machinismo theatral com que a natureza nos prepara, todos os annos, as suas invariaveis e maravilhosas mutações dramaticas, qualquer desmancho incomprehensivel que levou a eterna e sublime empresaria a substituir, á ultima hora, a pungente tragedia do inverno pela encantadora comedia da primavera.

A *claque* universal, em vez de patear a surpresa faz-lhe antes uma ovação esplendida, uma apothese immensa com raios de sol, torrentes de luar, um turbilhão de flores e um diluvio de passaros que cantam !

Subo ao alto da collina para apreciar o grandioso spectaculo. Tudo o que me rodêa tem o toque artistico de uma graça infinita.

Sinto-me bem, e respiro largamente. A liberdade é isto; não póde ser senão isto...

Olha, meu amigo, o meu altruismo vae neste momento ao ponto de eu ter pena até de toda a gente que não gosa, como eu agora, desta doce compensação aos dissabores da vida — a paz dos campos e a tranquillidade da consciencia.

Se pudesses vêr como corre animada por aqui a festa primaveril!...

Os laranjaes estão floridos em pleno Julho; os dias succedem-se crystalinos e mornos; as arvores trajam pomposamente, as noites são cheias de luas saudosos. Uma verdadeira delicia o céo, e um incomparavel paraíso a terra!

Ah! Se não houvesse nella monstros, dos de fórma humana, como pesaria a ti e a mim a idéa da morte que nos hade arrancar á contemplação de todas estas bellezas!

Desculpa-me, se te fallo assim, quasi em verso, meu bom e caro poeta, a quem tanto estimo e admiro. Nós somos, por ventura, dois doentes incorrigiveis: padecemos de lyrismo agudo, molestia esta que não faz mal a ninguem, e em todo o caso muito menos assustadora que a da mania politica que faz actualmente deste nosso paiz quasi que um grande hospital de loucos!

Queres saber noticias da minha pessoa!

Pois ahi as tens: acho-me actualmente em uma fazenda de café, no doce remanso de um lar amigo, eu e minha familia.

Estou aqui como que ao abrigo das grandes tempestades.

Não leio jornaes, e não me encontro com artigos de fundo... Vê tu que felicidade!

O estabelecimento agricola em que me acho não é dos maiores, mas dá boa safra. Quando não estou na contemplação da natureza, absorve-me todo a contemplação dos trabalhos do café, no amplo terreiro da casa.

Que prodigiosa faina, meu Deus!

A colheita aqui, não sendo muito grande, é contudo maior que a do anno passado, mas nota-se, com uma certa surpresa, o phenomeno extraordinario de que a maturação do café correu bastante desigual.

Ha grande quantidade de *verde*, geralmente; mas, como a côr verde significa — esperança, — dizem os nossos bons caipiras que isto é bom signal; quer dizer apenas que ha muito a esperar do futuro.

Valha-lhes, ao menos, isto.

Quando todos trabalham, eu ponho-me a olhar para esses homens robustos e fortes que carregam ás costas saccos de quatro arrobas de café, talvez mais facilmente do que eu sustento entre os dedos este pobre lapis.

Que pesar que tenho então!

E queres saber o que faço em tal conjunctura?

Aproveito o feliz ensejo, chamo um filho meu, o Carlos, que tu conheces, e que tem apenas sete annos de idade, faço-o empunhar uma vassoura e mando-o ajudar na varredura do terreiro. E' bonito e consola-me nestes momentos, vel-o de pés no chão e calças arregaçadas, de mistura com colonos e *camaradas*, fazendo difficilmente por se sair bem da empresa.

Ensino-o assim a trabalhar e a tomar gosto pela vida agricola.

Se um dia vier a ser politico militante, (Deus o livre d'isto) quero ao menos que seja um novo Cincinnato: quando estiver aborrecido, profundamente enojado dos despropositos da politica, correrá para o campo onde dirigirá o arado ou tomará uma enxada, deixando lá pelas cidades os desgostos e os falsos patriotas.

Não será, d'este modo, testemunha de anomalias medonhas, d'essas que soem acompanhar as evoluções politicas e sociaes dos povos, cuja autonomia ainda não está garantida pela superioridade de sua

instrucção e de sua educação civica. Fugirá a espectaculos deprimentes que tanto se pódem dar nos Imperios como nas melhores Republicas, assim, por exemplo, a reproducção daquélle celebre acto de um imperador romano que fez de um cavallo...

Mas, para que falar de cousas tristes?

Começar pela primavera e acabar pelas desgraças humanas, é dar prova de máu gosto.

O campo, a solidão, a paz, eis ahi a verdadeira felicidade.

O agricultor brasileiro é, por ventura, hoje o ente mais feliz do mundo. O café é o unico genero, a industria unica que ainda resiste á força dos impostos e á elevação dos preços de tudo o que é indispensavel á vida.

De resto, no campo não se faz politica; quando muito, um ou outro desoccupado, como eu, faz madrigaes, scisma, sonha, e atira a alma aos ventos.

Emquanto Caim não teve inveja de Abel, a vida d'estes dois camponios era uma verdadeira delicia. E eu, com franqueza, levo vantagem a estas duas entidades biblicas, não tendo inveja de nenhuma outra creatura humana, por mais feliz que seja.

Como Moysés, subo ao monte para me communicar com o Senhor, e espero tranquillo que me chamem para almoçar, pensando, como um certo grande philosopho, que para um homem ser perfeito, precisa corrigir-se todos os dias de um dos seus grandes defeitos.

Neste ponto da minha epistola, sôa ao longe a alegre busina chamando para a segunda refeição matinal. São dez horas: abelhas zumbidoras trabalham em torno das flores, arrancando-lhes gota a gota o delicioso nectar com que hão de encher prodigiosamente os cortiços.

Borboletas dansam na atmosphaera crystalina e perfumada, e os leves *beija-flores* quedam-se em

sensuaes espasmos sobre os lyrios silvestres de varias côres que esmaltam os bosques.

Delicioso momento !

Chamam para almoçar. A metade do meu ser, que não é propriamente humana, aquella metade de que fala Pascal, desperta emfim, e deixa o sonho para acudir ao chamado da busina.

Comer, viver... gozar... eis ahi o inverso da sombria exclamação do Hamlet — dormir.... sonhar... sonhar...

Ouve, meu caro amigo, e admira : — o que se come por aqui está longe de ser o que comia S. João no deserto, ou isso que usavam pastores das éras primitivas. Nada de gafanhotos, nem de mel, nem de raizes cruas, nem de ambrosias.

O que aqui se come, é isso que acaba com as pobresas, do sangue, com as chloroses, com as faltas de globulos sanguineos... com o inferno da fraqueza, emfim.

Devoram-se costeletas de porco, ovos, *quiréra*, *passoca*, bôlos deliciosos amassados com leite, e tudo o mais que constitue a mente sã em corpo sã...

Com tal regimen de vida, é impossivel que não fuja espavorida a minha ultima nevróse...

Comer, sonhar.... e não ler artigos politicos...

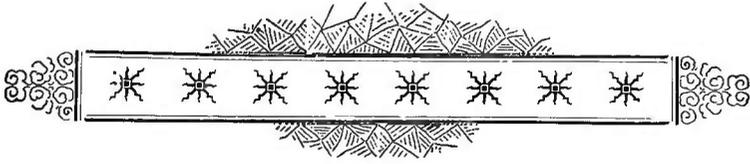
Conheces tu felicidade maior ?

Teu do coração.

CARLOS.

*Julho, 31 de 1896. — Est. de Pantaleão.*





## *O grande Kneipp!*

¶ O velho padre allemão, o famoso Kneipp, é, nada menos, que o laureado semi-deus da época. O bom pastor de almas e de doentes desenganados, está na ordem do dia, em toda a parte do orbe!

Medico sublime, cuja unica pharmacopéa consiste simplesmente nessa cousa tão facil e tão ao alcance de todo o mundo — a agua fria — elle deixa cair um olhar de commiseração sobre a triste humanidade enferma, e abrindo os braços e engatilhando nos labios o seu mais adoravel sorriso de velho, parodia o Divino Mestre, exclamando:

— Deixae que venham a mim os pobresinhos enfermos.

E' uma delicia isto. Faz collossal successo o seu bello e fresco systema hydrotherapico, ou, como se costuma dizer das boas peças, em giria theatral — faz furor!

E' um systema absolutamente proficuo, miraculoso, infallivel quasi, o que faz com que o já agora lendario ancião, seja elevado á altura descommunal de uma invejavel notoriedade.

Com effeito, força é reconhecer que o banho frio, pela manhã, depois de uma noite de sonhos pesados e tristes, ou mesmo depois de um somno de oito horas tranquillo e feliz, traz ao espirito das creaturas a alegria, a coragem, a predisposição para os affectos brandos, e o que quer que seja de um bem estar indefinivel que torna a vida um verdadeiro encanto.

Após uma rapida immersão em agua crystalina e fria, por uma manhã fresca em que o azul do ceu deslumbra e o cantico das aves nos enternece a alma, como é consolador e vivificante o passeio ao ar livre, o exercicio, a liberdade, a actividade, aquecido tudo isto pelas torrentes gloriosas do sol nascente!

Depois de um banho de agua fria, um banho de luz tepida e acariciadora, — eis ahí a suprema ventura.

Contam-se maravilhas aos centos, que digo eu? — aos milhares, de curas produzidas pelas indicações do famoso cura, e eu creio, sem temor de errar, que actualmente entre os vultos mais proeminentes quer da politica, quer das letras ou das sciencias, tanto no velho como no novo mundo, nenhum d'elles se acha tão em evidencia, e nenhum tão popular como o do bom Kneipp, graças ao seu milagroso systema therapeutico.

E' um homem que está perfeitamente a caminho da gloria, e cujo nome é pronunciado entre benções por milhões de creaturas agradecidas.

Mas, tão extraordinario phenomeno explica-se cabalmente: é que acima de todas as ambições humanas, de todas as vaidades, de todo o orgulho e de toda a "impafia" do homem, está a fragil preocupação da saude, o instinto de conservação, o medo da morte, o desespero do naufrago que suspira por uma boia de salvação, esquecendo-se de que foi forte e soberano.

Parece um paradoxo, mas é uma verdade de profundo alcance philosophico : — ha alguma cousa na natureza do homem que sobrepuja a sua valentia de heróe, e isso, oh ! meus amigos, vem a ser o seu egoismo covarde, ao pensar que por intermedio de uma enfermidade qualquer hade forçosamente, um dia, pagar com a sua vida o inevitavel tributo á lei da destruição.

Tal é, em definitiva, o fundo de fortaleza do tão preconisado rei da criação !

Ficæ sabendo que, á hora em que escrevo, exactamente cinco da madrugada, homens que representam papel importantissimo na vida social, erectos, sisudos, severos, estão descalços, sem meias, tremulos, pallidos, a caminhar sobre a relva orvalhada dos seus jardins, seguindo, muito á risca, as prescrições do velho Kneipp, a fim de darem batalha a uma pavorosa dyspepsia que os atormenta ha dez annos !

Outros, inteiramente á *frescata* como Adão no Paraiso, estão juntos a um grande banheiro cheio de agua fria, receiosos do mergulho, pedindo a Deus forças e coragem para affrontarem a frialdade da agua que lhes ha de curar um diabo de rheumatismo que os flagela dia e noite.

Segue-se depois o indescriptivel pandemonium dos «nevroticos», os tremulos, os delirantes, os visionarios, os melancolicos, os que desmaiam, os que não dormem, as desgraçadas victimas do hysticismo, as mulheres chloroticas, os phantasmas amarellados das anemias profundas, os debeis, os que acreditam que a qualquer momento vão ter uma syncope e morrer, emfim todo o immenso bando dos desesperados de sangue, os que suspiram pelos *globulos vermelhos*, e sentem-se acabar aos poucos, diante desse verdugo implacavel que se chama — fastio, e dessa formidavel megéra a quem a sciencia denomina — lingua saburrosa.

Todos esses desgraçados têm os olhos no competente banheiro e o pensamento no velho e bom Kneipp, e esperam a prova suprema dessa cousa tão facil e ao mesmo tempo tão difficil — um choque de agua fria!

Mas, meu Deus! o que levou toda essa turbamulta de desventurados peccadores a esse miserando estado?

Apenas um crime imperdoavel deante da austera interrogação da razão scientifica; apenas isto — o abuso!

Aquelle, acreditando na eternidade da sua saude, hallucinado de orgulho deante da sua compleição athletica, entendeu que devia comer um boi por dia, como o glutão romano, e mettia todos os dias cerca de um boi ou de uma vacca no limitado estomago!

Dahi a dilatação daquelle importantissimo orgam.

Aquelle outro, sem methodo e sem amor ao dinheiro, comia as iguarias mais estimulantes e calidas, por ouvir somente as sollicitações de sua sensualidade, e tem agora o referido orgam todo cheio de ulceras e o figado a transbordar de bilis!

Dahi a gastralgia de que é padecente e que lhe põe na physionomia uns tons de verdadeiro defuncto.

O outro, passou pelo menos uns vinte annos a beber quarenta garrafas de cerveja por dia, de modo que está com aquelle inferno de «delirio tremente» a causticar-lhe a razão, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto!

Este amou de mais; entendeu, num bello dia, que este mundo é de quem mais pilha e mais gosa, e por não se poder rodear das onze mil virgens, rodeou-se de uma meia duzia de *hetairas* que lhe sugaram o dinheiro que era pouco, e toda a preciosa saude que era enorme!

Aquelle... é mais digno de compaixão, é a infortunada victima da «surmenage» o homem do trabalho excessivo, do peso enorme da cruz, sem

poder parar um momento para respirar e refazer as forças. Trabalhar, trabalhar, trabalhar sempre é o seu fadario, e disto lhe veio o horrivel supplicio do exgottamento nervoso, que o faz vacillar a todo o momento, pallido, tremulo, quasi cadaverico.

A este numero pertencem este seu humilissimo creado, e mais uns tantos que por ahi andam. . a fingir que são felizes a respeito de fortaleza de animo.

Agora, cá estão, tambem á beira do benefico, do estimulante banho frio, as martyres do hysterismo, as grandes heroínas dos bailes, flores machucadas prematuramente pelo inferno do espartilho, pelo calor do gaz e pelo delirio das valsas.

Fazem lembrar aquelles sombrios «Fantômes», de Victor Hugo, tanta é a magreza, tão profunda a pallidez de suas faces! .

Que importa isso, porém? Ahi está o grande Kneipp com a sua milagrosissima therapeutica: ahi está ao alcance de todos os grandes infortunados da saúde, a preciosa agua fria para concertar o estragado machinismo desse maravilhoso relógio que se chama organismo humano.

A quantos actos de admiravel heroismo nos leva este pasmoso instincto de conservação!

Imaginem que eu, antes de respingar a temivel agua fria pelo meu corpo desnudado, faço tres vezes o signal da cruz, dou tres gritos e quasi desmaio tres vezes!

E' por isto que admiro a extraordinaria coragem do meu velho e bom amigo José Maria Lisboa, a quem vi, um dia destes, a passear descalço, ás seis horas de uma manhã fria e nevoenta, pela relva orvalhada do seu bello jardim!

Disse-me elle, depois, que tem conseguido assim a certeza de que ha de viver mais uns vinte annos, pelo menos!

Bem sei que ha medicos que reprovam para certas doenças nervosas o uso da agua fria, antes

recommendam com todas as cautelas as abluções de agua tepida, temendo não sei que attentados cardiacos, e lembrando que um grande choque de ducha fria, ou mesmo a agua de um chuveiro podem causar crises repentinas, desequilibrios funestos, ataques inesperados, que sei eu? uma infinidade de cousas possiveis e impossiveis.

E a tal proposito, lembro-me de um facto que se deu ha tempos com um antigo amigo meu. Andava o homem todo cheio de estremecimentos nervosos, muito triste e muito abatido, já desilludido de cura provavel, tendo consultado todas as summidades medicas da cidade em que residia e as de fóra tambem. Todas ellas eram de opinião que a agua fria por forma alguma devia entrar na ordem das indicações aconselhadas pela sciencia.

Nada de banho frio, nada de ducha, diziam os medicos, mas o doente sentia-se cada vez peor.

Um dia lembrou-se de ir á Europa consultar as notabilidades de lá. Foi, consultou a primeira, e esta depois de ouvil-o e ausculta-o, bradou-lhe terminantemente — mas você do que precisa, meu caro senhor, é de agua fria, muita agua e muito fria, duchas por esse lombo abaixo, e verá que fica logo bom.

Dito e feito. O meu referido amigo foi para o hotel, pediu banho de chuva, despiu-se e começou o tratamento, e foi indo, e foi indo tomando alternativamente um dia banho de chuva, outro dia ducha, até que ao cabo de dois mezes estava completamente curado!

Quando regressou á patria tinha o corpo que era só banha, a cara apparentava a côr de um tomate maduro, e o olhar tinha os fulgores da vida bemaventurada, sem nervos, e por conseguinte sem neurasthenias!

Eis ahi operado o milagre. O systema Kneipp salvou este doente!

Mas, mesmo fóra dos casos de enfermidade physica, que grande satisfação que é para o espirito, que doce estímulo para a intelligencia um banho frio e a aprazível reacção que a elle se succede!

Estar a gente por alguns minutos sob a benéfica influencia de uma atmosphaera superior, saturada de humidade e do perfume agradável do sabão inglez; enxugar-se depois á pressa numa ampla toalha felpuda, e, para dar uns tons românticos á scena, esfregar um pouco de agua de Colonia pelo rosto, vestir uma alva roupa de linho fresco e cheiroso e sair... sorvendo o ar fresco e puro...

Que grande recreação para o espirito!

Taes são as prodigiosas vantagens do systema hydrotherapico de Kneipp, que já era antigamente o dos espartanos.

Eu confesso que ando maniaco com essa idéia, e cada vez me convenço mais de que, por exemplo, o meu respeitavel avô que morreu com perto de cem annos, usando sómente agua quente para banhos, morreria, certamente, com quasi duzentos annos se tivesse usado a agua fria!

Estudando-se a fundo o systema miraculoso do illustre padre allemão, chega-se á certeza absoluta de que não se morre mais no dia, nem na vespera, nem no dia seguinte, mas sómente no ultimo minuto da ultima hora de um seculo de cada vida humana, o que para alguns póde não ser uma felicidade.

Ha gente que não quer envelhecer...

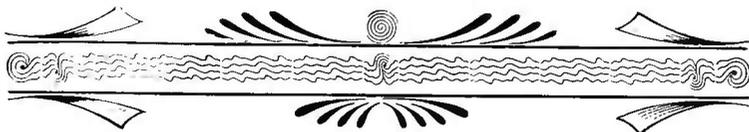
Para essa ha um bom recurso: é não mergulhar em agua fria, ou então abrir mão de tudo quanto é agua...

E prompto.

*S. Paulo, 1896.*







## Uma entrevista

(*Dumas Filho e o dr. Valentim Magalhães.*)

**S**OB o attrahente titulo “Carteira de um viajante”, publicou recentemente o distincto escriptor snr. dr. Valentim Magalhães, no *Estado de S. Paulo*, dois artigos em que dá ao publico contas da sua entrevista, em Paris, com o grande escriptor francez Alexandre Dumas Filho.

Aquelle titulo, e mais o sub-titulo — *Em casa de Alexandre Dumas*, despertaram intensa e natural curiosidade. Toda a gente, ou pelo menos todos os que amam as boas novidades literarias, apressaram-se a lêr a descripção da singular entrevista em que estavam — de um lado o pontífice da literatura dramatica da moderna França, e de outro um moço de incontestavel talento, poeta e prosador brasileiro, auctor de varios livros de merecimento.

De que maneira se deu a entrevista? Em que condições? Que disseram ambos? Que impressão deixou no animo do publico a leitura do occorrido?

Foi a mais hilariante possivel essa impressão, diga-se desde já, e o foi, simplesmente pelo inalte-ravel sangue frio e espirito caustico com que ambos os escriptores se debicaram (perdoem-me a vulgaridade da expressão) um ao outro, do alto das suas respectivas honorabilidades literarias.

Se como da primeira vez que procurou o famoso mestre, o sr. dr. Valentim Magalhães não o tivesse encontrado na segunda, que perda para os annaes das paginas divertidas, de ambos os paizes, e para quem morre de gosto por trechos desopilantes.

Sim, preciso é convir que o illustre auctor dos *Vinte Contos* provou cabalmente ao celebre vulto das letras francezas, que ha tambem no Brasil quem saiba ter espirito e maneje, com mais ou menos habilidade, a arma terrivel da ironia.

E senão, ahi vae a prova :

Em pleno salão do festejado auctor do *Demi-Monde*, num primeiro encontro, em uma visita de delicadissimas cortezias, no momento historico, preciosissimo e altamente significativo em que um moço de espirito peregrino, representante da joven America e do opulento Brasil, apresentava as suas homenagens a um dos maiores vultos literarios da velha França, qual devia ser a nota dominante da confabulação ?

Certo que um grande culto e um grande entusiasmo pelas letras. Uma distinctissima elevação de ideias e de sentimentos de parte a parte.

E' claro isto.

O dr. Valentim Magalhães, fino observador da pragmatica, naturalmente era dominado por esse intuito, porquanto, antes de entrar no salão do mestre, olhou-se a um espelho e percebeu que estava apresentavel... que ia fazer uma brilhante figura.

Dumas Filho surgiu, emfim, á porta do salão, vulto imponente, velho e cançado, arrastando uma perna ao peso dos seus setenta e dois annos de idade.

Cumprimentaram-se, apertaram-se as mãos, sentaram-se. Grande e geral expectativa nas cousas.

Começou então o dialogo em francez, falando em primeiro lugar o nosso gentil patricio. Suas palavras, como facilmente se imagina, eram como la-

grimas de fogos cambiantes caindo sobre a fronte gloriosa do autor da *Dama das Camelias*.

— Acreditae, mestre, disse o dr. Valentim, após breve pausa, as vossas obras primas são conhecidissimas no meu paiz. Os vossos dramas sublimes têm sido alli infinitamente representados.

— E disto ainda não vi... nem *um vintem!* observou, de um só jacto, o grande mestre.

Após esta palavra — *vintem*, atirada assim de chofre ao rosto de um hospede distincto e nimia-mente delicado, artista por indole, o dr. Valentim Magalhães fez uma pausa, recolheu o mais possível as suas profundas commoções e respondeu promptamente:

— Pois a culpa é sua, somente sua, adoravel mestre.

E o seu organismo grandemente nervoso sentiu um forte abalo, ao cair-lhe n'alma, em cheio aquelle som metallico, fino e vibrante como o do bronze — *um vintem!* Quem tal diria! Quem tal esperaria?

O escriptor brasileiro, porem, não se desconcertou, preparou-se para a situação e repetiu:

— É' unicamente sua a culpa, meu caro sr.

Aqui começou a batalha das ironias, em que o nosso joven patricio teve a habilidade de *lavrare um tento*, diga-se em honra á verdade, respondendo com espirituoso gracejo á phrase pesada do illustre dono da casa.

— Eu culpado? interrogou Dumas: como?

— Não procedendo contra os que no meu paiz representam as suas peças, sem que lhe paguem os competentes direitos de auctor.

— Homem, é verdade! agora comprehendo que é isto mesmo.

— Mestre! persiga judicialmente os que abusam no Brasil dos fructos dos seus grandes labores intellectuaes. Para isso torna-se necessaria a intervenção

de um advogado... Quer um para a defesa dos seus interesses lesados? Aqui estou eu. Sou do officio...

Dumas Filho, não conhecendo o Brasil, nem sua literatura, nem seus artistas, nem seus homens de espirito como elle mesmo confessou, não percebeu a ironia, e diante d'aquella proposta seductora sorriu e concordou, possuido do demonio da ambição, esquecido de que o seu distincto hospede fôra á sua presença para saudal-o como gloria universal, e não para pedir-lhe serviços de advocacia.

E accrescentou :

— Sim, concertemos um plano de ataque. Dou-lhe uma procuração minha, arranjo-lhe outra do Sardou.

— Quero tambem uma do Zola, interrompeu o dr. Valentim.

— Pois sim, obter-lhe-ei tudo isso, e o sr. vae já levar cartões de apresentação para essa gente toda. E veja se me arranja o cobre...

O salão do mestre transformára-se então, como por encanto, em um gabinete de negocios; os dois literatos tinham os respectivos aspectos de advogado e cliente; o primeiro para vingar-se da offensa que lhe causára aquella palavra — vintem, a fingir-se muito serio; e o segundo, não percebendo a pungente ironia, pensando muito naturalmente que ia augmentar os seus milhões com os dinheiros arranjados no Brasil.

Impagavel! Originalissima comedia!

— Conhece, acaso, um famoso Furtado Coelho, do meu paiz, que chega a ser ideal no desempenho do protagonista do seu incomparavel *Demi-Monde*?

— Que não, respondeu Dumas; que nunca ouvira falar em tal nome. Mas que importava? Cobrasse tambem ao tal Furtado, levasse-o á barra dos tribunaes... puzesse para alli os lucros dos seus direitos de auctor.

E foi fazer os cartões. Pouco depois, voltando ao salão entregou-os ao seu advogado, e este despediu-se afirmando ao mestre que havia na America um paiz chamado Brasil, o qual possuia um bom numero de literatos, como por exemplo...

— Bem, neste caso, seja feliz na sua missão, e passe por lá muito bem.

O dr. Valentim retirou-se depois de representar correctamente o seu papel, e tendo o outro, com franqueza, representado muito mal o seu.

Após alguns dias, dá-se um episodio imprevisto, meio dramatico, de uma atrapalhação deploravel.

O distincto advogado volta pela terceira vez á casa do celebre cliente, provavelmente para continuar a vingar-se da questão do *vintem*, mas aquelle que pelos modos começa a comprehender a brincadeira, nega-se, pelo auctorizado orgam de um criado.

O dr. Valentim sae, não se molesta, antes sente-se alegre e satisfeito, e vae pelo «boulevard» fóra ao encontro de fructas e flores. Nisto apparece ao longe o criado, correndo, o tal do famoso dramaturgo. Chega-se ao dr. Valentim e pede-lhe a bondade de voltar, dizendo-lhe que seu amo está em casa e o espera.

— Mas, não estava agora, neste momento... você mesmo o disse, *seu* tratante!

— Estava, sim; eu é que pensava que não. Queira fazer o favor de ir...

E o literato brasileiro foi, para continuar o jogo de espirito e declarou ao mestre que não tinha encontrado nem o Zola, nem o Sardou, nem ninguém, mas que vinha para o seu paiz encetar a perseguição aos taes, a começar pelo velho artista Furtado Coelho.

— Pois vá, vá sr... Peço-lhe que, quando passar por Portugal, recommende-me muito a um amigo que lá tenho. Não se esqueça tambem de me dar notícias suas.

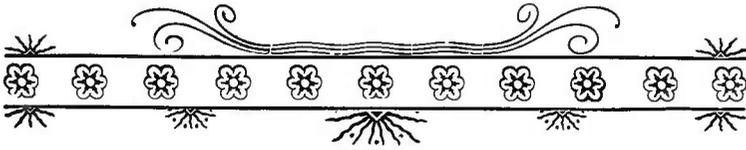
E o applaudido escriptor brasileiro sahio muito serio, satisfeitissimo da vingança, a rir-se por dentro, do episodio mais engraçado de sua viagem á Europa.

Quanto ao grande homem, o pobre Dumas lá ficava, para alar-se, pouco depois, ás infinitas regiões da gloriosa immortalidade.

A esta hora, quem sabe? está elle talvez a relatar ao Divino Mestre dos mestres a espirituosa comedia do seu encontro com o moço Valentim.

E com que gostosas risadas commentarão elles o original encontro !...





## *Ha trinta e nove annos !*

(PALAVRAS AO MEU ILLUSTRE AMIGO PADRE ANGELO GAZZA)

**M**ENHO ás vezes o sestro, meu bom amigo padre Angelo, de reler antigos papeis, cousas a mim escriptas, ou por mim escriptas ha longo tempo, e as quaes conservo cuidadosamente em minha modesta pasta.

Ordinariamente isto acontece nos dias chuvosos ou em dias claros de sol ardente, como hoje, quando o demonio do «spleen» me toma de assalto o animo e os nervos.

Remexo então esses papeis, e o meu amigo nem imagina que mundo de recordações ora alegres, ora tristes; que saudades infinitas e por vezes que arrendimentos e remorsos me povoam o espirito!

Hoje, 25 de outubro do anno da graça de N. S. Jesus Christo de 1902, deu-me a mania para me entregar a esse piedoso passatempo que ao mesmo tempo tem alguma cousa de funereo e de satanicamente alegre.

E' uma especie de conversa com finados, em plena necropole, ao perpassar do sopro gélido do paiz da morte e ao som cavo e gemedor que as brisas da noite arrancam ás velhas ramarias das casuarinas.

Leio cartas de amigos que já não vivem, leio versos e artigos a mim offerecidos em diversas épocas remotas, e que eu guardo com religioso respeito como quem guarda reliquias, e por fim leio os primeiros versos philosophicos que escrevi, na minha juventude, quando apenas eu contava dezesete annos de idade e não tinha ainda a alma contaminada por essa sinistra molestia do seculo que se chama—descrença.

Ao lêr os versos lembrei-me do meu bom amigo e recordei as palavras ungidadas de tão grande piedade e de tão profunda fé que ha dias eu tive a ventura de lêr nas paginas admiraveis dos sermões do seu monumental collega, o padre Montefeltro!

E resolvi então, em pleno anno de 1902, mostrar-lhe essas estrophes, para que o meu amigo possa ver qual era o estado de minha alma de criança em 1863, isto é, ha trinta e nove annos!

Eil-as :

## O SCEPTICO

Homem! e és tú, que ousado soltas  
Blasphemia horrível, que nem feras brutas  
Ousariam soltar, se voz tivessem!

J. DE LEMOS.

Quem és tú, homem horrível  
Que te mostras insensível  
A' clara voz da razão?  
Porque vives luctuoso,  
Porque te vejo queixoso,  
Quaes são teus males, quaes são?

Quem és tú ? Porque no rosto  
Mostras sombrio desgosto  
Quando tão moço inda és ?  
Porque esqueces tua essencia,  
Porque insultas a existencia,  
E de um Deus justo descrês ?

Quem és tú, visão horrenda  
Que buscas a escura senda  
Da morte, na flôr dos annos ?  
Que nem mesmo ante a belleza  
Dos quadros da natureza  
Foges aos sonhos insanos ?

Quem és, maldicto phantasma  
Que respiras o miasma  
D'uma vida de torpeza ?...  
Que vaes deixar teus pesares  
Nas trevas dos lupanares  
Ante a imagem da impureza ?

Quem és tú, que vaes a medo,  
Revelar o teu segredo,  
Da noute á treda magia,  
Quando na sombra se agita,  
Essa blasphemia infinita  
Do desespero da orgia ?

Quem és tú, homem horrivel  
Que despresas insensivel  
A doce voz da razão ?  
Ah ! bem sei ! — trazes na fronte  
Como em sombrio horisonte  
Lampejos de maldicção !...

Dizes em louca vertigem  
Que da vida o nada é origem  
E que Deus é um nome vão !  
Negas teu pae, filho ingrato,  
E cuidas, pobre insensato,  
Ser tudo eterna illusão !...

Homem da dôr! eu lamento  
O teu insano tormento,  
A tua acerba loucura!  
Olha os fructos dos teus sonhos:  
— Pesares, dias tristonhos,  
— Saturnaes da desventura!...

O' victima do delirio,  
E' espantoso o teu martyrio,  
Teu contacto é lethal!...  
Nunca um raio d'esperança  
Ha de trazer a bonança  
Ao horror desse teu mal!...

Pobre louco, em dôr immensa  
Viverás sem luz, sem crença  
Labutando nessa ancia,  
Té que a morte destemida  
Te arranque a hórrida vida  
Votada á negra ignorancia!

Ergue-te, ó homem maldicto,  
Soou além no infinito  
A immensa voz da razão...  
Do castigo a hora sôa...  
O mundo te amaldiçoa...  
Resta-te Deus... e o perdão!...

Veja com que ares de auctoridade moral falava  
eu aos scepticos, na época de minha dulçurosa ju-  
ventude!

Bons tempos! Bellos tempos esses! Saudosas  
recordações!...

A minha musa, sacudindo a plumagem alva  
como o ideal de todas as virtudes, e fitando o sol  
radiante das illusões do amor, tinha desses arroubos  
deliciosos que se perdiam no azul do infinito, quando  
ella procurava sanar a sua sêde immensa de ver-  
dade e de justiça!

Nessa divina quadra de puerilidades infantis, ella, a misera sonhadora, ainda não conhecia as desillusões amargas, e nem o charco da vida, e nem as villanias da politica e menos ainda a torpesa e a ingratiidã dos homens.

.. ... ..

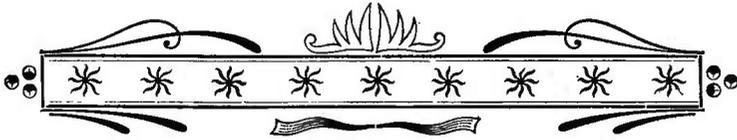
Felizmente, sobre o montão de ruinas que ficou, erguem-se triumphantes e gloriosos estes dois ideaes impereciveis: — o culto da familia e o culto da amisade.

Para a felicidade real, é quanto basta.

*25 de Outubro, 1902.*







## *As minhas visitas ao Imperador*

**Q**UINHA eu chegada á Côrte havia já alguns dias, e entretanto não achava meio, nem geito de ir a S. Christovam agradecer pessoalmente ao Imperador a mezada que elle me havia espontaneamente offerecido, e que eu, a instancias de varios amigos, havia accettato, mezes antes, na minha provincia natal.

Confesso a lamentavel fraquesa... Eu sentia invencivel acanhamento, um quasi terror de me apresentar ao bondoso monarcha, somente pelo simples facto de ser elle um Imperador.

Como? Pois eu, modestissimo provinciano, sem nenhuma experiencia das formalidades do *grande mundo*, bisonho e pacato, vestido ao molde lá da minha cara terra, havia de entrar por um palacio a dentro, afim de cumprimentar um homem que sustentava na cabeça uma corôa e se sentava em um throno?

Impossivel. Faltava-me a coragem, e por mais que eu estudasse e ensaiasse a maneira de me apresentar a S. Magestade, menos apto me sentia para o arrojado acto, a indispensavel visita.

E comtudo, o meu correspondente, fiel observador de etiquetas palacianas, não cessava de me dizer que eu fosse, que era dever meu ir, que não demorasse mais, que o Imperador era um excellente homem, muito lhano, muito democrata.

Que fosse, que fosse.

Eu promettia ir, sentia-me forte na occasião, bem disposto, achando que tudo era muito natural e facil.

A' tarde, depois de convenientemente vestido, dirigia-me ao largo de S. Francisco de Paula, tomava a *diligencia* de S. Christovam, (era no tempo das *diligencias*, 1866) e apeava no portão da Imperial Quinta da Boa Vista.

D'ahi, porem, não passava, e tal era a repugnancia, ou, como melhor direi? a fraquesa, a indisposição do momento, taes eram os batimentos do coração, que eu resolvia voltar para a cidade, desolado e aborrecidissimo, profundamente descontente commigo mesmo.

Assim estive até o oitavo dia, tendo ensaiado inutilmente trez vezes falar ao Imperador, para agradecer uma cousa que eu, afinal de contas, não havia solicitado.

\* \* \*

Como costuma succeder aos homens de vontade vacillante e de commoções exageradas, deu-se em mim, num bello dia, o phenomeno singular que importa em inapreciavel virtude: fui atacado de uma resolução repentina, forte, inabalavel. Decidi-me a ir; fui, desta vez convencido da grave falta em que estava incorrendo.

A's cinco horas da tarde tomei um tilbury que passava na occasião em que eu sahia de casa, e dissé resolutamente ao conductor: — leve-me a S. Christovam, Quinta Imperial.

Meia hora depois parava o vehiculo junto ao grande portão de ferro que dava entrada para a magnifica vivenda. Saltei rapido, e a passos acelerados fui subindo a extensa rua, margeada de bambús, que ia ter ao palacio.

Era uma bellissima tarde de Julho. Havia no espaço todo o encanto de uma primavera antecipada. O ceu era de um azul diaphano deslumbrante, e no ar tepido havia abundancias paradisiacas dos doces perfumes de murta, de jasmíns e de flores de laranjeiras. As ultimas settas de ouro do sol quasi a sumir-se, atravessavam a folhagem luxuriosa do cimo das mais altas arvores do delicioso parque.

Pensando no turbilhão de felicidades em que naturalmente devia viver engolphado o Imperador, chegei á porta do palacio, onde dois soldados faziam negligentemente a guarda. A um delles perguntei se podia falar a S. Magestade.

O incorrecto defensor da Patria lançou-me um olhar de pouco caso, e, voltando-me as costas respondeu-me que era tarde, que a audiencia já tinha acabado, que viesse mais cedo no dia seguinte.

Horriavel decepção!

Ia eu bater em retirada, levando commigo um grande desconsolo, quando quiz o deus dos afflictos que nessa occasião apparecesse á porta do palacio, o velho senador Cruz Jobim com quem eu travára relações de amizade recentemente no Rio Grande do Sul, factó este a que alludirei mais adiante. Ao dar commigo ahi, e comprehendendo a minha intenção, mostrou-se o antigo titular muito alegre, exclamando:

— Já sei que veio apresentar-se ao Imperador ...  
Fez bem, fez muito bem. Vamos subir.

— Mas, é tarde sr. senador; acabo de saber que a hora é impropria.

— Sim, sim, mas eu vou avisar S. Magestade de sua presença, e elle o receberá. Espere um pouco.

E subiu as escadas para participar ao Imperador que eu solicitava a honra de ser recebido. D'ahi a pouco voltou, convidando-me para subir tambem.

O coração batia-me apressadamente. Era chegado, enfim, o momento de eu falar ao monarcha, para lhe dizer, nem eu sabia mesmo o que....

Entrámos por uma ampla sala, atravessamola e fomos ter a um largo e comprido corredor, uma especie de galeria com janellas que deitavam para um vasto páteo, em cujo centro havia um grande chafariz, com um valente e phantasioso repuxo d'agua, a qual, cahindo sobre uma larga bacia de marmore, produzia um ruido monotono e triste no meio d'aquelle silencio, mais de um claustro que de um palacio imperial.

O senador tinha me deixado ahi só, encostado a uma das janellas a contemplar o repuxo. Quando desviei os olhos do crystalino esguicho foi para pol-os na figura imponente do Imperador que vinha asso-mando no extremo do corredor, em direcção a mim.

Apressei-me a ir ao seu encontro, meio tremulo e muitissimo atrapalhado.

O sr. D. Pedro, parando e estendendo-me a sua mão, sorriu, lançando um olhar investigador por toda a minha pessoa. Provavelmente notou desde logo que o meu modo de trajar estava em contradicção flagrante com a moda então em vigor na capital do Imperio. Usavam-se calças muito estreitas, e as que eu vestia eram consideravelmente largas.

Pensando nisto, na occasião, mais se me augmentou o embaraço, a ponto de estar quasi prestes a tomar a mais desesperada e escandalosa das resoluções—fugir, fugir apressadamente, deixando no

meio da galeria, transido de pasmo, o vulto magestoso daquelle homem alto e gordo, de longas barbas louras, mettido na sua respeitavel casaca preta!

Fugir! Não! Felizmente pude conter-me, e depois de ter feito uma leve menção de beijar a mão imperial, intentei dizer alguma cousa, que eu mesmo não sabia o que era!

O soberano, comprehendendo toda a minha difficil situação, veio bondosamente em meu soccorro, dizendo-me com solicitude:

— Folgo de vê-lo. Ainda bem que cá está. E sorrindo de novo, interrogou-me:

— Então, quando chegou?

Sem calcular o alcance da resposta que ia dar, destituida de verdade, disse-lhe eu, depois de curto silencio:

— Cheguei ante-hontem, senhor...

— Mas, como? tornou o Imperador. Pois se eu vi o seu nome ha oito dias na lista dos passageiros do vapor *Gerente*...

Neste ponto foi extraordinario o choque que recebi. Era impossivel qualquer emenda, e nem se podia ter dado o phenomeno do meu nome ter vindo adiante e eu ter ficado atraz. Alem disto, eu estava longe de suppor que o sr. D. Pedro, Imperador do Brazil, se desse ao trabalho de ler listas de passageiros.

Tinha-me elle apanhado em imperdoavel falta, offensiva á verdade. Provavelmente eu devia ter ficado muito vermelho, tal foi a onda de sangue que me subiu ao rosto.

— Ah! sim, é isso mesmo, foi ha oito dias... enganei-me, perdoe-me V Magestade, foi um engano.

O sr. D. Pedro mostrou-se ainda uma vez benevolo e caridoso acudindo-me no meu quasi comico desapontamento.

— Diga-me, que tal achou a nossa bahia, que impressão lhe fez o panorama?

— Esplendida, senhor, esplendida, arrebatadora!

— Bem, bem. Agora é preciso cuidar dos seus estudos, venha sempre me ver... Adeus.

Nessa ocasião entrava, e passava por junto de nós, sobraçando uma enorme pasta, o notavel estadista conselheiro Angelo Muniz da Silva Ferraz, Barão de Uruguayana, então ministro da guerra.

O Imperador dirigiu-se a elle, depois de me estender de novo a mão para a formalidade do costume. Fiz novamente leve menção para beijal-a, e sahi, ganhei o salão de entrada, desci apressadamente as escadas, cheguei ao átrio, passei por junto dos guardas com ares soberanos de vencedor, dei commigo na rua e encaminhei-me célere ao portão da Quinta para voltar á cidade. Era quasi noite, acendiam o gaz, havia já estrellas no ceu e andavam pelos ares ondas embriagadoras de perfumes de flores de jardins e de flores sylvestres. Como era bom viver assim!

O tilbury estava á minha espera. Metti-me nelle, e respirando largamente, como se me tivessem tirado do cima do peito um grande peso, bradei ao conductor, numa grande expansão de alegria:

— Para a cidade, rua dos pescadores 36!

Quando cheguei á casa, estava radiante, tinha cumprido um grande dever,—visitára o Imperador!

Mas... muito mais tarde é que me lembrei de que eu não tinha feito o essencial... Esquecera-me de lhe agradecer a concessão da mezada que me elle offerecera generosamente, e que eu acceitára a instancias de varios amigos.

Estava claro, porem, que na minha visita se continha implicitamente o meu agradecimento....

\* \* \*

A historia d'essa mezada ou pensão imperial, a que vim alludindo nas linhas anteriores, é simples, e della tiveram e têm conhecimento os meus melhores amigos, antigos e modernos.

Desde a mão munificente de S. Magestade o Imperador até ás minhas mãos, veio-me essa graciosa offerenda nas azas de uma modesta poesia.

Digo modesta, não escrevo—gongorica, bombastica ou cousa equivalente para não tomar eu mesmo ares impiedosos, aliás pedantescos, de critico da minha propria obra.

Veio-me nas azas de uma poesia, repito, escripta por encommenda, sem outra preocupação que não fosse attender ao pedido de um amigo, posto que entrasse tambem na confecção do trabalho uma certa dóse, muito louvavel, de patriotismo.

Corria o anno de 1865; estavamos em plena guerra com o Paraguay, tendo uma parte do seu exercito ao mando de um general imprudente e louco de audacia, transposto temerariamente as nossas fronteiras e invadido a cidade de Uruguayana.

Toda a gente medianamente enfronhada em historia patria, inda se deve lembrar d'esse trecho moderno da nossa vida nacional. O Brasil inteiro tremeu de indignação, o Rio Grande do Sul, a grande e valorosa provincia de todos os tempos, ergueu-se como um leão e, fortalecida pela bravura incomparavel de seus valentes filhos, atirou-se sobre o inimigo, repellindo-o com essa furia e com esse denodo de que sempre fez ostentação nos momentos criticos da sua gloriosa existencia.

Tocado pela violenta corrente de patriotismo que electricava todos os corações de norte a sul do paiz, o Imperador resolvera deixar a Côrte e ir

incontinente, elle proprio, ao ponto que se achava invadido pelo inimigo, e assim foi que dentro de poucos dias chegava S. Magestade á capital do Rio Grande do Sul, d'onde immediatamente partiu com direcção a Uruguayana, affrontando intemperies e disposto a sacrificar a vida, se preciso fosse, em defesa da Patria.

Foram enormes por essa occasião, foram indescriptiveis as explosões do entusiasmo popular, diante da galhardia e do valor com que se estava portando o illustrado monarcha.

Dois meses depois, quando S. Magestade regressou a Porto Alegre, depois de ter o inimigo abandonado a posição que occupara por pouco tempo, o povo o recebeu com verdadeiro delirio, fazendo-lhe a mais estrondosa ovação que é possivel imaginar-se.

No dia seguinte ao da sua chegada, a municipalidade resolvera offerecer-lhe um grande baile no respectivo paço, e para tal fim puzeram-se em pratica os planos mais brilhantes e as ideias mais delicadas e emocionantes.

Fui então procurado pelo meu amigo Joaquim Francisco de Souza Motta, um dos mais distinctos e talentosos artistas dramaticos brasileiros d'aquelle tempo, declamador sem rival, sempre muito applaudido e acatado pelo publico, e d'elle tive o pedido para escrever uns versos que deveriam ser recitados na noite do baile, perante o Imperador.

Sobresaltado com tão melindrosa e singular lembrança, fiz ver ao notavel artista a impossibilidade de acceder eu a uma tal ideia, pela falta de envergadura para o caso em questão. Fallecia-me a competencia para escrever versos que requeriam, primeiro que tudo, larga inspiração épica e uma valentia de expressão a que não estava affeita a minha pobre musa lyrica. Taes foram, porem, as

instancias de Souza Motta, tão insistente se tornou o artista para commigo, que não houve remedio senão eu prometter-lhe os versos que deviam ser recitados por elle, em honra ao Imperador, em pleno salão do baile!

Fiz das fraquezas forças, e para me livrar da quasi impertinencia do meu amigo, escrevi a desejada poesia em estylo altisonante, grandiloquo, estrondoso, como se estivesse soprando desesperadamente na grande tuba épica do immortal Homero! Escrevi os versos, entreguei-os ao artista que, após lêl-os, com crescente e febril enthusiasmo, declarou-me n'um grande transporte de contentamento, que era inevitavel, depois d'aquillo, a gloria, a apotheose, o delirio da multidão, que sei eu? um mundo de cousas phantasticas e de uma exageração que me fizeram duvidar, por alguns momentos, do bom senso do meu presado amigo. A sua affectuosa expansão parecia estar prestes a attingir as fronteiras da loucura!

\*  
\* \* \*

O baile realisou-se. Tudo quanto havia de notavel na sociedade porto-alegrense em politica, letras, artes, commercio e industria, ahi se achava. O resultado, porem, da recitação da poesia foi o mais desastroso para mim, tanto quanto glorioso para o artista. Imagine o leitor que na fatidica noite da grande festa, pela volta das doze horas bateram apressadamente á porta da casa de minha familia, a qual, despertando em alvoroço, soube que eu era chamado áquella hora para comparecer perante o Imperador, no fulgurante salão da municipalidade!

Ninguem em casa sabia que eu commettera o delicto da tal producção poetica, e sem atinar com

a razão de tal chamado, houve mesmo, na familia, quem chorasse, suppondo que se tratava de minha prisão por qualquer motivo ignorado.

Aberta a porta da rua e chamado para ver do que se tratava, saltei da cama muito attribulado, e quasi que em trajos menores fui ver o que me queriam a taes horas.

A' porta estavam dois homens á minha espera: um era o meu excellento amigo Ignacio de Vasconcellos Ferreira, o grande poeta e jornalista; o outro, a quem fui apresentado na occasião, era o velho titular senador Cruz Jobim, que viera do Rio, fazendo parte da comitiva imperial.

Em nome de S. Magestade o Imperador, ambos apresentavam-me o convite para ir com elles... nada menos que á presença d'aquelle illustre hospede, que revelára desejos de me conhecer.

— Para que? Para que? perguntei-lhes, sob o dominio de uma forte impressão.

— Por causa da poesia, disseram ambos.

— Que poesia?

— A que foi recitada ha pouco pelo actor Motta, diante do Imperador...

— Ah! sim, sim... mas que tem isso?

Então o senador Jobim apressou-se em me explicar o effeito que os versos tinham causado: não imagina, clamava elle, não imagina, o successo, o barulho, a commoção, a agitação que produziu o seu trabalho.

— Mas vamos! Vamos! Elle está á sua espera.

Confesso que eu não me lembrava mais da tal poesia, que eu considerára, ao terminal-a, uma verdadeira estopada para me ver livre de um pedido que eu julgava superior ás minhas forças.

Finalmente tive que acceder ás instancias dos dois illustres emissarios, e da minha familia que era de opinião que eu fosse, pois que era extraordinaria a honra que o Imperante me concedia, facto este que não me despertava a menor vaidade.

Toda a gente de casa, uma vez sabedora do occorrido, saltava de alegria, provavelmente por ver que havia na familia um vate de tal calibre!...

Fui me arranjar o melhor que pude, muito contrariado, e como a noite estivesse fria, vesti um amplo «sobretudo», notavelmente improprio de occasiões solemnes, e voltei ao encontro dos dois enviados que me esperavam á porta.

Ahi o senador Jobim, muito satisfeito e entusiasmado declarou-me que o destino tinha aberto diante de mim a luminosa estrada da felicidade, e deu-me um apertado abraço, declarando-se desde logo meu amigo e sincero admirador. E ficaram assim travadas as nossas relações de amizade.

Dez minutos depois estava eu em pleno baile, em face do sr. D. Pedro de Alcantara, Imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil!

\*  
\* \*

A poesia em questão, causa efficiente dos supplicios porque eu ia passar, era realmente de molde a produzir descommunal alvoroço, graças ás hyperboles patrioticas e encomiasticas que continha aos punhados!

Pela primeira estrophe, que vae em seguida; verá o leitor sensato qual era o condimento de ideia e de estylo d'essa producção de que não guardo, valha a verdade, nem o original, nem cópia, nem mesmo lembrança completa.

Sei apenas que começava assim :

« Hosanna! Hosanna! Eu já vejo  
A' luz de aurora gentil,  
Da gloria o mago lampejo  
Aclarando o meu Brasil!  
Falsos apóstolos erguidos,  
Eil-os por terra abatidos,  
Eil-os curvados no pó!..  
Que quadro! Que exemplo vivo,  
Junto ao rei um povo altivo,  
Povo e rei—um vulto só! »

Em seguida a esta desfilavam as outras estrophes candentes, fuzilantes, em que o Imperador do Brasil era equiparado aos mais famosos e conceituados Imperadores da antiga Roma :

« E' prudente como Numa,  
Ousado como Pompeu! »

Como se vê, a surpreendente peça jaculatoria fazia lembrar um grande thuribulo d'onde voavam ondas cálidas de incenso que envolviam a cabeça escultural do semi-deus do dia.

Mas eu confesso do intimo d'alma, que não fôra nunca minha intenção, ao escrever os versos, lisonjear por interesse proprio a pessoa do Imperador.

Escrevi-os molhando a penna nas tintas do meu juvenil patriotismo, deixando-me levar pelas irreflexões de uma phantasia sem disciplina e sem o necessario criterio para actos como esse de que eu tinha sido incumbido.

Alem d'isso, eu visára o effeito artistico, muito recommendado pelo talentoso actor que devia recitar os versos. D'ahi a hyperbole imperdoavel de certas affirmativas da composição, onde aliás havia tambem muito espirito de justiça em relação á pessoa do bondoso monarcha.

Como quer que fosse, o que é certo é que eu tive de pagar caro o meu arrojio poetico, tendo de comparecer perante o heroe da festa, num baile de gala á meia noite, envôlto em um «sobretudo» que fazia o mais horrivel contraste com o brilhantismo e deslumbramento do local a que eu fôra conduzido.

Eu, tão avesso a todas as seducções da lisonja, e votando o mais decidido horror a todo o principio de subserviencia, via-me forçado a estar alli, diante de um poderoso, como auctor de uma obra de encommenda que poderia parecer escripta adrede para fazer jus á munificencia imperial...

Não descreverei aqui os detalhes d'esse momento critico em que me vi; é bastante dizer que pertence elle aos mais desastrados e desgraçados de toda a minha vida.

O Imperador, entretanto, foi de extraordinaria benevolencia para commigo; recebeu-me affectuosamente e felicitando-me, em rapidas palavras pela minha composição literaria, expendeu o seu juizo muito honroso e favoravel ácerca das minhas aptidões poeticas. Em seguida perguntou-me d'onde era natural e que idade tinha.

Respondi-lhe que nascera em Porto-Alegre e que tinha dezenove annos.

— Parece ter quinze, observou S. Magestade, e estendendo-me sua mão que eu apertei, convidou-me para comparecer no dia seguinte no palacio da presidencia, onde se achava hospedado.

E afinal sahi, seguido dos olhares curiosos de toda aquella multidão elegante que povoava o esplendido salão, como se eu fôra um animal raro, trazido á presença do Imperante como mera diversão da festa.

No dia immediato, ás oito horas da manhã, estava eu em palacio, onde S. Magestade me esperava, e onde depois de ligeira palestra literaria, me foi offerecida, graças á imperial bondade do sr.

D. Pedro, uma mezada, ou pensão, com a qual eu deveria ir estudar no Rio de Janeiro, ou em S. Paulo ou onde quizesse.

E eis ahi, pois, a historia, em traços rapidos, d'esse rasgo da generosidade do sr. D. Pedro II, de abençoada memoria.

\* \* \*

Seria tarefa fastidiosa e longa se eu me propozesse a relatar aqui toda a serie de episodios e todos os tormentos porque passei para chegar a receber esse auxilio pecuniario, que eu, afinal, não havia solicitado. Para os leitores terem uma ideia das difficuldades que tive de vencer, é bastante que lhes diga que só ao fim de seis mezes, depois de ter ido para o Rio, foi que pude obter da secretaria do paço imperial a conclusão das formalidades exigidas para o recebimento de tal pensão, sendo preciso para isso que eu enviasse a S. Magestade um memorial, onde havia um topico imprudente do qual ainda hoje me arrependo pela dolorosa lembrança que me desperta.

Não obstante a situação difficil que eu creára para mim em relação ao Imperador, era de mysterio que eu fosse, ainda uma vez, ao paço, a bem de me despedir de S. Magestade, pois resolvera partir para S. Paulo com a disposição assentada de estudar humanidades.

Estava, porem, escripto no livro do destino que, ainda desta feita eu teria de passar por mais um desapontamento terrivel, pois é certo que nessas minhas forçadas visitas ao palacio imperial sempre andaram alliadas á seriedade do caso, as mais engraçadas scenas comicas de que ha noticia.

D'esta vez foi assim:

Eram cinco horas da tarde quando entrava eu em palacio, na Quinta da Boa Vista, por signal que

os dois guardas que alli encontrei na minha primeira visita, estavam altercando em voz alta e a se mimosrear com palavras improprias da respeitabilidade do local.

Subi as escadas e fui ter á grande galeria onde devia me encontrar com o Imperador. S. Magestade já ahi estava e attendia em audiencia a algumas pessoas. Vendo-me, sorriu e fez-me um aceno para que eu me approximasse.

Eu sentia-me confuso e enleado, lembrando-me da imprudencia praticada no memorial.

O Imperador, entretanto, depois de eu cumprimental-o, com a formalidade do costume, dirigiu-me esta simples pergunta, de infinita bondade :

— Então, está satisfeito ?

Que sim, respondi eu com voz tremula, e ia me referir ao caso da mezada, quando S. Magestade que sempre evitava assumptos que se referissem a dinheiro, rapidamente atalhou-me :

— Bem, bem... Pois vá para S. Paulo e seja feliz.

Todos tinham sahido, só me achava em frente do monarcha: elle, mettido como sempre na sua classica casaca preta, eu, desta vez encadernado em uma elegante « fatiota » nova, mais consentanea com as indefectiveis prescrições da moda.

Ia a sahir, quando percebi que assomava ao fundo da galeria o vulto modesto de uma senhora que parecia querer falar ao Imperador. Elle vendo-a voltou-se de novo para mim e disse-me :

— Alli está a Imperatriz. Quer cumprimental-a ?

Imagine agora o leitor piedoso qual foi a minha resposta ao delicado convite de S. Magestade, qual foi o dislate com que me sahi em tão critica emergencia, devido unicamente ao meu embaraço, ao meu acanhamento, á minha invencivel maneira esquerda de me conduzir diante de praxes palacianas.

Calcule o leitor amigo que eu respondi somente este despropósito :

— Não, senhor, muito obrigado !

“Oh ! que não sei de nojo como o conte !”

Eu agradecia a amavel pergunta do Imperador, —se queria cumprimentar a Imperatriz, como quem agradece uma chavena de chá ou um convite para jantar, ou um copo d’agua, ou...

O Imperador não se poude conter, fez mais do que sorrir. . quasi que riu, e eu apressei-me a sahir, muito atabalhoadamente, levando após os meus passos o phantasma hediondo do meu tremendo *fiasco!*

A desgraçada impressão deste facto triste, resultado de um “caipirismo” indesculpavel, perdurou em meu espirito por longos annos. Ainda hoje não é sem um grande sentimento de pesar e aborrecimento que me lembro d’elle.

Felizmente tive sempre, para suavizar a recordação d’esse e de outros lamentaveis episodios que commigo se deram nas minhas visitas ao Imperador, a lembrança serena e grata d’esse homem tão bom e tão amavel, d’esse espirito superior, tão sympathico e tão adoravel, a quem eu, sem embargo de todo o meu republicanismo, sempre amei !





## *Poeta ou louco ?*

**P**OBRE Martins Guimarães !

Ninguém sabia ao certo se elle era, com effeito, um grande louco, ou se era um grande poeta...

Foi realmente exquisita a maneira delle ausentar-se para sempre !

Deixou o mundo como quem deixa um amigo importuno, um desses amigos sem dinheiro, contador de historias vãs. Atirou-se pela eternidade a dentro, de surpresa, de um modo original, sem se despedir de ninguém, talvez com o coração a transbordar de tédio !

E foi-se !...

Ao peso de um fardo de sessenta annos, escorregou pelo tumulto abaixo esse singular bohemio — philosopho, a quem por aqui cognominavam, por um simples espirito de perversidade — poeta maluco —, como se algum dia poetas tivessem juizo!..

Alguns jornaes, convencidos de que têm espirito, talvez dispensando o bom senso, e quem sabe se também a grammatica, põem-se a rir á beira desse

tumulo humilde para onde foram descansar os pobres restos de um homem que preferio trocar, sem incomodar ninguem, o atribulado sorriso da vida pela tranquilla seriedade da morte.

Que me conste, não esteve senão uns quatro ou seis dias enfermo, de cama, em um quarto da Santa Casa de Misericordia, donde sahiu o seu magro corpo para a cova. Um dos piedosos jornaes que tenho á mão e que noticiam o obscuro obito, diz não saber se foi a loucura que tornou *poeta* ao Martins Guimarães, ou se foi a poesia que o fez maluco.

Esplendido rasgo de generosidade para este fim de seculo !

Cheio de magua, vejo que ha ainda neste mundo gente tão cruel que não põe a menor duvida em cuspir tolices sobre um cadaver.

Depois de morto, o misero Martins Guimarães passa ainda pelas forcas caudinas da opinião implacavel de outros poetas, o que é realmente divertido!

O desvario julgando o desvario...

Pura e simplesmente um galante trecho da vasta comedia humana,

Esse homem magro como um esqueleto, e feio como todos os homens, que fez durante uma grande parte de sua vida? Sim, que fez?

Versos maus, dizem. Ora vejãem este grande crime!

Pois bem, fez alguns maus versos, mas quem não terá perpetrado essa barbaridade, uma vez ao menos na vida, aos vinte annos, e mesmo depois dessa quadra poetica? Conheci de perto essa *physiognomia* de cadaver e essa cabeça verdadeiramente original.

Era um louco? Era um idiota? Era um *finorio* que fingia ser ambas aquellas cousas, para poder viver sem trabalhar?

Quem o saberá dizer? Por mim creio que foi uma especie de precursor, um vidente, sob o ponto de vista literario, e um *bom vivant*, um espirituoso, um pandego, sob o ponto de vista social. Digo — vidente, porque elle o gaiato Martins Guimarães ha trinta annos, nesta bella Paulicéa, foi nada menos que o iniciador da famosa eschola dos «nephelibatas» fazendo naquelle tempo o que os vultos proeminentes da nossa seita poetica, fazem actualmente.

Quem conheceu as suas composições, quem já um dia ouviu o poeta recitar algumas de suas estrophes, dirá se tenho ou não razão. Ha por ahi cada um «nephelibata» preconizado, que se tivesse apparecido com a sua bagagem litteraria no tempo em que o auctor da «Capella Poetica» fez furor em S. Paulo, certo teria tambem passado por um grande doudo!

Querem um exemplo? Pois ahi vai:

Peço-lhes licença para trazer neste momento para aqui um applaudidissimo poeta de além-mar, cujo nome não quero escrever, porque elle é realmente uma gloria do seu paiz, mas uma gloria que parece querer cahir no dominio das excentricidades inexplicaveis.

Esse bardo que tem, sem duvida, muitos trabalhos poeticos de grande merecimento, ultimamente escreveu uma cousa mais ou menos assim, que eu transplanto para esta pagina em forma de prosa, porque o verso não me cabe na columna:

«Andam as crianças pelo campo sem pão... Misericordia! Misericordia! Andam os velhos a cahir de fome e de fraquesa... Misericordia! Misericordia! Andam as mulheres a lastimar as suas honras perdidas... Misericordia! Misericordia!... Ja não ha flores nos campos, já não ha fructos nas arvores... Misericordia, misericordia!

Anda por este mundo uma enorme enfiada de bandalheiras... Misericórdia, misericórdia!...»

Agora o Martins Guimarães :

«Tremam todas as nações do mundo civilizado! tremam todos os corações! Tremam os thronos e trema a vil canalha... Tremam as cinzas de Camões! E tremam todos os reis, e tremam todos os barões!...»

Ora, tenham a bondade de me dizer, pondo os olhos nestas cousas e a mão aberta na consciencia, qual é a differença que ha de uma para outra poesia, de um para outro poeta, mal comparando?

Ahi está porque eu disse e sustento que o bom do Martins Guimarães foi um precursor do «nephe-libatismo» moderno, no Brasil. Olhem só para aquella celebre estrophe delle ao Belzebuth, porque o desventurado poeta gostava muito de implicar com o diabo, (pura eschola nephelibata).✱

Vejam só esta furiosa bala de artilharia atirada ás «fussas» do rei dos infernos: «Oh! bode negro! satanaz cabrito!...»

E então, em vista disto, não poderia elle parodiar aquelle celebre personagem que exclamava á hora da morte:

— Não é verdade, ó meus amigos, que eu tenho algum talento?

Quem sabe mesmo se não andou longe das mysteriosas fronteiras do genio!...

E entretanto, ha por ahi ainda desalmados criticos que arremessam injurias sobre esse morto, que viveu «debicando» mais os outros, do que sendo «debicado!»

Illudiu-se perfeitamente quem suppoz que era um pateta o Martins Guimarães. Fino é que elle era, como «lã de kágado,» e tinha uma exacta comprehensão das miserias e dos miseraveis deste mundo.

Elle entendia que em todas as cousas nesta vida, e especialmente em litteratura, nada se arranja, nada se consegue sem uma grande dóse de charlatanismo.

E, valha a verdade, representava um tanto comicamente de mais o seu estudado papel, constituindo-se um «charlata» monumental, um sujeito abarrotado de imperial orgulho, com uns grandes ares de «parvenu» procurando esmagar todo o mundo com o peso formidável de suas opiniões de critico.

Por exemplo: si lhe perguntavam que tal era Castro Alves, como poeta, respondia, com este disparate:

«Não vale esse sujeito o calcanhar de Achylles!»

Se a pergunta recahia sobre o grande Victor Hugo, bradava o Guimarães:

— Tem poesias que são assim... assim... e tem outras que não valem um caracol!

Mas, elle fazia tudo isso por troça, por simples pandega, para ridicularizar exactamente aquelles que julgavam ridicularizal-o! Tinha espirito, lá isso tinha, e tambem pachorra a valer! Não se desconcertava nunca! Se tivesse algum dinheiro, se andasse bem vestido, se evitasse a exhibição de botas cambaias e de sua roupa rafada, quem sabe se teria sido aclamado um talento?

Neste mundo tem se visto tanta cousa singular!

Na longa enfiada dos charlatas e das charlatanices que por ahi campeam, felizes e festejadas, assim na litteratura, como nas artes, como na politica, como em varios ramos da actividade humana, quantos Martins Guimarães poderíamos encontrar, tidos e havidos por umas verdadeiras capacidades?

Questão de sorte... Problemas inexplicaveis do destino!

Aos que suppunham o finado poeta um doudo ou um idiota, lembrarei este caso que se deu á minha vista, alli pelo anno de 1875.

Estavamos em uma roda, eu, quatro amigos e um estudante do 5.º anno de direito, rapaz de talento que gosava de fama de muito espirituoso e grande apoquentador de patetas.

Subitamente chega o Martins Guimarães, e cumprimenta a roda com um gesto soberano. O academico, tomando um ar importante e fingindo-se muito formalisado, estende a mão ao recémchegado e exclama em tom de esmagadora ironia:

— O' grande Martins Guimarães!... Salve!

Só tu representas, por ti só, uma geração de poetas!

O ridicularizado endireitou-se mais, levou a mão direita ás farripas do queixo, libertou-se de um pigarro e, medindo com o olhar insolente o outro de alto a baixo, retrucou promptamente:

— E v. s., sr. dr., só por si representa... duas gerações de burros!

Imaginem as gargalhadas e os applausos, pelo feliz repente!

E ninguem se zangou. Ora eis ahi está como era elle louco.

Ultimamente andava triste, doente, pensativo.

Já não escrevia versos, já não tecia *Capellas Poeticas*, já não respondia ás chufas que lhe dirigiam.

Era um desilludido. Era um vencido, perfeitamente convencido dos seus infortunios. Morreu solteiro e pobrissimo, supportando a fama de defeitos que não tinha, aturando, com geitos de martyr, a toleima dos homens, neste baixo mundo onde a gente não sabe bem onde acaba a razão e onde começa a loucura.

Se a consciencia lhe accusou alguma culpa, foi sómente a de ter sido, em época já distante, o adivinhador do *nephelebatismo* no Brasil...

Escrevia coisas que ninguem entendia, e acertava maravilhosamente fazendo versos errados!

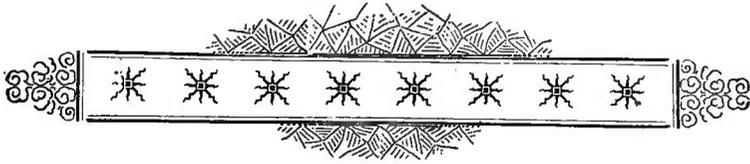
Tal era esse homem que deixou após si uma certa fama: homem erecto, que, se acaso sorria, era para dentro de si mesmo; para fóra, nunca!

Levava esta grande vantagem sobre os outros homens, e sobre os outros poetas...

Deus lhe fale n'alma!...







## *Caso pathologico*

meu amigo Cesario Balisa (Balisa por antonomasia) não é propriamente um simples mortal; é, antes de tudo, um caso pathologico de primeira ordem, mas um caso perfeitamente carecteristico, phenomenal, digno do mais sério estudo.

Soffre horrivelmente de *politica* (delirio politico) e a enfermidade atravessa presentemente o seu periodo mais agudo, com inteiro espanto do illustre facultativo cá da terra.

Como? Desde quando? Por que?

Eis as perguntas que naturalmente far-me-ão os leitores pouco dados á observação destes casos extraordinarios, oriundos do ramo das mais legitimas nevroses.

Não respondo a nenhuma das interrogações e limito-me, por agora, a dizer-lhes que o meu amigo Cesario Balisa, a quem a minha gentil leitora, por exemplo, nunca viu mais gordo, é o que se póde chamar um bonito caso de pathologia moderna.

Soffre desse mal hediondo — a *politica*, e no momento em que escrevo, momento doloroso, tenho ainda nos nervos o abalo que *me elle* causou (como diria o Garrett) com as domonstrações violentas da sua assustadora febre.

Não come, não dorme, não descansa. Só fuma e bebe... agua, mas agua pura, nada de alcool, seja dito em louvor da verdade e em honra aos creditos do lamentavel Cesario, aliás um excellente sujeito.

Conheço-o ha anno e meio. Poderá ter, quando muito, quarenta annos. A primeira vez que o vi, pallido, magro, olhos encovados, foi n'uma roda de amigos. Discutia-se politica e discorria elle sobre as nossas mais palpitantes questões nacionaes.

Como falava! Como gesticulava! Como espumava!

« Que era um republicano sincero, dizia, d'esses que não dependem do governo, um soldado firme, inabalavel, inacessivel ás corrupções dos Crésos. Sempre quiz a Republica, o governo do povo pelo povo, isto é, a democracia pura. Ninguem possuia, como elle, boas intenções, e podia até erigir, como Numa Pompilio, um grande altar á *boa fé*.

Era tudo quanto havia de mais contrário á revolução de 6 de setembro, positivamente (conforme sua propria expressão) o mais figadal inimigo desse tal Custodio de Mello e do sacripante Saldanha da Gama. Gostava da ordem na Republica, da justiça no governo e da paz em todo o funcionalismo publico, (palavras textuaes).

Sómente, como republicano e governista, lamentava um facto inexplicavel, exquisito, anomalo — a ascensão das mediocridades... a victoria do pedantismo... as nullidades no poder... Sim, a Republica trouxera isto de mão comsigo — o idiota de hontem era o heróe de hoje. Quanto ao mais, tudo andava no melhor dos mundos. O Floriano... um deus.

Mas, como dizia eu acima, no momento em que escrevo sinto ainda profunda impressão que me causou o seu ultimo *discurso*. A meu ver está irremediavelmente perdido: a politica mata-o.

Depois de me falar do equilibrio europeu, da triplice alliança, do accordo anglo-russo, das novas tendencias da velha Allemanha, da futura republica Portugueza, do liberalismo na Russia, dos anarchistas, do papa, de Crispi, de Bismarck, etc., exclamou:

— E então? Temos ou não temos um cataclismo? Prepara-se ou não uma grande catastrophe social? Voltemo-nos para o Japão, para a China, para a Coréa....

Eu, muito calado, fiz um simples gesto para concordar com o enfermo, assim á maneira de quem se volta para os paizes indicados.

Então, rapidamente, mettendo a mão no bolso, sacou de lá uma *Revista Illustrada* onde havia os retratos de Casimir Périer e Felix Faure, o ex-presidente e o presidente da Republica Franceza.

— E agora, que me diz a isto? O valor d'estes retratos sob o ponto de vista politico, comprehende? Está vendo? Entende bem?

Eu, com franqueza, não entendia nada absolutamente nada.

E elle proseguiu:

— Falemos da gloriosa França! Olhe, meu amigo, uma das cousas que mais me impressionaram durante o anno findo, em negocios politicos, foi o assassinato do illustre estadista Sadi Carnot, victima do punhal anarchista; mas, devo confessar-lhe que, muito mais forte que aquella impressão de surpresa e de dor, foi a extranha sensação que recebi ao ler que Périer havia-se demittido do importantissimo cargo de presidente da grande Republica.

Como? Pois aquella homem illustre sobre o qual pesava a tremenda responsabilidade de uma situação melindrosissima; aquella que vinha substi-

tuir um gigante de rija tempera e de vontade inabalavel, glorificado pelo mundo inteiro como um heróe, pois que acceitara o encargo, jurando por entre lagrimas que saberia cumprir o seu dever, recúa aterrorisado agora, confessa-se fraco em plena lucta e abandona o seu elevadissimo posto?

Isto perguntei eu a mim mesmo, (acrescentou) imaginando cá a meu modo, um typo venerando de Casimir Périer.

Nunca eu tinha visto o seu retrato, nunca li nada a respeito do seu physico, da sua musculatura etc., cousas que a meu ver completam os caracteres politicos.

A julgar, porém, pela sua attitude politica antes de accetar a presidencia, e no acto solemne de accetal-a, cuidei ser um homem que demonstrasse pela sua physionomia o profundo e eloquente vigor do seu espirito.

Enganei-me redondamente.

Eu sou, primeiro que tudo, um physionomista. Quando observo pela primeira vez a physionomia de um homem, digo desde logo do que elle é capaz; formo o meu juizo a respeito dos elementos naturaes e accessorios de que dispõe — talento, temperamento, illustração, espirito. Lavater e Gall são os meus homens.

Acabo de ver agora o retrato do ex-presidente da França... Cá está elle. A physionomia explica o politico.»

E com uma das mãos segurando a *Revista*, e com a outra batendo nervosamente na testa, bradava :

«Não é a physionomia de um forte, de um espartano. E' antes morbida, pouquissimo indicativa de uma alma de Catão. Na primeira pagina de um livro de versos, daria a idéia exacta de um poeta lyrico, sentimental, doentio. Na galeria dos politicos notaveis da França moderna, é simplesmente a physionomia de um fraco.

Quando fitei este retrato, disse eu de mim para mim: — Sim, eis aqui está o homem que antes de acceitar o honroso cargo de presidente da grande Republica franceza, ignorava inteiramente a que complicações politicas ia oppôr a sua força e a sua capacidade moral e intellectual; aqui está o politico que não sabia que as difficuldades a vencer em sua patria eram grandes: — lucta contra o parlamentarismo, contra o anarchismo, contra as pretenções monarchicas, contra as ambições individuaes, contra as rivalidades de longa data.

Não sabia. Porquanto, se soubesse não desertaria jamais do seu posto, assoberbado inteiramente pelos phantasmas das difficuldades de momento!

Não é o velho pensativo e austero que eu suppunha que era, mettido n'uma d'aquellas formidaveis gravatas dos heróes de 93. Ainda se tivesse o busto de Lamartine em 48... Mas qual! E' um rapaz de cabello repartido ao meio.... como qualquer janota de *boulevard*.

E' o nevropatha, cujo olhar parado e languido, cujos traços geraes do semblante accusam a sensibilidade extraordinaria de uma alma excessivamente vacillante, posto que boa. Cá está o homem para a solidão, um singular, como aquelles de que nos falla Zirnemann; um espirito para a theoria, para os pensamentos expressos a meio e a medo, mas nunca para a lucta, para o conflicto, para as reacções bizarras no terreno dos factos politicos, em face das situações de reconhecida gravidade!

E' isto o que o retrato me está a dizer; é isto o que eu repito.

E agora, que vai ser da poderosa França? De um lado o anarchismo, de outro o orléanismo... Com mil raios! Se o orléanismo vencesse?! Que gargalhada daria no tumulo aquelle imbecil Napoleão III! E a Allemanha então? Que não diria a Allemanha? Veja o senhor que situação gravissima!

Thiers estremeceria na eternidade !...

E tudo isto por causa do sr. Périer ! Mas, felizmente aqui está quem vai salvar a situação... Isto sim, é vinho de outra pipa, é outra cara ! Viva Felix Faure ! Viva a França !...»

E o meu pobre amigo Cesario Balisa, apertou-me febrilmente a mão e afastou-se rapido, levando comsigo as suas profundas convicções, a sua meia erudição politica e historica, o seu patriotismo, a *Revista Illustrada*, e principalmente a febre intensa da sua singular mania...

No dia seguinte quando encontrei o medico amigo que o tratava, perguntei-lhe :

— Então, como vai o nosso homem ?

— Mal. Teve hontem um accesso fortissimo. Muita febre. No delirio só pronunciava o nome da França, da Republica, do duque de Orléans...

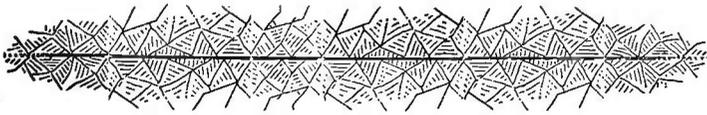
Entende que a situação dos francezes é melindrosissima.

— E a d'elle ?

— A d'elle é desesperadora. Está alli, está no hospicio... Que fazer ? Será um louco de mais, e um politico de menos.

*Pedreira, 1895.*





## *O famoso corruptor*

**F**osse famoso prestidigitador de nova especie, corruptor de incomparavel habilidade, o celebre Arton de que tanto falam noticias e telegrammas, está a pedir-me, ha muito tempo, duas linhas de amaveis referencias á sua singular pessoa.

A Europa inteira, toda a America, a Asia, penso que tambem a Africa, e provavelmente a Oceania, exclamam, estufando prodigiosamente as bochechas — «o famoso corruptor! o celebre Arton!»

Os telegrammas todos enviam para toda a parte do mundo esta exclamação sybillina — «o celebre, o famoso artista!»

A França, com especialidade ella, a grande Republica de Thiers, não faz outra cousa, creio eu, senão exclamar horrorisada, no Parlamento, no seio das familias e nos *boulevards* — «o celebre Arton! O famigerado corruptor!»

De sorte que, toda a gente que não é, nem ao menos medianamente lida nas chronicas dos grandes escandalos, e pouco sabe dos famosos aventureiros

do velho e do novo mundo, naturalmente pergunta quem é esse Arton, o que fez, o que faz, onde está, de onde veio e para onde vai...

Querem saber, meus caros amigos, quem é ?

Pois, em poucas palavras ahi vai a historia :

Este já agora celebre *artista*, cuja fama o eleva, sem duvida alguma, ás proporções de um verdadeiro heróe, é, antes de mais nada, um homem duplamente espirituoso : espirito deliciosamente pandego, e espirito eminentemente pratico... *cela va sans dire*, com todo este amontoado de adverbios para completo esclarecimento do caso.

Cuido que nasceu em França este Arton, mas residio aqui no Brasil, ha annos, e foi empregado em Santos, de uma importante casa de commissões. que fallio, segundo é voz geral, por culpa delle que já nesse tempo gosava dos perigosos fóros de um dos maiores pagodistas que o mundo tem visto !

Conheci-o muito e até mantive cordiaes relações com elle, pois era naquella casa, victimada por elle, onde eu exactamente me hospedava quando ia a Santos.

Podia ter nessa epocha vinte e seis annos (1874 — 1878) e nada apparentava de elegante e nem de bonito. Era um typo vulgar.

Baixinho, com umas barbas inglezas muito mal amanhadas, um tanto desageitado em apparencia, não revelando talento sério, de qualidade alguma, parecia antes uma figurinha de pastor de presepe do que um homem destinado a representar nesta vida um papel que tem dado, por assim dizer, brado em todo o orbe !

O grande, o famigerado transformista !

A mania delle, em Santos, era andar com a mão direita cheia de grãos de café, como amostras, afim de realisar certos negocios com os collegas, aos

quaes provavelmente, e isto seja dito de passagem e com a maior franqueza, passava muito honradamente a perna !

Era uma especialidade, neste genero — o diabo do Arton !

\* \* \*

Após qualquer *negocio*, voltava para o escriptorio, com oito ou dez copos de cerveja no bucho, punha-se em mangas de camisa e, antes de metter hombros ao trabalho de escripta, entrava a contar a todos nós ao suas pornographicas aventuras, as suas incomparaveis façanhas amorosas.

Formavamos então uma boa roda — eu (hospede) o guarda-livros, varios amigos, alguns caixeiros, e então era de ver como nos desconjuntavamos todos com as barrigadas de riso que tomavamos, graças ás theorias *sui generis* do *celebre* Arton, ao referir-se ás suas conquistas e ás suas medonhas coragens concupiscentes !

Impagavel ! Assombroso ! Unico !

Muitas vezes eu lhe dizia :

Você é louco, homem ! Está a minar a sua saude com esses desregramentos sensuaes, improprios de um homem que se presa e que tem a zellar creditos alheios...

E elle respondia logo, dando uma estrepitosa gargalhada :

Qual, historia ! A vida é um deboche ! Não comprehendendo ella sem elle ! Mulheres ! Mulheres ! Mulheres !

E punha-se a rir muito, com um riso de volupia satanica, um riso só d'elle, que fazia lembrar ao mesmo tempo Quasimodo e Mephistofeles !

O endemoninhado, o celebre heroe !...

Quando a casa de Santos fallio, elle deu ás de *Villa Diogo*, e correu a fazer da velha Europa o seu vasto campo de acção... em finanças! Fez-se correitor em Paris! realizou negocios de arromba.

Tornou-se millionario, consta, e arranjou uma collecção extraordinaria de conquistas amorosas (elle, o chefe de familia, o homem casado!) teve amantes de todas as procedencias e de todas as nacionalidades — francezas, allemãs, suecas, hollandezas, flamengas, turcas, o diabo!

Gastou rios de dinheiro, metteu-se em diversas empresas, levantou capitaes e pouco a pouco, como um balão que se vai enchendo, foi a fama do seu nome estufando, crescendo... crescendo até chegar á altura a que chegaram o nome e a fama do celeberrimo heróe de Ponson du Terrail!

Quem tal diria! Elle, aquelle prasenteiro Arton, de Santos, tornar-se assim, do pé para a mão, um celebre, um famoso... uma especie de espantallo de uma meia duzia de grandes homens da gloriosa França!

Lembram-se dos negocios complicadissimos do Panamá?

Pois foi elle que moveu toda aquella terrivel engrenagem. Corrompeu varios cidadãos conspicuos, comprometteu a deputados, senadores, titulares; arranjou o desmoronamento da honorabilidade do grande Lesseps, (quem tal diria!) causou varios suicidios, fez rebentar o mais ruidoso escandalo, atrapalhou as cousas, causou estremecimento profundo na diplomacia da grande Republica parlamentar, ia compromettendo aquella, perturbou as consciencias despertando um inferno de ambições, vio-se denunciado, ameaçado e quasi preso, e isto vendo poz barbas postizas e... pernas para que vos quero?!

Foi-se.

\* \* \*

Metteu-se por essas Allemanhas a dentro, por essas Inglaterras, continuou a almoçar, a jantar, a ceiar e a amar com a mesma *nonchalance*... Criou barriga, dizem; fez-se mais corado do que era antigamente, deitou banhas e deixou, lá por fóra, correr o marfim!

A policia, como um *viadeiro* célere procurava o *homem* como quem procura agulha em palheiro... Corria... corria.... corria... como quem vai atraz da miragem!

Qual Arton, nem qual nada!

E os prelos a gemerem, a reportagem de todos os paizes a combinar planos... a inventar impossiveis; e o telegrapho, sem cessar a dizer: «foi visto... está allí... passou para acolá... vem para cá, vai para lá...!» Um inferno!

Quem tal diria! Elle, tão pequenino de corpo, meio simplorio de cara, pernas um tanto tortas, e com umas barbas inglezas muito mal amanhadas!...

\* \* \*

Agora mesmo atravessava o mundo inteiro este surprehendente telegramma;— «Pariz, 10. A imprensa desta capital applaude a extradicação de Arton, um dos maiores culpados dos negocios do Panamá. Accrescenta que do processo deste individuo devem sahir á luz muitos pontos obscuros do «imbroglio» do Panamá.»

Ora eis ahi em traços rapidos a historia desse aventureiro celebre!

De simples caixeiro de casa de café, passou a ser, nada menos, que uma verdadeira notabilidade deste fim de seculo!

Agora vai para as masmorras da França... se é que, novo Rocambole, a cega Fortuna resolve abandonar-o de uma vez para sempre!

Delle, porem, a critica social pode dizer, com toda a imparcialidade o seguinte:

— Nunca comico algum representou com mais arrojo o seu papel nesta esplendida comedia da vida!...

Tenho aqui o seu retrato, em uma boa photographia, para quem quizer vê-lo.

E vendo-o, ninguem deixará de exclamar:

— O celebre, o famoso Arton!...



# Segunda Parte

---





## *O Dr. F. Quirino dos Santos*

*(Traços biographicos)*

### I

**Q**UEM haverá ahí que não goste de saber minuciosamente da vida dos homens de talento, maxime quando se trata de poetas?

Supponho que ninguem, se em semelhante assumpto abalanço-me a julgar de todos os gostos pelo meu.

Digam o que quizerem, mas ha sempre um certo encanto na pagina que nos revela as particularidades da existencia de certos homens, cujo espirito deleitamos com as suas producções; interessa-nos a maneira pela qual esse espirito começou a desenvolver-se, a ganhar vulto e a trabalhar.

Confesso que a mim nunca passaram despercebidas essas interessantes historias que trazem para o dominio do publico o intimo viver dos escriptores e dos poetas, historias sublimes em que ha luctas titanicas, vãos prodigiosos, inauditos desalentos, som-

bras de indecifrável tristesa e clarões de venturas, auroras de glórias e noites de martyrios, um mundo de aspirações, de sonhos e de esperanças, finalmente!

Em que desconhecido Jordão baptisaram-se as frentes dessas crianças que mais tarde ergueram-se acima do nível das frentes vulgares, circumdadas de scintillações inexplicáveis?

De que lucidas chrysalidas costumam sair essas borboletas que resvalam pelo oceano da vida, attraindo todos os olhares, merecendo todas as admirações?

Eis ahi o que o meu espirito pergunta, quando, acompanhando o revolutar das imaginações possantes, comprehende que a natureza humana tem mysterios cuja decifração escapa aos olhos das pobres creaturas.

Assalta-me então o espirito profunda e invenível curiosidade.

Tudo o que diz respeito a esses homens superiores interessa-me; uma pagina de sua vida, um episodio, a certidão de idade, uma anecdota, a descripção dos habitos de sua existencia, tudo isto, enfim, tem um attractivo a que se não pode resistir com facilidade.

Como foi, como é a vida delles? Soffrem ou gozam mais que os outros homens?

Porque não naufragaram nas ondas de desalento em que tantos succumbiram, e vencendo todos os tedios e todas as miserias da terra, todas as contrariedades e indifferenças, saíram vencedores da cruenta batalha da vida?

Porque?

Almas de rija tempera!

A Providencia disse-lhes: ide, sois ricos e fortes; luctae e venci! trabalhae e gloriae-vos!

E desse brilhante itinerario cumprido á risca, resultou tudo o que o homem pode desejar para o complemento de sua felicidade — o prestigio e a aureola de respeito para a sua frente...

A popularidade, a fama, o nome, finalmente!...

E o nome sympathico que acima deixei escripto, é hoje vantajosamente conhecido, com especialidade, porem, na provincia de S. Paulo, uma das mais opulentas e prosperas do Brasil.

O humilde auctor desses traços biographicos, antes de proseguir em tão aprazivel trabalho, sente uma tal ou qual necessidade de declarar, ( e com orgulho o faz) que pertence ao numero dos amigos mais chegados do conhecido poeta.

Accedendo ao honroso convite dos laboriosos editores deste livro, (4) entendeu que não obstante a circumstancia apontada, a qual poderia ser tida como suspeita ante espiritos mal intencionados, podia e devia, tanto quanto possivel na orbita de suas forças, corresponder á amavel lembrança, daquelles cavalheiros, escrevendo o que soubesse da vida do conceituado poeta das *Estrellas Errantes*.

Dir-me-ão que a tarefa de escrever a biographia de um homem de letras da ordem do Dr. F. Quirino dos Santos, requer, em todos os sentidos, talento mais provado que o meu, competencia mais real, para ser desempenhada cabalmente.

Em vista desta observação devo lembrar que seria aqui talvez o lugar mais proprio para eu fazer sentir a condemnavel indifferença com que a maioria dos nossos contemporaneos folhêa as obras literarias dos talentos nacionaes, e principalmente dos talentos poeticos.

D'ahi o passarem estes quasi despercebidos por entre a turba-multa dos positivistas modernos que fazem garbo de fechar os ouvidos ás melodiosas harmonias dos corações privilegiados.

Os homens de grandes recursos, os que poderiam com o desejavel lustre e galhardia tomar a si

---

(4) Este trabalho foi escripto para um Almanach de Campinas.

a iniciativa de estimular as vocações notáveis, por amor do paiz e em honra de sua nascente literatura, esses vão se deixando levar pela onda turbulenta das paixões politicas, de maneira que não ha distrair para os assumptos amenos da poesia seus espiritos pesadamente preocupados.

Entretanto, é forçoso não esquecermos que os creditos de uma nação muito dependem do brilho de sua literatura, e que os nomes dos nossos homens illustres nos torneios do espirito hão de necessariamente figurar nas paginas da historia litteraria nacional, aos olhos dos vindouros, como attestado irrecusavel de triumphos nobilissimos, em prol da civilisação deste tempo.

Comprehende-se, portanto, que, em falta de quem melhor desempenhe incumbencia de tamanha monta, como esta que ora me assoberba, aproveite a oportunidade de esboçar a biographia de um homem de talento, ácerca do qual é provavel que mais tarde a critica competentemente auctorizada expend a sua opinião justa e completa.

Quirino dos Santos pertence ao numero dos homens pouco afeitos a essas exterioridades pedantescas com que muitos dos nossos festejados poetas aliás boas pessoas em fundo, costumam impor-se ás multidões, em plena praça publica.

Nunca ninguem o sorprehendeu a querer primar pelo uso do menor dos artificios romanescos!

Seu porte é sereno e natural; seu olhar tranquillo; seus movimentos não indicam cousa alguma que se pareça com essa loucura epileptica de que nos fala Maudsley, e que tão peculiar é em uma certa escola que por ahi andou e anda a calumniar a memoria de Byron e a disseminar, a tal proposito, idéas de todo o ponto inaceitaveis.

E no entanto sobre a frente de Quirino dos Santos brilha a triplíce corôa, do poeta, do advo-

gado e do jornalista, caso este que tem feito com que muita gente exclame em transportes de admiração :

— Poeta e advogado !

O que dá perfeitamente a entender que essa boa gente julga a vocação poetica incompativel com os arduos labores da advocacia.

Mas isto quando muito dá para o poeta sorrir e lembrar-se dos varios exemplos em desabono d'aquella supposição, e os quaes são de todos os tempos e de todos os paizes.

A sciencia nunca afastou de si a poesia.

Para convencer de uma vez os mais incredulos, por não dizer os mais ignorantes, basta recordar que Goethe, Schiller, Ulhand e Karl Simrock foram bachareis em direito, e nem por isso deixaram de ser os grandes poetas que o mundo não cessa de admirar, com especialidade os tres primeiros.

Pois sem embargo da vida laboriosissima que pesa sobre os hombros deste outro advogado, o poeta apparece-nos sempre em todo o esplendor de sua vocação, inspirado, facil, elegante...

Não me abalançarei a expender aqui juizo critico sobre os versos de Quirino dos Santos, senão simplesmente a dar uma ideia ligeira do seu talento poetico, antes de entrar nas minuciosidades de sua vida publica e particular.

Goethe disse, não me lembro a que proposito, que quem quizesse comprehender um poeta tinha necessidade de ir ao paiz em que o poeta habitasse.

Parodiando mais ou menos esta phrase; digo eu por meu turno que para se conhecerem cabalmente os dotes da musa de Quirino dos Santos, é de mistér viver em sua intimidade, estudar o seu genio, saber de sua vida, ouvir os seus planos e as suas esperanças, admirar as suas crenças e acompanhar os esplendidos voos de sua alma.

Quem o vê de relance, frio, polido, com o seu leve sorriso de desdem para os enfatuados, quasi sempre reservado e sério, sem expansões á primeira vista, não fará de certo uma ideia dos brilhantes predicados de sua lyra, hoje reconhecida e acatada por todos os que prezam as boas letras.

Quaes são os principaes meritos do poeta?

Abstenho-me de apontal-os, e o mesmo digo a respeito de um ou outro defeito leve de suas produções, já porque seria fóra de proposito dar aqui conta minuciosa do juizo que formo dellas, já mesmo para não tornar-me imprudente alongando demasiadamente este despretençioso esboço biographico.

Do auctor das *Estrellas Errantes* pode-se dizer o que um biographo escreveu com referencia ao poeta allemão Martim Opitz: — « um dos grandes meritos deste poeta repousa na poesia descriptiva ».

Effectivamente ha paginas descriptivas de Quirino dos Santos que revelam, desde logo, a sua pronunciada tendencia para aquelle difficilimo genero.

Seu modo de dizer tem um encanto penetrante que fala immediatamente ao coração.

Rarissimas vezes as suas imagens são arrojadas como as de Victor Hugo ou Castro Alves, mas as suas estrophes teem, em compensação, o lyrismo bucolico de Kleist e de Gessner, por vezes, e as melodias de Lamartine e de Schubart, quasi sempre.

A sua imaginação ostenta o que quer que é do fogo do Oriente, e o verso sae-lhe da penna, a maior parte das vezes, vigoroso e persuasivo, seja qual for o assumpto de que trate. Como prosador seu talento tem sido igualmente festejado.

Quirino dos Santos é redactor da *Gazeta de Campinas* ha seis annos, e durante esse tempo o escriptor politico tem dado sobejas provas da notavel rectidão do seu espirito.

Porem, tempo é já de volver um olhar para o passado e acompanhar desde a mais tenra infancia

até hoje, esse bello talento que tudo deve a seus proprios esforços e inquebrantavel vontade no desenvolvimento de suas notaveis tendencias.

Seguindo, pois, a necessaria ordem chronologica, vejamos a rapida porem interessante biographia do poeta.

## II

Francisco Quirino dos Santos nasceu na formosa cidade de Campinas, (hoje uma das mais florescentes da provincia de S. Paulo) a 14 de Julho de 1841, conta, portanto, 34 annos de idade.

Seus paes foram : o major Joaquim Quirino dos Santos, cujo character de fina tempera mereceu sempre o mais profundo respeito, e D. Maria Francisca de Paula Santos, senhora de grandes virtudes. Ambos falleceram ha bastante tempo, legando a seus filhos o inapreciavel thesouro de uma educação austera e social.

Tendo já 9 annos de idade, Francisco Quirino dos Santos entrou para uma escola de primeiras letras, em a qual se conservou por espaço de oito mezes somente. Da escola passou a ir viver na fazenda onde tinha sido creado até aquella idade, e ahi permaneceu por muito tempo. Essa fazenda, cortada pelo rio Atibaia, era, como ainda hoje é, uma das mais pittorescas do rico municipio de Campinas.

E' facil de imaginar portanto, a poderosa influencia que o formoso local exerceu desde logo sobre a organização delicada do menino. Ahi entregou-se elle á leitura dos primeiros livros que encontrou, com essa gentil sofreguidão que é o primeiro symptoma de talento literario nas creanças.

Com o pouco tempo que esteve na escola sahio lendo perfeitamente, de modo que desenvolveu-se-lhe

rapidamente immenso gosto pelas leituras amenas, assim de obras em prosa como em verso.

O primeiro livro que lhe cahiu nas mãos, depois de muito ter saboreado as velhas historias de Carlos Magno, Princeza Magalona e outras deste jaez, foi uma mimosa e escolhida collecção de versos em que sobresahiam os de Gonçalves Dias, Amorim, João de Aboim e outros, não menos notaveis poetas nacionaes e portuguezes, chegando mesmo a decorar a collecção inteira.

Seu espirito como que se sentiu nadar em um mar de inexprimiveis delicias; raiára em sua imaginação uma especie de phenomeno maravilhoso que foi deixando após si o disco radiante de um desejo vago, ou antes de uma anciedade até então desconhecida para o juvenil scismador.

Seu pensamento, como um passaro que desperta de chofre, agitou as debeis azas e foi aos poucos se levantando ás alturas das idealidades sublimes. A aurora de sua vocação começava de despedir os primeiros reverberos cambiantes, e seu gosto pelas mysteriosas revelações dos espiritos privilegiados nunca mais descansou. A leitura de livros poeticos e romanescos tornou-se-lhe, desde essa época, necessidade imperiosa.

Assim foi que, depois da collecção mencionada passou a ler outros livros abeberados de attrahente e perigoso sentimentalismo, entre elles o celebre romance de Goethe denominado *Werther*, que produziu em sua imaginação, nimamente impressionavel, extraordinario effeito, segundo os apontamentos que a muito custo pude obter.

Esgotados os livros que tinha á mão, restava-lhe ainda o recurso dos folhetins do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, que elle lia com o mesmo inalteravel e profundo interesse, alimentando dest'arte o seu amor pela literatura.

Affirma o biographado, que este tempo foi aquelle em que, se sentiu verdadeiramente poeta, poeta sem a necessidade de materialisar sobre o papel as suas apraziveis impressões; sem a convencional affectação do artificio, sem cuidados pela fórma do verso; poeta unicamente pela concentração e pela contemplação, espontaneo, natural e arrebatado em doces enlevos.

Poeta pastoril sem conhecer ainda o diabolico veneno da poesia social!

Os dias inteiros de formosa primavera passava-os elle a divagar pelas florestas, de espingarda ao hombro, ora caçando (unico peccado seu que conheço e que aqui posso assignalar), ora descansando á sombra de frondosa arvore e escutando no harmonioso harpejo da brisa campestre o éco mysterioso das aspirações infinitas.

Contava então doze annos de idade.

Era tal o seu culto por esse bello e saudavel systema de vida, que não havia arrancal-o d'ahi nem mesmo as seducções do viver das cidades.

A's seis horas da manhã, quando o sol tocava as montanhas verdes com as suas primeiras palhetas de ouro, o novo Nemrod ia pelas estradas além, ancioso por fazer levantar no espaço alguma nova Babylonia... de sonhos innocentemente pueris e de illusões estrondosas e radiantes!

E por essas excursões andava até ao cahir da noite, que era quando se recolhia, sem se lembrar do prosaismo chato do almoço e do jantar, o que lhe valia muitas reprehensões de sua boa avó e do marido da mesma, que aliás amavam profundamente o neto.

Algum tempo depois cahiram-lhe do bico da penna os seus primeiros versos, mas... cousa estranha! — foi uma satyra!

Ignoro qual a victima que teve a honra de servir de alvo para a estréa do novo Juvenal, mas o

que é innegavel é que a satyra tinha a sua boa dóse de sal e revelava cuidados de metrificacão muito para merecerem elogios, maxime tendo o poeta doze annos apenas.

Depois de completar os quatorze, veio para esta capital com o firme proposito de estudar preparatorios, e em pouco tempo teve a felicidade de ver realizados os seus louvaveis intentos, de maneira que concluindo aquelles estudos, (anno de 1859) matriculou-se immediatamente no curso juridico da Faculdade.

Como academico, Quirino dos Santos distinguio-se muito. Estudou e trabalhou.

N'essa bella quadra de sua mocidade escreveu bastante e leu pouquissimo. Aconteceu-lhe o mesmo que costuma acontecer a todos os neophitos das letras: tomou-o de assalto a irrequieta ambição de nomeada, o natural desejo de apparecer e distinguir-se da turba dos ineptos que de tudo criticam e nada fazem.

Levado por tal impulso collaborou em quasi todos os jornaes academicos, e não eram poucos, que existiam nesse tempo em que tambem as associações literarias estiveram muito em voga na tradicional Paulicéa. O novel escriptor era membro de quasi todas essas associações.

Em companhia de Francisco Rangel Pestana, academico distinctissimo e hoje escriptor politico de vasta fama, redigiu Quirino dos Santos o *Lyrio*, jornal literario dedicado ao sexo fragil, e depois a *Razão*, folha politica na qual escreviam tambem alguns seus amigos e companheiros de trabalho taes como Belfort Duarte, Campos Salles, Jorge Miranda, e seu irmão o fallecido João Quirino do Nascimento.

Sustentou luctas renhidas quer no terreno da politica, quer no da literatura, pugnando desde então pelos principios da democracia adiantada, comquanto

nesse tempo não se pré-gasse ainda a theoria republicana, como hoje.

Ao deixar os bancos academicos em 1863, depois de formado, quando o seu talento poetico estava em pleno viço, applaudido por pouquissimos collegas mais intimos, desdenhado por muito e desconhecido pela maior parte d'elles, publicou nesta capital a sua primeira collecção de versos lyricos sob o titulo — *Estrellas Errantes*, volume de umas setenta e tantas paginas, editado pelo respeitavel proprietario do *Correio Paulistano*, sr. capitão Joaquim Roberto de Azevedo Marques.

Este livro teve a mais sympathica recepção por parte do publico, mas começou a ser devidamente conhecido e apreciado quando do Rio de Janeiro e de Portugal vieram pelos jornaes os juizos criticos firmados por auctoridades competentes.

Os indifferentes, os invejosos, esses terriveis e abominaveis espantalhos dos obreiros do espirito, assustaram-se com a victoria do *ousado* principiante, mas tiveram de curvar a cabeça ante a evidencia do facto confirmado por opiniões de mór valia.

Na capital do imperio um folhetim do *Correio Mercantil* assignado por J. C. (João Carlos de Souza Ferreira, jornalista distincto) pronnunciou-se de modo o mais encomiastico possivel; Luiz Guimarães Junior, no *Diario do Rio*; Pessanha Pova nos *Annos Academicos* que publicou mais tarde, e assim muitos outros escriptores conceituados, foram concordes em expender opinião altamente favoravel aos creditos do novo poeta.

Em Lisboa, o afamado escriptor sr. Pinheiro Chagas, cujas obras tão applaudidas são no Brasil, escrevendo no *Archivo Pittoresco* (1865) uma apreciação das *Estrellas Errantes*, enviou amistosias saudações ao poeta e com ellas o mais animador elogio

que um literato que começa pode desejar em seus brilhantes sonhos de glórias!

*O Conimbricense*, acreditada folha de Coimbra, apressou-se também em tecer ao inspirado moço brasileiro os mais decididos e insuspeitos louvores. Estava, por consequencia firmada a reputação do poeta, contra a qual nada mais pode fazer a critica das mediocridades impertinentes que em todos os tempos tão desgraçada cópia costuma dar de suas faculdades mancas.

Desde então o nome do dr. Francisco Quirino dos Santos foi-se tornando conhecido de dia em dia.

### III

E desde então começou elle a trabalhar no jornalismo politico. O poeta cedeu por algum tempo o lugar ao pensador severo, ao jornalista incansavel, ao folhetinista energico.

Ligado por laços de cordial amizade ao digno proprietario do *Correio Paulistano*, tomou a si a redacção dessa importante folha desde Janeiro de 1864 até Outubro de 1865, e casou-se em Abril daquelle anno (64) com uma interessante e virtuosa filha do dito proprietario, em honra da qual os nobres sentimentos do poeta impelliram-n'o a produzir as mais delicadas e maviosas poesias do livro que publicara.

Desejando, porem, mais tarde, afastar-se dos labores arduos e improbos do jornalismo, conseguiu ser nomeado, em fins de 1865, promotor publico da cidade de Santos, cargo de que foi demittido — «por conveniencia do serviço publico», segundo resa uma portaria do ex-presidente desta provincia, dr. Tavares Bastos, sendo a mesma portaria de 10 de Setembro de 1867.

Este cargo serviu-o elle com o juiz de direito dr. Araujo da Cunha, verdadeiro typo do magistrado integro, do qual mereceu sempre os maiores encômios, pelo que se vê desde logo que tal demissão foi um reprovado capricho, um acinte deploravel daquella auctoridade, em consequencia de se ter declarado hostile ao *Correio Paulistano* donde retirou as publicações officiaes, e cujo proprietario era, como acima ficou visto, sogro do demittido.

O Sr. Tavares Bastos procurava vingar-se a todo o transe, compromettendo de tal arte as prescripções austeras de prudencia que elle, como cavalleiro e como suprema auctoridade, devia considerar acima de seus despeitos.

Semelhante acto de precipitação por parte de s. exc. causou vivos clamores da imprensa, e mesmo dos adversarios politicos do dr. Quirino dos Santos. Para se ajuisar da offensiva injustiça, basta dizer que ainda a 3 de Outubro do anno em que se deu tão desagradavel episodio, isto é, um mez depois da demissão, o demittido recebia do procurador da corôa, D. Francisco Balthasar da Silveira, hoje membro do Supremo Tribunal de Justiça, um honroso officio que concluia com as seguintes linhas: «Não posso deixar de, em nome da justiça, agradecer, e com louvor, o seu cuidado e zelo no desempenho dos seus deveres.»

Mas o sr. Tavares Bastos precisava, para completar a sua vingança, demittir o funcionario honrado!

Entretanto, manda a verdade que se diga que essa demissão foi uma verdadeira felicidade para o poeta, porque sendo de pouco rendimento o fôro de Santos, protestou renunciar a todos os cargos publicos, retirando-se immediatamente para a sua cidade natal onde, associando-se na advocacia ao seu illustrado irmão dr. João Quirino, soube ganhar

as sympathias dos seus conterraneos e firmar-se naquelle importantissimo ramo de trabalhos.

Desgraçadamente, porem, tendo já o poeta dois filhos, duas lindissimas creanças em as quaes concentrava todos os affectos do seu coração, passou pelo horrivel desgosto de perdê-las logo depois da mudança, causando-lhe este cruel acontecimento uma prostração enorme!

Quanto, porem, á sua carreira na advocacia continuou em prosperidade, e de dia em dia os seus creditos mais se firmavam perante o publico.

Em 1869 fundou a *Gazeta de Campinas*, de accordo com seu respeitavel sogro, a quem pertencia a propriedade do estabelecimento typographico, e desde então redigiu assiduamente essa folha até hoje, passando, ultimamente, a propriedade do dito estabelecimento a pertencer-lhe.

N'essa importante tarefa da redacção de um jornal, que firmára os seus creditos propugnando pelas generosas e adeantadas ideias, o incançavel escriptor foi, e tem sido, quasi sempre coadjuvado por muitos dos melhores talentos da cidade de Campinas.

Como advogado, Quirino dos Santos tem sabido conquistar invejavel conceito, alcançando em diversas épocas esplendidos triumphos na tribuna judiciaria, assim pela firmeza e brilho de suas ideias como pela arrebatadora eloquencia de sua palavra inspirada, nas occasiões em que vem de molde o jogo dos sentimentos elevados. Dentre os seus melhores triumphos na alludida tribuna, o mais saliente foi, por certo, o que derivou da defesa de um reu accusado por um crime que importava a ameaça de ruina de todo o opulento municipio de Campinas, nada menos que uma insurreição...

Os leitores devem ainda lembrar-se desse factio que importava crime de tanta gravidade, e que, por isso mesmo provocando a indignação do povo,

chamava sobre o reu uma odiosidade espantosa, de maneira a não encontrar um advogado que o quizesse defender!

Nomeado ex-officio e de momento para a melindrosa defesa, Quirino dos Santos declarou que accetava tal incumbencia porque a sua profissão era um sacerdocio que lhe impunha deveres irrecusaveis, pelo que mereceu os applausos de todos os circumstantes, inclusive os dos proprios que estavam indignados contra o reu.

Erguendo-se então diante do imponente auditorio pronunciou um vigoroso improviso, que valeu a absolvição do accusado contra a geral expectativa, absolvição essa que fez, portanto, honra aos integerrimos juizes que a proferiram.

Em cargos de eleição popular foi o illustre advogado eleitor em Santos, e tem sido juiz de paz desde que mudou-se para Campinas até a presente data, justamente dois quatriennios, não obstante a sua reluctancia na accettazione desses cargos de honrosa confiança.

Quirino dos Santos vive rodeado de geral estima e verdadeira consideração. No lar domestico, entre os abençoados affectos da familia, é um dos homens mais felizes que eu conheço.

Entretanto, o ceu dessa sua invejavel felicidade, tem sido uma ou outra vez obscurecido pela passagem de nuvens negras, dessas com que o sôpro impiedoso da fatalidade costuma turbar os mais claros e tranquilllos firmamentos.

A morte prematura da joven e presada irmã do poeta, D. Thereza Quirino dos Santos; a de seu talentoso e illustrado irmão Dr. João Quirino e a de seus tres filhos, sendo o ultimo uma linda menina de pouco mais de um anno, foram golpes por demais rudes para a organização altamente sensivel do poeta, que entretanto soube, como homem

de profundas e elevadas crenças religiosas, lutar contra esse infortunio e sair victorioso, em honra de seus deveres sociaes e da nobilissima missão que a Providencia lhe marcou sobre a terra.

O escriptor nunca se deixou tomar de desanimo em face ás adversidades ; trabalha muito e sempre, quer como poeta, quer como advogado ou jornalista.

Actualmente trata elle de fazer imprimir a segunda edição das suas poesias sob o conhecido titulo—*Estrellas Errantes*, correcta e muitissimo augmentada, sendo que a impressão do livro feita de baixo de todos os preceitos da arte e do bom gosto, acha-se em via de conclusão.

Não obstante o seu immenso trabalho na advocacia, de dia em dia dobra de esforços como jornalista, cujo unico e louvavel scôpo é sempre a victoria do direito e da razão, com os olhos voltados continuamente para a bandeira da democracia, a causa popular e o progresso do seu vasto e futuroso paiz.

No meio do assustador embate das paixões politicas, que vão pervertendo os caracteres e abalando a segurança das convicções; no meio d'esse oceano voraz em que vão naufragando as crenças e as esperanças do povo atordoado pela famelica celeuma dos partidos, Quirino dos Santos, sem temer o diluvio das anomalias, salva-se como Deucalião da mythologia, sempre de pé no seu posto !

Eis ahi o que é de justiça dizer-se de tão incansavel lidador.

Não me consta que alguem tenha escripto a biographia d'esse notavel paulista, mesmo remontando ao tempo em que elle frequentava a academia.

Tudo o que conheço escripto ácerca de sua vida e do seu talento literario, consta das honrosas

palavras do notabilissimo escriptor portuguez sr. Innocencio Francisco da Silva, impressas em um dos volumes do seu «Diccionario Bibliographico», palavras essas que importam para o Dr. Quirino dos Santos uma invejavel garantia de nomeada, pelos louvores que aquelle auctorizado bibliographo lhe tributa.

O auctor das *Estrellas Errantes* é um dos maiores apreciadores dos bons literatos portuguezes, com cujas obras vive em perfeita familiaridade.

A sua bibliotheca é escolhida e abundante, e d'ella vive o fecundo estylista haurindo, sem cessar, novos e uteis conhecimentos para o seu já não pequeno cabedal de illustração.

Finalizando este rapido e desalinhado trabalho, não sei se seria de bom tom descrever, em dois traços apenas, a figura physica do illustre biographo, uma vez que outro tanto fiz em relação á physionomia moral e literaria d'esse generoso e activo character.

Como quer que seja, esquivo-me á difficil tarefa, asseverando apenas que: se o poeta das *Estrellas Errantes* não prima nem pela estatura e nem pela rigidez de compleição, possui, sem duvida alguma, porte airoso, fronte elevada, e no semblante esse mysterioso toque de sympathia indicativo das inexgotaveis riquezas do coração.

Faltar-lhe-ia por ventura um pouco d'esse asombroso *aplomb* peculiar a insolentes vaidosos, se a sua natureza não fosse, como é, tão refractaria á mentira e á frivolidade.

E'. todavia um bello vulto, insinuante, correcto, imponente.

Em conclusão :

Do Dr. Francisco Quirino dos Santos como es-

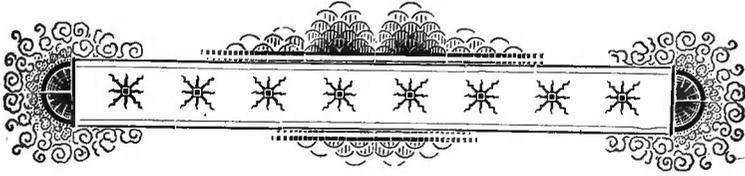
criptor e poeta póde-se dizer o mesmo que o biographo Del Rio disse de Espronceda :

—Esplendorosa phantasia, entonação robusta, ousado na fôrma, elegante nas locuções...

Não sou eu só que o digo, é tambem a opinião publica.

*S. Paulo, 17 de Setembro de 1875.*





## *A. Carlos Gomes*

**N**ão é propriamente a biographia deste famoso artista o que me cumpre escrever hoje, nesta pagina. Seria reproduzir, mais ou menos, o que já foi magistralmente dito por dois grandes vultos da literatura nacional, — os d<sup>rs</sup>. Luiz Guimarães Junior e Francisco Quirino dos Santos, não contando com um avultado numero de apontamentos biographicos, publicados por varios jornaes, em épocas diversas, no paiz e fóra do paiz.

O que faço agora aqui, o que me é possivel realizar, para corresponder reconhecido, ao delicado convite de um amigo, é traçar algumas singelas linhas relativamente ao predestinado compositor, com quem entretive as mais intimas relações de amizade, e de quem fui, por mais de uma vez, tão fiel confidente, nas horas da adversidade, como sincero admirador nas épocas festivas dos seus inolvidaveis triumphos.

A sua biographia, conhece-a sobejamente o publico ; ou, pelo menos aquelles que, com real interesse, se dão ao trabalho de estudar a vida e os

feitos das grandes personagens, dos heroes do nosso pequeno mundo artistico e literario.

Viveu num delirio; amou como um perdido, soffreu como um martyr.

Viveu pela arte, amou a arte, soffreu e morreu pela arte.

Eis ahi, em rigorosa synthese, toda a dolorosa historia de sua atribulada existencia.

Que importa agora ao leitor, saber se elle, o inspirado artista, nasceu em 1836, como dizem uns, ou em 1839 como affirmam outros?

Finou-se aos cincoenta e sete annos? Talvez. Exalou o ultimo suspiro aos sessenta annos? Que adeanta isso?

O que eu sei, o que sabem todos, é que naquella soberba fronte bronzeada, coberta por longos cabellos alvissimos, havia um mundo de inspirações sublimes que a fatalidade da sorte não deixou que se expandissem; e naquelle largo peito de velho pulsava um coração adoravelmente juvenil que a mão de ferro da desventura esmagou, entre as mais cruciantes dores.

De que lhe valeu a gloria, neste paiz?

Morreu pobre, após ter solicitado á Republica, emquanto tinha saude, uma pensão que lhe garantisse na Italia a tranquillidade de espirito necessaria para trabalhos de longo folego, mas isso mesmo lhe foi negado!

Que horroroso contraste nos offerece o seu singular destino!

De um lado a scena deslumbrante de seus triumphos artisticos, passadas nas alturas luminosas do Acropolis; do outro, o drama sombrio de sua vida privada, desenrolado sobre o sinistro scenario de um Golgotha!

Talvez me acoimem de indiscreto, talvez de demasiadamente severo, que sei eu? Mas, porque não

dizer a verdade toda a respeito deste grande artista, cujo corpo baixou á terra e cujo espirito subio á posteridade ?

Tempo é já. Já é mais que opportuno o momento de tornar saliente, com independencia e coragem, ainda que em traços rapidos, tudo isso que se agitou em torno do seu vulto egregio — o amor que o bafejou e as paixões que intentaram feril-o ; o bem que lhe fizeram, o mal que lhe causaram, as injustiças de que foi victima, os affagos que teve, os desdens que venceu, e que influencia tudo isto conseguiu exercer sobre o seu excepcional talento de artista, e sobre o seu espirito de poeta, subordinado aos phenomenos extraordinarios de um temperamento genial.

Ao menos esta pagina terá esta grande virtude, em falta de outros meritos — dizer absolutamente a verdade, sem lisonjear a quem quer que seja, sem a minima intenção de offensa a pessoa alguma.

\* \* \*

Paixão politica á parte, quer queiram, quer não, é de rigorosa justiça confessar, antes de tudo, que á solicitude do finado imperador do Brasil, sr. D. Pedro II, devemos nós, em grande parte, o desvanecimento de podermos chamar a Carlos Gomes — gloria nacional.

Tão sabido é isto, tão publico se tornou pela imprensa, que eu me dispensaria de bom grado de o affirmar de novo, se não fôsse o facto, um tanto doloroso, de querer ser principalmente, de imparcial austeridade nestas poucas linhas, tornando bem saliente a condemnavel indifferença com que o governo da Republica acolheu, ha annos, as justas e fundadas pretenções do infeliz maestro.

Não será difficil encontrar, mais adeante, a prova do que ahi fica escripto.

Quando Antonio Carlos Gomes sahio de Campinas em 1859, quasi clandestinamente, contra a vontade de seu velho pae, e foi ter ao Rio de Janeiro, levava o proposito inabalavel de se apresentar ao sr. D. Pedro, cuja fama de protector de artistas e de escriptores era já corrente. Tinha por intuito pedir-lhe indispensavel auxilio para ir encetar seus estudos num estabelecimento proprio.

Elle mesmo o dizia em uma carta ao seu venerando pae, escripta do Rio, a 22 de Junho do alludido anno: «A minha intenção é fallar ao Imperador para obter delle protecção, afim de entrar no Conservatorio desta cidade. Não perderei tempo; tudo isto que estou dizendo lhe desgostará, pelo motivo de eu ter sahido de lá sem sua licença, mas tenho confiança na minha vontade e no pouco de intelligencia que Deus me deu. Nada mais lhe posso dizer nesta occasião, mas affirmo a Vmcê. que as minhas intenções são puras, e que espero desassoçado a sua bençãam e o seu perdão.»

Depois de ter deixado na gloriosa Paulicéa, onde estivera alguns dias, uma verdadeira notoriedade de artista, Carlos Gomes no Rio de Janeiro conseguia a realisação de seus sonhos dourados, impondo-se ás grandes rodas de artistas e literatos, pelo seu masculino e promettedor talento.

A sua primeira entrevista com o sr. D. Pedro de Alcantara, tornou-se uma das paginas mais curiosas de sua biographia, pagina essa que eu aqui não reproduzo para evitar demasiada extensão a este escripto, e principalmente porque quasi toda a gente sabe-a de memoria.

Basta dizer que o illustrado chefe da nação recebeu o joven compositor com a maxima cortezia e benevolencia, como era seu costume, e affagou-

lhe devidamente as pretensões, providenciando no sentido de ser o artista neophyto admittido no Conservatorio de musica nacional.

Ahi collocado, sentindo-se feliz e alegre por vêr que o anjo incomprehsivel dos destinos lhe dava o seu primeiro osculo, tendo deante de si a vasta e florida estrada que o devia levar á conquista do futuro, e em redor de si a protecção sincera de valiosissimos amigos, o inspirado moço votou-se de corpo e alma ao estudo e ao aperfeiçoamento de sua bella vocação, fazendo verdadeiros prodigios de progresso em pouco tempo!

Foi nessa phase feliz e ridente de sua vida que elle produziu as duas primeiras operas — *A Noite do Castello* e *Joanna de Flandres*, representadas em 1861 e 1863, e cujo merecimento relativo tantos applausos mereceu do publico e da imprensa daquelle tempo.

Estava, emfim, iniciado o joven compositor cam-pineiro, no grande templo em que poucos são os predestinados da gloria e da immortalidade.

Ambas aquellas composições haviam-lhe grangeado as mais completas e reaes sympathias, e desde logo trataram os seus amigos de incital-o a ir á Europa aperfeiçoar a sua maravilhosa vocação. A feliz idéa partira principalmente do Imperador, (dizem) merecendo a mais entusiastica acceitação por parte do governo que, neste sentido, dirigio reit-rados convites ao maestro.

Ao author de tão esplendidas e promettedoras primicias não era licito deixar de abraçar, cheio de justo orgulho, tão honrosa prova de apreço, muito embora lhe custasse isso o enorme sacrificio de separar-se por longo tempo de sua querida Patria.

Era preciso, pois, partir. O governo o auxiliava, o Imperador dava-lhe as maiores provas de distincção, e um povo inteiro applaudia tão patriotica ideia,

confirmação absoluta do valor real desse novo astro, que surgia com tamanhas scintillações no vasto firmamento da arte.

Assim foi que, tendo á sua disposição uma meçada que lhe era concedida pelo governo do Imperio, resolveu seguir para Milão a 8 de Dezembro de 1863, levando as mais pungentes saudades de sua familia e de seus amigos, ao passo que o seguia, pela infinita extensão dos mares, a estrondosa manifestação de um povo inteiro, que o acclamava como uma das mais radiantes vocações artisticas que os homens teem visto!

Estavam, finalmente, realizados os seus dourados sonhos de gloria.

O athleta começava a lutar; o anjo das grandes victorias mostrava-lhe já, ao longe, as virentes corôas de louro que mais tarde deviam ser sustentadas pela frente do triumphador sublime!

Que vastissimos e luminosos horisontes se rasgavam diante de si!...

\* \* \*

Começa neste ponto a indescriptivel odyssea dos primeiros tempos de sua notoriedade na Europa. Transportar-se á lendaria e poetica Italia, a patria dos mais celebres poetas da musica; vel-os, conversar com elles, conviver com o grande mundo intellectual, receber as licções dos egregios mestres, sentar-se nos bancos em que já se haviam sentado, nesse famoso Conservatorio, vultos que já pertencem á posteridade; aprender tudo isso que os mais celebres compositores fizeram; compor tambem e arremear ao mundo o fructo do seu talento e das suas inspirações de americano ardente, tal foi o pensamento unico e complexo que acompanhou o famoso maestro brasileiro, desde o dia em que deixou as

· margens do magestoso Guanabara, com destino á grandiosa patria dos maiores genios musicaes, que o mundo inteiro conhece e venera.

Milão foi a cidade por elle escolhida, para a sua permanencia. Milão onde está o vastissimo *Scala* — o esplendido theatro, por onde teem passado todas as surprehendentes produções dos mais celebres compositores do seculo...

Que alegria e que felicidade!

E desde que alli chegou, não teve outra ideia, outra preocupação, outro intuito que não fosse estudar, tomar os mais abalisados professores, dedicar-se ao aperfeiçoamento de suas aptidões, ouvir os grandes mestres, realizar, emfim, o seu querido e deliciosissimo ideal!

Espirito vibratil, capaz, como era então, de todas as audacias sublimes, levava elle o plano summario de chegar, mudar de facto, não descansar, preparar-se rapidamente, fazer-se discipulo do primeiro professor notavel que encontrasse e transformar-se, pelo methodo mais repentino possivel, em um verdadeiro martyr do trabalho, diuturnamente applicado ao seu unico e adorado objectivo — a arte, e morrer por elle, se preciso fosse!

Mas, fez-lhe embargos o destino á singular sofredão, pondo-o de cama, enfermo logo á chegada, e assim permaneceu inactivo por espaço de dois longos mezes!

A inesperada contrariedade, porém, cedeu o lugar ao fim daquelle tempo, á volta da actividade do estudioso aspirante que, sem demora, tornou-se alvo dos mais sympathicos reparos e digno de reiterados e sinceros louvores por parte dos seus mestres e de todos os seus collegas.

Tres annos, apenas bastou este curto lapso de tempo para que o discipulo se tornasse peremptoriamente um profissional notavel. A 6 de Junho de 1866 sahia do Conservatorio, e escrevia a sua pri-

meira composição na Italia, denominada — *Se sa minga*, revista do anno, cujo libreto era da lavra do poeta Scavini, obtendo a musica de Gomes o mais ruidoso successo !

Era preciso ir mais além... e foi.

A sua consagração completa, estrondosa, brilhantissima ; a sua consagração de artista genial, não se fez esperar muito. A 19 de Março de 1870 o publico de Milão assistia, verdadeiramente maravilhado, á primeira exhibição da opera-baile—*Il Guarany*, e applaudia freneticamente, no notavel vulto do compositor brasileiro, a maior gloria artistica musical de toda a America !

Estava definitivamente firmada a reputação de Carlos Gomes. O grande centro das glorias musicas o proclamava heroe, e lhe collocava na frente radiante a corôa sagrada dos vencedores da arte !

Pouco tempo depois partia o illustre maestro para o Brasil, em companhia do seu digno irmão, o não menos distincto Sant'Anna Gomes, que fôra á Italia assistir aos triumphos do seu querido Carlos, trazendo ambos consigo innumeras corôas, flores em profusão, milhares de demonstrações de applausos e o praser immenso, indescriptivel, que é dado a vencedores experimentarem, ao fim de uma tremenda batalha !

A volta do grande maestro á sua adorada patria, a recepção que teve e a apothéose que mereceu dos seus patricios, essa enorme festa, finalmente, de que sempre, com justo orgulho se ha de lembrar o paiz inteiro, foi-lhe a prova mais cabal e completa da glorificação do seu trabalho e da superioridade do seu espirito.

O maestro trazia a seus patricios, após sete annos de ausencia, o documento irrefragavel, a fulgurante affirmação do seu assombroso talento...

Trazia *O Guarany* !

Mais adiante verá o leitor de que maneira foi essa peregrina composição recebida no Brasil.

\*  
\* \*

Coberto de aclamações, atordoado pelos applausos, ébrio de entusiasmo, depois de breve estada em sua Patria, o glorioso maestro voltou á Italia, disposto a preparar novos attestados de sua fecunda e privilegiada imaginação.

Era preciso continuar na immensa faina; o dever lhe bradava ser preciso não adormecer sobre os louros do presente, e ir ávante, ávante sempre, na conquista completa da immortalidade do seu nome.

Na febril actividade com que se conduzia, planejou e realisou novos trabalhos, annunciando sem demora, o *Salvador Rosa*, opera que mereceu especial menção dos criticos mais abalisados.

Por este tempo a estrella de Carlos Gomes, a estrella do seu destino que se conservára até então em pleno fulgor, entrou a ter visiveis desmaios, intermittencias de frouxidão assaz assustadoras, sobresaltando os que acompanhavam a marcha victoriosa do artista.

Poeta, como era, phantasista indomavel, imaginou desde logo e pôz em pratica, duas cousas transcendentales que lhe foram, com o correr do tempo, grandemente funestas: o seu casamento, e a construcção de um bello palacete alli pelas alturas das margens do lago de *Cômo*.

Simplesmente isto! Um sonho esplendido!

O leitor conhece, por ventura, em cabeça de moço, sonhos mais poeticos do que estes?

O casamento, e a construcção de um ou mais castellos no... ar!

Mas, tambem é de presumir que o mesmo leitor não tenha noticia de duas catastrophes maiores do que estas:—um casamento infeliz, e um castello construido... a *prazo!*

Pois de ambas foi victima esse incorregivel phantasista do mundo das melodias!

Casou-se e não encontrou a felicidade; construiu uma bellissima vivenda e... gastou nella tudo o que tinha! Talvez mais!...

Dahi as consequencias — tristezas e amarguras por um lado, relativamente á vida intima do seu lar domestico, em virtude de uma simples desigualdade de genios entre os conjuges; de outro lado attribuições de espirito provenientes de um sério desequilibrio entre a sua receita e as suas despesas!

Uma mezada diminuta e direitos de author mui exiguos, não davam margem a corrigir a gravidade da situação, de sorte que Carlos Gomes foi entrando lentamente em fraco periodo de crise.

O cruel positivismo da vida, com todo o seu cortejo de dissabores, invadira-lhe o illuminado scenario de suas glorias.

Por este tempo a calumnia e a inveja lançaram mão de todos os meios para deturpar a reputação do maestro, e procuraram tirar partido da conjunctura em que se elle achava. De uma vez disseram que era um brasileiro degenerado, pois que se tinha naturalisado cidadão italiano. Era uma clamorosa injustiça, era falso. Por outra vez asseveraram que o artista vivia vida dissipada, perdendo ao jogo tudo quanto ganhava!

Tambem este boato foi categoricamente desmentido pelo brioso paulista, a quem, em todo o caso as adversidades iam pouco a pouco causando pungentes damnos.

Depois do *Salvador Rosa*, escreveu a *Fosca*, e exhibiu-a, mas já um tanto apressadamente, sem

grandes cuidados e revisões, assim á maneira de quem precisa realisar lucros a todo o transe para saldar compromissos inadiaveis.

A *Fosca* teve, por isso mesmo, de passar por transformações e aperfeiçoamentos que lhe deram depois grande merecimento e restauraram brilhantemente os creditos do auctor.

Todos os trabalhos de Gomes, produzidos dahi em diante, resentiram-se de uma tal ou qual precipitação, deixando entrever, que em falta de sadia e natural inspiração, empregava inauditos esforços e fazia prodigios de gymnastica com as suas faculdades intellectuaes e affectivas.

Empreheendeu então viagens continuas ao Brasil, principalmente ao Norte, a ver se lhe seria possivel, já como empresario de companhia, já como compositor, realisar e reunir elementos de que elle muito precisava.

Tudo foi baldado.

Um unico recurso lhe restava, além dos extraordinarios que particularmente lhe prestava o seu bom e dedicado irmão Sant'Anna Gomes, — era pedir ao governo do Imperio a renovação de sua mezada, de maneira a livral-o de sérios apuros, e garantir-lhe a tranquillidade de animo para o trabalho, de que tanto carecia.

Deu-se isto de 1887 a 1888, periodo em que começou, para o auctor do *Escravo*, a infernal crise aguda de suas finanças.

Fez-se rumor em torno do facto. Os jornaes do tempo trouxeram a publico as conjuncturas em que se debatia o maestro, especialmente a *Gazeta de Campinas*, cuja redacção, á frente da qual se achava quem ora escreve estas linhas, tratou detidamente do assumpto, fazendo a Carlos Gomes a maior justiça, e defendendo valorosamente as justas pretensões que elle revelava.

A sua fortuna, porem, (com relação á vida privada) esmorecia de todo, pois a 15 de Novembro de 1889 rebentava a sedição militar que deu em resultado a Republica, e com a Republica veio a suspensão dos auxilios imperiaes prestados ao grande maestro !

Era, para elle, acabrunhadora a situação.

O Imperador, com quem Carlos Gomes podia contar como amigo e protector, fôra banido, de sorte que havia só um meio de afastar as horriveis difficuldades que se agrupavam em redor de si—pedir á Republica um auxilio...

Foi o que elle fez. Pediu!...

\* \* \*

E não obstante a nobresa e elevação de sua causa, pedio em vão !

Foi exactamente este o momento, profundamente critico e doloroso em que começaram os seus maiores tormentos.

Tudo quanto póde haver de amargo e desanimador, elle experimentou.

Faltou-lhe o altruismo da Patria, quando mais d'elle precisava !

O governo provisorio da Republica negava-lhe uma pensão, a elle tão justamente considerado — a mais legitima gloria nacional !

O auctor do *Guarany*, do *Salvador Rosa*, da *Fosca*, de *Maria Tudor*, do *Escravo* e do *Condor*; elle, que tinha direito a todas as considerações e a todos os auxilios, pois que ennobrecia a sua Patria pelas suas insignes producções, via-se tratado com indifferença, pelos vultos mais importantes da Republica !

Imagine-se o soffrimento e as decepções porque passou aquelle temperamento delicado e nimiamente impressionavel de artista !

De lá, de onde estava, de Milão, empregava elle todos os meios possiveis para obter o que inutilmente ambicionava; e, com uma especie de actividade febril, morbida, escrevia a todos os seus amigos no Brasil, pedindo-lhes benefica intervenção em favor de seus intentos, e esses amigos, valha a verdade, punham em acção tudo o que era humanamente possivel.

Os principaes eram, em primeiro lugar o seu dedicado irmão Sant'Anna Gomes, e depois o notavel jornalista dr. Americo de Campos, e a mesma pessoa que aqui vae traçando estas desprezenciosas linhas.

Gomes estava perfeitamente attribulado. Sentia a *força indômita* da inspiração que lhe reclamava applicação ao trabalho, mas, ao mesmo tempo a mão fria do desanimo impellia-o para uma especie de marasmo, de morte moral, entrecortada por indescriptiveis desesperos!

A prova disto vou eu dal-a já.

Tinha elle vindo ao Brasil, num dos seus repentes de esperança, afim de tratar do seu almejado negocio — a obtenção de uma mezada official, sob a condição de continuar em Milão e dar andamento a trabalhos importantes, novas operas que estavam em via de conclusão. Lançára mão de todos os meios, falára a todas as summidades politicas, sem côr partidaria, expondo as suas precarias condições. Ao fim de grandes fadigas, chegára a obter de alguns vultos importantes, cabal promettimento de que tudo se arranjaría.

Neste interim, sempre apressado, sempre afflicto, teve de voltar inopinadamente á Italia, deixando a sua trabalhada ideia pendente... de um milhão de circumstancias!

Lá chegando, escreveu e dirigio-me a seguinte carta:

Milão, 8—2—90.

«*Meu bom Carlos!*

« Escrevo-te na certeza de que serás, como sempre, amavel em me responder com a possível brevidade. — Motivos imperiosos me obrigaram a partir do Rio para Milão, quasi repentinamente.

« O Americo, nosso velho amigo, me acompanhou até o Rio e foi testemunha ocular das *repetidas e formaes promessas* do nosso conterraneo C. S.

« Americo, que ficára no Rio além do dia 10 de Dezembro, me escreveu na mesma data assegurando-me que Ruy Barbosa, Aristides Lobo, Quintino e outros estavam de accôrdo em meu favor.

« Quanto a boa vontade do povo campineiro guiado pelo nosso conterraneo F. Glycerio, já sabias desde o principio.

« Agora, porém que estamos a 8 de Fevereiro, e tendo escripto a quasi todos sem receber resposta, venho te pedir de escreveres ou falares com o amigo G. fazendo-lhe tambem lembrar a promessa que me foi feita *formalmente e publicamente*.

« Os jornaes da Europa até publicaram que a demonstração das senhoras de Campinas em S. Paulo, foi com o fim de pedir ao governo uma pensão para o maestro Carlos Gomes! «Paciencia. Se a fama correspondesse á realidade...

« Emfim, venho te pedir, como já pedi aos amigos, quasi todos de Campinas, de obter do cidadão F. G. uma resposta decisiva.

« Se a resposta for negativa serei obrigado a abandonar immediatamente a Italia e voltar... para onde?

« Deus me ha de ajudar.

« Perdôa, meu Carlos, os continuos incommodos que te dou, mas crê: sou injustamente esquecido!

« Adeus, adeus! Até breve, talvez.

« Sempre teu grato amigo

CARLOS GOMES.»

Tudo quanto era possível fazer-se, foi realizado; havia interesse e boa vontade. Eu, mais uns dois amigos, e o Sant'Anna Gomes, propunhamos varias ideias. Escreviamos a pessoas influentes do Rio, e pelas columnas da *Gazeta de Campinas* advogavamos, com verdadeiro ardor, a causa do illustre maestro.

Quando estavamos juntos, eu e Sant'Anna Gomes, estudavamos o meio mais curial de levar a effeito o auxilio de que o attribulado auctor do *Guarany* tanto precisava.

Houve um momento em que chegamos a ter plena confiança nos homens altamente collocados, aos quaes Carlos Gomes tinha recorrido. Que illusão!...

Pois o governo da Republica havia de deixar sem resposta satisfactoria a impetração do glorioso compositor, quando era certo ter elle tido do governo do Imperio as deferencias com que todos os governos costumam distinguir os homens que pelos seus excepçionaes talentos sabem honrar sua patria?

E ficámos á espera...

Imagine-se qual foi o meu assombro, quando, dois mezes depois da primeira, recebi esta segunda carta:

Milão, 9 de Abril de 1890.

« Amigo Carlos Ferreira.

« O mano Juca tem a incumbencia de te mostrar a fiel copia da carta que o illustrado cidadão e amigo F. G. me escreveu para aqui em data de 8 de Março, do Rio de Janeiro.

« Não faço, e seria tempo perdido, fazer commentarios sobre a resolução do governo.

« O principal sentido desta carta é pedir a você de prevenir logo todos os seus collegas da imprensa, isto é, digo mais: pedir a todos de minha parte que nada digam pelos jornaes a meu respeito.

« Seria para mim dupla magua ler pelos jornaes a noticia do vexame e humilhação que estou injustamente soffrendo do governo.

« Tendo-te escripto repetidas vezes, peço-te tambem desculpa do incommodo que sem duvida te deram as minhas inuteis cartas; foi porém boa fé, pois não esperava pela carta absolutamente negativa do amigo F. G.

« Se, porém, a ideia expressa na minha carta antecedente e *reservada só para ti*, mano Juca e dr. L., fôr por vocês aceita e posta em pratica; se em vista disso e a probabilidade de bom exito entenderes (de accordo com os amigos) mandar um telegramma de tres palavras, dizendo: *Gomes, Milão, Espere*;

« Então esperarei o tempo de aqui chegar uma tua carta detalhada.

« Sem isto, isto é, sem o telegramma, esperarei em Milão até 14 de Maio; a 15 partirei.

« N. B. Os vapores de Genova para a America do Sul, partem regularmente a 1 e 15 de cada mez. Esta carta chegará a Campinas nos

primeiros dias de Maio, com tempo de eu aqui receber o telegramma, o qual, repito, só espero até o dia 14.

« Adeus, adeus.—Perdôa a monotonia, as massadas e o *tom menor* do

Teu infeliz amigo

A. CARLOS GOMES.

A carta de F. G. a que o maestro se referia, era realmente para causar consternação. Dizia nada menos que : «na conferencia ministerial de 7 de Março de 1890, fôra regeitada a proposta apresentada, referente á modesta pretensão d'elle Gomes — isto é a mezada de que elle carecia !

Com magua, cheio de pezar (dizia o auctor da carta) só elle apoiára essa justa pretenção, e que por isso lhê era absolutamente impossivel fazel-a revogar, pelo que sentia grande e doloroso desgosto ! Que não desanimasse, todavia; os tempos mudariam e as apertadas circumstancias financeiras do paiz melhorariam, e que então o governo não deixaria de prestar ao grande genio do maestro (textual) o auxilio que reclamava. Que elle maestro não tinha o direito de enfraquecer na lucta, que o seu nome pertencia á patria, á gloria, duas cousas que lhe deviam merecer algum sacrificio !»

Ora eis ahi está !

Chama-se a isto resolver uma situação difficilima com toque de caixa, musica e foguetes, cousa bem differente d'aquillo que o desesperado maestro esperava !

A elle competia fazer alguns sacrificios pela Patria, mas a Patria não estava disposta a fazer o menor sacrificio por elle !

.

Grande e fecunda orientação de estadistas patriotas, na verdade!

Diante disto, que fazer, grande Deus?!

Pedir particularmente aos amigos, aquillo que a Patria não lhe quiz publicamente dar!

Tudo por causa de uma *transcendente e complicadissima* questão de... economia!...

\*  
\* \*

Sob um ponto de vista philosophico, porém, e com uma boa dóse de tolerancia christã, chega-se a explicar e justificar o procedimento do governo provisório da Republica Brasileira em 1890, com relação ao maestro Carlos Gomes.

Que poderia realmente fazer esse governo em favor de artes e artistas, num momento historico de extraordinaria gravidade, em que estavam em jogo todas as paixões partidarias, todos os temores e todas as ambições pessoases de ordem politica?

Os homens que se haviam collocado á frente dos negocios publicos, isto é, presidente e ministros, francamente falando, não tinham ainda a experiencia e a competencia, que o officio requeria, e sentiam-se pavorosamente atrapalhados com a complicação das responsabilidades que lhes pesavam sobre os hombros.

Tornava-se de mistér executar alguma cousa, fosse o que fosse, que denotasse energia e virtude civica na occasião, como principio de actividade demonstrativa de patriotismo e de tino administrativo.

Era preciso dar copia de si, fazer alguma cousa curial e ao mesmo tempo bisarra. Que cousa seria?

Um grande córte nas despezas, naturalmente; um primeiro movimento de *sabedoria* economica,

o qual tendo por base a supressão dos subsidios da familia imperial, fosse, a todo o transe acabar em tudo o que a monarchia tivesse feito, mesmo em honra da Patria, como por exemplo—manutenção de mezadas a alguns artistas superiores.

A Republica precisava de dinheiro para outros fins...

Portanto, Carlos Gomes e Maria Monteiro, (outra gloria nacional que estudava a expensas do governo do Imperador), estavam condemnados a ficar sem essa demonstração da solicitude e do reconhecimento que lhes era conferido pelo referido governo.

Para que mezada a artistas? Perguntariam os novos timoneiros da nau do Estado. O mundo não se leva por musica, nem por cantigas, e consequentemente seja supprimida a verba inutil!

Eu de mim acho que elles tinham razão. Eram logicos.

Os homens cujo espirito assim raciocinavam, obravam como entendiam e estavam perfeitamente no seu direito, porque não podiam entender e obrar de outra maneira.

O presidente, aliás honesto cidadão e um bravo e poderoso militar, não podia se conduzir na Republica brasileira como Péricles se conduzira na antiga Athenas, em tempos remotos.

Entre um e outro, que tremendo abysmo!

Elle podia dar ordens sábias de ataques em rigorosos combates, contra rebeldes, se fosse preciso; mas, presidir ao desenvolvimento das artes, das sciencias e das lettras, isto é que não.

Os outros, os seus acolytos, ministros do chamado governo provisório, com excepção de dois sómente, o dr. Benjamin Constant e o sr. Quintino Bocayuva, não tinham orientação alguma literaria e artistica, nenhum preparo que os habilitasse a comprehender a necessidade, como prova de amor ao progresso e á civilização, de concorrer para o desen-

volvimento da intellectualidade e do espirito publico, logo no começo da Republica.

Homens pesadamente politicos, entre os quaes alguns affeitos á vida acanhadissima que até então haviam vivido na provincia; lavradores, advogados de localidades pequenas, não podiam, mesmo possuindo certo talento natural, realizar aquillo que só póde emanar de espiritos superiores, educados em grandes meios, rodeados de certas influencias e estudos que actuam directamente sobre o cerebro, desenvolvendo-lhes os germens das grandes e propositas ideias.

Entenderam que não era de bom aviso gastar dinheiro com maestros, e supprimiram ao Gomes a mezada imperial, talvez sómente porque era imperial, e não lhe deram outra!

Comprehendem isto? Já se vê: o paiz ia forçosamente lucrar. A grande economia começava! Certamente entre a receita e a despesa do Brasil, dar-se-ia uma differença consideravel, em favor da receita!

Não se concederia, por fórma alguma, a C. Gomes a quantia de 500\$000 mensaes, mezada republicana, e nem mesmo a de 150\$000, que era a mezada imperial!

Nada, absolutamente nada!

Grande e proficua licção a economistas futuros!

De tal arte, quem não salvará as finanças de uma nacionalidade? E a bondade da medida economica, é o que se está vendo... Querem cousa mais fóra de perigo do que a situação financeira do Brasil?

E Carlos Gomes, calado, resignado, sabendo até que a bancada paulista no Congresso apoiava essa resolução do governo, continuou a trabalhar, martyrisado de desgostos, sem alegria, sem bem-estar, sem commodidades e socego, e, peor que tudo isto...

sem sentir mais na frente o fogo sagrado de suas antigas inspirações!

Tornou-se um descrente e um misanthropo, luctando com as maiores difficuldades, e antevendo o futuro de seus filhos atravez das nuvens escuras de suas tristezas.

Depois... a historia pungentissima de sua longa enfermidade...

Tão recente é este drama sombrio, que apenas farei ligeiras menções delle, aqui.

No dia 16 de Maio do anno passado escrevia eu no *Correio Paulistano*

«A esta hora deve ter chegado á capital do Estado do Pará, o nosso glorioso maestro Carlos Gomes.

Sahiu de Lisboa para alli ha dias, gravemente enfermo, conforme uma multidão de noticias transmittidas por telegrammas daquelle cidade a todos os jornaes do Brasil.

Padece de um cancro na lingua o famoso auctor do *Guarany*; flagella-o essa enfermidade horrivel que lhe não deixa a calma necessaria para o trabalho, e rouba-lhe inteiramente o gosto para a sua querida arte.

Não póde fallar, nem póde escrever, dizem as noticias, e provavelmente nem poderá pensar senão no seu martyrio e no descanço eterno, depois de tanta gloria, de tão renhidas luctas e de tantas conquistas victoriosas!

«Se o meu mal é de morte, exclamára elle diante de seus medicos, quero ir morrer na minha patria.»

E, sem embargo de todas as imposições da sciencia e dos seus amigos, que alli os conta em avultado numero, embarcou com destino ao Pará, onde a esta hora já deve estar chorando o seu grande infortunio, mas ao mesmo tempo abençoando o seu destino que lhe concedeu vida ainda para saudar, mesmo entre dôres, terras abençoadas do seu adorado paiz!»

Foi nessa occasião que o governo do Estado de S. Paulo se lembrou de ir ao encontro do quasi moribundo maestro, concedendo-lhe uma pensão, quando já para nada mais servia ella.

Felizmente ficava a dos dois filhos — Carlos e Itala, compensando de algum modo as injustissimas faltas que houve por parte do governo federal para com o laureado athleta, conforme o que neste rapido escripto ficou assignalado.

A pensão a elle concedida não pesou por muito tempo ao erario da Republica ; o soberano do talento dispensou-a, a sorrir, libertado das miserias humanas pela mão piedosa do anjo da morte. Nada mais pederia.

A 16 de Setembro de 1896, pelas onze horas da manhã, exalava elle o ultimo suspiro na inclita capital do Pará, entre as mais vivas e tocantes demonstrações de amor, respeito e consternação de um povo inteiro.

A magestosa apotheose que lhe fizeram alli, foi a mais eloquente e cabal affirmação do valor real desse homem que, pelos seus esforços e pela grandesa de seu genio, conseguira conquistar fóros de verdadeira celebridade.

Os paraenses souberam perfeitamente avaliar a deploravel e immensa perda que o Brasil acabava de soffrer.

\* \* \*

O corpo embalsamado veio para Campinas, a cidade natal do glorioso compositor, e por onde passava choviam as flores, turbilhonavam as commoções e tombavam lagrimas, exactamente como nas epochas felizes em que elle dominava os corações com as divinas harmonias de suas operas immortaes.

A 24 de Outubro, após uma ausencia de trinta e sete annos, o filho querido voltava definitivamente ao lar saudoso. Vinha immovel, deitado, adormecido, conduzido em triumpho, como que a sonhar, descansando, elle o forte, dos combates gloriosos em que se empenhára, na conquista de louros para a sua adorada Patria!

A sua entrada na famosa cidade onde um dia vira a luz e recebera o baptismo, foi o spectaculo mais grandioso que se tem visto; o acontecimento mais surprehendente que já alli se realisou; a glorificação mais completa e imponente de que pôde ser objecto um heróe vencedor!

Nesse dia, no *Correio de Campinas*, que deu ao publico um bello numero especial, estampeei o folhetim que adeante transcrevo. Era a minha modesta homenagem ao grande maestro, e com ella eu relembraва precisamente o periodo mais feliz e brilhante de sua fulgentissima mocidade.

Eis a singela pagina:

## A primeira do GUARANY

(REMINISCENCIAS DE UMA NOUTE)

*Carta a Leopoldo Amaral*

Não podes imaginar, meu caro Leopoldo, o que foi, no Rio de Janeiro, ha justamente vinte e seis annos, a primeira exhibição da esplendida opera — *O Guarany* do nosso grande compatriota Carlos Gomes.

Como sabes, estive presente a essa festa involvidavel, por signal que recitei uns versos vertiginosos,

cujo original, (perdoa-me a immodestia) mereceu a honra de ser conduzido até o camarote imperial... por pedido do Imperador, e, do mesmo modo, por pedido do famoso maestro, até o camarim do palco onde elle permanecia, procurando subtrair-se á tempestade dos applausos que cahiam sobre a sua frente inspirada.

Esplendida noute essa! Noute de offuscadora gloria para o insigne compositor, e de estrondoso delirio patriotico para o publico, o electrizado publico daquelle tempo, que era, ao inverso do de hoje, muito mais amante de artes e de artistas, que de politicos e politica, felizmente.

Guardo ainda na imaginação a grandeza daquela commovedora scena em que um povo inteiro soube render, ao maior talento artistico de nossa patria, a mais franca e enthusiastica homenagem!

Não podes imaginar, repito, o que foi essa arrebatadora demonstração de preito!

O theatro era o celebre *Lyrice*, o «Provisorio» como geralmente o conheciam, sagrada arena dos colossaes combates da arte, outr'ora, quando o genio assombroso de João Caetano tão gloriosos loiros colhia; era o «Provisorio», um esquisito barracão, pintado exteriormente de amarello, muito grande, e posto lá num angulo do amplo Campo de Sant'Anna que, naquella época, estava longe de ser o esplendido parque que é hoje.

Tres dias antes do espectaculo a casa estava totalmente vendida. Não se encontrava mais, mesmo por preços fabulosos, nem um camarote, nem uma cadeira, nem uma «varanda» e até nem mesmo uma *torrinha*!

Lembro-me bem que o meu bilhete de entrada para a respectiva *frisa* da commissão dos festejos custára nada menos de vinte e cinco mil réis, o que para mim, naquelle tempo, como estudante que era, representava uma fortuna! Pois tive animo de

dal-a pelo suspirado cartão, a um amigo que m'ocedeu por muito empenho, sob condição de ser eu um dos poetas do magnifico programma.

Que remedio ?

Aceitei e fui. Levava, bem gravada na memoria, a minha versalhada ao maestro, o qual, valha a verdade, chorou em pleno palco, como uma creança, quando eu, com todo o desembaraço dos meus vinte e tantos annos, descarreguei-lhe sobre a fronte luminosa e predestinada, toda a minha estrepitosa bombardada parnasiana !

\* \* \*

No dia do espectáculo não se falava na rua do Ouvidor senão da grande novidade artistica. Carlos Gomes e sua opera eram o assumpto de todas as conversações.

O dia pareceu um seculo, mas afinal a noute chegou. A's oito e meia horas o bojudo theatro estava inteiramente repleto, porém de maneira a asphyxiar as pobres creaturas, e a deixar a policia em sérios apuros, por não poder ella evitar a venda demasiada de bilhetes.

Fazia um calor horroroso, aggravado consideravelmente pela alta temperatura do enthusiasmo que havia em todos os corações e em todas as cabeças!

Era deslumbrante o aspecto da vastissima sala. Tudo o que havia de mais elevado e fino na capital do Imperio em letras, em artes, em politica, no commercio e nas industrias, bem como em outros ramos da actividade humana, lá estava.

Nos camarotes sobresahiam *toilettes* deslumbrantes em mulheres formosissimas, fronte esculpturaes, cujos olhos faiscantes andavam, em fogosa competencia com o fulgor dos innumerous brilhantes que as ornavam !

Uma verdadeira orgia de luz !

Na platéa, as cadeiras de primeira ordem eram quasi todas occupadas por cavalheiros trajando casaca, luva branca, *claque*, e o mais das grandes solemnidades, Havia anciosa e profunda expectativa em todos os espiritos; apenas cortando o silencio magistral que a imponencia da situação exigia, ondulava pela atmospherá o fremito nervoso dos corações e dos pensamentos, emquanto que, de todos os pontos do theatro uma multidão de leques multictôres agitava-se vertiginosamente, como um immenso bando de borboletas tresloucadas!

De mistura com tudo isto, fluctuações de quentes e inebriantes perfumes de flores e de finissimas essencias de sandalo, violeta, heliotropo e outras que mais estimulavam as escaldadas phantasias naquella sublime noite de verão e de luar intenso.

Em um camarote, junto á boca do palco, na primeira ordem, via-se ao lado de umas damas esplendidas, um homem muito encolhido, com um ar notavelmente modesto e doentio, de barbas pretas, pallido, olhando como que a custo, atravez de uns oculos de aros de ouro.

Para esse homem convergiam, curiosos, todos os olhares da platéa, emquanto não subia o panno, mas elle nem sequer parecia dar por isso.

Era o conselheiro José de Alencar, o festejado auctor do celebre romance donde o nosso insigne maestro fizera extrahir o *libreto* para essa opera, que tão luminoso caminho lhe abriu para a posteridade...

\* \* \*

O publico espera ancioso. E' chegado o momento supremo.

Nota-se em todas as cousas um quê de electri-

co e indefinível que annuncia os grandes acontecimentos...

De repente a orchestra dá o signal. Cessa a agitação dos leques.

Ninguém mais murmura. O silencio é tão completo que se ouviria o esvoaçar de um beija-flor. Todo o mundo tem os olhos fitos na orchestra, e essa, com extraordinario e surpreendente brio, rompe a inspiradissima *ouverture* da opera, causando desde logo a mais profunda sensação.

O panno sóbe: começa o primeiro acto.

Os artistas visivelmente commovidos, cantam a capricho, primorosamente.

Lelmi, o gordo e baixo tenor de segunda ordem, apparece vestido de guarany. Canta como se fosse um cantor de primeira... Cecy, cujo papel não me lembro agora que artista o desempenhava, (a Gasc, creio que foi) enche o theatro de encantadoras melodias. Começam a trovejar os applausos. A *mise en scène* é de bellissimo effeito, a orchestração irreprehensivel, a afinação geral da opera, um primor!

Na sua grande tribuna da segunda ordem, o Imperador, junto de sua familia, sorri triumphante, naturalmente ufano de ter sabido ser o Mecenás do glorioso heroe da noute.

Cáe o panno. Os applausos irrompem em delirio, o auctor é freneticamente chamado á scena: todos estão de pé, e chega a ser atroadora e infinita a formidavel salva de palmas que acolhe o feliz artista. Mais seis chamadas o fazem vir ao proscenio, e de todas as vezes que apparece, a sua basta e longa cabelleira negra esvoaça, como uma floresta phantastica, ao sopro violento dos applausos!

Ao terminar o segundo acto, o delirio sobe de ponto. Uma commissão da illustre cidade de Campinas, commissão essa de que fizeram parte, entre outros campineiros, os distinctos moços Luiz Quirino dos Santos e Joaquim de Toledo, offerece ao

maestro, em scena aberta, uma rica medalha de ouro, em nome do altivo povo campineiro.

Recitam, poesias, poetas de grande nomeada, o Luiz Guimarães Junior, o Bittencourt Sampaio, e outros, e mais um sem nomeada alguma, cujo nome provavelmente já adivinhaste. Fallam muitos oradores, e chovem as ovações.

Reina uma especie de *sabbat* de duendes na sala. Ninguem mais se entende... O maestro mal pode caminhar no palco juncado de flores, e, enxugando as lagrimas da... alegria, parece querer saltar para a platéa, ao passo que o povo salta para o palco. Chapéos, lenços, leques, *bouquets*, corôas, flores desfolhadas e folhagens, tudo é arremessado para alli, num turbilhão.

Um verdadeiro e atroador delirio !

E o Imperador, em pé, no camarote, ostentando a sua notavel e austera figura, sorri... sorri sempre, triumphante e alegre, como um bom brasileiro que é, e amigo do artista.

Aquelle, subitamente, graças a um delicado convite, apparece na tribuna imperial; o monarcha saúda-o, aperta-lhe a mão e põe-lhe ao peito uma commenda... e abraça-o, diante do publico maravilhado que prorompe em bravos, palmas, vivas, hossannas aos dois illustres homens...

Passa o terceiro acto, passa o quarto, tudo sob o estrondo immenso de victoriosas acclamações a Carlos Gomes, e a José de Alencar, o qual procura, no camarote, furtar-se ás ovações publicas; e, como remate, a apothéose final: uma chuva de ouro sobre a cabeça gloriosa do maestro; pombos, canarios, e outros graciosos passaros arremessados ao proscenio.

Depois, mais umas vinte ou trinta chamadas consecutivas ao glorioso artista que, suando, sem folego, quasi desmaiado é conduzido dalli, em braços dos amigos e do publico para a sua residencia,

ao clarão immenso da lua e de fogos multicores, ao estourar de milhões de foguetes, acompanhado de umas seis bandas de musica e de uma gritaria que rebôa por quasi toda a extensão da grande capital!

\* \* \*

Tal foi, em rapidos traços, meu caro Leopoldo, essa noute *feerica*, como se diz modernamente, e tal é a resenha da primeira victoria neste paiz, daquelle genial talento!

Depois... Depois elle voltou para Milão onde estudára. Succederam-se os dias, os mezes, os annos, e... como tudo nesta vida está sujeito á lei tão cruel quão inexplicavel das antitheses e das cousas imprevistas, após este radiante triumpho o famoso compositor entrou em luta desesperada com o destino.

Subitamente toldaram-se-lhe os bellos horisontes, vieram-lhe dias amargos, decepções no lar, calumnias na patria, e em consequencia o martyrio, o desalento, e por ultimo a carencia, quasi absoluta, de meios...

Quem tal diria?

Páro aqui, meu presado amigo, para não fazer recriminações a quem quer que seja... pelo menos hoje.

Apenas accrescento, que o grande e inspirado artista que poderia ter vivido como Rossini, e como Verdi, até aos oitenta e tantos annos, produzindo obras monumentaes para honra sua e de sua patria, se lhe não tivessem faltado os elementos de vida e de coragem que tantas vezes pediu, deixou-se morrer aos sessenta annos, arrastando para o tumulo os profundos desgostos que as lutas desesperadas pela vida lhe occasionaram!...

\* \* \*

Perdôa, meu bom amigo, esta expansão, e recebe, neste singelo folhetim, umas pobres lagrimas que te envio, lagrimas que juntarás ás tuas para as derramares hoje, piedosamente, sobre o feretro do nosso grande morto.

Amparo, outubro, 1896.

Teu do coração

C. F.

\* \* \*

Que mais dizer delle agora, que o Brasil todo já não saiba ?

Elevou o nome de sua patria a uma esplendida altura perante a Europa, e o seu figura no grande templo dos predestinados, entre os nomes das maiores celebridades artisticas deste seculo !

Que mais dizer ?

Teve uma mocidade gloriosa e uma velhice infortunada, vendo-se na triste contingencia de abandonar a sua posição na Italia, para aceitar em seu paiz o modesto lugar de director do Conservatorio de musica do Pará !

Honra a esse nobilissimo Estado que, ao menos, estendeu mão amiga e caridosa ao grande poeta da musica, não o deixando acabar pobremente no velho mundo.

Pela sua maravilhosa intelligencia, pelo seu extraordinario talento, poderia ter sido um millionario, mas o cego e injusto destino, sob o ponto de vista das cousas positivas, preparou-lhe sempre as mais desagradaveis sorpresas...

Corra-se, porém, um véo sobre o passado, e escreva-se como uma consolação a todos nós, esta grande verdade :

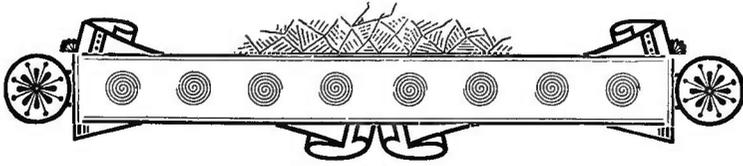
As mediocridades politicas que lhe causaram damnos e desgostos, hão de passar, na onda do tempo inexoravel, em caminho da valla commum, ao passo que elle,—o simples e o bom, o opulento da intelligencia ficará pertencendo ao pantheon das glorias universaes...

Não morrerá !...

*Amparo, 28 de Outubro de 1897.*







## *Elias Lobo*

*(Recordações do Maestro)*

✦ Já não é mais do ról dos vivos o meu velho amigo Elias Lobo.

Morreu, ou antes começou a viver agora, melhor ainda do que viveu neste triste planeta onde toda a comedia da vida, pela lei eterna dos contrastes, acaba pela scena tragica da morte.

Certamente a esta hora o bom Elias hade estar na gloriosa mansão dos justos, nessa mansão em que elle tanto acreditava, com aquelle espirito de profunda religiosidade que dava á sua physionomia o ar de bondade e resignação com que encarava as asperezas da vida, as injustiças ferozes do destino.

Na opinião de uns, — os crentes — fluctua agora por lá, na crystalina e doce região de uma vida perfeita, o seu espirito que foi uma peregrina ave de sentidas harmonias....

Na opinião de outros, — os scepticos, — dorme em paz o luctador, o poeta, o artista, no seio amigo da terra fria, para nunca mais despertar, tendo pago

á Natureza-mãe o seu contingente material, como pagou á eterna humanidade o seu valioso contingente moral e intellectual...

O que é certo porém, em meio destas densencontradas philosophias; o que eu sei dizer é que elle está presentemente como esteve antes, como estará sempre — vivo e gravado na memoria de todos os que o conheceram de perto, no coração dos amigos, na eterna lembrança da patria, pela qual elle tanto trabalhou como artista de raça e de coração que era.

\* \* \*

Encontrei-me com elle pela primeira vez em S. Paulo. Talvez fosse isto alli pelo anno de 1873; talvez em 74... Não me lembro ao certo.

Por este tempo escrevia eu os folhetins do *Correio Paulistano*, assim á maneira de quem manipulava a chave preciosa que me havia de abrir as portas do mysterioso templo da gloria. A chave, porém, sahiu errada, não serviu na fechadura, e eu sujeitei-me a ficar da banda de fóra do supradito templo! Coisas da vida.

Foi em companhia do seu intimo amigo o dr. Americo de Campos que conheci o moço Elias, em uma bella manhã cheia de sol e de alegria.

Elle tinha essa apparencia singular que soube sempre manter até o fim da vida — grande simplicidade no trato, nenhuma *pose* estudada, uma adoravel naturalidade, reflexo de uma bella consciencia tranquilla, concorrendo tudo isto para fazer de sua pessoa o typo perfeito do artista bohemio, na melhor accepção da phrase.

— Conheces o Elias? perguntou-me naquella manhã o Americo, sem designar a pessoa que estava ao seu lado.

— Que Elias? interroguei eu, sem comprehender a pergunta.

— O Lobo, o maestro ytvano, este que aqui está...

— De nome, muito, respondi eu apertando a mão ao apresentado. E' uma gloria...

— Qual gloria, qual nada. Deixe-se de historias, interrompeu-me o Elias, fazendo um irresistivel gesto de aborrecimento e mostrando-me logo em seguida um dos seus sorrisos. Eu sou simplesmente um amigo dos que trabalham e só aspiro merecer a estima delles. Nada de lisonjas...

E entramos em conversa. E assim começou a nossa boa amizade que durou cerca de vinte e oito annos... acabando por envelhecer tambem, como nós mesmos!

Pouco depois das nossas primeiras relações, o destino impelliu-nos para Campinas: a mim primeiro, depois a elle.

Foi ahi, nessa aprazivel cidade, que ficamos amigos, que convivemos, que nos tornamos intimos. Nunca mais deixarei de lembrar, (e com que saudade!) o dia em que pela primeira vez fui recebido no abençoado lar domestico do eximio maestro.

Era o dia de Natal. Lá se vão certamente uns bons vinte e tres annos.... Como o tempo vòa!

Eu fôra convidado para jantar em sua casa, em companhia do «seu povo,» segundo sua propria expressão. Vivia ainda a sua primeira consorte, a boa, a carinhosa d. Elisa, tão simples como elle, e tão modesta, não obstante toda a natural fidalguia com que costumava receber os amigos da familia, com uma lhaneza e affabilidade incomparaveis, verdadeiramente captivantes!

O jantar correrá alegre, muito na intimidade das pessoas presentes, que eram poucas, e nesse numero estava o meu saudoso amigo — o Francisco Quirino, o grande poeta campineiro que a todos

encantava com os brilhantes conceitos da sua fucundia inexgotavel e com a sua bondade sem limites.

Morava então o maestro na casa onde residira, pouco tempo antes, o amigo Lisboa, onde estivera installada a *Gazeta de Campinas*, (que recordação pungente!) rua Formosa, hoje da Conceição, esquina da Luzitana.

Que deliciosos doces e que musica deliciosa todos nós saboreamos e ouvimos nesse dia memoravel!

O Elias era incansavel ao piano, executando e cantando á meia voz os melhores trechos de sua opera *A Louca*; e, quando interrompia a execução era para me narrar os episodios emocionantes da primeira phase de sua vida artistica, os trabalhos e apoquentações de toda a sorte porque passára no Rio para conseguir a exhibição da sua primeira partitura — *A Noite de S. João*, letra do grande José de Alencar; e as adversidades de que fôra victima com aquella outra, acima mencionada; a entrevista que tivera com o Imperador, e como lhe falhára a occasião de ir estudar e aperfeiçoar o seu genio lá pela poetica Italia...

Tudo isto eu ouvia com grande attenção, com profundo interesse, e quando deixei a casa do inspirado compositor, que chegou a ser em certa época digno émulo de Carlos Gomes, eram dez horas da noite. Levava de tudo e de todos uma forte e boa impressão que dura até hoje — suave, benefica, cheia de attractivos e de encanto.

Que musica deliciosa, e que deliciosos doces saboreei eu nesse memoravel dia!

\*  
\* \*

Passaram tempos.

Uma vez entra-me em casa, muito apressadamente o insigne compositor, revelando na physio-

nomia o que quer que fosse de preocupações importantes.

Eram duas da tarde.

Fazia intenso calor. O maestro sentou-se, puxou de um lenço que trazia ao pescoço á laia de man-tinha para aparar o suor da frente, enxugou o rosto, assoprou para o ar em signal de fadiga, e dirigiu-me a palavra :

— Prepare-se para grandes cousas !

— Hein ? exclamei eu. Que é que ha ?

— Você vai escrever um libretto.

— Eu ? Ora essa ! E' cousa em que nunca pe-guei. Libretto para que ? Para quem ?

— Para mim. Vou escrever outra opera... Está aqui já... E apontou solennemente para a testa. Tenho-a toda aqui.

Dei uma risada, confesso que dei. Achei graça no rompante. Uma opera ! e eu a escrever librettos ! Ora tinha infinita graça o caso !

O Elias continuou :

— Que eu me deixasse de gracejos ; a cousa era séria. Elle ia escrever outra opera... Havia de escre-vel-a.... e porque não ? Havia. Haviamos...

E passou a contar-me o complicado enredo do drama lyrico, muito cheio de sentimento, de paixões, de suspiros e ais, e ao fim da narrativa sacou do bolso um papel. Era o escorço do libretto com o titulo — *O Sacrificio de amor*, opera em 4 actos, e em seguida desfilavam os personagens.

— Oh ! homem ! Mas eu nunca escrevi librettos ! exclamei.

Foi tudo em vão. Não houve razões que o convencessem, e eu tive de me resignar a dizer que sim... que escreveria o drama, mas mediante duas condições essenciaes : resumir o titulo e mudar o nome do protogonista que se chamava Theobaldo, nome de minha particular embirração.

A opera devia se intitular simplesmente—*Sacrificio*. O personagem chamar-se-ia—Oscar.

Não quiz. Seria tudo como estava no papel. Não aceitava emendas. Pegou no chapéu e sahio... Eu peguei em mim e fui dormir á sésta. Fazia um calor horrível!...

\* \* \*

Escrevi o primeiro acto do libretto. Céos! Ainda me lembro até hoje do titanico esforço que fiz! Gastei dois mezes!

Um oceano de versos. Começava assim, o primeiro côro de caçadores:

«Da floresta se levanta  
Divino, intenso rumor:  
E' a Natureza que canta  
O hymno eterno do amor!»

Seguiam depois as scenas apaixonadas, os dialogos quentes, e eu fui ficando de tal arte possuido da minha missão, que quando dei accôrdo de mim vi que tinha feito nada menos que um colossal poema para fazer dormir dez platéas!

Percebi que o negocio sahira comprido de mais, mas... o que estava feito estava feito, como dizia o velho Imperador com relação á Republica. De resto, eu estava disposto tambem a ser teimoso. Nada cortaria. Tudo como estava no papel.

Quando fui á procura do maestro e entreguei-lhe o cartapacio, elle, com um ar muito satisfeito, disse-me que depois, com vagar, leria o acto e me diria que opinião formava.

Respirei. Eu tinha medo que elle lesse á minha vista todo aquelle interminavel aranzel. Era a justa commoção de um estreante bizonho.

Tres dias depois, quando me appareceu, vinha sorridente. Apertou-me a mão, deu-me os parabens.

— Que estava maravilhado de tamanha fecundidade! Eu não escrevera um acto de uma opera, mas sim tres operas, a julgar pelo papel occupado. Todavia, elle não vinha discutir a quantidade, mas a qualidade da cousa...

— Eu não lhe disse? atalhei-o; eu bem lhe disse que não sabia...

Fez-me um gesto e alizou com a mão a basta cabelleira castanha.

— Que eu esperasse, que o ouvisse primeiro. Os versos estavam bons, mas a musica tinha exigencias crueis que muitas vezes transformam versos certos em versos errados.

E entrou a indicar-me os versos que deviam ser quebrados para se adaptarem á musica, as palavras que deviam ser substituidas para não darem logar a cacophonias: as *entraves* euphonicas que eram de myster arredar, enfim, pedia-me uma transformação geral em tudo, e punha-se a contar pelos dedos as syllabas, cantava, via que ao fim do canto as palavras davam sons horriveis, e concluia, brandando:

— Impossivel! E' preciso fazer tudo de novo. O seu verso é que deve caber na minha musica e não a minha musica no seu verso.

Emfim, para encurtar a historia: basta que eu lhes diga que escrevi tres vezes o primeiro acto do *Sacrificio de Amor*, de maneira que só na terceira vez é que serviu, e isto mesmo com grande custo!

E nisto ficou. Nunca mais escrevi o segundo acto... Quando eu pensava nelle via diante de mim um tremendo abysmo, e recuava de horror!...

O que lhes posso, porém, garantir, é que a musica que elle deixou, feita para o acto escripto, é de um sentimentalismo e de uma doçura celestias. Um verdadeiro mimo!...

\* \* \*

Bom e talentoso Elias !

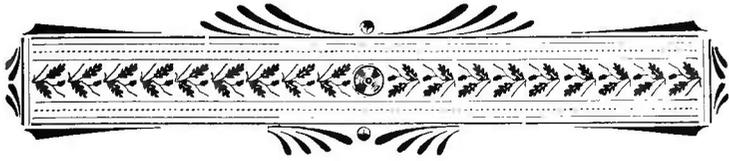
A esta hora está elle, provavelmente, na mansão dos justos em que tanto punha a sua fé de crente sincero, de espirito piedoso e resignado.

Deixando este mundo onde as suas nobres aspirações de artista não foram comprehendidas, e onde viu desfolhadas uma por uma as rosas de suas illusões, sem que o seu genio de poeta se revoltasse contra as brutalidades do destino, voou sorrindo ás regiões gloriosas dessa outra vida de que elle tanto falava...

Agora lá, sentindo-se perfeitamente feliz, continuará a sonhar... a sonhar... a sonhar sempre.

*Amparo, Dezembro — 1901.*





## *D. Hermenegilda de Lacerda*

**Q**UANDO, ha dias, li a noticia do fallecimento da illustre poetisa portugueza que se chamou D. Hermenegilda de Lacerda, senti invadir-me o coração uma grande e profunda melancolia.

E' que eu tinha os mais legitimos motivos para estimar e respeitar aquelle nome, tão gravado em minha memoria pelos versos inspirados e sentimentaes que elle firmára em uma collecção manuscripta, que esteve em meu poder ha cerca de quinze annos, e cujo titulo era — *Horas Crepusculares*.

Contarei em duas palavras esse singelo e saudoso episodio literario.

Em meados do anno de 1883 tive a felicidade de receber em Campinas uma carta, datada da Ilha do Fayal e assignada por D. Hermenegilda de Lacerda, a distincta poetisa, a qual dava-me a honra insigne de pedir-me um prologo para aquella sua

collecção de versos que, dias depois, me foi remetida do Rio de Janeiro, por pessoa de sua familia alli residente, seu filho, creio eu.

Li os versos e achei-lhes um cunho tão accentuado de inspiração e sentimentalismo que desde logo me captivaram toda a attenção, despertando-me a mais cordial e sincera sympathia.

A carta, guardo-a eu entre os meus preciosos documentos, como uma verdadeira gloria para mim; não a publico agora por este motivo unicamente: imaginem os leitores que a grande e generosa alma da eximia poetisa, que me não conhecia senão de nome, fez-me os mais alevantados elogios e teve a santa bondade de collocar os meus pobres versos pouco mais ou menos ahi pelas alturas onde pairam estrellas rutilantes.

Dias depois, obedecendo eu á ordem da primorosa escriptora escrevi o prologo que immediatamente enviei, com os versos, ao seu destino, lamentando não dispor de um talento condigno de tão honrosa incumbencia.

D'ahi a uns mezes foi-me enviada a prova do primeiro oitavo do livro que se estava imprimindo no Rio de Janeiro, e cujas primeiras folhas traziam as minhas despretenciosas linhas.

Nunca mais pude saber, depois d'isto, se foi concluida a impressão do volume.

Por me parecer que deve interessar a quem ama assumptos literarios, reproduzo adeante esse prologo, como uma doce e sentida prova de saudade e de respeito pela distinctissima e mallograda senhora, que, mais tarde, soube eu ser irmã do meu presado amigo e illustre collega Henrique de Barcellos.

Eis o que me foi dado dizer das *Horas Crepusculares*:

ALGUMAS PALAVRAS A PROPOSITO

DAS POESIAS DA

EXMA. SNRA. D. HERMENEGILDA DE LACERDA.

Eu não tenho a honra de conhecer pessoalmente a talentosa senhora que produziu os delicados versos que constam deste volume, mas, pela impressão que elles me causaram, quasi que posso affirmar que é uma natureza grandemente propensa á tristeza e ás scismas, a natureza desta poetisa.

Direi perfunctoriamente algo deste mimoso livro, em phrases curtas para não fatigar o leitor e roubar-lhe o tempo destinado á leitura dos versos.

Eu creio que o condão da poesia é predicado mais da mulher que do homem, por isso que ha nella, mais do que nelle, maior abundancia de coração e maior sinceridade; e não só maior sinceridade como tambem muito mais elevada a nota das melodias intensivias.

No homem póde haver mais arte, mais affectação, mais arrojo; na mulher, porém, ha mais verdade, considerados ambos unicamente como poetas; ha mais naturalidade, e isto resalta da propria singularidade com que ella fala ou canta, que vem a ser tudo uma e a mesma cousa.

No homem poeta, o pranto póde ser uma convenção artistica, subtilmente adequada á rima ou predisposta a armar ao effeito; na mulher poetisa a lagrima tem o mysterioso valor da lagrima, moralmente falando; o sorriso tem o avelludado do azul celeste e a suave scintillação de uma estrella. Permitta-se-me a comparação lyrica, pois que estou a referir-me a versos lyricos.

Do mesmo modo que um artista perito faz de um pedaço de crystal lapidado um diamante illusorio, um poeta, á força de arte é capaz de illudir-nos

com um sentimento falso, cheio de brilhos e reverberos, mas sem ter em fundo o valor dos sentimentos correspondentes ao valor dos verdadeiros diamantes.

O mesmo não se póde asseverar da mulher-poetisa, e nomeadamente da auctora do livro cuja leitura me foi agradavel e delicadamente proporcionada.

As poesias da exma. sra. d. Hermenegilda de Lacerda têm o cunho da sua propria individualidade, são o echo da sua alma ou, para assim dizer, as harmonias de seu coração, naturalmente derramadas pela lisa superficie das folhas de um simples livro.

Cada estrophe significa um pensamento, uma saudade, uma tristeza, uma alegria, uma esperança, tudo isto entregue a um raio triste de luar, ou á plangente ondulação de uma noite invernosa, ou á ultima fulguração do sol poente, por uma tarde de indescriptivel melancolia e vagas recordações.

Vê-se, após rapida leitura, que a illustre auctora não tem preocupações de escolas poeticas, nem se deixa fascinar pelos arroubos do moderno e perigoso *realismo*. Canta consoante lhe desponta a inspiração, sem procurar o effeito das phrases, o que até certo ponto póde parecer um defeito. Quer isto dizer que a somma de trabalho propriamente artistico não é grande nos versos desta talentosa senhora: o valor da phrase nem sempre está de harmonia com o valor do pensamento e do sentimento que originou a estrophe.

A naturalidade e a singeleza teem um limite. Não se póde escrever em verso como se fala em prosa, n'uma simples conversação; o poeta tem obrigação de ser verdadeiro como sentimentalista e verdadeiro como artista, isto é — precisa saber vestir com elegancia e bom gosto a sua idéa, afim de que ella produza o effeito desejado.

Nos versos da sra. d. Hermenegilda de Lacerda nem sempre ha a roupagem conveniente; falta-lhes por ventura um pouco mais de atavio, uma certa expressão a mais, de donaire e correccão.

Mas isto nem sempre, note-se bem, por quanto outras composições ha no livro que tenho á vista, tão elegantes na fórma como inspiradas no fundo.

A nota predominante destes singelos versos é a *lamartineana*; as impressões ternas, as scismas melancolicas, os devaneios suspirosos, as saudosas recordações constituem o caracteristico principal desta *sympathica* musa.

Longe de ser isto um defeito, é antes uma grande bondade, porque em poesia não se póde ser como querem que se seja, mas sim como se é naturalmente, conforme o temperamento individual, que é donde deriva a tendencia para esta ou aquella *maneira* intellectual.

Singela, desafectada, poetisa por indole, d. Hermenegilda de Lacerda tem incontestavel jús á sincera admiração da critica em um paiz onde é rarissimo o apparecimento das senhoras de vocação litteraria.

Eu por mim confesso que, folheando o seu manuscripto, deixo-me dominar pelas melhores impressões. Não creio que o pessimismo deva guiar as opiniões da critica que tiver de julgar este livro; cuido que o melhor modo de recebê-lo, lê-lo e julgá-lo é o da tolerancia, da desprevenção e da *sympathia*. Esmerilhar defeitos, para que? Por ventura as obras dos grandes mestres não os teem tambem? Basta possuir os maus olhos politicos de Luiz Veillot e de outros do seu credo, para enxergar nos arroubos geniaes de Victor Hugo uma infinidade de defeitos litterarios.

Se é verdade que nas producções da distincta senhora, a quem me estou referindo nestas rapidas

linhas, ha senões, ninguem será capaz de lhe negar, a ella, aptidões e natureza decididamente poeticas.

Entre os versos que compõem o manuscrito, alguns ha que merecem menção especial, como por exemplo : *O Inverno, A Voz do Amor, Stabat Mater, A Infancia, A Amisade, A Caridade, Saudade da Patria*, e tantos outros que seria por demais longo enumerar.

Ha, entretanto, neste livro algumas composições que eu, se fôra o auctor, as eliminaria. Não aconselho, todavia, á distincta poetisa que o faça. O melhor é entregar ao publico o livro tal qual está, e o publico que o julgue conforme o seu modo de vêr em questões de gosto poetico.

O que eu posso deixar aqui francamente assignalado é que as disposições caracteristicas da musa da sra. d. Hermenegilda de Lacerda são: o sentimentalismo e a contemplação, predicados pelos quaes se glorificaram poetas da ordem de Byron, Millevoye, Chénier, Lamartine, Soares de Passos, Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e tantos outros de fama igual.

Mil parabens á illustre poetisa pelo louvavel denodo com que vae entregar ao publico os mimosos fructos de suas lucubrações. A um espirito forte, como necessariamente deve ser o seu, pouco importa a indifferença com que costumam ser recebidos pela massa popular, sem educação literaria, presentes desta natureza. O essencial é que o livro appareça, e a critica bem intencionada, a critica propriamente dita, capaz e digna, se incumbirá de marcar-lhe o logar que de direito lhe competir no Pantheon das letras portuguezas.

Campinas, 25 de Agosto de 1883.»

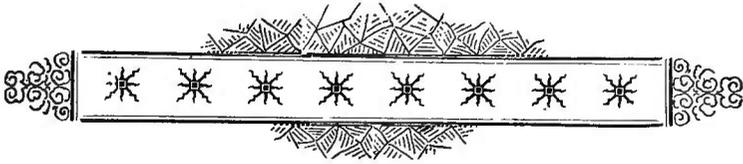
E eis ahí porque, ha dias, quando li a noticia do fallecimento da illustre escriptora portugueza, senti uma grande onda de melancolia invadir-me o coração.

Que estas linhas signifiquem, aos olhos do seu digno irmão, o meu illustre collega H. de Barcellos, a muita estima e a profunda gratidão que eu devo á memoria de sua talentosa irmã.

*Pedreira, Setembro de 1895.*







## *Poetas e Prosadores*

*(Perfis de relance)*

### I

O DR. JOAQUIM XAVIER DA SILVEIRA

¶ Silveirinha, como todos o chamavam... Lembrome ainda d'elle, e com que tristeza!

Lá se vão escoando vinte e seis annos!

Que bellos tempos, esses em que passámos juntos, nesta tradicional Paulicéa, ninho adoravel de um bando de aves melodiosas, cuja maior parte ha tanto tempo bateu azas, e lá se foi em busca dos mundos luminosos, das paragens esmeraldinas que por aqui sonharam.

Eram tantas e tão canoras!... — O Varella, o Castro Alves, o José Bonifacio, o Fernando de Magalhães, o Ferreira de Menezes (ave do folhetim), o Silveira e quantos outros!...

Este ultimo, o dr. Joaquim Xavier da Silveira, o pallido, o merencorio sonhador, era o que menos

apparecia talvez, nos torneios litterarios, mas nem por isso deixava de ser um dos mais inspirados.

Possuia duas grandes virtudes, além de outras: a modestia e a sinceridade. Nada de pedantismo, nada de fingimento, de sorte que a sua elegante musa, de um lyrismo encantador e commovente, brilhava apenas com as unicas galas da sua pomposa natureza.

Não era propriamente uma creatura terrena, esse adoravel poeta; antes poderíamos denominalo alma — celeste, toda illusão, toda melodia, um misto maravilhoso de sentimento e de amor, de lagrimas e de sorrisos; um espirito a fluctuar continuamente no azul, banhado sempre pelos clarões ideiaes da gloria, na sublime allucinação do genio.

Ha entes assim predestinados, para os quaes a vida é mais um supplicio que um goso, victimas do proprio temperamento. Tantolos insaciaveis, promethêos continuamente dilacerados pelo abutre implacavel das aspirações e do sentimentalismo.

Para esses a existencia é uma agonia incomportavel, e a morte a mais piedosa das compensações.

Por uma perversidade sem nome do destino, era o dr. Joaquim Xavier da Silveira advogado; elle, que só devia ser poeta, trabalhava em causas difficeis, folheava autos, subia as tribunas judicarias, fazia effeito, e, bafejado e dilecto das musas como era, conseguia tambem ser um admiravel jurisconsulto, um correcto conhecedor da ardua sciencia do direito, tamanha era a força miraculosa do seu talento!

Mas, o que mais o distinguia, nas rodas intimas dos seus amigos, na doce convivencia dos seus admiradores, era a sua musa graciosa e sentimental, a sua vocação incomparavelmente lyrica, o seu talento surprehendente, a sua alma de verdadeiro poeta.

Fazia versos maravilhosos, de um subjetivismo, por ventura um tanto doentio, dessa deliciosa doença

que leva á immortalidade os Byron e os Musset; e, quando elle proprio recitava os seus versos, a sua frente tinha o que quer que era de magestoso e solemne, os seus olhos desferiam chispas luminosas que se transformavam, como por encanto, em lagrimas, e todo o seu delicado systema nervoso vibrava como uma grande e mysteriosa harpa eólea, tangida pelo sopro divino do genio.

As suas estrophes amarguradas, de um queixume plangente e fundo, quando lhe sahiam dos labios contraídos por uma dor secreta, deixavam-nos na alma como que a nota sinistra que os ventos nocturnos costumam arrancar das florestas seculares...

Tenho, neste momento, deante de mim o seu bello retrato e uma carta de assumpto intimo e litterario, e uma e outra cousa eu guardo como duas reliquias, com a mesma intensidade de cuidados com que o aváro guarda os seus thesouros.

Dizia-me elle, em 1869 :

«Vão esses versos com pretenção a poesia. Seguem sem baptismo, embora não engeitados. Buscam a tua sombra e pedem um nome. Servir-lhes-ás tu de padrinho, não é verdade?»

Bem quiz, quiz muito escrever melhor, mas tratava-se de ti e o prestigio de tua inspiração matou-me a já pobre musa.

«Dizem pouco e muito».

Pouco, porque:

*«As harpas sonoras do silencio  
Não quebram mais os echos dormidores,  
Chammas da inspiração, luz do talento  
Tudo fenece como murcham flores».*

«Dizem muito, porque nas horas em que a agonia das dores moraes nos sobraça a alma, bem sabes, poeta, como sobre uma phrase menos feliz se

esconde um abysmo insondavel, donde brota uma flor não classificada em botanica, mas que deve chamar-se — despreso ao mundo ! »

A poesia que acompanhava essa carta, cujo conteúdo não dou por inteiro, começa assim :

*Não me persigas, não, lucida imagem !  
Tenho medo do incendio dos teus olhos !*

E era essa uma das suas melhores composições, uma das mais apaixonadas e sentidas apostrophes de sua alma ardente.

Pobre amigo ! Com que extraordinaria somma de bondade encarava elle os meus poucos meritos !

Ha tempos, tendo tido eu a felicidade de encontrar-me com seu digno filho, illustre moço que figura hoje vantajosamente no nosso amplo scenario politico, disse-me elle estendendo-me a sua mão :

— Sei que foi intimo amigo de meu pae...

E fui. Lembro-me ainda delle, lembrar-me-ei sempre, e com que sinceridade !

Morreu aos trinta e seis annos, em Santos, e de uma enfermidade horrorosa — a variola ! Elle, tão elegante, tão sympathico, tão cheio de amor e de poesia !...

## II

### ANTONIO DE CASTRO ALVES

O grande Castro Alves ! como diziam todos, na academia, e fóra della.

O Castrinho, como o tratava eu, quando elle, o famoso poeta, morava commigo e o José Felizardo Junior, alli na rua do Riachuelo, por aquelles bellos tempos de 1868 - 69.

Passava os dias e grande parte das noites a recitar os seus admiraveis versos, que teriam de ser, mais tarde, entregues ao publico, sob o doce baptismo de *Espumas Fluctuantes* e *Poema dos Escravos*.

E quando elle recitava, toda a gente que o ouvia tinha arrepios de assombro e enxergava na esbelta e sympathica pessoa do joven academico mais um semideus do que um poeta, menos um poeta que um vidente, e nunca se fartava de o ouvir. Elle tambem, valha a verdade, nunca se fartava de recitar, e seria capaz, se instassem, de passar a vida inteira declamando as suas inspiradissimas estrophes.

Era épico nesses momentos solemnes, arrebatador, dramatico, tragico, um perfeito artista!

A poesia recitada por elle tomava um vulto extraordinario, retumbava; tinham aspectos maravilhosos as suas imagens, e o auditorio sorria ou chorava, permanecia mudo pela commoção fortissima ou prorompia em bravos entusiasticos, conforme o grau de inspiração que escapava das valvulas daquelle talento prodigioso, nos momentos em que se fazia ouvir.

Por esses tempos amava elle, com uma especie de amor de Othelo, a uma dama que... com franqueza, não merecia tão glorioso amor, mas que querem? O grande Castro Alves tinha esse lado fraco — fazia de uma mulher vulgarissima e até nada bonita a sua musa inspiradora, essa mesma musa a que o famoso poeta, uma vez, num momento de revolta e de colera ciumenta chamára *Fabiola*, accrescentando indignado: «*Tens o aspecto do passaro maldito*»...

Pobre e desventurado amigo!...

Nunca ia á aula, e tambem quasi nunca sahia de casa. Nas horas vagas entre os seus recitativos e a prosa dos amigos, lia Murger, Flaubert, Byron,

o grande Shakspeare e outros auctores predilectos seus.

Nas noites de espectáculo, quando apparecia no camarote para recitar em honra a algum beneficiado ou a alguma data gloriosa, fazia-se na platéa e nos camarotes um silencio profundo, todos os olhares se voltavam para o elegante vulto do illustre moço bahiano, e esperavam que de seus labios cahisse a palavra como quem espera que cáia do céo uma estrella.

E elle sabia preparar a scena, como emerito artista que era. Para essas occasiões punha pós de arroz no rosto, a bem de accentuar mais a pallidez, um pouco de carmim nos labios, (oh! adoraveis illusões da mocidade!) e muito oleo nos longos cabellos que elle arremessava para traz da formosa cabeça, o que lhe dava assim uns admiraveis tons de artista sublime, uma especie de Raphael... da Fornarina, banhado da doce claridade romantica.

Depois enterrava os dedos pela basta cabelleira negra, passeava o olhar pelo auditorio perplexo, levantava-o em seguida á abobada celeste, fazendo-o atravessar como um corisco o tecto da sala, e começava a vibrante e arrebatadora declamação...

Quando terminava, os applausos delirantes rompiam de todos os angulos do theatro e duravam um tempo infinito!

Que amores que despertava por esse tempo entre o bello sexo, esse formoso rapaz, que fazia lembrar Adonis ou Páris, Lamartine aos vinte annos ou o moço Harold, do immortal poeta inglez!

E que alma nobilissima, que meiguice de creança, que coração cheio de auroras e de sorrisos, que affectos immensos que eram os d'elle por tudo que fosse bom, terno, sublime, luminoso e puro!

\* \* \*

Um dia entrou-nos o infortunio na modesta *republica* em que viviamos, e fez do grande poeta um grande martyr.

Uma inadvertencia, um simples descuido, uma fatalidade prostrou-o em um leito de dores para nunca mais se erguer.

Tivera um dia a idéa de se entregar aos prazeres da caça, (barbaro prazer para elle, o mavioso cantor das aves, o sonhador altruista, incapaz de atravessar uma borboleta com um alfinete) e armado de espingarda lá se foi pelos mattos fóra disposto ao assassinato dos miseros passaros.

Foi elle proprio, porém, a primeira victima de sua singular phantasia. No momento em que saltava um vallo, levando a arma perigosa de mau geito, esta disparou, indo a carga inteira alojar-se-lhe no pé esquerdo, tremenda catastrophe esta que devia, cerca de um anno depois, arrebatarnos aquella esplendida e pujante juventude, gloria das letras nacionaes, preciosissima esperanza de um deslumbrante futuro!

Esteve seis mezes de cama, aqui em S. Paulo, sem se poder mover, deitado em uma attitude só, quieto, muito pallido, muito calmo, com uma resignação de Christo de marmore.

Ao fim desse tempo começou a deitar sangue pela bocca, rodeado de innumerous amigos, entre os quaes os mais constantes eram — o dr. Americo de Campos, o José Felizardo, o Brazilio Machado (hoje dr. Brazilio) o Ferreira de Menezes, o Oliveira (tambem já não vive) e outros, e eu, que naquelle tempo estava livre de suppor que havia de chegar ao grau de aperfeiçoamento de possuir alguns fios de cabellos brancos...

Depois levaram o bom e adoravel Castro para o Rio... Lembro-me ainda do dia em que elle daquí sahio, deitado em uma marquesa, conduzida por quatro pretos até á estação e depois posto em um vagão especial... tão pallido, tão calmo, tão triste...

Que amores mallogrados, que esperanças mortas... que sonhos desfeitos como nevoas no espaço deixava elle aqui, nesta saudosa Paulicéa, theatro de suas glorias, mundo que elle imaginára para a conquista da sua immortalidade!...

Pouco tempo depois de chegar ao Rio cortaram-lhe a perna, e elle teve de andar de muletas, supplicio este que durou diminutissimo tempo.

O desgosto mordera-o fundo no coração e o soffrimento physico fôra feroz demais para aquelle organismo nimiamente fragil.

Transportado á sua gloriosa Bahia, de lá escreveu-me as seguintes linhas :

«C.

Desejo-te muita saude e todas as mais felicidades. Cheguei com boa viagem, e vou melhorar dos meus soffrimentos. Brevemente parto para o sertão. Peço-te que pelo primeiro vapor me mandes o n.º do *Correio Paulistano*, em que fizeste uma apreciação das traducções das «Melodias hebraicas» de Byron, pelo meu amigo dr. Franco Meirelles.

Sempre ao teu dispôr, abraça-te mui cordialmente.

O teu amigo,

*Castro Alves.*»

Foram as ultimas palavras que eu tive daquelle fulgurante espirito, até o fatal dia 6 de Julho de 1871, em que elle, o emulo de Alvares de Azevedo, de Varella, de Casimiro de Abreu, de Junqueira Freire e de outros grandes talentos ; em que elle, o

primeiro poeta brasileiro, o iniciador da escola *hugoana* no Brasil, fechou para sempre os olhos...

Tinha (26) annos quando morreu. E ainda hoje eu pergunto a mim mesmo, transido de espanto, como no dia em que recebi a noticia da sua morte :

— Que ? Pois será possivel que naquella extraordinaria cabeça cessasse o phenomeno prodigioso da inspiração ?...

E, cheio de saude, releio de novo as suas encantadoras estrophes, onde vejo, por assim dizer, resuscitado o seu vulto magestoso, e onde palpitam, como nos bellos dias do seu triumpho, a sua alma e as suas idéas de predestinado da gloria !...

### III

#### FERREIRA DE MENEZES

Este era o elegante poeta da prosa, o folhetinista por excellencia.

No dia em que algum jornal dava folhetim seu, deliciosa pagina do adoravel bohemio, exgottava-se a edição, que naquelle tempo nunca ia além de mil exemplares, e já era muito !

Uns aos outros, os rapazes da academia interrogavam-se com ares de grande admiração e de surpresa, a respeito do bello acontecimento, do factio do dia,—o mimoso folhetim do Menezes.

— Leste-o ? Viste-o ? E então ? Que delicadeza ! Que primor ! Que estylo aquelle ! Eram as exclamações que se ouviam.

Esse folhetim consistia quasi sempre em uma vaporosa pagina, repleta de um lyrismo inebriante, de um sentimentalismo meio doentio, a Gerard de Nerval e a Murger, e a outros celebres bohemios da escola franceza, romantica, tão em voga naquella epocha 1868 - 69. Era uma pagina quente, palpitante, de uma tal ou qual sensualidade celestial,

se assim me posso exprimir, sublinhada aqui e alli por uma ou outra ironia, um certo sarcasmo pungente a algum histrião do tempo, a algum escandalo da politica imperial; e dessa ironia, e desse sarcasmo resultava um effeito extraordinario, porque elle, o inspirado poeta do folhetim, quando queria vibrar essas temiveis armas de castigo, transformava-se em um perfeito cyclópe.

A sua apparencia era de desmedido orgulho. Tinha o elevado e santo orgulho do talento, sério sempre, melancolico, pensativo, olhando por via de regra, com um ar de profundo desprezo, atravez dos vidros do seu grande *pince-nez*, para tudo o que fosse pueril e mediocre; só punha, com um sorriso sincero um ponto de admiração nas cousas e nos homens, quando nelles e nellas descobria o producto genuino do talento e da legitima inspiração.

Tinham-no em conta de um altivo e um bravo, meio nevrotico, mas muito fogoso, quando a critica má lhe punha a pata profana na pagina alvissima dos seus ideaes literarios, ou dos seus amores romanticos, ou quando lhe faziam allusão á côr, porque o dr. José Ferreira de Menezes, não sei se o sabem? não era branco. Diga-se a cousa como deve ser dita: era um bonito mulato, uma *sympathica* figura, na qual, todavia, o cabello ainda mais que a têz morena, accusava a descendencia africana.

Elle, como é natural, guardava do facto, intimo e profundo pesar. Attribuia-se mesmo grande parte da sua proverbial melancolia a essa especie de fatalidade, a que o inolvidavel Luiz Gama teve a franqueza de considerar espirituosamente—*commum* no Brasil!

Um dia, o Menezes, em uma viva polemica politica, (cousa rara na sua vida de bohemio literario), polemica que elle sustentava por sua parte no jornal *Ypiranga* contra o *Diario de S. Paulo* de que

era redactor-chefe o sr. dr. Antonio Prado, eu o vi, e todos o viram erguer-se como um leão ferido, porque o seu contendor arremessára-lhe ao rosto o accidente da sua côr, que aliás em nada mareava o intenso brilho do seu pujante talento; e, de tal modo se conduziu na defeza o famoso escriptor, tanta eloquencia ferina desenvolveu, tão audaz se mostrou deante do poderoso adversario, que este entendeu conveniente calar-se, nada retorquir, ficando o vigoroso polemista num verdadeiro galarim da fama!

Fóra disto era um lyrico adoravel, poeta de uma ternura infantil, cheio de blandicias e de excen- tricidades meigas.

Os seus folhetins tinham suspiros e lagrimas, e gemiam-lhe nos periodos as melodias do violino de Paganini, ou as dos inspirados versos de Musset, o poeta da juventude apaixonada e sonhadora.

Possuia esse homem sentimental, que era tam- bem um patriota-democrata, certo vocabulario todo primaveril: rosas, junquillos, flores de laranjeira, trevo, baunilha, folhas esmeraldinas, murtas cheiros- sas, rosiclér da aurora, ninhos quentes, gottas bri- lhantes de orvalho, modulações suaves e sorrisos de mulheres formosas... que adornavam de conti- nuo os seus escriptos.

Tenho ainda de cór um dos mais suspirosos trechos de certo folhetim seu.

Dizia assim, mais ou menos:

«Ai, querida! Que delicia que é uma manhã de sol, depois de uma noite de chuva! A relva está orvalhada... Dá-me o teu braço, Mimi Pinson, e va- mos por essas estradas além, ó musa, cantando o doce hymno da mocidade....»

Ai, querida! O teu braço é mais leve que a aza de um beija-flor!...»

Que successo que fez este trecho, cujo sabor faz lembrar uma sentidissima melodia hebraica.

\* \* \*

Tinha momentos de grande desanimo, e outros de exquisitas aspirações, aquelle formoso espirito.

Um dia entrou-me elle em casa, muito triste, deitou-se ao comprido em meu modesto sophá de estudante, e cruzando os braços sobre o peito, na attitude dos mortos, estabeleceu commigo o seguinte dialogo :

— Olha, poeta, tive uma luminosa ideia... Nós estamos muito pobres... Vamos ficar ricos... Ricos!...

— Devéras! Como?

— Eu te digo: tenho aqui no bolso 6\$000, com estes alugo dois burros, um para ti e outro para mim....

Achas que é muito caro um burro por 3\$000?

— Ao contrario, acho que é baratissimo. Os burros ordinariamente são caros. E depois?

— «Depois seguimos para Itapetininga, terra onde precisamos fazer propaganda republicana. Está lá o Venancio Ayres...

Verás! faremos discursos, eu serei Camillo Desmolin, tu serás Chénier, prégaremos a republica e depois imprimiremos em folhetos as nossas ideias, vinte mil exemplares, por exemplo, que venderemos á razão de 500 rs. cada um... Hein?! E seremos ricos... ricos como Créso, não contando com a gloria da patria... a gloria!... a gloria!»

E fechou os olhos, humidados de lagrimas, emquanto que eu desatara a rir como um louco! O patriota inda fazia um folhetim!

Depois... nem burros, nem Itapetininga, nem discursos, nem nada!

Era um temperamento unico. Amou e soffreu como os que mais amam e padecem. Viveu do idyllio e para os idyllios.

A sua morte, aos trinta e nove annos foi como o fim consternador de um sublime romance.

Estava em um baile, no Rio de Janeiro, conversando, sorrindo, brincando, quem tal diria? Que tremenda catastrophe e que surpresa!... Quando a orchestra executava a esplendida ouvertura do *Guaranhy*, teve elle uma syncope e... morreu afogado em sangue!

O coração matara-o, quando a sorte começava a sorrir-lhe, esse mesmo coração, extravagante, prodigo de vida e de sonhos, immenso de bondade e de poesia!...

Pobre e grande folhetinista!...

#### IV

#### FAGUNDES VARELLA

Vi este poeta apenas uma vez, e isso mesmo de longe, facto este que eu devo levar á conta de fortuna, porque de perto era muito difficil e até um tanto perigoso tratar-se com o famoso bardo, tal era o estado de irritabilidade em que sempre andava, em consequencia de abusos a que se habituára.

Isto explica-se.

Predominava no paiz, ha trinta annos, uma celebre escola litteraria denominada *byronica*, que consistia, por uma falsa comprehensão das cousas, e até mesmo por ignorancia imperdoavel, em fazer do pavoroso vicio do amor ao alcool, uma questão de moda e de elegancia.

O literato daquelle tempo, salvando honrosas excepções; o joven de certo talento e de vocação poetica que começava a escrever e a dar copia de si perante o mundo das letras, era incapaz de se julgar completo como poeta, se não adquiria desde logo aquelle habito deploravel, imposto pela tal escola que affirmava erradamente ter sido o immortal

auctor do *D. Juan*, um grande *borracho*; e dahi a divisa fatal — *escola byronica* ou *byroniana*.

Para se ser adepto della era preciso tomar a serio umas tantas tolices, como por exemplo — julgar-se o poeta um formidavel infeliz, tornar-se muito pallido pelo processo das vigalias e das orgias, andar por alta noite pelas ruas da cidade, de capa á hespanhola e chapéu desabado, á maneira do celebre heróe do poeta inglez, atirar-se como um desesperado ás conquistas faceis, entrar nas espeluncas e ingerir a maior porção possivel do temivel corrosivo chamado *cognac*!

Tudo isto, sómente para alcançar um fim; querem saber qual? — morrer moço, acabar cedo como Werther, como Chatterton, como Millevoye.

Não se podia desejar maior desorientação, nem mais depravado gosto entre jovens que eram realmente dotados de legitimo talento.

Varella foi desgraçadamente um dos vultos mais notaveis de tão funesta escola. Era o pontifice da bohemia extravagante.

Filho de uma familia distincta, organização delicadissima, instruido e bem educado, começou pela ostentação nociva de falsas idéas, de principios erroneos, e acabou sendo um grande desventurado, uma victima, como Edgard Poe, da mais lamentavel das nevroses.

Mas era um admiravel poeta, um inspirado de ordem superior, um esplendido lyrico, lá isso era.

Como disse acima, vi-o apenas uma vez, em uma celebre noite, num *afamado* theatrinho que aqui houve, do Baturá. Havia poucos dias que eu tinha chegado, (Junho de 1866) e nutria um immenso desejo de conhecer o joven auctor das *Vozes da America*, esse bello livro de versos que tanto successo estava fazendo, em todo o Brasil.

No theatrinho havia uma grande algazarra de entontecer a gente. De pé, sobre um banco, um rapaz

pallido e loiro gritava muito e pedia silencio ao *respeitavel publico*, em nome do Baturia, pois que a scena que se ia seguir era deslumbrante; dos gritos passou á descompostura, e desta ás bengaladas... e dahi um rolo de «criar bicho», como se dizia naquelle tempo !...

Disseram-me na occasião que o turbulento era o Varella, o illustre poeta, o chefe famoso da escola byroniana, uma das mais fortes organizações poeticas que o Brasil tem tido.

Imaginem qual foi então a minha tristeza, qual foi o meu espanto de sonhador juvenil, de neophyto inexperiente !

Dahi a uns dias, o Varella seguiu para o Rio, nunca mais voltou a S. Paulo, e eu tambem nunca mais o vi, posto que sempre acompanhasse com a maior admiração e interesse os arrojados vôos dessa pujante aguia da poesia nacional.

Deixára elle a academia, ao fim do quarto anno de direito.

O seu nome, porem, ficou sendo idolatrado entre a grande mocidade daquella epocha, e o maior amigo do poeta, o saudoso Ferreira de Menezes, não cessava de affirmar por todos os modos e em todas as occasiões, que o Fagundes Varella era o maior poeta que o Brasil havia produzido até então.

Não se podia admittir que um academico daquelle tempo deixasse de saber de cór uma poesia das «Vozes da America», nem discipulo da escola desse mestre que não fosse um sinistro sonhador, vulto erradio dos cemiterios, por alta noite, ao clarão triste da lua, á hora em que as agoureiras corujas entram a soltar as suas plangentes psalmodias...

Era uma molestia, isso, misturada com muita e justa admiração pelo real talento do famoso vate.

Depois que elle morreu, em Nitheroy, de um accesso cerebral, em consequencia dos terriveis excessos a que se entregára; depois que terminou os seus dias, antes dos quarenta annos, como um verdadeiro infeliz, quando podia ter vivido muito para colher os mais virentes louros nos esplendidos vergeis da gloria, maior ainda se tornou o culto pelo seu nome, na academia e em toda a parte,

As gerações academicas que se foram succedendo renderam a devida homenagem ao genio, e, desprezando a perniciosa escola a que o grande poeta se filiára, começaram a imitar d'elle sómente o que era, o que é e o que hade ser sempre aproveitavel — o seu fulgurante talento, a sua maneira lyrica, o seu delicadissimo sentimentalismo poetico, que se revelou de maneira tão eloquente e genial nessa immorredoura pagina que elle escreveu com lagrimas, e a que denominou *Cantico do Calvario*.

E hoje, quando a estudiosa mocidade do nosso paiz dá-me a honra de me perguntar qual dos dois eu acho maior como poeta, se Castro Alves, se Varella, confesso que me vejo embaraçado, e respondendo assim :

— Se me lembro do *Poema dos Escravos*, acho que Castro Alves é maior que Varella; se me recordo do *Evangelho nas Selvas*, acho que Varella é maior que Castro Alves...

E acabo declarando que ambos são, definitivamente duas glorias nacionaes.

## V

### JOSÉ FELIZARDO JUNIOR

Quando eu li, ha tempos, fóra desta capital, a laconica noticia da morte d'elle, o infortunado jornalista, tive uma grande sensação de pesar e de intima saudade.

Digo — infelizmente, porque devéras ninguem mais do que elle o foi, depois de ter sido, por uma singular versatilidade da sorte, um dos rapazes mais alegres e felizes dentre os estudantes de ha trinta annos.

Era natural da capital do Rio Grande do Sul, e viera para cá estudar preparatorios em principios do anno de 1866, trazendo com os seus vinte annos, que já os tinha então, umá quantidade immensa de sonhos e de illusões, de planos phantasticos e... de dinheiro! Um esplendido sortimento!

Imagem que elle era considerado um dos estudantes mais ricos de S. Paulo.

Tinha uma mezada fabulosa, para a época... uma quantia superior a tudo quanto se pudesse imaginar. Póde-se dizer que elle era unico no terreno das mezadas grandes, tinha uma fortuna mensal, nada menos que isto — 200\$000!

Naquelle tempo, estudante que possuia, para viver e estudar aqui, 400\$000 mensaes, era considerado filho de gente rica. Um verdadeiro opulento.

Contar com o dobro disto, importava ser Créso ou então um nababo, e o José Felizardo era tido e havido por tal, em toda a brilhante roda academica que naquelle tempo era avultadissima.

Logo que chegou a esta capital montou casa e deitou luxo. Comprou tudo bom e fino, fez uma sala romanesca, *feerica*, que mais parecia um bazar de *bibelots*; alugou creados, teve cavallos na estrebaria, vestia-se primorosamente, fazia a barba todos os dias (e estudava preparatorios!) fez aquisição de uma bella livraria romantica e tambem de... alguma cousa mais que eu, em respeito á sua sympathica memoria, não direi aqui.

Trazia fama de literato, e como tal foi tido e estimado. Era um rapaz sympathico, muito intelli-

gente, possuía realmente talento, mas revelando a mais completa negação para os estudos academicos.

Passava os dias inteiros a ler romances francezes, estirado em uma *chaise-longue*, e a escrever phantasias para os jornaes daqui e de sua terra natal.

Por essa epocha, chegara tambem a esta capital, o obscuro auctor destas linhas, indo gostosamente morar com o brilhante bohemio, comprovinciano e amigo de escola.

Desde então, adeus estudos de latim e de historia, de rhetorica e de philosophia, de geometria e de inglez, etc.!

Entraram os dois a escrever, dia e noite, dramas, comedias, versos, artigos, traducções, o diabo! de maneira que, quando chegava a epocha dos exames, faziam ambos o mais completo fiasco que se pode imaginar, principalmente o José Felizardo, seja dito em louvor da verdade.

Estudou tres annos rhetorica, e ao fim delles teve uma reprovação mas, manda a justiça que se diga que houve uma tal ou qual injustiça no caso, que deu logar a um certo escandalo.

Em compensação elle era o amigo intimo de Castro Alves, e fazia-se applaudir, com o companheiro de que acima lhes falei, pelas illustradas plateias do *S. José*, do *Provisorio* (hoje *Apollo*) em diversas composições cujos titulos eram *Magdalena*, *Lucia*, *Martyres do Coração*, *Os Grotescos*, a *Calumnia*, e outros dramas, os quaes com excepção talvez daquelle ultimo, não passavam de soffríveis *massadas* que a companhia da Eugenia Camara e ella propria (a celebre Eugenia!) supportavam de sucia com o repeitavel publico, tudo debaixo de uma paciencia perfeitamente evangelica!

A nossa casa era então uma especie de centro literario, no qual fazia o papel de Jupiter Tonante

grande Castro Alves, cuja fama nesse tempo chegara ao apogêo. O Castro, como já tive occasião de dizer no artigo em que tratei do seu vulto olympico, recitava os seus bellissimos versos, e todo o auditorio o applaudia, ficando, por fim, cada um de nós, sem coragem de exhibir as proprias composições, por temor do confronto.

A's vezes, porém, criavamos animo e convidavamos para uma reunião o dr. Americo de Campos o Ubaldino do Amaral, o Castro Alves e mais uns dois ou tres, sendo estes ultimos por via de regra actores, e liamos os nossos dramas, assim com ares de quem tinha chegado ao grau supremo da perfeição artistica e literaria.

Quasi sempre a leitura do immenso cartapacio começava ás oito da noite, e ia indo com mais ou menos somnolencia até ás onze, sendo ahi interrompida para uma «retemperação» geral de animos, uma boa e variada ceia que terminava á meia noite, para recommençar a leitura que, por seu turno, findava ás duas da madrugada, entre muitos applausos e formidaveis abrimentos de bocca!

Esses dramas eram, quasi sempre arcabouços do José Felizardo, com vestimenta de vernaculidade duvidosa, do companheiro a que já tive a honra de alludir.

Quando eram representados, diziam sempre os jornaes no dia seguinte: «essas composições não são más... porém, com franqueza, podiam ser melhores...»

Por esse tempo o pae do Felizardo, justamente indignado com o filho por falta de exames, suspendeu-lhe a mezada. Rebentou então para o escriptor uma crise tremenda... toldaram-se os horizontes... estalou o raio e... o elemento monetario do feliz rapaz sumiu-se na treva immensa das continuas

negações do seu barbaro correspondente. Desde então foi-se o luxo, foi-se mesmo tudo para casa dos *belchiores* a troco de quasi nada, foi-se o relógio de ouro, foram-se os livros, tudo... tudo, para haver o que comer... para a compra do pão do dia. Que horror !...

O outro, o auctor dos dramas, desorientado com a catastrophe, desligou-se do companheiro e foi para o Rio, onde o esperava o inferno do jornalismo diario... para castigo das suas vadiações e de seus peccados literarios, castigo esse que dura até hoje !

Como era de vêr, o desequilibrio financeiro do Felizardo foi augmentando, mas tanto, que causou a todos os seus amigos e conhecidos verdadeira consternação. O elegante desaparecera para dar logar ao moço pobrissimo, concentrado, de fato sovado e botinas impossiveis.

Mais ou menos por estas alturas do seu destino, casou-se com uma distincta joven, filha de uma boa familia paulista, e, sem demora, fez-se empregado publico.

Seguiu á risca o conselho do velho Camors ao conde seu filho, conselho esse deixado em testamento : «Se te casares, não tenhas filhos...» Elle, o poeta, o escriptor, o homem de espirito não deixou prole, mas foi, ao que consta, um optimo esposo, como havia sido um bom filho, duas virtudes que honram sobremodo sua memoria. Nunca se separou do retrato de sua respeitavel e veneranda mãe, que elle beijava continuamente, chorando e exclamando :

— Santa !... Santa !...

Como empregado publico, foi tambem irreprehensivel, e nas horas vagas dava-se ao terrivel vicio do jornalismo, escrevendo artigos diarios, ora

para um, ora para outro jornal, mas sem grande fundo, e sem nenhuma orientação politica.

Elle era primeiro que tudo, um artista, um literato, e principalmente uma victima das illusões da vida.

Morreu com 51 annos... velho, pobre, desilludido, cançado de correr em pós das miragens, trucidado pela imaginação !

Fôra um forte o tornara-se um fraco; teve talento e não o soube aproveitar, ou antes não o souberam comprehender.

## VI

### JUDITH DE MENDONÇA

Devem lembrar-se ainda d'ella, todos os meus leitores.

Fazia invariavelmente o seu trajecto de casa para a escola, sósinha, todos os dias, pela manhã, caminhando a passo accelerado como para não perder a hora e não faltar á pontualidade no desempenho dos seus sagrados deveres de professora distincta e educadora emerita.

Era moça, era elegante, physionomia sympathica, olhar scintillante, intelligente, amavel.

Vivia trabalhando como uma heroina, porque ella já não tinha pae, e nem irmãos, e era o arrimo unico de sua bondosa e veneranda mãe, a quem prodigalisava todos os amorosos cuidados de que é capaz uma filha amantissima.

Brilhava em sua fronte a aureola de todas as virtudes, e ninguem diria que aquella mocidade tão radiante na apparencia, tombaria tão cedo nos abysmos insondaveis da morte.

Judith de Mendonça, pois que é d'ella que lhes falo agora com o coração repassado de magua, alou-se ás regiões serenas, e depois de tanta aspiração despertada nos mundos esmeraldinos de uma primavera esplendida, cerrou os olhos á luz e sumiu-se nas brumas do horizonte, envolta nas suas alvas roupagens de virgem.

Nunca mais acordará... Nunca mais!

Abandonou este mundo todo de illusões traidoras, e fugiu, talvez sorrindo, para longe d'esta humanidade que é, no dizer vibrante de um philosopho, uma raça egoista, grosseira, barbara, ignorante e hypocrita.

Os entes que vivem pelo espirito e pelo coração são as excepções. E a gentil senhora, a quem neste momento, vivamente impressionado me estou referindo, morreu pelo coração depois de ter vivido de um sonho cor de rosa, como são todos os sonhos das donzellas cujas almas passam na terra envoltas em nuvens de sorrisos e flores.

Morreu. Findou em plena aurora a sua esplendida missão, ella, a modesta poetisa da educação e da instrucção, a heroína do dever e do trabalho.

A esta hora descança ella em baixo da terra fria, na noite pavorosa do tumulto, vestida de setim branco, com sua fronte ornada pela alva capella das virgens, emquanto que o seu espirito peregrino erra talvez de estrella em estrella por esse vasto firmamento azul, ou cae, victorioso e sublime, nos braços dos anjos, na etherea mansão dos justos.

Quem sabe? Talvez seja isto... Talvez nada d'isto. Um mysterio profundo, o eterno e desesperador problema de sempre!

O que ha de certo e de real é que ficou no coração da misera mãe uma dor cruciante, e uma saudade indizivel... infinita, esmagadora.

VII

HERCULES FLORENCE

*(Por ocasião do seu centenário)*

Em todos os paizes do mundo civilisado e em todos os tempos a Historia tem registrado, com orgulho, o apparecimento de homens que, pelos seus talentos extraordinarios, pelas suas raras virtudes, pelo acendrado amor á sciencia e espirito investigador de que são dotados, não sómente se constituem vultos heroicos da patria que os viu nascer, como tambem assumem proporções de verdadeiros benemeritos da humanidade.

O phenomeno é velho ; tem se reproduzido pelo decorrer dos seculos, desde o inicio da civilisação dos povos, e todavia dá-nos sempre a impressão de uma novidade surprehendente.

Essas entidades superiores que deixam após seu ultimo alento vestigios luminosos de sua passagem pela vida, empolgando incondicionalmente a admiração universal pelas suas obras, são os chamados apóstolos do bem, os evangelisadores da ideia, em proveito do progresso e da grandesa social.

A este numero pertenceu o saudoso ancião, cujo nome escrevi no alto destas linhas, associando-me á justa e significativa homenagem que lhe é prestada hoje.

Eu tive a felicidade de conhecer pessoalmente Hercules Florence. Foi nos ultimos tempos de sua afanosa vida.

Porte austero, character eximio alliado a uma grande e natural modestia ; physionomia melancolica, olhar amortecido pelo cansaço, talvez, das arduas e continuas luctas do pensamento.

Era o trabalhador imperterrito, o poeta da arte, o espirito emprehendedor chegado ao fim da longa jornada, tendo na consciencia a paz dos justos, e na alma a tristeza caracteristica dos que sabem sofrer decepções em silencio.

A sorte implacavel fôra impiedosa para comsigo, afastando-o com inexplicavel pertinacia da arena publica em que se conquistam os louros da victoria, mas a posteridade, corrigindo os decretos da sorte, elevou o seu nome de athleta do trabalho ao pantheon em que figuram os nomes gloriosos de todos os martyres da sciencia.

E' assim a infinita e infallivel justiça com que a Providencia acode aos seus eleitos, nas incruentas batalhas da vida, sob o ceu tempestuoso das vicisitudes.

Afinal triumphou!

Viveu do trabalho e pelo trabalho, e ao cabo da lucta subtrahiu-se á indifferença dos homens, mergulhando na noite pavorosa do tumulto para resurgir entre os raios luminosos de uma apotheose esplendida.

Tal foi a sua missão, tal a sua trajectoria na terra — um grande exemplo de actividade, de altruismo, de amor á humanidade, á sciencia, ao estudo.

«A sua vida tão agitada e tão cheia de probidade e illustração, foi um tecido de exemplos fecundos e de licções saltares», como muito bem disse o illustre sr. dr. Estevam Bourroul no seu importante livro — *Estudo historico literario*, acerca deste inolvidavel heróe da sciencia.

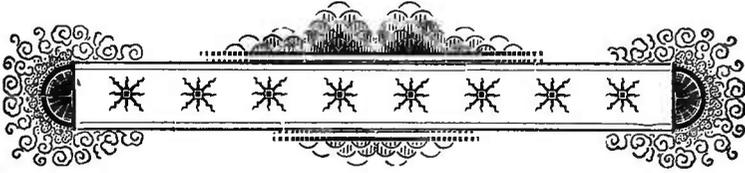
A sua patria adoptiva, o Brasil, deve-lhe profunda gratidão; e a bella cidade de Campinas onde elle viveu grande parte de sua vida, jámais poderá esquecer o seu nome venerando.

Do profundo e glorioso azul do firmamento, onde, na sublimidade do ideal, pairam os espiritos de todos os triumphadores immortaes, certamente o do bom e activo velho, sorrindo e fitando as constellações do infinito, ouvirá, como um hymno de compensação, a homenagem que lhe é prestada um seculo depois do seu nascimento.

*Amparo, Fevereiro, 1904.*







## *Impressões literarias e artisticas*

### I

#### POEMETOS E QUADROS

*(Damasceno Vieira)*

♫ auctor dos *Poemetos e Quadros*, o illustrado escriptor dr. Damasceno Vieira, residente em Santos, teve ha dias a delicada lembrança de offerecer-me um exemplar daquelle seu bello livro de poesias, com uma dedicatoria escripta por seu proprio punho, respirando extraordinaria generosidade a meu respeito.

Eu tenho por este poeta rio-grandense uma ardente e sincera predilecção, em primeiro lugar porque é realmente um poeta, em todo o valor do termo; e em segundo porque é uma alma de rija tempera, se me permitem a expressão, um valente luctador que não admite no programma de sua vida de escriptor elementos destruidores, como o desanimo e a inercia.

Intelligencia disciplinada por estudos de ordem superior, alentada pelo mais entusiastico amor á arte, voltada sempre para os largos horizontes dos sonhos encantadores e das aspirações grandiosas, tem sabido conquistar as mais legitimas glorias na senda brilhante das letras, conseguindo firmar um invejavel nome.

O dr. Damasceno Vieira não pertence já á phalange dos *novos*, e todavia não é velho, e nem nunca poderá envelhecer quem dispõe de uma imaginação tão viva e tão fresca, de uma musa tão gentil e seductora.

De todos os poetas que o heroico Estado do Rio Grande do Sul tem produzido, este é, por ventura, um dos mais inspirados e fecundos. Os seus versos são de uma naturalidade e de uma correcção admiraveis. A critica austera e imparcial tem-lhe feito sempre justiça.

Verdade é que a sua musa não possui os arrebiques lyricos e nem os sentimentalismos doentios, tão peculiares ás musas modernas de organisação nevrotica, que actualmente enchem o nosso Parnaso, saturando o ambiente de perfumes eroticos, penetrantes, fortissimos e ostentando posições flagrantes que destoam consideravelmente de tudo o que é pundonoroso e sério.

A musa do sr. Damasceno Vieira tem antes a compostura grave do classicismo, mas essa gravidade é temperada por um doce bafejo de ternura natural e de sentimentos mansos, que deixam o leitor profundamente impressionado e convencido de que o auctor dos *Poemetos e Quadros* tem talento e tem imaginação; é um poeta e é um artista.

A sua poesia *Os Canarios* por exemplo, é um mimo de naturalidade e de graça, e confirma perfeitamente o que acabo de dizer.

O leitor que julgue:

## “OS CANARIOS

Na florida janella  
Que a madresilva de festões enrola  
Collocára a donzella  
A pequenina, alvissima gaiola,  
— Palacete encantado  
Em que a vida passava alegremente  
Um lindo belga, um musico inspirado,  
Um genio que excedendo os mais notorios  
Não precisou cursar conservatorios,  
A gorgear contente  
Qual principe em chalet travesso e louro,  
Como uma pluma de ouro.

..... . . . . .

A poesia é grande, e eu não lhes dou mais que este principio, por falta de tempo e de espaço, mas não de concordar que é quanto basta para se julgar das delicadissimas tendencias lyricas do poeta.

Uma outra composição, a que tem por titulo— *Descendo o Uruguay*, (Impressões de Viagem) é igualmente notavel pela inspiração e pelo sentimento que revela.

Que largas e admiraveis descripções! Que esplendidos panoramas que a imaginação opulenta do poeta rasga aos olhos do leitor deslumbrado!

Após os arrebatamentos das descripções palpitantes e quentes, vêm os raptos sentimentaes, accentuadamente amorosos e tristes.

A confidencia de uma mulher bella, doente, em plena viagem de mar, ao lado do poeta, deante da magestade sumptuosa da natureza, é um trecho que commove profundamente, que fala directamente ao coração.

Diz ella :

«A dôr moral é mais do que a dôr physica! >  
Vou morrer, não me engano,  
Talvez em pleno oceano...  
Sei que não posso resistir á tysica.

No florescer dos annos  
Dezenove talvez, a desventura  
Murchava-lhe a mimosa formosura,  
Sob o peso de atrozes desenganos.

Quanta mágua sentia em morrer cedo!  
Seu nome? E' meu segredo.

Toda esta composição, que tambem é extensa, lembra a doçura incomparavel do poeta da «Graziella,» e nos dá sobejo motivo para considerarmos o talento poetico de Damasceno Vieira um dos mais robustos deste paiz.

A sua obra litteraria que já é copiosa, principalmente a poetica, faz honra ás letras nacionaes.

Elle é poeta, dramaturgo e romancista, mas é principalmente poeta, e se bem que uma ou outra composição sua esteja nos casos de provocar á critica reparos severos, é incontestavel que a grande maioria dos seus versos denota uma brilhante cerebração de poeta, uma alma aberta a todos os sentimentos que constituem o apanagio dos verdadeiros eleitos da inspiração.

O volume dos *Poemetos e Quadros* consta de um grande numero de poesias, e devéras sinto não dispôr aqui de maior espaço para a transcripção por inteiro de uma dellas, afim de saciar completamente a justa curiosidade da leitora sensivel, que é em taes casos, afinal de contas, de quem deriva o melhor juizo para julgamentos desta ordem.

Parabens ao illustre escriptor pelo muito que trabalha e pelo muito que tem conquistado.

Quem, como elle, consegue neste paiz, tão pouco literario pôr emquanto, fazer dezesseis livros em prosa e em verso, fóra da rua do Ouvidor e dos elogios mutuos, sem desanimar e sem deixar de sorrir ás illusões e aos sonhos, é forçosamente, antes de tudo, um poeta.

Pena será se o demonio das paixões politicas desvial-o do caminho que o destino tem traçado á sua vocação literaria.

A meu ver nada ha peor neste mundo do que um poeta lyrico mettido em questões de partidos. Desvirtúa a sua grandiosa missão na terra e, digo mais, torna-se insupportavel.

Eu conheço isto por dolorosa experiencia.

Muito de industria não procuro saber neste momento qual é o credo politico de Damasceno Vieira e de que quilate são as suas *poesias politicas*, genero este que eu sinceramente detesto.

Tenho sómente deante de mim agora o poeta do sentimento e da arte fina e delicada, das expansões affectivas e das crenças, o homem de talento e de inspiração, em summa.

A sua graciosa musa que nunca envelhece, dirijo daqui, com todo o jubilo de que sou capaz, a mais cordial saudação.

## II

### UM POETA

(DR. FREITAS GUIMARÃES)

Entre os novos poetas da actual phalange academica (e são elles pouquissimos), figura de modo muito saliente e sympathico, o joven campineiro José de Freitas Guimarães, que ha poucos dias recebeu da gloriosa academia desta capital o grau de bacharel em sciencias sociaes e juridicas.

Freitas Guimarães tem uma bella apparencia de creança; physionomia luminosa e attrahente, olhar vivo e irrequieto, ar alegre, indicando um espirito voltado continuamente para todos os pontos radiantes da creança e da aspiração, dos sonhos e da poesia.

Dotado de um temperamento nervoso, de uma compleição debil, a sua *maneira* de versejar, o impeto e donaire de sua inspiração, denunciam desde logo um talento digno de nota, uma tendencia litteraria que com o aperfeiçoamento do estudo e do trabalho artistico, tornar-se-á, dentro em pouco tempo, de primeira ordem.

Pertence ao numero dos modestos, este poeta; não gosta de phrases rebuscadas, nem apresenta na sua pessoa os artificios exteriores que quasi sempre servem para disfarce de vulgaridades pretenciosas, aqui como em toda a parte do mundo.

E' um *novo* muito rasoavel, um simples, um natural, e ao mesmo tempo um forte, na sua vocação e na esphera esclarecida e harmoniosa da arte.

A sua unica preocupação, pelo que tenho observado nesta docil personalidade de literato, é fazer bonitos versos, muito singelos e muito naturaes, saturados dos perfumes capitosos das suas primaveras e do seu amoroso coração, deixando-se conduzir, descuidadamente, pela musa faceira dos seus vinte annos, aos mundos esmeraldinos das illusões.

Nesta esplendida organização de poeta fazem a mais perfeita alliança o talento e o sentimento, de sorte que a scintilla divina da poesia rompe-lhe do cerebro em virtude desse phenomeno inteiramente ligado á sua natureza sensivel e intelligente, e dahi o producto legitimo e encantador da sua vocação.

Para não suppreem os leitores que ha exaggeção nisto, dou-lhes em seguida uma das producções do joven poeta, a primeira, por exemplo, do seu livro manuscripto *Combates Intimos*, que tenho sobre a mesa neste momento:

A TI

I

Alma de pomba! Coração igual  
aos corações immaculos dos santos  
que vivem presos numa cathedral!

A ti pertence a musica dos cantos  
que neste livro encerro e atiro ao mar  
em que hão perdido as esperanças tantos!

Se vires, nelle, est'alma se arrastar  
Como ferido passaro, não rias,  
que o riso augmenta a dôr que o provocar.

II

Alma que esta minh'alma acaricias,  
meu firmamento azul e meu pharól!  
Sol que vences a luz das ardentias

e a propria luz esplendida do sol!  
Coração de mulher mimoso e raro,  
fonte de bens, purissimo crisol!

III

Pousa esse olhar serenamente claro,  
Seren e claro como o de Jesus,  
sobre este livro, — meu thezouro aváro.

consolo e morte, salvação e cruz  
em que, de joelhos beijo, respeitoso  
o marmore dos versos que compuz!

IV

Volve os teus olhos, esse olhar formoso,  
— mixto de treva e luar — para este amor,  
mais puro que o do Christo carinhoso,

mais cheio de prazer e de mais dôr,  
desgraçado e feliz, perverso e suave  
como um perfume doce e enganador !

V

Tal como em ninho setinoso de ave  
casal feliz de passaros implumes,  
(para que as culpas de minh'alma eu lave)

tu, que o amor e a vida em ti resumes,  
encontrarás os nossos corações,  
unidos sempre e livres de ciumes  
no missal em que fecho estas canções!..

Nestes versos, cujo systema graphico é o mesmo usado por Thomaz Ribeiro, Castilho e outro em suas obras, percebe-se o poeta, adivinha-se que ha nelle uma alma.

Não digo que seja irreprehensivel a poesia que transcrevi, mas, ha nesse dizer uma tal suavidade de sentimento um tão penetrante perfume de lyrismo inspirado, que, ao sentil-o, ninguem deixará de bater palmas a essa musa juvenil que desponta agora embevecida pelo clarão intenso da vida e seus attractivos.

Freitas Guimarães já se tem tornado conhecido por algumas deliciosas composições espalhadas por alguns jornaes deste Estado, e estou convencido de que o seu livro — *Combates Intimos*, quando fôr dado á publicidade, fará um certo successo e despertará a melhor attenção da critica sensata e justa.

Ella reconhecerá que este poeta não pertence ao numero dos que fazem versos pela unica razão de querer fazel-os, senão unicamente ao daquelles que são arrebatados pela força irresistivel do talento e da legitima vocação.

As suas composições, posto que ainda indecisas e sem os traços definitivamente accentuados que carac-

terisam as dos mestres formados pela idade e pelo estudo, ostentam todavia um certo colorido promettedor, uns tons que denunciam o talento, uma certa melodia seductora que deixa patente o futuro artista, que ha de ser necessariamente um grande poeta.

### III

## VERSOS

### D. IBRANTINA CARDONA

A illustre poetisa brasileira, cujo nome escrevo no alto destas linhas, pertence ao numero das mais talentosas, entre as senhoras que escrevem neste paiz, e, inquestionavelmente, é uma das que mais se distinguem tambem pela sua natural e excessiva modestia.

Seu nome, vantajosamente conhecido no sul do Brasil, donde ella é natural, tem figurado por muitas vezes na imprensa diaria, em diversas epochas, firmando delicadas composições lyricas, do quilate daquellas que mais se distinguem pela naturalidade da ideia, do sentimento e da forma.

Se neste paiz fosse dado á mulher o necessario acoroçoamento para as conquistas das glorias literarias; se lhes fossem abertas de par em par as portas que levam á realisação dos grandes ideaes artisticos, quantas, além das que já glorificam o nome brasileiro, figurariam na galeria das poetisas e escriptoras illustres!

D. Ibrantina Cardona não publicou ainda nenhum livro, não tem dado ensejo á critica austera e bem intencionada de lhe apontar aquillo que, sob o ponto de vista de arte, devia-lhe merecer a preferencia, e dahi essa especie de retrahimento em

que a poetisa se deixa ficar, escrevendo pouco, e pouco cuidando dos novos processos da arte de compôr, hoje tão apurados.

Todavia, é uma fronte inspirada, um coração a transbordar de sentimentos nobres, entusiasticos, de uma generosidade adoravel.

Para prova desta asserção, eu podia abrilhantar estas paginas com um bello soneto, e o trecho de uma carta literaria com que a illustre senhora me honrou ha tempos, mas não o faço para evitar que espiritos menos tolerantes supponham que a minha natural e felizmente reconhecida modestia não passa de um embuste. Sempre que posso fujo da maledicencia.

Tanto, porém, o soneto a mim dedicado, como o trecho epistolar, duas perolas literarias, elevam os meus poucos meritos a uma altura verdadeiramente vertiginosa.

Em vez, daquella composição, que já foi publicada, ha tempos pelo *Diario de Campinas*, limitome a transcrever da mesma folha, em seu numero de ante-hontem, um outro soneto da graciosa poetisa, que tanto honra as letras nacionaes.

Eil-o :

### MATER DOLOROSA

Bem dita sejas tu, oh ! Mãe immaculada,  
E te abençõe Deus como a mim abençoaste ;  
A mim, a filha orphan, enferma e amargurada,  
Que avivo em meu tributo o exemplo que deixaste.

Estrella que cahiste assim do louro engaste,  
Vejo-te ainda e sempre em lucto amortalhada,  
Pois mesmo resvalando ainda mais provaste,  
Que o bem é como o incenso, e a vida quasi nada.

Bem dita sejas tu, saudosa creatura,  
Cujo nome de santa invoco e guardo illeso  
Nas peregrinações da minha noite escura.

Teu derradeiro olhar me veja sempre acceso  
E a benção que me déste eterna em mim perdura.  
Bem dita sejas tu, por quem de joelhos rézo.

\*  
\* \* \*

Talvez que a critica implacavel, armada de compasso e *trena* e possuida de um terrivel sentimento de intransigencia possa achar alli qualquer ponto vulneravel na forma, mas o que não negará é que essa composição poetica revela uma alma cheia das abençoadas doçuras da poesia, um inebriante perfume de sentimento piedoso e eterno, que são os principaes attributos do verdadeiro poeta.

Se o nosso meio social fosse outro; se houvesse realmente um legitimo e geral interesse por tudo o que diz respeito ás produções dos nossos talentos de eleição, principalmente entre o bello sexo, outra seria a sorte delles, e outra seria a da nossa nascente literatura.

Quanto a mim, sempre que vejo em plena arena de combate o talento e o amor á arte, dispostos, corajosamente, á conquista de glorias literarias, que redundam em honra para o paiz, trato de animal-os, de applaudil-os, de admiral-os, principalmente se o amor e o talento nobilitam corações e fronte feminis.

Para mim a magestosa galeria do nosso modesto Pantheon literario que contem os vultos laureados de Narcisa Amalia, Zalina Rolim, Amalia Figueiroa, Julia Lopes, Francisca Julia da Silva, Revocata, Julietta de Mello Ignez Sabina, Josephina Alvares de Azevedo, Ibrantina Cardona e outras, só pôde merecer a minha admiração e respeito.

Escrevendo estas poucas linhas como singela homenagem ao talento da intelligente auctora da *Mater Dolorosa*, não faço mais do que cumprir um agradabillissimo dever.

*S. Paulo, 1896.*

## TRINOS E CANTOS

(RODOLPHO PAIXÃO)

Intitula-se «Trinos e Cantos» o volume de poesias que tenho á vista, ultimamente impresso, e do qual é auctor o illustrado sr. dr. Rodolpho Paixão.

Após uma leitura rapida, pois ha apenas poucos dias que recebi o livro, as impressões que me ficaram se não foram totalmente as melhores, não deixaram de ser, todavia, em grande parte, muito favoraveis ao auctor, cujas aptidões literarias ressaltam das paginas de seus *Cantos*, á primeira vista.

O sr. Rodolpho Paixão não pertence ao numero dos poetas de imaginação fogosa, comprazendo-se antes em dedilhar a sua lyra o mais calmamente possivel, á sombra de suas recordações ora de simples sentimentalismo amoroso, ora de natural enthusiasmo patriotico.

Sem phrases rebuscadas, sem armar ao effeito pela altisonancia da estrophe e extravagancia de imagens, escreve consoante lhe acode o pensamento, sem notavel originalidade, é factó, mas tambem sem umas certas nebulosidades que fazem o principal caracteristico da chamada poesia *condoreira*.

A sua inspiração é por vezes singela de mais, o que até certo ponto constitue um tal ou qual defeito na poesia, por falta de colorido e fogo; mas isto é uma questão de temperamento e de habito, porquanto, a meu ver, o sr. Paixão adopta de pre-

ferencia mais o classicismo antigo que os *donaires* estheticos da eschola poetica moderna.

Se o seu livro tivesse apparecido ha trinta annos, seria irreprehensivel, porém a poesia, como tudo o que diz respeito ás artes e a todas as cousas que dependem da intelligencia do homem, progrediu muito, e elevou-se a consideraveis alturas.

Isto posto, conclue-se que este livro, deante da critica severa moderna, tem senões imperdoaveis a par de notaveis e innegaveis bellezas.

O auctor dos «Trinos e Cantos» revela melhor a sua inspiração nas poesias patrioticas, na ode propriamente dita, á maneira das que escreviam, ha quasi um seculo, os nossos melhores classicos.

As poesias dedicadas ao general Deodoro e ao marechal Floriano são, sem duvida, trabalhos artisticos de real merecimento.

Quanto ás lyricas, propriamente ditas, podem ser classificadas como lavoeres de segunda ordem, como seriam hoje, se apparecessem pela primeira vez, as dos nossos saudosos poetas de 1830, que para aquella epocha eram primores.

Comtudo, ha no volume trechos de muita inspiração e sentimento, estrophes de uma suavidade que nos dá ideia exacta da alma sensivel e boa do poeta.

Neste volume ha ainda um trabalho de certo folego a que o auctor intitulou «A Inconfidencia», um bello poemeto historico, em que figuram os celebres inconfidentes da famosa conspiração mineira.

Por falta de espaço não transcrevo as composições que mais me agradaram, mas os que presam trabalhos literarios dessa natureza, provavelmente procurarão travar relações com o auctor deste livro, onde encontrarão um operoso cultor das boas letras, digno do melhor acolhimento.

Nesta simples impressão de leitura que aqui deixo, com lealdade e franqueza, não vai propriamente um juizo critico que para tanto fôra preciso mais tempo, mais reflexão e mais espaço.

Os «Trinos e Cantos», que já mereceram bom acolhimento do illustre poeta brasileiro dr. Raymundo Correia, podem, não obstante o que a austeridade critica por ventura nelles encontrasse de censuravel, figurar entre os bons livros da nossa literatura amena, tão retrahida ultimamente.

*S. Paulo, 1896.*

V

VAGAS

(SABINO BAPTISTA)

O Poeta cearense Sabino Baptista acaba de publicar, na capital de seu Estado, um pequeno livro de versos a que deu o titulo de «*Vagas*».

Esta denominação que vem a ser igual, pela ideia, á do livro de Luiz Murat — «*Ondas*» nos dá a comprehensão exacta do amor que o poeta nortista tem a tudo o que diz respeito ao mar. Acompanha-o sempre a grande ficção oceanica, tanto assim que elle começa a poesia da primeira pagina do seu bonito livro deste modo :

«A vida é um turvo *oceano*  
ora tranquillo e ora insano :  
si um róseo sonho floresce,  
mas si uma illusão se apaga,  
desfaz o tempo uma vaga.....»

Na segunda poesia lê-se :

«Perguntou a concha um dia  
ao *mar* que insano bramia » :

Na terceira vê-se ainda :

«O nauta que os *mares* sonda  
disse interrogando a onda.....»

Na quarta também ha o seguinte :

«No fundo o tragico *oceano*.....»

Na pagina 33 encontra-se :

«E' como um *mar* que indomito transborda»

A' pagina 38 :

«Do *mar* no glauco fundo»

E assim, em muitos outros lugares a mesma impressão marina dominante, o que verdadeiramente não constitue um defeito, mas apenas accusa um pouco de monotonia nos versos das *Vagas*, monotonia essa peculiar aos eternos latidos desse *cão enorme* — o velho oceano.

Os versos de Sabino Baptista não são inspiraões arrojadadas, como soem ser as da eschola *hugoana*, nem adoptam vã ostentação pela excentricidade das imagens. Nada de *bodelaireano* em sua musa; nada de satanico em suas producções.

São ellas o transumpto fiel do temperamento do poeta, um temperamento tranquillo que se compraz com as contemplações das cousas da natureza, vivendo muito mais do silencio que do bulicio. Sua musa adeja constantemente pelo mundo dos sonhos e das scismas.

Este lyrico talhado um pouco á antiga, tem, primeiro que tudo, uma alma amorosa e sonhadora, sabendo supprir com um sentimentalismo por vezes cheio de verdade e graça, a falta de arrebatamentos comburentes da imaginação, que tanto agradam a uma certa ordem de leitores.

Supponho-o moço, a julgar pela somma de ternura que emprega em seus versos e pela quantidade de illusões dos seus maviosos conceitos, ainda não abeberados do fel maldito que os desenganos trazem

ao homem, desse fel que muitas vezes a propria pessoa expadana em gemidos de infinitos soffrimentos.

O auctor das *Vagas* tem a composição delicada e quasi sempre correcta. E' um artista que, ás vezes, á força de querer ser natural, pecca pela adopção da fórma demasiadamente trivial.

Exemplo, (pagina 97):

«Eis-me no lar. Receios inimigos  
já me não encham de impressões dolentes.  
Entre a familia, em meio dos parentes  
e rodeiado de leaes amigos.»

Isto, sobre ser de máu effeito pela ideia infeliz e anti-poetica do medo que o poeta confessa, é dito sem arte e sôa mediocrementemente aos ouvidos exigentes em questões de gosto.

Um poeta pôde confessar que não é forte, que tem medo dos inimigos ou dos phantasmas, e que por causa delles corre para casa, e acocora-se por detraz da familia e dos amigos, mas é preciso que essa confissão seja dita com uma arte tal que evite ao leitor toda e qualquer recordação de episodios ridiculos.

Em compensação, porém, a esses leves senões do livro, ha nas *Vagas* poesias de muito sentimento e naturalidade, a respeito das quaes pôde a critica tecer merecidos e francos elogios.

Entre ellas figura este soneto que para aqui translado, como prova do que vai dito:

### Emfim

Rasgou-se emfim o véo da tenebrosa  
e longa ausencia prolongada, escura,  
— eu de novo te vi formosa e pura,  
e tu de novo viste-me, formosa.

Como me olhaste!... Como a radiosa  
luz dos teus olhos plenos de doçura  
nalma accendeu-me a chamma da ternura;  
como eu te olhei, ó flor tão melindrosa!

Teu vulto esbelto, estranho e seductor  
lembrava o alvo busto encantador  
de alguma deusa, um busto sacrosanto...

Sorriste ao ver-me, e no teu casto riso  
de par em par abriu-se o paraíso  
que tanto busco e que me foge tanto!

De parte os agudos com que terminam os dois versos do primeiro terceto, o que constitue defeito de arte, o soneto é bom e revela legitima inspiração.

Assim como esta composição, outras ha no elegante volume dignas de apreço e de leitura, e as quaes muito acreditam o nome de poeta cearense, a respeito do qual posso sinceramente emitir este conceito:

E' uma bella cabeça inspirada e um coração a transbordar de sentimento.

## VI

### BUSTOS

(D. NICOLINA VAZ DE ASSIS)

(*Carta ao Dr. Garcia Redondo*)

Seria imperdoavel falta de minha parte, meu illustre amigo, deixar de corresponder promptamente, e com a maior solitudine ao seu nobre appello, relativamente á pessoa e aos meritos artisticos da nossa illustre patricia D. Nicolina Vaz de Assis, cujo talento para a difficil arte da esculptura tão pronunciado se mostra.

Agradeço-lhe a ideia que o levou a tratar de tão sympathico assumpto, e encho-me de satisfação pela honra que me concedeu, lembrando-se de minha pessoa para uma apresentação de tão distincta senhora aos nossos estimados collegas da imprensa paulistana.

Em tal emergencia, creia que sinto devéras não reunir em mim as condições superiores, que fazem do individuo um valoroso sustentaculo de pretensões e de personalidades artisticas que desejam ser acompanhadas até á elevada esphera da publicidade e da opinião.

Simple operario da imprensa, acostumado a fugir cauteloso a tudo que possa deslocar a tranquillidade natural de minha modestia, mal posso reunir todas as minhas fracas forças em casos taes para applaudir e levar, da melhor maneira possivel, o alento ás verdadeiras aptidões artisticas ou literarias.

Fóra disto, que mais posso eu ?

Verdade é que nunca falto com a apresentação de minhas homenagens aos verdadeiros talentos, do mesmo modo que procuro disfarçar sempre, tanto quanto me é dado fazel-o por um simples principio de urbanidade, os meus tedios e os meus desdêns quando me encontro com a mediocridade pretenciosa, capaz de tudo conseguir neste mundo, onde a audacia é um grande elemento de sorte.

Mas, ser de tal arte justiceiro e altruista, não basta para o caso em questão, meu amigo; e todavia devo dizer-lhe que demasiadamente honrado com a incumbencia que me deu, acceito-a de todo o coração, pondo uma immensa dóse de boa vontade onde sómente devia figurar uma consideravel dóse de competencia.

Eu sou um extrenuo admirador das mulheres de talento, principalmente quando este tende, pela mais nobre actividade, dar combate ás versatilidades

da fortuna, concorrendo ao mesmo tempo para augmentar o peculio das nossas ainda modestas riquezas artisticas.

A mulher poetisa, a artista, quer ella burile uma magnifica estrophe, ou cinzele o marmore para crear um busto, ou componha um trecho musical ou pinte uma paizagem, desde que em tudo isto sabe pôr o toque delicadissimo de sua sentimentalidade, a nota psychica de sua natureza predestinada, alliando a essa aptidão intellectual a aptidão affectiva e sublime para a divina arte de ser esposa e mãe, a mulher em taes condições, digo, só me póde merecer respeito e consideração.

Imagine, portanto, meu caro Redondo, o effeito que devia ter produzido em meu animo um artigo que li, ha dias, em um jornal desta capital, onde o auctor, que me dizem ser um poeta conhecido, sustenta ser a mulher poetisa um dos peores flagellos do mundo!

Mas, deixemos ao lado esta heresia que de certo não passa de um gracejo... de mau gosto, e vamos ao nosso caso.

Vi e admirei os dois bustos trabalhados pela exma. sra. d. Nicolina Assis, e expostos em uma das «vitrines» da conhecida casa Barcellos, desta capital, bustos esses a que o meu amigo, com o seu bello talento e provado senso artistico se refere em sua generosa carta.

São realmente dois trabalhos indicativos de uma promettedora vocação para esse genero de arte, em que se celebrisaram Miguel Angelo, Canóvas e tantos outros bafejados do genio creador.

As imperfeições a que allude o meu amigo em sua carta, são a meu ver explicaveis e naturaes nas producções de um talento que ainda não poude ter estudos escolares completos.

O que é fora de duvida é que, tanto o busto de barro, feito em Paris, apenas depois de duas

licções do esculptor Falgueires, como o outro produzido recentemente em Itatiba, são trabalhos que recommendam a tendencia especial dessa distincta sra., e isto é tanto mais apreciavel quanto é certo, constituir o caso por si só uma especie de phenomeno artistico, de magnifico effeito, tão raras são entre nós as vocações feminis para esse esplendido ramo da actividade humana.

Animar, portanto, a quem procura assim trabalhar e distinguir-se, é dever de todos nós, e com especialidade é o dever do jornalista.

Portanto, meu caro Redondo, acudindo de prompto á gentileza de sua ordem, tenho a honra de apresentar, por estas singelas linhas, á digna e justiceira imprensa desta capital, a exma. sra. d. Nicolina Vaz de Assis, cuja vocação para a esplendida e difficil arte da esculptura deve ser devidamente registrada, applaudida e animada, para que possamos contar com mais uma gloria nacional, igual em talento ás que já temos na poesia, na pintura e na musica.

Termino apresentando os meus sinceros parabens á distincta «amadora» e mil agradecimentos ao bondoso amigo. (\*)

*S. Paulo, 1896.*

## VII

### ARTIGOS E CHRONICAS

(RAUL DE AZEVEDO)

Tenho sobre a mesa um livro recentemente publicado sob o titulo — «Artigos e Chronicas», e

---

(\*) D. Nicolina de Assis acha-se actualmente em Paris onde muito se tem distinguido na arte que tão brilhantemente cultiva.  
Campinas, 1905.

de que é auctor o sr. Raul de Azevedo, conhecido literato paraense.

O volume, nitidamente impresso em Portugal, na cidade do Porto, consta de 230 paginas e encerra as producções que esse escriptor havia publicado em jornaes, segundo elle mesmo o diz em um rapido prologo do livro.

O sr. Raul de Azevedo reúne apreciavel orientação literaria, bom cabedal de illustração e muita tendencia para a simplicidade da fórma, o que certamente muito recommenda as suas producções.

Posto não tivesse ainda tido o tempo necessario de ler todo o livro, posso, todavia, pelas paginas já percorridas, avaliar dos meritos do sr. Raul, cujo estylo ameno prende desde logo a attenção do leitor e faz jus ás sympathias da critica mais exigente.

O auctor paraense, ao que parece, é um fino observador e um analysta de seguro criterio, politica e literariamente falando.

Conhecendo o movimento das literaturas e das sciencias modernas, o seu talento deixa-se ir á vontade, muito naturalmente, pelas fluctuações das narrativas, ao sabor da inspiração de momento, conseguindo sempre captar as boas graças de quem o acompanha pelas paginas do seu livro.

E' um escriptor de merecimento incontestavel, um prosador moderno, sem ostentações descabidas e ridiculas, escrevendo como quem conversa, concatenando perfeitamente as ideias em phrases singelas e elegantes, se bem que nem sempre com rigorosa correcção:

Ou por discuido typographico, ou meramente de revisão, ha nessas bonitas paginas de brilhantes folhetins, alguns pequenos defeitos que não podem ser, por forma alguma, levados á conta de ignorancia do auctor.

Quem não desconhece, como o sr. Raul de Azevedo, o segredo de externar ideias pelos difficeis processos da arte de pensar e de escrever, não pode, não deve cahir em erros crassos de linguagem. Por exemplo, á pagina 122 do livro, pertencente ao bonito folhetim — «Os velhos», ha isto, que impressiona desagradavelmente :

«Conheci um desses velhos mortos ha pouco...  
Era dos novos. *Houveram* outros mais antigos...»

Ora, quem é medianamente instruido em preceitos de grammatica não acceita aquella formula «houveram», do verbo neutro impessoal — «Haver». «Houve» outros mais antigos, é o que a regra grammatical exigia, pela mesma razão porque se diz — ha homens, e não — hão homens.

Mas, isto é tão trivial e tão sabido, que eu ainda uma vez o digo, attribuo o defeito a uma simples inadvertencia do typographo e do revisor.

Não póde ser outra cousa.

No mesmo escripto, a pagina 123 ha a seguinte exclamação — «O que «valia» pesares?» em a qual o verbo não concorda com o substantivo, cousa esta que verdadeiramente faz nesse bello livro o effeito deploravel de pequenas nuvens escuras manchando um pedaço azul do firmamento.

Em compensação, porém, ha paginas magnificas de sentimento, graça e naturalidade na obra do sr. Raul, cujos dotes de escriptor ao certo ninguem deixará de applaudir.

Nos «Artigos e Chronicas» ha alguns trabalhos de critica literaria que dão ideia do senso artistico do escriptor paraense, pela imparcialidade e justiça com que são traçados. Entre esses, figura o que trata das «Cartas da Europa», conhecido livro do actual presidente do Estado de S. Paulo, dr. Campos Salles.

O sr. Raul analysa o livro detidamente, abundando em considerações politicas e literarias que só pessimistas incontentaveis não deixarão de acceitar.

Se dispuzesse de mais espaço e tempo, talvez me arriscasse a uma apreciação mais ampla e severa do livro a que me refiro, apontando as bondades e os defeitos do escriptor paraense.

E' melhor, porém, ficar por aqui.

Para um livro tão singelo e despretençioso como os dos *Artigos e Chronicas*, uma noticia como esta despretençiosa e singela, vem a proposito.

Esse trabalho literario é, em todo o caso uma novidade, um bom exemplo.

Recebel-o com benevolencia e affecto é um dever da imprensa, e ao mesmo tempo um estimulo para os que se dão, em nosso paiz, a labores literarios, os quaes infelizmente pertencem ao genero dos que mais indifferença merecem e menos lucros alcançam.

*S. Paulo, 1896.*

## VIII

### DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO

(DR. SACRAMENTO BLAKE)

Dei ha dias, em poucas linhas, noticia do apparecimento do 3.º volume de uma obra literaria importantissima, o *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, do qual é auctor o illustrado sr. dr. Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, residente no Rio de Janeiro.

Trabalho de largo folego, feito com verdadeiro amor e escrupulo, minucioso, bem planejado e o mais completo que é possivel ser, o referido *Diccionario* recommenda-se antes de tudo aos olhos do

publico, e tem direito á sua melhor attenção, pelo seu grande alcance sob o ponto de vista do nosso valor intellectual, como nação que pretende os foros de civilizada e progressista.

O plano adoptado pelo sr. dr. Sacramento Blake, é o mesmo do notavel escriptor portuguez Innocencio Gomes da Silva, em obra identica e abrange a nomenclatura de todos os filhos deste paiz que têm escripto alguma cousa ou muita cousa—jornaes, folhetos, livros, musica etc. — literatos, jornalistas, compositores, pamphletistas, poetas, medicos, advogados, politicos, oradores, padres, engenheiros, pedagogistas, emfim todos que se tenham dado ao trabalho de produzir e publicar qualquer pagina ou mesmo que a tenham produzido sem publical-a.

Seguindo, na forma de dictionario, a ordem alphetica, já está a obra na letra J, no 3.º volume, que consta como os dois que o precederam, de mais de 500 paginas.

Sendo, como é, uma tentativa colossal, grandemente util e patriotica, parece que devia merecer do publico em geral, e da imprensa em particular, um amplo e animador acolhimento acompanhado dos mais sinceros e ardentes applausos.

Pois, infelizmente assim não tem sido, e quem nol-o affirma, é o proprio sr. dr. Sacramento Blake no prologo deste seu novo volume.

Custa-se a acreditar, mas elle mesmo o assevera : tem estado a ponto de desanimar, taes são os obstaculos e tão profunda tem sido a indifferença da maior parte dos nossos homens de letras relativamente a um livro de tão assignalada importancia !

Iniciado nos ultimos tempos do imperio, quando a politica dê propaganda occupava todos os espiritos, e a do imperialismo entrava em phase de profundo desanimo, o trabalho do illustre escriptor esteve quasi a fazer parada definitiva. Felizmente a nova

ordem de cousas retemperou-lhe o animo e encheu-o de coragem para proseguir na sua ardua e pres-tante taréfa.

Com effeito, na Republica poude o laborioso auctor encontrar elementos de auxilio que o Impe-rio lhe negou; mas isto, segundo se deprehende de suas affirmativas, serviu apenas para melhorar um pouco a sua situação, por quanto o peor de tudo que é a mais gélida indifferença publica, continúa ainda.

Tendo encontrado no governo republicano do seu paiz, as melhores disposições para auxiliá-lo em seu arrojado commettimento, lamenta, todavia, com profunda magua o illustre escriptor, este deploravel factó: que a maioria do publico, e o que é mais—a propria maioria dos homens de letras do Brazil, não queiram corresponder aos valentes esforços que elle emprega para dotar a Bibliotheca Nacional com uma obra literaria de verdadeiro alcance, em todos os sentidos.

Eu, porém, acredito que as condições em que se acham o escriptor e a sua obra em face do paiz, irão melhorando sensivelmente, de maneira a ter elle, dentro de pouco tempo, razões de sobra para levar por deante, com mais tranquillidade de animo, a sua nobre e admiravel empreza.

A obra é de grande extensão, e está em começo, como está também a evolução da mentalidade e da instrucção do povo no periodo que atravessamos. Elle, o povo, forçosa e naturalmente ha de amanhã comprehender melhor e apressar-se em adquirir isso que hoje passou quasi que completamente desco-nhecido aos seus olhos.

Por seu lado a imprensa, um pouco mais des-preendida das graves apprehensões politicas que até aqui a têm torturado, saberá render o devido preito a obras da importancia real do *Diccionario* a que alludo.

Quanto mais difficil for a lucta que o sr. dr. Blake tiver de sustentar para levar ao cabo a sua proveitosissima empresa, tanto maiores e mais justos serão os titulos de benemerencia a que tem incontestavel direito.

Cumpro um agradavel dever chamando a attenção dos homens illustrados e do publico que lê para o *Diccionario Bibliographico Brasileiro* como uma obra, que é, destinada a ser de grande utilidade para o paiz, sob todos os pontos de vista.

*S. Paulo, 1896.*

## IX

### ITÁTYÁIA

(HORACIO DE CARVALHO)

Ao obscuro auctor destas linhas foi gentilmente offerecido, não ha muito tempo, um precioso mimo literario, vindo da capital do Estado. Nada menos que um exemplar do livro ultimamente publicado — «Itátyáia», devido á penna primorosa de Horacio de Carvalho, um erudito, um estylista de primeira ordem.

São paginas soberbas as que constituem esse volume admiravel, e nas quaes encontra o leitor a descripção viva, fortemente colorida, emocionante da ascensão que ao Itátyáia — a mais alta montanha do Brasil, realisaram, o auctor e mais alguns destemidos companheiros, a 15 de Abril de 1898.

Confesso-me sinceramente incapaz de dar aqui, aos meus leitores, uma ideia, sequer aproximada, da maneira magistral, artistica de um attractivo irresistivel, com que foi descripto esse acto de bravura perigosissimo que importará sempre em verdadeira façanha heroica, para quem ousar realisal-o.

Desde a primeira até a ultima pagina do elegante livro que tenho á mão, encontra o leitor o mais palpitante interesse na romanesca aventura dos «ascencionistas», e fica maravilhado, devéras, com os vibrantes, variados e vigorosos tons que o eximio escriptor, artista e poeta, imprimio á sua narrativa, assim quanto aos menores detalhes do que vae encontrando pelo caminho, como tambem quanto ao facto capital; extraordinario, surpreendente, quasi assombroso — a perigosissima ascensão ás «Agulhas Negras», tão cheia de accidentes, qual delles o mais commovedor e pittoresco !

E' extraordinaria a «verve» que Horacio de Carvalho desenvolve nesse bello e util trabalho. A gente não sabe o que mais admirar nas paginas que vae devorando com crescente e febril curiosidade, — se a inaudita audacia dos «mantiqueirista» arrostando o perigo de semelhante empresa, se o estylo pujante e correcto que veste o episodio, ou, em summa, se a copiosa somma de erudição que o moço escriptor com tanta naturalidade revela nessas inspiradas paginas.

O que eu sei, e de mim o digo, é que, sem ter sahido do Amparo e de minha casa, subi com Horacio de Carvalho e seus compaheiros á vertiginosa altura desse famoso «Itátyáia», tão poderosa e suggestiva é a palavra do escriptor na tarefa ingente de dar, a quem o lê, uma ideia da medonha ascensão!

Não ha fugir á mais profunda impressão.

Quando, após descummunal esforço, o leitor chega lá ao alto, até o ponto onde lhe é humanamente possivel subir, próximo ao pico elevadissimo das celebres «Agulhas Negras», pico esse que parece espetado no profundo azul do firmamento, elle o leitor, fecha rapido o livro, limpa o suor frio da fronte, empallidece, e sente-se inopinadamente preso de uma vertigem, tal é a illusão, quasi funesta

produzida pelo estylo magico empregado na prodigiosa narrativa!

Esta admiravel producção litteraria e de certo valor scientifico, já havia sido divulgada, ha tempos, em folhetins pelo «Diario Popular», de S. Paulo; mas, eu confesso que lhe achei melhor sabor no livro, que li com profunda emoção, mais me fortalecendo ainda na convicção que nutro, ha muito, relativamente ao talento e ás aptidões litterarias de Horacio de Carvalho. E essas aptidões e esse talento são de cunho real, legitimo, incontestavel.

Vejo-me obrigado, uma vez ainda, a repetir aqui a velha porém sempre verdadeira «chapa»: em outro qualquer paiz que não o nosso, onde a inveja, a maledicencia ou a indifferença predominam sobre as cousas de arte e litteratura, este livro sem duvida conseguiria obter um franco successo de livraria.

Em todo o caso, os poucos que por ventura, entre nós, se dão ao luxo de ler, hão de forçosamente fazer justiça ao valente escriptor, a quem considero uma das figuras mais salientes da litteratura nacional, graças á sua fecunda imaginação, ao seu estylo terso e brilhante e ao seu grande e exemplar amôr ao trabalho.

## X

### POENTES

(EUGENIO LEONEL)

Acabo de ler o volume de versos, recentemente publicado em S. Paulo pelo Sr. Eugenio Leonel, auctor de um outro trabalho litterario que o publico conhece — *A Lyra Hebraica*, vantajosamente assignalado pela alta imprensa do paiz.

Está longe de ser um dos chamados *novos* este escriptor, mas tambem não posso dizer que seja um velho. Acha-se, ao que parece, no pinaculo da montanha da vida, na melancolica attitude de quem se prepara para contemplar o magestoso declinio do sol, esperando tranquillo, entre recordações esau dades, a noute que se approxima.

Não é, portanto, um neóphito a balbuciar sentimentos falsos; não é um poeta moderno, nem dispõe de uma imaginação fogosa, ao sabor das modernas tendencias poeticas, porem percebe-se ser dotado da precisa sentimentalidade para chamar sobre si a attenção dos que apreciam o lyrismo affectivo e sincero que irrompe directamente do coração e fala positivamente aos corações.

D'este seu bello livro — *Poentes*, póde a critica severa concluir que a arte ahí não tem tonalidades vigorosas; póde descobrir defeitos, e eu mesmo affirmo que os ha, mas o que ella e eu não poderíamos negar jamais é que n'essas cento e tantas paginas que formam o elegante volume, brilham composições de muito merecimento pela inspiração natural e attrahente que ostentam. A metrificação, principalmente, é irreprehensivel.

Se eu dispozesse, nesta pagina, de espaço sufficiente, daria por completo, o meu fraco juizo sobre o talento do illustre poeta, e arriscaria as minhas impressões pessoaes sobre o valor d'esses bonitos versos.

Não obstante isto, porem, devo dizer, por amor á verdade e á justiça, o que mais me agradou alli, rendendo por este modo ao auctor a homenagem a que elle tem direito.

O seu livro é composto das seguintes partes — *Epistolas d'alma*, *Pantheon*, *In sylvis*, *Poemas Civicos* e *Paginas Soltas*.

Eu volto todas as minhas preferencias para as composições de character absolutamente lyrico, em

que mais se accentuam as disposições poeticas do Sr. Eugenio Leonel, e as quaes tanto sobresaem no seu novo livro.

Por via de regra, não sympathiso com poesias vasadas em moldes politicos, confissão esta que já tive occasião de fazer por mais de uma vez, a proposito de outros poetas. Quanto a mim, a peor porção das obras poeticas de Victor Hugo, é a que se envolve com entidades e assumptos politicos.

Quando leio, por exemplo, os rubros e implacaveis *Chatiments* deixo de ver no auctor das róseas *Orientaes* o maior poeta de um seculo, para somente lastimar o politico vulgar que se transforma subitamente de anjo em algoz. Isto posto, é facil ajuisar da impressão que me causaram as paginas *Poemas civicos* e *Pantheon*, exceptuando, todavia, uma ou outra composição de real merecimento pelo assumpto e pela forma.

Eu comprehendo a poesia épica, quando verdadeiramente os factos e os personagens são, de sua natureza, épicos. A ideia grandiosa da Patria e os vultos dos heróes propriamente ditos, valem incontestavelmente os preitos eloquentes e arrebatadores da poesia patriotica e civica; porem na doce lyra em que se cantam as sublimidades da natureza ou os mysteriosos segredos do coração, cantar os vultos mais ou menos prosaicos do nosso pobre mundo politico, não é lá das cousas mais sorprendentes, por mais arte que possa haver.

Bem sei que presidio a essas composições do *Pantheon* o nobilissimo sentimento de amizade, mas tambem é facil de ver que entre os dois objectivos (nos processos lyricos) o homem e uma simples pétala de rosa, a petala tem muito mais encantos...

E' precisamente por esta razão que eu aprecio muito mais as composições de lyrismo subjectivo do Sr. Eugenio Leonel, posto que haja nas do *Pantheon* algumas que merecem menção especial, por isso que

se referem a vultos venerandos consagrados pela geral estima e pelo respeito popular. Taes são essas que alludem aos tres notaveis apostolos da sciencia do direito — Barão de Ramalho e drs. Sá e Benevides e Mendes de Almeida, e tambem o bello soneto que salienta a sympathica entidade do benemerito cidadão que foi entre nós o Barão de Campinas.

Sinto não poder reproduzir aqui essa mimosa producção, que é, sem duvida, justo preito á memoria d'esse distincto e honrado paulista.

Em geral as composições que enchem o formoso volume dos *Poentes* são bem feitas, e comquanto não haja n'ellas as sorpresas commovedoras do chamado *nephelibatismo*, complicações de sensualidades e sentimentalidades inexplicaveis, agradam e deixam a melhor impressão ao leitor, graças á naturalidade e simplicidade da inspiração e da forma.

Das poesias lyricas do sr. Leonel destacam-se como as melhores e mais artisticamente traçadas as seguintes: *Evocação*, *Estella*, *Noiva*, *Coração de Pae*, *Breve resposta*, *Ave emigrante*, e muitas outras das *Paginas Soltas*, que por falta de espaço deixo de transcrever.

Creio ser bastante affirmar que todas essas producções revelam boa inspiração e os conhecimentos estheticos do illustre auctor.

Eis o que, em poucas palavras, posso dizer d'este livro e d'este poeta, merecedor, sem duvida de um acolhimento franco e animador, em uma época em que tão pouca importancia se liga aos bellos commettimentos do talento e do espirito.

Honra aos distinctos cavalheiros que tomaram a si o louvavel encargo da publicação dos *Poentes*, como uma prova do alto apreço em que teem os dotes intellectuaes do festejado poeta.

XI

CANÇÕES

(MANUEL DE MATTOS AZEVEDO)

Bem sei que a opinião geral é que o tempo não anda para versos. Paira um grande ar de tristeza sobre todos os espiritos, dominados pelas mais serias apprehensões relativamente a difficilimos problemas da vida social brasileira, quer quanto ao presente, que nada tem de seductor, quer quanto ao futuro, que parece ter muito de tenebroso.

O paiz está enfermo, padece de crises politicas terriveis, tem febre e delirio, após o qual cae em profundo abatimento, sem que os especialistas em molestias desta natureza lhe possam minorar o mal.

Dahi esse mau-estar tão caracteristico dos organismos affectados, essa melancolia, essa falta de gosto para tudo, essa especie de marasmo que ataca a collectividade, banindo para longe tudo o que possa concorrer para dissipar-lhe a nuvem de tédio que lhe envolve a frente.

Mas, grande Deus! se nos deixarmos morrer todos de tristeza, e si não procurarmos nos recursos das idealidades poeticas uma salvação para a alma, que lucraremos com isso?

Não serei eu quem condemne os poetas nesta sombria época, pelo facto de cantarem, sorrindo, quando a maior parte do paiz chora; antes me parece que são elles os bemvindos da occasião para lenitivo das dôres e das desgraças alheias.

Assim é que eu, pelo menos, me comprazo em pensar, ouvindo, com indizivel prazer, o gorgoio melodioso de um ou outro plumitivo isolado que se alheia de tudo o que é dolorosamente prosaico para adejar pelas alturas em que tudo é divinamente suave.

Agora, mesmo, no meu doce retiro de paz e de estudo, após o trabalho insano do ensino durante dez longos mezes, no gozo de uns rapidos dias de férias abençoadas, acho um gosto extraordinariamente bom em folhear o manuscripto de um poeta, tão simples como natural na sua tranquillã inspiração de contemplativo e pensador sincero.

Intitula-se o manuscripto — *Canções* e pertence ao distincto metrificador Manoel de Mattos Azevedo, escriptor de talento, moço ainda, natural da cidade de Campos, Estado do Rio de Janeiro, e o qual reside, ha alguns annos, nesta bella cidade do Amparo, onde, mercê de Deus, já não se morre á mingoa de uma boa meia duzia de incansaveis cultivadores da literatura amena.

O livro de que trato encerra produções de real merecimento, em grande quantidade, revelando ellas o estro legitimo do seu modesto auctor, cuja tendencia principal na divina arte do verso é a sentimentalidade comedida e brilhante, sem as grandes despezas de imagens hyperbolicas, proprias da escola condoreira, de deslumbrante memoria.

Dou em seguida um bonito soneto que prova o que fica dito. Intitula-se :

## SAUDADE

Saudoso inda me lembro desse dia  
Em que eu a contemplei a vez primeira ;  
Desde então a lembral-a, a vida inteira  
Tenho vivido assim, n'esta agonia :

Tudo me falla d'esses olhos bellos,  
Cuja luz me inebria, me fascina ;  
Tudo me falla d'essa côr divina,  
Negra côr que resumbra em seus cabellos ;

Tudo me falla do gentil semblante  
De quem vivo chamando a todo o instante,  
Na mais triste, cruel anciedade ;

Tudo me falla d'ella... e neste infindo  
Soffrer de cada dia, vou curtindo  
As torturas crueis d'esta saudade.

Releva dizer que a maior parte desses versos foi escripta durante a juventude do poeta que, agora, está em plena mocidade, e por isso trazem taes produções o cunho especial do sentimento que o dominava nessa época feliz da vida, em que as phantasias romanticas enchem o coração e o cerebro.

A par dessas composições antigas, porem, ha outras de recente data, as quaes denunciam o pensador transportado a uma outra esphera de ideias e de sentimentos.

Neste caso está o soneto seguinte :

### INSONDAVEL ABYSMO

Ha no mundo um abysmo imperscrutavel,  
Muito mais fundo do que o fundo oceano,  
Do que todos os mares — insondavel :  
— A profundeza do sentir humano.

Os mais extensos mares devassados  
Nos arcanos vão sendo, dia a dia,  
Por esses pescadores sublimados  
Que andam das descobertas á porfia ;

Sómente o coração — profundo abysmo,  
Não se póde inquirir no paroxismo  
Dos sentimentos em fervente lucta :

Tudo estudamos neste mundo vário,  
Seguindo sempre o mesmo itinerario ;  
Porém o coração ninguem perscruta !...

Ainda pertence ao numero das modernas esta composição, que tanto se distingue pela suavidade da inspiração, como pela louvavel singeleza da fórma:

### AVE MARIA

Por toda a parte esta phrase,  
Cheia de luz, de harmonia,  
Não ha quem não pronuncie  
« — Ave-Maria.»

No mais humilde casebre  
Haja a mais simples desgraça,  
Já todos a chamam, todos,  
« Cheia de graça.»

E todos trazem comsigo,  
Como trazemos comnosco,  
O seu nome, e dizem todos :  
« O Senhor Nosso é comvosco.»

Assim, seu nome invocando,  
Ficam tranquillos depois,  
Porém baixinho inda dizem :  
« Bemdita sois.»

E quem ha que neste mundo,  
Em dias té de prazeres,  
Não chame pela mais pura  
« Entre as mulheres ? »

De Maria o nome santo  
Por toda a parte eu escuto,  
Pois d'Ella todos adoram  
« Bemdito o fructo.»

E por mais que em nossa mente  
O progredir se concentre  
Mais, Maria, o fructo amamos,  
« Do vosso ventre.»

Assim, quanto mais o mundo  
Se torna pleno de luz,  
Mais nelle todos proferem  
O doce nome — « Jesus.»

Como se vê, trato aqui de um poeta simplesmente lyrico, sem affectações de fórma, sem preocupação de escolas, sem arrebatamentos de ideias, porém sincero, natural, sympathico.

O sr. Mattos pertence á melhor sociedade do Amparo, occupa um logar importante, e nas horas de lazer escreve excellentes artigos para os jornaes e inspirados versos para o seu escritorio, que elle pretende dar á publicidade em occasião opportuna.

Vivendo afastado das lutas e das paixões politicas, o auctor das *Canções* presta relevante serviço ás letras nacionaes, trabalhando sempre em pródellas e cooperando poderosamente para o aperfeiçoamento do meio espirital em que vive.

Tal é o lyrico de que trato nestas despreten-  
ciosas linhas.

Além do mais, goza elle dos foros de benemerencia pela dedicação, sem egual, com que procura sustentar o grande gabinete de leitura desta cidade (*Gremio Literario Carlos Ferreira*) um dos maiores do Estado e cuja bibliotheca conta perto de quatro mil volumes.

O distincto cavalheiro é presidente effectivo dessa instituição, e pelo engrandecimento della tem desenvolvido a mais louvavel e maravilhosa actividade.

E' um trabalhador infatigavel, que allia a uma intelligencia primorosa um caracter de primeira ordem.

*Amparo, 6 de Dezembro de 1903.*

## XII

### ANCHIETA OU O EVANGELHO NAS SELVAS

(FAGUNDES VARELLA)

Oiço dizer, e escreve-se que a poesia lyrica, de fundo subjectivo está passando totalmente do uso, ou por outra, vae cahindo na valla commum das cousas impossiveis, desusadas.

Puro engano; o lyrismo propriamente dito, o subjectivismo na poesia sentimental não desaparecerá jamais da face da terra, enquanto esta pobre humanidade fôr o que é — a eterna martyr de todas as fraquezas e de todas as paixões affectivas, e enquanto o amor, nas suas infinitas modalidades não deixar de ser o sonho abençoado que a redime de todos os seus erros e a consola de todas as suas amarguras na terra.

A poesia chamadã pessoal, toda abeberada de amorosa inspiração, entregue aos extasis da melancolia, da saudade, das aspirações indefinidas que formam os profundos mysterios da alma humana, desfazendo-se em endeixas de um sentimentalismo individual, essa poesia existiu em todos os tempos, existe ainda, existirá sempre.

A musa lyrica, ajoelhando reverente ante esse esplendido altar que se chama a mulher, na phrase significativa de Michelet, nada mais faz do que cumprir sua eterna missão seguindo á risca os in-

defectivos dictames do seu destino, cuja principal força consiste no amor.

Não é, portanto, essa poesia que desaparece para ser substituída por outra de novo aspecto e de intuições muito mais grandiosas, como o proclamam os nossos modernos críticos. Verdade é que o círculo das ideias alarga-se naturalmente; novos ideaes, de accordo com o progresso social, tendem a render culto a uma ordem elevada de objectivos, taes como a patria, as cogitações philosophicas, a familia e tudo quanto a natureza possui de grandioso em seu seio; mas, tudo isto passando atravez de processos novos de forma, de arte, de esthetica.

A evolução que se vae notando na poesia moderna, é pois uma evolução de forma e não absolutamente a da essencia, a do fundo. Principalmente tratam os modernos lapidarios da palavra de attingir tanto quanto possivel a perfectibilidade na arte de exprimir o pensamento.

A questão é toda de esthetica exterior, de elegancia e de maneiras, de refinamento de estylo. Saber vestir a ideia com a maior graça possivel, dar aos adornos uma expressão de elegancia suprema, *saber dizer*, em summa, com a maior eloquencia e subtileza, de modo a deslumbrar os olhos e a encantar o ouvido, eis em que consiste todo o segredo da arte moderna de escrever versos ou prosa.

Não se trata de saber o que o poeta canta, mas como canta.

Quebram-se os velhos moldes que são substituídos por outros de ouro de lei na fabricação estylistica. Desde que a palavra tenha encantos arrebatadores, desde que a imagem da idealidade que o poeta applica corresponda perfeitamente á verdade da ideia que o poeta atira á circulação, ahi está a verdadeira arte, ahi está o verdadeiro artista.

Entre nós está se dando essa evolução, graças á influencia de um grande poeta portuguez, Guerra

Junqueiro, e a outro grande poeta brasileiro — Castro Alves, ambos discipulos legitimos do grande mestre Hugo. Justo é dizer que tambem um outro poeta nosso, Araujo Porto Alegre já havia egualmente tentado alguma cousa em prol da nova escola reformadora, e cujos documentos são o seu volume de versos “Brazilianas”, e o seu notabilissimo poema “Colombo”.

Dado isto, é certo que o poeta moderno, destinado a não estacionar indifferente diante do espectáculo do progresso universal, parece disposto a esquecer-se um pouco de sua propria individualidade para deixar a musa cosmopolita, seguir o curso elevado das ideias humanitarias do seculo.

A poesia lyrica, levantando o vôo fóra do ambito das cogitações subjectivas que tanto celebrisaram os trovadores da idade media, paira por vezes sobre os assumptos de maior transcendencia, observa-os, analisa-os, julga-os, e deixando-se empolgar pela ave de fogo da inspiração, entrega-os ao mundo envoltos em raios luminosos do pensamento e do estylo.

Quer porém se entregue o poeta aos profundos devaneios da philosophia, quer desça ao pégo dos problemas psicologicos; coordene os principios severos da moral ou defenda com sublime entusiasmo os baluartes do patriotismo, nem por isso, despe a alva chlamyde do lyrismo, que é a poesia em si mesma, e na qual encontra a humanidade esse indefinivel encanto que a tem deliciado em todos os tempos.

\* \* \*

Dentre os nossos poetas mais festejados, sobressae naturalmente um que, graças ao seu talento masculino e á sua vocação extraordinaria, tinha a intuição dos destinos futuros da poesia nacional. Sem

grande fundo de illustração, sem dispor do tempo necessario para o estudo, para a meditação e para o aperfeiçoamento de sua obra, pois que todo esse tempo era gasto em uma vida funestamente desregrada; esse pôeta, que se chamou Luiz Nicolau Fagundes Varella era todavia um genio, e os seus livros de poesia lyrica, maviosa e terna como as mais celebradas no genero, nacionaes e estrangeiras, hão de sempre fazer as delicias dos que ainda se dão ao gosto de ler poesias.

Um dia a alta imprensa nacional surprehendeu os innumerados admiradores do poeta com uma noticia extraordinaria. O auctor dos “Cantos Meridionaes” tinha quasi concluido um trabalho literario de grande folego, nada menos que um poema de fundo religioso!

A noticia era devéras animadora e despertou desde logo grande alegria e muitos applausos nos arraiaes literarios. Aguçou-se o appetite dos que sabem saborear com infinito gosto manjares desta natureza, e formou-se, sem demora, uma grande e sympathica expectativa.

Surgindo repentinamente dos densos nevoeiros da sua melancolia e dos seus desalentos, Varella deixava de parte a sua doce poesia subjectiva, esquecendo-se de suas proprias maguas, para se dedicar alentado, á confecção de um poema de assumpto da mais elevada importancia.

“Anchieta ou o Evangelho nas Selvas”, appareceu afinal como uma revelação da intensidade do genio de Fagundes Varella, justamente quando a chamada escola dos novos ideaes fazia ouvir entre nós os seus primeiros rumores pela lyra magica de Castro Alves e outros poetas que formaram depois a golpes de audacia a phalange dos *condoreiros*.

Via-se perfeitamente que o poeta chegado quasi ao zenith da vida, comprehendia, de resto, que o homem tem alguma cousa de melhor a fazer alem

da narrativa de suas dores intimas e das impacien-  
cias peculiares ás organizações de certa ordem.

A impaessão que me ficou da primeira leitura  
do magnifico poema, foi a melhor possivel. Eu o  
acolhera com essa especie de adoração que tenho  
para tudo o que se eleva acima da linha vulgar.

Acabo de lel-o pela segunda vez, por ventura  
sentindo cada vez mais elevado o gráo de minha  
admiração.

Com um critico notavel, Cuvillier Fleury posso  
affirmar que — “não sei dizer com que senti-  
mento de satisfação e quasi de respeito folheio,  
pelos tempos que correm, um livro seriamente es-  
cripto ; já pelo prazer, hoje tão raro, que o livro me  
proporciona, já pela coragem que seu auctor revela.  
Ha varias especies de coragem em tempo de revo-  
lução: a coragem que combate, a que resiste e a  
que sabe morrer. Mas ha tambem a coragem do ho-  
mem illustrado que affronta a indifferença e o es-  
quecimento para juntar algumas paginas aos traba-  
lhos de seus antecessores, pois esse homem diante  
das luctas das paixões politicas consagra suas vigi-  
lias a estudos pacientes e desinteressados” Varella,  
a meu ver conquistou uma das primeiras posições  
na literatura nacional, com a publicação desse poema.

Comtudo, é doloroso confessar que pouquissimo,  
quasi nada se tem dito daquella notavel producção  
do illustre poeta.

Critico algum, competencia no assumpto, se re-  
solveu ainda, que me conste, a conceder ao poema as  
honras de uma analyse conscienciosa e ampla, como  
é de uso em todos os paizes em que pelo estalão  
da literatura se mede a civilisação de um povo,  
desde que ha cabeças que pensam e corações que  
sentem, quando tambem ha poetas que trabalham.

A que attribuir a gelida recepção que teve o  
precioso livro, e o silencio que em torno delle se

fez, após meia duzia do noticias ceremoniosamente banaes ?

A' indolencia ? A' indifferença ?

Penso que a ambas as cousas, e ao egoismo tambem, que é um mal que lavra com intensidade por entre os nossos literatos mais abalisados.

Quem ouviu, um ou dois annos antes de vir a luz o poema, o muito que se disse d'elle e do poeta, estabelecendo até, temerariamente, comparações exaggeradas entre a epopéa brasileira e algumas epopéas celebres de poetas estrangeiros, certo esperou que uma vez entregue ao publico o "Evangelho nas Selvas", a critica cumprisse o seu dever assignalando o merito patente e dizendo o que de direito, da copiosa composição de Fagundes Varella.

Entretanto, é triste dizel-o, o acolhimento por parte da alta imprensa não correspondeu aos lisonjeiros juizos que precederam ao apparecimento do livro, o que de alguma maneira serviu para pôr o publico em más disposições, não mostrando grande interesse pela novidade literaria.

Em qualquer outro paiz, onde se faça um pouco de literatura, em Portugal mesmo, por exemplo, poema de tão reconhecida valia, que trouxesse um titulo assim suggestivo, e de mais a mais firmado por um poeta notabilissimo e já consagrado pelo mysterio profundo da morte, seria necessariamente objecto das mais vivas demonstrações de compensadora solitudine.

No Brasil, porém, onde a literatura, (digo-o com magua) atravessa ainda o triste periodo da indifferença publica que lhe dá desalentos crueis, um nome como o de Varella e um poema como o "Evangelho nas Selvas" pouco mais conseguem do que arrancar um gesto de admiração de quatro ou seis amigos sinceros das letras nacionaes.

Imaginem as afflicções por que deve passar o heroico editor da obra, vendo diante de si dois ou

tres mil exemplares que estão a pedir outros tantos consumidores...

Que a critica sensata e justa muito concorre para o successo do livro, induzindo o povo a lê-lo, é caso que não soffre a menor duvida. Alem do mais tem ella a virtude de animar, de estimular o auctor, dando-lhe coragem para novos commettimentos.

Mas onde estão os nossos escriptores talhados para empresa de tal importancia?

Criticos, na rigorosa accepção da palavra não os temos nós, ou temos talvez um ou dois.

O sr. Alencar limita-se a produzir os seus primorosos romances e a guardar profundo silencio sobre a producção dos que possuem algum talento e começam a trabalhar.

O sr. Machado de Assis a quem aquelle pontifice das letras déra outr'ora os fóros de primeiro critico brasileiro, pouco se arrisca no terreno escabroso da critica, é antes de tudo um contista, um romancista, um poeta.

Os outros, os srs. Macedo, Serra, Nabuco, Ferreira de Menezes e mais alguns a quem de direito competia a nobre missão de receber, animar e corrigir os que dispoem de certa aptidão para transpor os áditos do nosso templo literario, deixam-se ficar—uns á sombra de suas proprias glorias, contemplativos e indifferentes; outros, entregues ao desanimo, cruzam os braços em plena arena de combate.

Assignalada esta desconsoladora verdade, cumpre-me dizer, relativamente ao magnifico pbema, algumas palavras que indiquem ligeiramente as impressões que de sua leitura me ficaram.

Eu, como qualquer leitor que conheça em detalhes a vida tempestuosa do inspirado poeta, ao acabar de ler o livro senti que o meu espirito surpreso fazia esta observação:

— Como pode um homem tão attribulado pelo infortunio, tão irrequieto e agitado pela nevrose das

aspirações impossiveis, planejar e executar obra de tão largo folego?

Por muito pouco original que seja o admiravel trabalho do poeta, assim quanto ao fundo como mesmo quanto á fôrma; estudada a obra como concepção e como execução esthetica, é de imprescindivel justiça concordar que o poeta fez um esforço titaneo sobre seu organismo, sujeitando o seu temperamento talvez a torturas crueis, a bem de concluir a sua transcendente tarefa. A immensa tensão de espirito e o desenvolvimento que um plano vasto requer; o estudo prolongado e as investigações a que necessariamente teve de prender a intelligencia para o completo *desideratum* do pensamento artistico, são circumstancias por tal modo especiaes que só as capacidades de primeira plana podem estar de posse d'ellas sem a menor probabilidade de mau exito.

Poeta lyrico demasiadamente abstracto como o provou ser em seus livros anteriores ao poema; deixando-se conduzir antes pela excentricidade de sua imaginação ardente do que pelos austeros preceitos da razão, parecia Fagundes Varella deista e atheu ao mesmo tempo, pouco inclinado á espinhosa missão de escrever um poema de elevado assumpto historico e todo de character mystico.

Não obstante a previsão quasi geral, o poeta escreveu o poema; o prodigioso phenomeno deu-se, e após a circulação das mais encomiasticas noticias, appareceu o «Evangelho nas Selvas» como a mais inconcussa prova do genio poetico desse emulo de Alvares de Azevedo.

Um poeta unicamente de gosto apurado, sensibilidade doentia e imaginação febril, ter-se-ia deixado ficar ahi pelas alturas dos devaneios da mocidade, pertencendo, com mais ou menos feliz resultado á crescida phalange dos rapsodistas do lyrismo; o seu espirito porem, mais poderoso por ventura que o de Chatterton em frente das agonias da vida, abriu as

azas no espaço e conseguiu elevar-se ás mais invejáveis alturas da inspiração!

Trabalhou e venceu.

\* \*  
\* \*

Mas, qual é o merito real desse poema?

A meu ver, e o digo despretenciosamente, como simples impressão de leitura, está menos no fundo, no proprio assumpto escolhido, do que na quantidade do trabalho artistico de metrificacão.

Se em vez das Memorias do Christianismo o poeta tivesse adoptado para substancia de sua obra um thema palpitante de actualidade que abrangesse as ideias e as theorias mais adiantadas do seculo, os ideias politicos e sociaes de extraordinario alcance moral, tendo sempre em vista sentimentos humanitarios que a moderna civilisação tanto apregôa, olhos fitos nestes trez sagrados objectivos: patria, povo e liberdade; se em vez de trabalhar com o desejo de imitar modelos antigos e de fazer jús aos fóros de escriptor sacro, deixasse a sua musa graciosa e austéra á mênce de uma orientacão mais original, maior teria sido a sua victoria.

Teria fugido a confrontos, e evitaria d'est'arte que o imperador do Brasil, muito lido em literatura classica estrangeira, affirmasse na America do Norte, (segundo a voz da imprensa) que entre Varella e Milton havia uma enorme differença em desfavor do primeiro.

Varella intitidou a sua obra — “Anchieta ou o Evangelho nas Selvas”, titulo este que parece não ir bem ao poema. Anchieta o valoroso cathechizador, não é, durante todo o curso do poema, senão um simples narrador dos episodios maravilhosos do christianismo desde os seus começos.

A primeira vez que a imprensa noticiou o livro que ainda se achava em manuscrito, deu-lhe o título que de direito lhe cabia, simplesmente—*Christo*.

É realmente a ideia predominante de Varella, que em tal commettimento, é claro, tomou por modelos Milton e Klopstock, foi lembrar a epica historia dos martyrios do Redemptor, sem expungir da sublime lenda as inaceitaveis excrecencias que a prejudicam e quasi lhe tiram o cunho geral da verdade séria com que tem apparecido perante os seculos.

Desde o nascimento do obscuro Menino que devia mais tarde erguer-se philosopho e regar com seu sangue a arvore abençoada do christianismo, até o seu espantoso declinio no alto de uma cruz, em que pese isto aos escavadores da religião da India, acompanha o poeta com inspiração por vezes elevadissima a divina e sombria historia.

Houve quem dissesse a principio, para exaltar o trabalho de Varella, em discordancia com a opinião do sr. D. Pedro II, que esse poema era talvez superior á "Messiada" e ao "Paraiso Perdido".

Pondo de parte esta patriotica exaggeração, pode-se francamente affirmar que o poeta brasileiro soube bem aproveitar-se dos seus dois modelos — o do creador da poesia allemã e o do illustre cego de Albion.

Na elaboração do "Evangelho nas Selvas" serviu Klopstock, sem duvida alguma, de modelo ao nosso poeta. Se assim não fôra, sahiria por ventura o poema menos monotono do que em realidade é.

Varella seguiu em grande parte a trilha do poeta allemão. A libertação, a redempção dos homens operadas pela influencia de Christo, eis a "Messiada", e eis o que serviu de thema ao "Evangelho" de Fagundes Varella.

Como naquelle poema épico, o sentimento religioso se manifesta com exaltação e profunda, a

par do lyrismo mais elevado na composição do cantor brasileiro, a qual, como elle mesmo prevê, será devidamente considerada pela posteridade.

Pena foi que o auctor do "Cantico do Calvario" não imprimisse, por vezes mais energia á sua musa, no tratar do assumpto e deixasse que a frouxa monodia do verso solto, ou verso *branco*, viesse ahi prejudicar o effeito magestoso do quadro que imaginou.

\*  
\* \*

E, todavia, de parte os senões que a critica severa naturalmente encontrará, é um poema admiravel o "Anchieta ou O Evangelho nas Selvas".

Ha nelle paginas de um lyrismo encantador, legitimo, opulento.

As descripções sentimentaes dos longos martyrios do Christo, são traçadas em um d'esses arroubos felizes que arrebatam a alma dos poetas para alem do ergastulo da terra.

Quando Varella, commovido relembra as dores lancinantes do grande philosopho do Golgotha, parece que de sua alma evolam-se harmonias em torrentes.

Seu coração se desfaz em gemidos, sua imaginação, como um grande colar de perolas que se quebra, espalha uma myriade de imagens e ideias a despedirem reverberos de diamantes.

Não entrarei na analyse de cada um dos cantos, porque seria isso trabalho longo e superior ás minhas forças.

A architectura do poema é magistral e indica plano de verdadeiro artista. Todo o canto quarto é primoroso. O ultimo, ainda que um pouco fraco, é repleto de paixão e sentimento, e deixa profundamente impressionado o coração de quem o lê.

Finalmente, Varella soube aproveitar-se como um poeta inspirado que era, do assumpto que escolheu para a sua obra.

O que Milton fez em dezesseis annos, se me não engano, o grande poeta brasileiro, em plena primavera da vida conseguiu fazer não sei se em dois ou trez annos, sem possuir certas commodidades de vida, tranquillidade de espirito, que são auxiliares indispensaveis para empresa de tão grande monta.

Livros como "O Evangelho nas Selvas", abstrahendo-se de todo e qualquer defeito, fazem honra a uma nação e levam á posteridade o nome do auctor.

Mandam a imparcialidade e a justiça que se affirme esta verdade, por maiores que fossem as incorrecções do poeta finado, quer como homem quer como escriptor.

*S. Paulo-Junho-1876.*

## XII

### UM ATELIER

(SAMPAIO PEIXOTO)

Estive um dia deste no *atelier* de desenho e pintura do sr. Antonio Carlos de Sampaio Peixoto.

Certamente os leitores conhecem o nome do artista, e conhecem a sua officina de trabalho.

E' brasileiro; nasceu em Campinas, a terra classica dos artistas, o berço glorioso de Carlos Gomes.

Sampaio Peixoto tem o seu *atelier* nesta capital, ha cousa de uns seis mezes, depois de tel-o por muito tempo em Campinas e em Bragança onde trabalhou consideravelmente, firmando um nome e uma reputação de professor abalisado em sua arte.

Os que não o conhecem pessoalmente devem ter lido noticias a seu respeito, e os seus annuncios, publicados em diversas folhas e em jornaes diversos.

Sampaio Peixoto é, como quasi todos os artistas brasileiros de verdadeiro merito—modesto, pouco amigo de *reclames*, mettido comsigo, inimigo do charlatanismo. Tem talento e sabe o que faz.

O seu lapis de desenhista opera verdadeiros prodigios e tem arrancado á imprensa imparcial e aos competentes na arte de desenho e pintura, sinceros e ardentes encomios e applausos.

Commove e interessa vel-o nos labores da sua bella profissão, fronte emmoldurada por cabellos brancos como neve, olhar vivo e penetrante, fazendo de sua arte um sacerdocio, e procurando esquecer no amor que a ella vota passados revezes, quem sabe? da caprichosa fortuna...

Ha dias, quando visitei o seu gabinete de trabalho e examinei o variado e elegante conjunto de suas producções, á rua Barão de Itapetininga, 55, tive a mais agradavel impressão.

E' um artista, em toda a extensão e valor do termo. Os seus quadros, os seus trabalhos de diversos generos, todas as suas producções alli expostas, attrahem desde logo os olhares do observador pela extrema perfeição, pela nimia delicadeza artistica com que foram traçadas.

Não sei se o publico desta capital tem sufficientemente visitado esse bello *atelier*; se não tem, lamento deveras o facto. Ha ahi o que ver e admirar, principalmente retratos a *crayon*, aquarella sobre papel chinez, o que pode haver de mais distincto no genero, photominiaturas, (photographias sobre vidro, coloridas, a oleo) e outros trabalhos que merecem a attenção e as sympathias do publico.

Os retratos a *crayon* do famoso poeta francez Victor Hugo, e de Francisco Glycerio, o de uma menina morta, e outros, causam profunda impressão

ao visitante, pela semelhança que apresentam com os originaes. Os tres quadros, *Infancia*, *Mocidade* e *Velhice*, são de uma naturalidade e correcção admiraveis.

O *atelier* já foi honrado com a visita do presidente do Estado, e por outros cavalheiros distinctos e apreciadores da arte em que Sampaio Peixoto é mestre ; mestre sim, formado em primeiro logar pela sua propria vocação, em segundo pela educação, esmeradissima que recebeu no periodo de sua juventude, e em terceiro pelo mais serio e consciencioso estudo de sua arte e das producções dos mais notaveis especialistas.

Alem de tudo é um perfeito cavalheiro de variada instrucção e trato amenissimo.

O seu pequeno e modesto *atelier* é uma especie de templo da arte onde se respira um ar vivificante e bom de inspiração e de saúde de alma. O velho sacerdote do trabalho e da perseverança dá ahi o exemplo de quanto póde a força de vontade alliada ao talento e á vocação natural. Trabalha e confia no futuro, esperando tudo da prodigiosa actividade de seu espirito de verdadeiro artista.

Deixa-se levar tranquillamente pelo olhar sereno do anjo bom dos que trabalham, aos mundos luminosos do ideal que torna a vida uma encantadora delicia.

Trabalha porque precisa trabalhar ; foi rico e hoje lucha com o destino que se lhe mostra adverso. E' porém um philosopho este inspirado artista, sabendo tambem oppor com incrivel tenacidade a força de sua alma privilegeada contra a força brutal de uma desventura inexplicavel.

Consegue assim vencer neste titanico combate pela vida, e vence sorrindo e satisfeito como quem cumpre um dever sagrado, conquistando louros para si e dando á mocidade do seu tempo uma bella e proveitosa licção.

Numa época em que os assumptos politicos absorvem todas as attenções e se apossam de todos os pensadores, bem sei que é uma irreverencia tratar de artes e recommendar um artista.

Mas que importa isso?

Entre cem indifferentes e outros tantos pessimistas, que os ha, infelizmente, quando se trata de animar artistas nacionaes, pelo menos ás vezes se encontra um espirito piedoso disposto a não ser nem muito pessimista e nem muito indifferente.

E' para estes que escrevo o que ahi fica.

*S. Paulo — 1896.*

#### XIV

### ESTRELLAS ERRANTES

(DR. F. QUIRINO DOS SANTOS)

Em um dos dias do mez passado fui agradavelmente surprehendido com a delicada offerta de um exemplar da magnifica colleccão de versos — *Estrellas Errantes* d'aquelle peregrino poeta que se chamou Francisco Quirino dos Santos.

E' a terceira edição da obra, sollicitamente planejada e levada a cabo por dois escriptores distinctos, Benedicto Octavio e Leopoldo Amaral, ambos poetas tambem, posto que com uma simples differença de modalidade. Um escreve e publica o que lhe é dictado pela phantasia e pelo coração, ao passo que o outro, o segundo, guarda modestamente no coração o que lhe é dictado pela phantasia.

O livro primorosamente impresso nas officinas do *Livro Azul* d'esta cidade, foi recebido por mim

com o mais sincero alvoroço de espirito, e quantas e quão fundas saudades me despertou elle!

Folheei-o sofregamente, reli, uma por uma, essas encantadoras producções onde a par de uma inspiração fascinante ha sempre o sentimentalismo natural e mavioso que tanto caracterisava a musa faqueira do illustre poeta campinense.

Em cada um desses versos encontrei um vislumbre da luz daquelle espirito superior que tanto sabia captar a sympathia e a admiração de quantos o ouviam ou liam.

Que subitos transbordamentos de sensibilidade e de ternura; quantos impetos de amorosos devaneios, e que rasgos fulgurantes de legitima inspiração em tudo quanto o poeta escreveu!...

Dá-se com essas producções de fino valor poetico, o caso altamente significativo que sóe dar-se com producções congeneres de verdadeiro merecimento: — quanto mais passa o tempo mais realçam, mais brilham, mais valor ostentam ellas.

Em todos esses mimosos versos das «Estrellas Errantes» nota-se o cunho que salienta as cousas destinadas a subsistirem por longo tempo, ou por tempo intérmino.

Ha alli, a cada passo, a meiguice mais natural e doce ligada á ideia mais energica e elevada; os reflexos luminosos de uma alma toda bondade, a par de uma imaginação toda cheia de audacias surprehendentes, tudo isto sob uma fórmula irreprehensivel e elegante, como costuma ser a dos verdadeiros buriladores da difficil arte do verso.

Na impossibilidade de dar maior extensão a estas singelas linhas pela escassez de tempo que para isto tenho, apenas posso, para provar absolutamente o que affirmo d'este poeta, trasladar para aqui o seguinte mimo-literario:

### POEMA DA LAGRIMA

Eu sou o orvalho que desce  
De ignotos mundos de alem ;  
Eu sou a intima prece  
Nuns olhos puros de mãe.

Eu fui a culpa e a magoa ;  
Fui a tristesa e a paixão ;  
Saltei dos crime a fragua :  
Trago a esperança e o perdão.

Venho do espaço infinito,  
De um sonho immenso de fogo  
Que Deus funde em gloria e luz :

O meu nome é—a dôr e o grito :  
Passei de Eva, num rogo,  
Ao teu semblante, ó Jesus !

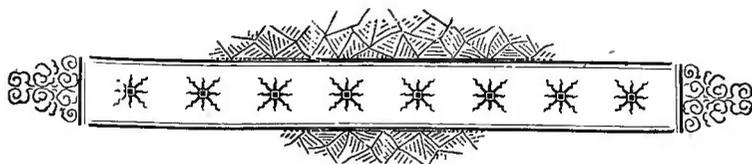
Ha em todas as paginas d'este bello livro o embriagador perfume de um lyrismo. intimo que fala directamente á intelligencia e ao coração do leitor capaz de comprehender bons versos.

Merecem pois, os mais sinceros e ardentes louvores os dois conceituados homens de letras—Leopoldo do Amaral e Benedicto Octavio que conseguiram realisar, com extraordinario brilhantismo, a terceira edição d'essas fulgidas—«Estrellas Errantes» livro este que será, desde já, a base do futuro monumento em honra ao insigne talento do seu pranteado auctor.

Talvez que, um dia, o livro que o tempo póde destruir mais facilmente, seja defendido pelo bronze, que atravessa seculos e perpetúa definitivamente o nome dos heroes da vida...







## *A Glorificação*

(ESTATUA A C. GOMES)

PODE-SE afirmar, enfim, que Campinas faz hoje o pagamento integral á memoria do famoso maestro, da sua divida de immenso amor, de eterna gratidão e de um applauso estrondoso e sem limites.

A cidade move-se desusadamente. Fascinado pela tradição gloriosa do egregio artista e dominado pelo orgulho que naturalmente esse vulto grandioso lhe desperta, o povo ergue retumbante hosanna aos ares e sente, no fundo de sua consciencia, que cumpre o mais sagrado dos deveres.

Ainda bem. Esta apothéose ao genio, esse vibrar intenso e infinitamente festivo da alma nacional ante a ideia consubstanciada em bronze, que ahi ficará eterna como um symbolo de arrebatadora eloquencia, tudo isto que vemos hoje de extraordinario e surprehendente em torno d'esse esplendido monumento, é a prova irrefragavel do espirito de justiça com que a geração contemporanea julga os

meritos do immortal compositor, cuja alma dir-se-ia toda feita de harmonias encantadoras.

Triumph a divina verdade.

Quem em vida tanto trabalhou em honra de sua Patria, e tanto soffreu por amôr desse sublime ideal — a arte, é justo que, depois de ter baixado o seu corpo ao tumulo, veja, em espirito, do infinito azul da eternidade, o seu nome acclamado pelas multidões como o de um martyr em cuja fronte o anjo das glorias soprara a scentelha abençoada do talento e da inspiração.

\* \* \*

Com o predestinado auctor da *Fosca* deu-se o mesmo phenomeno incomprehensivel que se tem dado com a maior parte dos mais celebres artistas que o mundo tem admirado e cujos nomes a historia dos povos tem registrado: o soffrimento o abandono, o martyrio em vida; o applauso, a acclamação, a glorificação após a morte!

Parece que a sorte se compraz em atormentar esses espiritos superiores, deixando-os, victimas da indifferença publica, em caminho do Calvario, nas agonias, muitas vezes, das mais atrozes necessidades.

Carlos Gomes não escapou a essas inexplicaveis extravagancias, a esse devaneio sinistro do destino. A sua vida, nos ultimos tempos, em Milão, fôra um verdadeiro supplicio. Por mais que trabalhasse e envidasse esforços para garantir o seu futuro e de seus filhos, não poudo conseguir conquistar o sorriso da Fortuna.

Em luta constante com a mais impiedosa adversidade, a sua vida tornara-se uma verdadeira odyssea de maguas e de torturas.

Falharam-lhe planos economicos, desmoronaram-se castellos que a sua opulenta phantasia creára, e de obstaculo em obstaculo esteve quasi a resvalar no abysmo.

\* \* \*

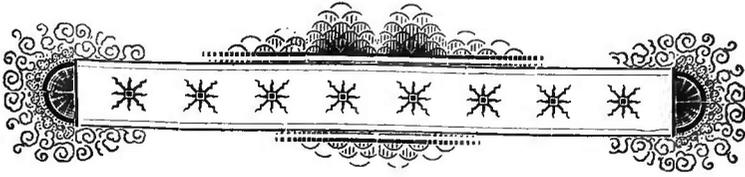
Felizmente, o dia da justiça raiou. Cae sobre a cabeça do heroe vencedor, ao clarão do diadema da luz que o sol victorioso lhe tece, a chuva de louros, vinda na aza immensa da tempestade de applausos de enthusiasmo e do mais justo orgulho!

O monumento ahi está, ahi ficará como um attestado imperecivel da grandeza dos sentimentos de amor e reconhecimento de Campinas, em honra do seu idolatrado filho, o grande e inspirado Carlos Gomes!..

*Campinas—Junho—1905.*







## *A Literatura dramatica*

Em respeito do estado deploravel do theatro brasileiro e da literatura dramatica, escrevi eu em 1895 pelas columnas da *Noticia*, importante jornal do Rio de Janeiro, o seguinte artigo que poderá não primar pela elegancia da fórma, mas que, sem duvida alguma, salienta-se pelas incontestaveis verdades que encerra.

Foi isto :

A verdade já está sufficientemente dita pelos competentes, acerca da deploravel situação do theatro brasileiro.

O Sr. Luiz de Castro, pelas columnas do *Commercio de S. Paulo*, e o illustre comediographo Sr. Arthur Azevedo, em varios folhetins d'este jornal, têm com rigorosa justiça condemnado o profundo aviltamento a que chegou a arte dramatica n'este paiz.

Digo — a arte, porque literatura dramatica propriamente não a temos nós, figurando apenas no modesto repertorio nacional umas tantas tentativas, já agora consideradas antigas, de dramas e comedias

que se perderam nas brumas da mais condemnavel indifferença publica.

Quem se dará ao trabalho, actualmente, de desejar e de pedir o reapparecimento em nossos theatros das composições do dr. Macedo, de Pinheiro Guimarães, de José de Alencar, de Machado de Assis, de Agrario de Menezes, de Quintino Bocayuva e de uns poucos mais que abandonaram a penna ao primeiro sopro gelado do desalento?

Entretanto, força é confessar, o theatro nacional teve os seus dias, poucos é verdade, mas teve-os de verdadeira gloria. *A Lusbella, O Luxo e Vaidade, A Torre em Concurso, O Phantasma Branco, O Cego*, do Dr. Macedo; *A Mãe, As Azas de um anjo, A Expição* e outros trabalhos de José de Alencar; *Historia de uma moça rica*, de Pinheiro Guimarães; *Omphalia* e *Os Mineiros da desgraça*, de Q. Bocayuva; *Os Miseraveis*, de Agrario de Menezes; umas delicadas comedias de Machado de Assis e algumas outras raras composições de outros tantos espiritos talhados para as conquistas do mais difficil dos ramos literarios, conseguiram, por algum tempo despertar e manter o gosto do publico pelo theatro, em todos os sentidos digno d'este nome.

A literatura e a arte dominavam então. Quasi que se podia dizer que entravamos francamente em uma bella phase de aperfeiçoamento social, de educação completa, de civilisação...

Em tudo, porém, ha um espirito mau nesta vida. O *Alcazar*, aquelle endiabrado inimigo da arte elevada e nobre, surgiu como por encanto, sinistro, e começou a desorientar os cerebros com tregeitos deshonestos e a perverter a consciencia dos empresarios, que viam no *novo genero* uma inexgotavel fonte de rendas!

A sensualidade requintada substituiu a moralidade; o delirio substituiu a razão. A' verdade que aperfeiçôa e ao sentimento que commove nos amplos

e luminosos dominios da arte, succedeu o *can-can* torpe das famigeradas Circes d'aquelles tempos. As *visualidades* estimulantes triumpharam; e pouco a pouco, oh! triste verdade!, foi se avolumando o prestito dos adoradores da nova *deusa da razão*, levada triumphalmente, em charanga dourada, pelos apostatas do gosto, da moral e do bom senso.

Vendo isto, pouco a pouco, o Furtado Coelho (tambem elle!) foi se agarrando ao *Rocambole*, ao *Anjo da meia-noite*, ao *Remorso vivo* e a mais outros tantos *obuzes* d'este calibre, assim á maneira de quem se salva perdendo-se, e foi então que se disse um adeus eterno aos primores de Dumas Filho, de Sardou, de Augier, de Legouv   e de outros!

O gosto publico tinha naufragado afinal, de maneira que, quando o nosso saudoso Alencar intentou conjurar a tempestade de desmoralisa  o, reaparecendo com o seu trabalho *O Jesuita*, j   era tarde. O drama cahira redondamente e por signal que quasi morreram de paix  o — o glorioso auctor e o Dias Braga!

Desde ent  o fez-se um silencio funebre em torno do drama nacional. Morreram de uma vez a arte e os idealistas, firmando definitivamente o seu triumpho sobre os destro  os de tanta aspira  o desfallecida, as *revistas*, as *magicas*, e os *pastel  es* francezes, cujos titulos ahi andam todos os dias pelos annuncios dos nossos malfadados theatros!

As ultimas tentativas que appareceram, ha uns bons quatorze annos, (e nem valia a pena falar n'ellas) partiram do rabiscador d'estas linhas. Entrou elle com umas quatro composi  es para o peculio do repertorio nacional, lan  adas, ao gosto moderno, sendo duas d'ellas *O Marido da Douda* e a *Esposa*, ambas em 4 actos, exhibidas nos principaes theatros d'este incomprehensivel Rio de Janeiro, com escala pelo Conservatorio e com generosos-elogios de toda a imprensa, valha a verdade.

O auctor bem sabia que o theatro, na expressão exacta de A. Vacquerie, era o golgotha da ideia, e que as platéas do Rio de Janeiro não admittiam senão a desenvoltura na arte, o deslumbramento das apotheoses a fogos de côr, após o cantico victorioso das protervias proferidas pelas sereias de saiote de setim e rendas, sobre calças cor de carne... transparentes.

Cumpriu, porem, o seu dever. Escreveu e trabalhou, revelando a sua boa vontade em prol da melhor das causas — o theatro nacional. Cahi como todos os seus illustres antecessores, abraçado á bandeira do seu ideal, vencido pela horrorosa saturnal que perdura ainda por esses doze ou não sei quantos theatros da grande cidade commercial.

Mas sobre a sorte do theatro brasileiro já disseram sobejamente os dous escriptores a que a principio me referi. Corre, todavia, o dever, aos que escrevem sobre tal assumpto, de não se limitarem sómente a apontar o mal e a condemnar os empresarios. E' preciso que indiquem os meios de remediar o desastre.

Cumpre reagir, intentando reanimar com um regimen tonificante de boa e sã literatura o organismo do theatro nacional, depauperado pela orgia e abandonado pela politica.

E' de mistér lutar forte e corajosamente. E quem mais nos casos de intentar uma revolução de fins altamente beneficos do que o proprio illustre escriptor que assigna os criteriosos folhetins nesta folha sob o titulo — *Theatro* ?

Se em vez de escrever exclusivamente ao gosto das platéas modernas, aproveitasse o seu esplendido talento e as suas incontestaveis aptidões para traçar o drama todo arte e todo literatura, quanto lucraria o theatro nacional ?

Ninguém pede, creio, a supressão completa das *magicas* e das *revistas*, não; o que se deseja é que não prevaleça a supressão absoluta do drama, tal como o queremos nós todos, para honra da nossa modesta e nascente literatura.

Arthur Azevedo podia ser um dos nossos melhores dramaturgos; Machado de Assis um dos nossos mais delicados comediographos, graças ao espirito de que é dotado. Que theatro de salão, no gosto do de Méry, nos podia elle dar!

E como estes mais ou menos antigos, quantos outros escriptores, da celebre phalange dos *novos*, poderiam intentar a reforma do nosso theatro, a grandeza da nossa literatura!

Ai, os *novos*! Os decantados *novos*! Lembrem-se elles, lembre-se todos os que escrevem n'este paiz e rendem um certo culto á arte, d'aquellas bellas palavras de Lopes Mendonça:

«O theatro resume em si todos os progressos da civilisação intellectual. A architectura, a pintura, a estatuaria manifestam todos os seus segredos para o embellezar e engrandecer. Verdadeiro templo da sociedade moderna, elle abre as portas ás turbas para que, collectivamente, admirem os prodigios do pensamento humano.»

Meditem e resolvam-se.

O remedio está em pouco: basta que se escreva para educar o gosto do publico e não para lisonjear-lhe as tendencias depravadas.

\* \* \*

Decorreram annos, e o estado do theatro brasileiro, bem como o da literatura dramatica não apresentaram modificação alguma no sentido de

uma reforma salutar e de molde a dar uma ideia do estado da nossa civilização e do grau elevado do nossa intellectualidade.

Continua a mesma situação deprimente dos nossos foros de povo adiantado, com relação a este assumpto; continúa a mesma inercia por parte dos nossos escriptores no que diz respeito ás letras dramaticas. Nada comprehendem elles, nada iniciam, conti-nuam a deixar que os palcos nacionaes se encham de dramalhões impossiveis, de operetas desbragadas, de revistas disparatadas, e de tudo que possa concorrer para a corrupção do gosto, para o anniquilamento dos preceitos da moral, e para os credits dos ideaes literarios que tanto caracterisam os povos destinados á conquista do progresso e do aperfeiçoamento espirital.

Ao passo que os outros ramos de literatura taes como o romance, o conto, a critica, a poesia vão se desenvolvendo consideravelmente entre nós, tendo por obreiros os vultos consagrados de Machado de Assis, o primeiro prosador brasileiro; Coelho Netto, o fecundo auctor de varios romances de mór valia; Arthur Azevedo, o contista de infinita graça; J. Verissimo e Sylvio Roméro, os dois abalisados criticos; Olavo Bilac, o gracioso chronista, e primeiro que tudo o grande poeta que todos applaudem; Raymundo Corrêa, o extraordinario artista do verso; Mucio Teixeira, o inspiradissimo bardo que tanto honra as letras nacionaes, estes e muitos outros cujos nomes os leitores naturalmente lembrarão, nada têm intentado relativamente á modificação d'este estado de cousas, de sorte que aos olhos das outras nações passamos por ser um povo que não possui absolutamente theatro nacional, resumindo-se todo o seu cabedal literario nesse genero a meia duzia de velhas composições, como que já destinadas a se perderem na noite dos tempos.

E' triste isto, principalmente em um paiz onde não faltam talentos e onde existe uma academia de letras, cujos membros podem e devem trabalhar no louvavel intuito de levantar os creditos do theatro brasileiro.

Não seria isso impossivel, desde que houvesse nelles o firme proposito de iniciarem a campanha literaria, tão urgentemente reclamada por todos os espiritos sensatos, como por todos os pensadores que se preocupam com os creditos e o futuro da nossa producção literaria.





# Errata

Entre os erros typographicos de maior importancia que escaparam á revisão, ha os seguintes que vão aqui com a competente correccão :

PAGINAS	LINHAS	ERROS	EMENDAS
12	40	desagravel	desagradavel
49	29	offmanico	hoffmannico
54	24	surgenos	surge nos
39	5	lantejoulas	lentejoulas
39	6	intensão	intenção
43	28	inconoclasta	iconoclasta
59	45	flutua	fluctua
89	20-24	des licia	delicia
116	26	pescadores	Pescadores
125	24	só me achava	só eu me achava
145	7	<i>viadeiro</i>	<i>veadeiro</i>
166	3	entonação	intonação
168	32	passadas	passada
176	49	em fraco	em franco
192	34-32	momenta	momento
205	19	eram de mistér	era de mistér
279	1	e a outro grande	e á de outro grande
281	3	impaessão	impressão
286	8	escrecencia	escrescencia

**Nota.** — A' pagina 301 lê-se o seguinte :

«O drama cahira redondamente, e por signal que quasi morreram de paixão — o glorioso auctor e o Dias Braga.» Este ultimo é o distincto artista dramatico José Dias Braga, empresario da companhia que montou no Rio de Janeiro o drama — *O Jesuita*, do notavel escriptor José de Alencar.

---

## OBRA\$ DO AU\$TOR

---

**Rosas Loucas** (Poesias) 2.<sup>a</sup> edição. Paris. Esgotada.

**Alcyones** (Poesias) 1.<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro. Esgotada.

**Historias Cambiantes** (Prosa) 1.<sup>a</sup> edição. S. Paulo. Esgotada.

**Redivivas** (Poesias) 1.<sup>a</sup> edição. Campinas. Esgotada.

**O Marido da Douda** (Drama) 1.<sup>a</sup> edição. Campinas. Esgotada.

**A primeira Culpa** (Romance) 1.<sup>a</sup> edição. Campinas.

**Feituras e Feições** (Prosa) 1.<sup>a</sup> edição. Campinas.

### Promptas para o prélo

**Theatro.** 2 volumes.

**Plumas ao Vento** (Poesias).

---

# INDICE

## PRIMEIRA PARTE

Introdução.	I
Este officio.....	9
Em Campinas	17
Velhos e Novos.	23
A Filinto de Almeida.	55.
A Henrique de Barcellos.	59
A Republica e as Letras.	47
A Divina Paixão	55
A' Margem.	61
A minha estréa.	69
Supplicio.	75
Um anniversario	81
Entre arvores.	85
O grande Kneipp	91
Uma entrevista.	99
Ha trinta e nove annos	105
As minhas visitas ao Imperador	111
Poeta ou louco?	127
Caso pathologico .	155
O famoso corruptor	141

## SEGUNDA PARTE

Dr. F. Quirino dos Santos.	149
A. Carlos Gomes	167
Elias Lobo.	199
D. Hermenegilda de Lacerda.	207
Poetas e Prosadores.	215
Impressões literarias e artisticas	241
A Glorificação	295
A literatura dramatica.	299







## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).